



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

**A “(RE)DESCOBERTA DO MISTÉRIO PASCAL” NO IDEÁRIO  
NEOCATECUMENAL: PARADIGMAS JUDAICOS EM UMA INICIAÇÃO CRISTÃ**

**GENISSON MELO DOS SANTOS**

**SÃO CRISTÓVÃO (SE)  
2019**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

**A “(RE) DESCOBERTA DO MISTÉRIO PASCAL” NO IDEÁRIO  
NEOCATECUMENAL: PARADIGMAS JUDAICOS EM UMA INICIAÇÃO CRISTÃ**

**GENISSON MELO DOS SANTOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Federal de Sergipe como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Orientador: Dr. Carlos Eduardo Brandão Calvani

**SÃO CRISTÓVÃO (SE)  
2019**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

S237r Santos, Genisson Melo dos  
A “(re)descoberta do Mistério Pascal” no ideário  
neocatecumenal : paradigmas judaicos em uma iniciação cristã /  
Genisson Melo dos Santos ; orientador Carlos Eduardo Brandão  
Calvani. – São Cristóvão, SE, 2019.  
174 f. : il.

Dissertação (mestrado em Ciências da Religião) –  
Universidade Federal de Sergipe, 2019.

1. Religião. 2. Catequese. 3. Neocatecumenato (Movimento).  
4. Ritos de iniciação. 5. Concílio Vaticano (2. : 1962-1965). I.  
Calvani, Carlos Eduardo Brandão, orient. II. Título.

CDU 2-472.3



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA  
RELIGIÃO**



**GENISSON MELO DOS SANTOS**

**A “(RE) DESCOBERTA DO MISTÉRIO PASCAL” NO IDEÁRIO  
NEOCATECUMENAL: PARADIGMAS JUDAICOS EM UMA INICIAÇÃO CRISTÃ**

**APROVADA EM: 24/04/2019**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Federal de Sergipe como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

---

**Prof. Dr. Carlos Eduardo Brandão Calvani**  
(Presidente)

---

**Prof. Dr. José Rodorval Ramalho**  
(1º Examinador)

---

**Prof. Dr. Camilo Antônio Santa Bárbara Júnior**  
(2º Examinador – Externo à Instituição)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, por ter feito tudo cooperar para o meu bem, de modo que os meus projetos tenham, por sua inteira graça e bondade, alcançado o êxito necessário.

À minha esposa Clésia e às minhas filhas Mariah e Mariana, a quem eu dedico esse trabalho como forma de carinho por terem compreendido as minhas muitas ausências.

Aos meus pais João Evangelista e Tânia Maria, por terem de modo esforçado se dedicado à minha formação.

Ao meu irmão Guilherme Fernandes, a quem devo imensa gratidão por ter me ajudado a dar os primeiros passos na academia.

Aos meus amigos Janderson Resende e Itania Mara, por terem estabelecido comigo vários diálogos que me ajudaram a superar os momentos de atonia e melhor direcionar os objetivos do meu fazer acadêmico.

Agradeço de modo especial ao meu orientador, Carlos Eduardo Calvani, por ter assumido a minha orientação e me ajudado a desenvolver o trabalho de pesquisa com muita paciência e prestatividade.

Aos meus colegas de mestrado Cláudio, Almir, Edvânio, Rogério, Ludmilla, Juracy, Luciana e Charlisson, por me fornecerem a possibilidade de pensar para além do meu próprio universo simbólico e a me enriquecer com suas experiências.

Aos professores Camilo Antônio, Rodorval Ramalho, Marina Correa, Joe Marçal, Luís Américo, Romero Venâncio e Maria Jeane, por todo o conhecimento compartilhado.

Por fim, gostaria de registrar a minha gratidão a todos os meus amigos do Grupo de Pesquisa Diáspora Atlântica dos Sefarditas, em especial à pessoa do professor Marcos Silva, por ter me encorajado a iniciar o trabalho de pesquisa.

*Acaso nos será possível  
reconhecer um rosto familiar  
“em, com e sob” estas figuras  
estranhas? Onde estão as  
fronteiras do Logos?*  
(Peter Berger-Rumor de Anjos)

## RESUMO

O Concílio Vaticano II foi responsável por diversas transformações na Igreja Católica Apostólica Romana. Isso se evidencia de diferentes maneiras, afetando principalmente o aspecto litúrgico e pastoral. Nosso trabalho de pesquisa teve como objetivo analisar a maneira como o itinerário denominado Caminho Neocatecumenal atua nesse contexto de renovação, buscando, sobretudo, ressaltar o modo como operam transformações no campo litúrgico e catequético. Para tanto, tomamos como objeto formal os artifícios estéticos e musicais produzidos e/ou adaptados pelo grupo e que tomam lugar nas suas celebrações. Este movimento que se apresenta como um itinerário de iniciação cristã de adultos possui uma série de características peculiares, sobretudo no que diz respeito ao aporte de elementos oriundos do judaísmo dentro de seu ideário. Nossa pesquisa centrou-se na análise de como o uso de elementos de outra tradição religiosa se legitima institucionalmente no âmbito da modernidade, apontando para as tensões que surgem a partir da modulação da liturgia católica operada por esse grupo de viés leigo, que assinala uma dentre várias possibilidades de descoberta da herança confessional católica, surgidas após o Concílio Vaticano II. Por fim, ressaltamos as mudanças paradigmáticas propostas pelo ideário neocatecumenal e como este se apresenta enquanto proposta de resgate de uma vivência integral do cristianismo, onde o encontro com o *Sagrado* é indicado através da trajetória biográfica dos participantes, dentro de suas próprias situações concretas.

**Palavras-chave:** Igreja Católica; Caminho Neocatecumenal; Concílio Vaticano II; Iniciação Cristã.

## **ABSTRACT**

The Second Vatican Council was responsible for various changes in the Roman Catholic Church. This is demonstrated in different ways, affecting primarily the liturgical and pastoral aspects. Our research aimed to analyze the way the itinerary called the Neocatechumenal Way works in this context of renewal, seeking, above all, to emphasize the way in which transformations in the liturgical and catechetical field work. Therefore, we got as a formal object the aesthetic and musical skills produced or adapted by the group and that take place in their celebrations. This movement that presents itself as an itinerary of Christian initiation of adults has a series of peculiar characteristics, especially concerning the contribution of elements originating from Judaism within its ideals. Our research focused on the analysis of how the use of elements of another religious tradition legitimizes institutionally in the scope of modernity, pointing to the tensions that arise from the modulation of the Catholic liturgy handled by this group of lay bias, which marks one of the various possibilities of the Catholic confessional heritage discovery that emerged after the Second Vatican Council. Finally, we point out the paradigmatic shifts proposed by the neocatechumenal ideology and how it presents itself as a proposal to rescue an integral experience of Christianity, where the encounter with the Sacred is indicated through the biographical participants paths, within their own concrete situations.

**Keywords:** Catholic Church; Neocatechumenal Way; Second Vatican Council; Christian Initiation.



## ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

### FIGURAS

Figura 1- Palavra, Liturgia e Comunidade como tripé da vida cristã.....	61
Figura 2- Ícone da Sagrada Família de Nazaré, inspirado no esboço original de Kiko Arguello, de 1994. ....	82
Figura 3- Página oficial espanhola dedica ao Judaísmo um campo exclusivo.....	86
Figura 4- Visão da assembleia litúrgica a partir da Sede. ....	92
Figura 5- Vista da assembleia a partir do Ambão. ....	93
Figura 6- Foco da totalidade da assembleia para o Altar da Eucaristia.....	93
Figura 7- Etapas da iniciação cristã no Caminho Neocatecumenal.....	113

### IMAGENS

Imagem 1- Da esquerda para a direita: Francisco (Kiko) Arguello, Carmen Hernández e Mário Pezzi, a primeira Equipe Responsável Internacional do Caminho Neocatecumenal. ...	12
Imagem 2- Algumas Famílias em Missão do Caminho Neocatecumenal. Filhos numerosos como ideário familiar.....	67
Imagem 3- Investidura do Ministério de Ostiários na Paróquia Nossa Senhora de Fátima, em Jundiaí.....	71
Imagem 4- Após a Guarda Civil tentar derrubar os barracos de Palomeras, Kiko e Carmen recorreram ao Arcebispo de Madri, Casemiro Morcillo.....	76
Imagem 5- O Cálice passando de mão em mão entre os fiéis. ....	77
Imagem 6- O papa João Paulo II celebrando a Eucaristia, em 1983, com jovens do Caminho Neocatecumenal que se preparavam para ingressar no seminário. ....	79
Imagem 7- O papa João Paulo II consagrando o grande pão ázimo tipicamente usado nas celebrações do Caminho Neocatecumenal. ....	79
Imagem 8- Detalhe da Chanukiá na mesa da Eucaristia. ....	88
Imagem 9- Cerimônia de envio em missões de 400 membros do Caminho Neocatecumenal, em Brasília, julho de 2017.....	88
Imagem 10- Batismo por imersão no Caminho Neocatecumenal. ....	90
Imagem 11- Membros do Caminho Neocatecumenal dançando em volta do altar ao final da celebração. ....	91
Imagem 12- Ordem do espaço litúrgico em uma celebração neocatecumenal.....	92

Imagem 13- Cantos de Kiko Arguello, 1972.....	100
Imagem 14- Contracapa do disco Cantos para el Catecumenado. ....	101
Imagem 15- Salmos del Neocatecumenado, 1977. ....	101
Imagem 16- Por El Amor de Mis Amigos.....	104
Imagem 17- Te He Manifestado Mi Pecado.....	106
Imagem 18- Ninguno Puede Servir a Dos Señores. ....	107
Imagem 19- Adónde Te Escondiste Amado.....	108
Imagem 20- Por Qué Esta Noche Es Diferente. ....	118
Imagem 21- Dayenú. ....	119
Imagem 22- Aquedah. ....	120
Imagem 23- Canto De Las Quatro Noches.....	121
Imagem 24- Balaam.....	146
Imagem 25- Shemá Israel. ....	149

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. CAPÍTULO I – NATUREZA E DESENVOLVIMENTO DO CAMINHO NEOCATECUMENAL.....	23
2.1. Das Idas e Vindas do Protagonismo Leigo na Igreja.....	41
2.2. Processo Formativo do Caminho Neocatecumenal .....	51
2.3. Processo de Legitimação e Institucionalização das Práticas .....	57
2.4. Os Sujeitos Eclesiais no Caminho Neocatecumenal .....	64
a) Equipe Responsável, Catequistas e Presbíteros.....	65
b) Famílias em Missão.....	66
c) Ostiário .....	68
d) Didáscalos .....	71
e) Cantores-Salmistas .....	72
3. CAPÍTULO II – PRINCIPAIS EXPERIMENTAÇÕES ESTÉTICO-LITÚRGICAS NEOCATECUMENAS.....	75
3.1. A Música Litúrgica Pós-Vaticano II e a Sua Instrumentalização no Neocatecumenato ...	94
3.2. A Produção Músico-Litúrgica Neocatecumenal.....	98
3.3. Caminho Neocatecumenal: Um Itinerário Cantado.....	109
4. CAPÍTULO III – UMA AVALIAÇÃO DO CAMINHO NEOCATECUMENAL A PARTIR DAS CIÊNCIAS DA RELIGIÃO.....	122
4.1. O Caminho Pluralista do Destino à Escolha da Adesão Religiosa.....	127
4.2. A Crise da Religiosidade Herdada e a Construção do Ideário Neocatecumenal.....	133
4.3. Iniciação Neocatecumenal como Resgate de uma Linhagem Crente.....	144
CONCLUSÕES .....	154
REFERÊNCIAS .....	159
FONTES DOCUMENTAIS .....	166
SITES CONSULTADOS .....	168

## 1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa nasceu de uma procura pelos fundamentos do uso de elementos e termos hebraicos presentes, a partir da década de 1970, na música católica e da curiosidade por encontrar os elos, dentro do atual quadro de pluralismo religioso, que tornaram possível esse reencontro entre a tradição cristã e hebraica. O diálogo entre judaísmo e cristianismo e as suas influências mútuas tornaram-se um campo de estudo do nosso interesse através da participação no *Grupo de Pesquisa Diáspora Atlântica dos Sefarditas*<sup>1</sup>, onde os estudos do misticismo e da tradição judaica forneceram algumas ferramentas de análise daquilo que poderia representar uma mudança paradigmática por parte da Igreja Católica na contemporaneidade. Trata-se da valorização de conceitos tipicamente judaicos presentes cada vez mais na constituição simbólica da instituição romana. Uma vez que não faço parte da Igreja Católica Romana, busquei principalmente nas músicas de cunho religioso católico alguns elementos que corroborassem com a presença de um tipo específico de *filossemitismo* como ideário subjacente de alguns dos novos movimentos da Igreja Católica Pós-Conciliar e encontrei indícios notáveis dessa apreciação pelos elementos judaicos nas músicas e outras manifestações estéticas produzidas pelo Caminho Neocatecumenal. Foi por meio da escuta da música religiosa produzida por esse movimento que notei a presença de alguns elementos que mesclavam criativamente os temas da piedade católica à tradição religiosa judaica em um engenhoso processo de síntese. Buscando um pouco mais por informações acerca do grupo em *sites* e livros percebi que havia nele uma valorização dos elementos hebraicos cujo aporte não havia ainda sido explorado em profundidade pela academia.

O Caminho Neocatecumenal é definido como um caminho gradual de formação cristã, iniciado pelo pintor espanhol Francisco José Gómez-Arguello Wirtz, mais conhecido como Kiko Arguello (1939), no ano de 1964, entre os pobres das favelas de Palomeras Altas em Madri (BLÁZQUEZ, 1988, p. 10). Esse itinerário catequético contou inicialmente com a colaboração da licenciada em Química e missionária espanhola, formada com as *Misioneras de Cristo Jesús*<sup>2</sup>, Carmen Hernández (1930-2016). Carmen cursou ainda teologia na cidade de

---

<sup>1</sup> O GPDAS está vinculado ao Departamento de História e ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe. Disponível em: <<http://sefarditas.net.br/>>. Acesso em: 10/12/2018.

<sup>2</sup> Instituto religioso de direito pontifício dependente da Congregação para a Propagação da Fé (DÍAZ, 2002, p. 710).

Valencia. Mais tarde a dupla Kiko e Carmen passou a contar com o apoio do sacerdote italiano Mario Pezzi (1941).

**Imagem 1- Da esquerda para a direita: Francisco (Kiko) Arguello, Carmen Hernández e Mário Pezzi, a primeira Equipe Responsável Internacional do Caminho Neocatecumenal.**



Fonte: NEOCATECHUMENALE ITER, s/d.

A primeira comunidade neocatecumenal do Brasil se formou em 1974 na Catedral do Divino Espírito Santo, em Umuarama, no Paraná. Rapidamente, bispos e presbíteros de outros estados passaram a solicitar o modelo catequético, de forma que, após 50 anos, este Itinerário de Iniciação Cristã está presente em 100 dioceses, entre elas as Arquidioceses de São Paulo, Brasília, Rio de Janeiro, Belém do Pará, cuja presença é mais expressiva, contabilizando 1.800 comunidades presentes em 500 paróquias<sup>3</sup> ao redor do Brasil. As comunidades neocatecumenais costumam se organizar no seio das paróquias, com a concessão do pároco local e através de várias etapas que se expressam através do anúncio do evangelho procura colocar cada indivíduo diante de profundas interrogações existenciais. A intenção é a de despertar a preocupação pelo transcendental e a razão do ser religioso naqueles cuja fé se reduziu a alguns ritos sequer compreendidos em sua profundidade (VICENTE, 1998, p. 50-51). A ação do Caminho Neocatecumenal se pretende uma iniciação cristã pós-batismal de adultos, destinada a pessoas que tendo se afastado da Igreja não foram suficientemente evangelizadas e nem catequizadas e que desejem aprofundar e amadurecer a sua fé. Ou seja, o enfrentamento de um grande paradoxo dos tempos modernos, a separação entre fé e prática

---

<sup>3</sup> Esses números estão apresentados em um artigo sobre a história do itinerário em terras brasileiras, no site oficial do Caminho Neocatecumenal no Brasil. Disponível em: <<http://www.cn.org.br/historia>>. Acesso em: 01/01/2019.

cristã, como nos aponta preocupado o padre Adrés Fuentes Vicente, membro do Caminho Neocatecumenal na Espanha.

Não falta quem viva o escândalo da separação entre a fé e a vida, a dicotomia entre fé e a prática cristã, a separação real entre as grandes declarações da Igreja e a realidade pessoal e social: caminham na irreligiosidade, na injustiça, na violência, na mentira (VICENTE, 1998, p. 51).

São escassas as informações estatísticas acerca do número de participantes e da sua presença nas dioceses e paróquias, as poucas informações nos chegam através de entrevistas e artigos hospedados em *sites*, mas que não nos oferecem uma dimensão exata do seu impacto. No entanto, informações mesmo que esparsas nos oferecem algumas estimativas. No ano de 2011, Kiko Arguello falava à agência de notícias *Zenit* da presença do Caminho Neocatecumenal em 1.320 dioceses de 110 países nos cinco continentes, sendo que àquela época existiam, segundo noticiado, 20.000 comunidades ativas em 6.000 paróquias. Somente em Roma, onde se radicou, o Caminho estava presente em 100 paróquias, contabilizando 500 comunidades. Já em Madri, contava com 85 paróquias e 300 comunidades<sup>4</sup>.

Kiko Arguello estudou na Escola de Belas Artes em Madri e através de sua participação em um grupo de teatro teve contato com o existencialismo de Jean-Paul Sartre, assumindo o ateísmo desde então. Embora tenha logrado êxito na vida como artista entrou em uma profunda crise existencial, porém, influenciado pela filosofia da intuição do filósofo francês de origem judaica Henri Bergson, iniciou um caminho de oração angustiada até descobrir a existência de Deus através da presença de Cristo em seu interior. Por conselho de um padre, participou dos *Cursillos de Cristiandad*<sup>5</sup> e depois os desenvolveu. No ano de 1959, Kiko afirma ter tido uma inspiração mariana em que a Virgem o teria pedido para “fazer comunidades cristãs como a Sagrada Família de Nazaré, que vivam em humildade, simplicidade e louvor, onde Cristo é o outro”. Desde então criou um pequeno grupo para rezar os salmos, dirigido por um dominicano (DÍAZ, 2002, p. 711, tradução nossa).

Em 1960, Kiko Arguello, junto com o escultor Coomontes e o vidreiro Muñoz de Pablos, fundou o grupo de pesquisa e desenvolvimento de Arte Sacra Grêmio 62. Eles fizeram

---

<sup>4</sup> Matéria sobre a aprovação do Diretório Catequético do Caminho Neocatecumenal confirmando a validade das celebrações litúrgicas que pontuam a iniciação cristã no itinerário neocatecumenal. Disponível em: <<https://pt.zenit.org/articles/o-caminho-neocatecumenal-em-missao-pelo-mundo/>>. Acesso em: 01/01/2019.

<sup>5</sup> Movimento que busca uma vivência fundamentalmente cristã nos ambientes onde se insere. As prioridades do movimento dos Cursinhos são: Formação integral do cristão; Busca pelos batizados afastados da vida eclesial; Evangelização dos jovens; Criação de ações pastorais urbanas. Disponível em: <<http://www.cursilhoanapolis.com.br>>. Acesso em: 01/01/2019.

exposições em Madri (Biblioteca Nacional) e foram nomeados pelo Ministério da Cultura para representarem a Espanha na Exposição Universal de Arte Sacra em Royan (França)<sup>6</sup>.

Após um período junto aos Irmãozinhos de Foucauld<sup>7</sup>, voltou a transmitir as apostilas dos *Cursillos*, fez uma experiência de vida com uma família pobre e finalmente decidiu viver em um barraco na favela de Palomeras Altas, seguindo a via de Charles de Foucauld, em silêncio junto aos mais miseráveis. Essa decisão, tomada no ano de 1964, marcou o início do Caminho Neocatecumenal junto a uma população marginalizada composta por ciganos, quinquês, vagabundos, prostitutas e delinquentes que costumavam pedir que Kiko lhes falasse sobre Deus (DÍAZ, 2002, p. 711).

Carmen Hernández, que teve a permanência no instituto do qual fazia parte reconsiderada, esperando uma resolução sobre a sua permanência entre as *Misioneras de Cristo Jesús*, entrou em uma crise espiritual, ainda assim decidiu tomar aulas com o padre Pedro Farnés Scherer, que havia se formado no Instituto Litúrgico de Paris. Após um período como trabalhadora têxtil vivendo em barracas, Carmen viajou para Israel e sentiu-se vocacionada pela Virgem a renovar a Igreja através do Concílio Vaticano II que acabara de iniciar. Ao regressar de Israel, Carmen Hernández procurou suas amigas em Madri, saídas do mesmo instituto que ela, para formar um grupo missionário e foi apresentada a Kiko. Após tentar que Kiko lhe acompanhasse em uma missão em Oruro, na Bolívia, desistiu e, animada pelas companheiras, uniu-se ao trabalho de Kiko Arguello nas favelas. Surgiu assim uma pequena comunidade que celebrava a Palavra. Por sua vez, foi através de Carmen Hernández que Kiko Arguello conheceu o padre Fanés, através de quem tomou conhecimento mais profundo da tradição litúrgica e catequética primitiva, dando forma à experiência desenvolvida na favela escorando-se nas novidades do Concílio Vaticano II (DÍAZ, 2002, p. 711-712).

Com a decisão das autoridades de derrubar as barracas de Palomeras Altas, a comunidade recebeu o apoio do Arcebispo de Madri, Casimiro Morcillo (1904-1971), que se impressionou com a experiência comunitária e permitiu *ad experimentum* a comunhão com

---

<sup>6</sup> Notas biográficas sobre Kiko Arguello. Disponível em: <<http://camminoneocatecumenale.it/it/equipe-internazionale-2/kiko-arguello/>>. Acesso em: 01/01/2019.

<sup>7</sup> Inspirados pela espiritualidade do Beato Charles de Foucauld, vivem uma piedade cristã em meio ao silêncio e vida desapegada dos bens materiais. Estudiosos colocaram Foucauld entre os “santos” cuja visão religiosa cresceu com uma sabedoria e conhecimento íntimo de uma fé diferente. A prática literal das virtudes morais de Foucauld, em última análise, colocou-o entre os pobres e oprimidos como solitário peregrino. Sua vida enigmática deixa um legado de abissal heroísmo. Motiva uma fé radical a Cristo, no Evangelho, nas missões, no amor aos mais distantes e abandonados. Disponível em: <<https://fraternidadecharlesdefoucauld.wordpress.com/category/chaes-de-foucauld/>>. Acesso em: 01/01/2019.

pão ázimo e sob as duas espécies uma vez por semana, mas a portas fechadas. Após isso o arcebispo os animou a levar a experiência às paróquias, porém as catequeses não tiveram a acolhida esperada, como no caso da paróquia de Cristo Rey. Melhor sorte teve o grupo na paróquia de San Frontis, em Zamora. Casimiro Morcillo os apoiou em algo que gerou os primeiros problemas nas paróquias madrilenhas, que era a duplicidade da Vigília Pascal, que o Caminho Neocatecumenal celebrava durante toda a noite, ao invés de somar-se às vigílias mais breves, ao modo de missas vespertinas, correntes nas paróquias (DÍAZ, 2002, p. 712).

Ao convite de dom Dino Torreggiani, que havia entrado em contato com as catequeses de Kiko em Ávila entre os anos de 1966 e 1967, os iniciadores do Caminho Neocatecumenal foram levados para Roma, no ano de 1968, contando inclusive com uma carta de recomendação escrita pelo arcebispo Casimiro Morcillo endereçada ao então cardeal vigário do papa, Angelo Dell'Acqua. Escolheram para viver as favelas do Borghetto Latino. Kiko e Carmen estabeleceram o itinerário catequético na paróquia Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento e Santos Mártires Canadenses, a convite do padre Guilherme Amadei (DÍAZ, 2002, p. 713). No ano de 1970, Mario Pezzi, se incorporou como Presbítero integrante da equipe responsável internacional. Já nos anos de 1971 e 1972 surgiram as figuras dos catequistas itinerantes que se difundiram pela Europa e América (DÍAZ, 2002, p. 713).

Quando dos primeiros problemas litúrgicos levantados, após o primeiro de uma série de escrutínios que envolvem o processo iniciático, o presidente da Congregação para o Culto Divino, emitiu um documento favorável ao grupo, demonstrando a admiração pela vanguarda do método que, tendo surgido nas favelas de Madri em 1964, antecipava várias das diretrizes do catecumenato<sup>8</sup> pós-Vaticano II, implementado de modo geral somente no ano de 1972, com a publicação do *Ritual de Iniciação Cristã de Adultos - RICA*<sup>9</sup>.

No ano de 1963, o II Concílio Ecumênico do Vaticano havia aprovado a Constituição sobre a Sagrada Liturgia *Sacrosanctum Concilium* que em seu artigo de número 64 recomendava que se restaurasse o processo de iniciação cristã de adultos, versando sobre isso da seguinte maneira:

---

<sup>8</sup> Processo de instrução e aprendizado, onde se transmitia a doutrina cristã e se aprofundava a fé, consistindo de elementos vinculados à oração, celebrações litúrgicas, ritos, exercícios de vida cristã, acompanhamento pessoal que buscava tocar toda a existência do indivíduo (LIMA, 2016, p. 258).

<sup>9</sup> O Ritual de Iniciação Cristã de adultos (RICA) foi elaborado pela Igreja Católica no ano de 1972 e apresenta a forma típica do ritual completo da Iniciação Cristã no primeiro capítulo, ritos do catecumenato em torno de suas etapas. Como o modo ordinário de iniciar um adulto, o qual se acha subdividido em quatro tempos de formação: pré-catecumenato, catecumenato, iluminação e mistagogia. Disponível em: <<http://www.cnbb.org.br/ritual-de-iniciacao-a-vida-crista-de-adultos-rica-inspirou-a-tematica-da-55a-assembleia-geral-da-cnbb/>>. Acesso em: 26/06/2018.



Restaure-se o catecumenado dos adultos, em diversas etapas, cuja prática será submetida ao critério do Ordinário do lugar, de modo que se possa dar a conveniente instrução a que se destina o catecumenado e santificar este tempo por meio de ritos sagrados que se hão de celebrar em ocasiões sucessivas (SACROSANCTUM CONCILIUM, 1963, Art. 64).

A afirmação da importância da iniciação cristã proposta por essa Constituição insere o Caminho Neocatecumenal no conjunto das forças renovadoras da Igreja Católica pós-Concílio Vaticano II, ao que se denomina hoje *Nova Evangelização*<sup>10</sup>. Em sentido prático, a nova evangelização, preocupação conciliar de aproximar-se do mundo contemporâneo desenvolvida estrategicamente nos pontificados de Paulo VI (1897-1978) e João Paulo II (1920-2005), abriu as portas a uma diversidade de modelos pastorais e teológicos até então temidos pelo núcleo mais conservador da Igreja, que desde a Idade Média moldara no sentido de criar uma uniformidade dogmática e litúrgica (CATÃO, 2013, p. 1). Devemos ponderar ainda que o objetivo do *aggiornamento*<sup>11</sup>, refletido na atualização da liturgia e do trato pastoral, obedecia a uma demanda anterior de aproximação entre o clero e o povo, esse agora participando da missa de forma ativa, tal como orienta o documento conciliar:

Não é desejo da Igreja impor, nem mesmo na Liturgia, a não ser quando está em causa a fé e o bem de toda a comunidade, uma forma única e rígida, mas respeitar e procurar desenvolver as qualidades e dotes de espírito das várias raças e povos. A Igreja considera com benevolência tudo o que nos seus costumes não está indissolúvelmente ligado a superstições e erros, e, quando é possível, mantêm-no inalterável, por vezes chega a aceitá-lo na Liturgia, se se harmoniza com o verdadeiro e autêntico espírito litúrgico (SACROSANCTUM CONCILIUM, 1963, Art. 37).

Precisamente, a “restauração do catecumenado” proposta pela Constituição *Sacrosanctum Concilium* pode ser entendida como resposta conciliar à secularização<sup>12</sup>, uma

---

<sup>10</sup> O termo remonta às propostas conciliares de diálogo entre a Igreja e a sociedade contemporânea. O termo *Nova Evangelização*, que em Paulo VI se revela em uma preocupação por amadurecer a fé daqueles que, por força da crescente descristianização, “receberam o batismo, mas vivem fora de toda a vida cristã”, só irá se definir sob o papado de João Paulo II. O Papa João Paulo II aprofundou sistematicamente em numerosas intervenções, a tarefa que a Igreja de hoje deve assumir, de modo particular nas regiões de antiga cristianização na tarefa evangelizadora frente ao indiferentismo, secularismo e ateísmo (UBICUMQUE ET SEMPER, 2010).

<sup>11</sup> O termo italiano *aggiornamento* (atualização) teria sido usado pela primeira vez em contexto eclesial pelo Papa João XXIII (1881-1963) em relação à necessidade de um Concílio que oferecesse condições à Igreja de responder aos dias atuais (ALMEIDA, 2015, p. 8).

<sup>12</sup> O termo pode ser tomado de diferentes maneiras dentro da tradição weberiana, podendo significar dentre as várias concepções, “o processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos” (BERGER, 2013, p. 119), implicando também em um “abandono, redução, subtração do status religioso; [...] defecção, uma perda para a religião e emancipação em relação a ela” (PIERUCCI, 1998, p. 50), ou mesmo algo que “combina, de maneira complexa, a perda da influência dos grandes sistemas religiosos sobre a sociedade que reivindica sua plena capacidade de orientar ela mesma seu destino, e a recomposição, sob uma forma nova, das representações religiosas que permitiram a esta sociedade pensar a si mesma como autônoma” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 37).

vez que, um grande número de batizados vivia à margem da vida cristã, como nos apontam as palavras de Paulo VI.

Se é verdade que este primeiro anúncio se destina especialmente àqueles que nunca ouviram a Boa Nova de Jesus e às crianças, é verdade também que ele se demonstra cada dia mais necessário, e isto por causa das situações de descristianização frequentes nos nossos dias, igualmente para multidões de homens que receberam o batismo, mas vivem fora de toda a vida cristã, para as pessoas simples que, tendo embora uma certa fé, conhecem mal os fundamentos dessa mesma fé, para intelectuais que sentem a falta de um conhecimento de Jesus Cristo sob uma luz diversa da dos ensinamentos recebidos na sua infância, e para muitos outros ainda (EVANGELII NUNTIANDI, 1975).

Quatro constituições conciliares terão importância no processo de legitimação das práticas dos novos movimentos eclesiais que emergiram a partir do Vaticano II. Tratam-se da *Dei Verbum*<sup>13</sup>, *Sacrosanctum Concilium*<sup>14</sup>, *Lumen Gentium*<sup>15</sup> e *Gaudium et Spes*<sup>16</sup>, por meio das quais a catequese sistematizada por Kiko Arguello e Carmen Hernández encontrou terreno em diversas paróquias ao redor do mundo todo, sob o tripé Palavra-Liturgia-Comunidade.

O uso dos temas da liturgia hebraica no Caminho Neocatecumenal poderia ser caracterizado como meio de transmissão, ou antes, de expressão de uma identidade subjetiva que aponte para a constituição de uma comunidade sagrada, onde o “indivíduo pode assim ‘saber quem é’ ancorando sua identidade em uma realidade cósmica protegida ao mesmo tempo das contingências da socialização [...]” (BERGER; LUCKMANN, 2014, p. 132). A

<sup>13</sup> A Constituição Dogmática sobre a Revelação Divina é um texto conciliar de profunda significação. Ela aborda sobre a Palavra de Deus e, como o nome já diz, sobre a Revelação Divina. Composta de seis capítulos ela Está disposta da seguinte maneira: capítulo I: a revelação como tal; capítulo II: transmissão da divina revelação; capítulo III: inspiração divina da sagrada escritura e sua interpretação; capítulo IV: o Antigo Testamento; capítulo V: O Novo Testamento e o sexto capítulo sobre a Sagrada Escritura na vida da Igreja. Disponível em: <<http://dioceseleopoldina.com/formacoes/os-quatro-olhares-sobre-o-concilio-vaticano-ii-dei-verbum/>>. Acesso em: 26/06/2018.

<sup>14</sup> A Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium (SC) é aquela que tratou da questão da renovação litúrgica da Igreja. Foi o primeiro dos documentos aprovados no Concílio Vaticano II e recebeu quase a unanimidade dos votos dos padres conciliares. Disponível em: <<http://www.a12.com/redacaoa12/igreja/vaticano-e-cf-2105-a-sacrosanctum-concilium>>. Acesso em: 26/06/2018.

<sup>15</sup> A Constituição Dogmática *Lumen Gentium* é aquela que se dedica sobre o mistério da Igreja e é um dos documentos mais significativos do Concílio. Nela se tornou evidente a chamada “virada copernicana”, que consistiu no fato de o capítulo sobre o Povo de Deus anteceder ao capítulo da hierarquia da Igreja, ressaltando, com efeito, o sacerdócio comum dos fiéis. Disponível em: <<http://dioceseleopoldina.com/formacoes/os-quatro-olhares-sobre-o-concilio-vaticano-ii-lumen-gentium/>>. Acesso em: 26/06/2018.

<sup>16</sup> Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje, promulgada solenemente pelo papa Paulo VI em dezembro de 1965, no encerramento do Concílio. A *Gaudium et Spes* nasce no terreno de uma nova noção de eclesiologia. Nesta, Cristo é o centro e a cabeça da Igreja e, ao redor d’Ele, todos e todas somos iguais, embora com distintos ministérios diversas funções. Disponível em: <<http://paulinascomunica.blogspot.com/2012/03/concilio-vaticano-ii-e-gaudium-et-spes.html>>. Acesso em: 26/06/2018.

adesão a essa configuração de realidade subjetiva seria estimulada pela “participação de todo o povo sacerdotal” (FONSECA; WEBER, 2015, p. 27) nos momentos litúrgicos, por meio da expressividade intrínseca de uma identidade de “comunidade eleita” constante nos cantos do Caminho Neocatecumenal, tendo em vista a cristalização da identidade de grupo que nasce da interiorização da linguagem (BERGER; LUCKMANN, 2014, p. 173), podemos dizer linguagem simbólica. A “redescoberta do mistério pascal”, à luz dos paradigmas de libertação da páscoa hebraica, ofereceria ao grupo a sua identidade própria e de modo marcante conferiria, por meio da cristalização das experiências religiosas despertadas pelas catequeses e expressadas por meio da música e canto, bem como outros artifícios estéticos, “as suas definições da realidade” às paróquias onde se estabelece. Reinaldo Batista Cordova e Cristian Santos, mestre e doutor em História respectivamente, ao refletirem o projeto político discursivo do itinerário, apostam na ideia de que “há o desejo de formar uma nova cristandade, onde as pessoas tenham claro seu papel social, político e religioso” (CORDOVA; SANTOS, 2015, p. 14). No entanto, não cremos que essa seja uma característica exclusiva do nosso objeto, uma vez que a própria Ação Católica de onde surgiram os *Cursillos de Cristandad* já apresentava dentre os seus filões características análogas, sobretudo na chamada ala dos modernos, marcada pela influência de Léon Bloy (1846-1917). Léon Bloy representava a face anticonformista e antiburguesa do catolicismo francês e propunha, além do despertar do “sentido de Absoluto, a paixão por Deus e o amor pelas virtudes evangélicas” no enfrentamento dos desafios propostos pelo mundo moderno, “pensando e vivendo a fé a partir do horizonte colocado pela cultura, criticamente acolhido, como outros cristãos e cristãs puderam, no passado, fazê-lo sem constrangimento com as culturas grega e romana, com as culturas bárbaras, com a mundividência medieval” (ALMEIDA, 2006, p. 260-261). Cremos que o que há de novo nessa realidade eclesial é uma perspectiva que remonta a proposta de um itinerário experiencial, cujo encontro com o *Sagrado*<sup>17</sup> não pode

---

<sup>17</sup> O conceito de *Sagrado*, tal como iremos nos referir em nosso trabalho, é emprestado da obra de Rudolf Otto, para quem o termo “é visto no *sentido do numinoso*, decorrente de um sentimento originário que se encontra em todas as religiões, mas que não se compara a outros sentimentos humanos. Trata-se de uma realidade totalmente singular, *sui generis*, que tem sentido antropológico na imediatez do ‘sentimento de criatura’, pelo qual o homem religioso sente que é ‘pó e cinza’ diante dessa primeira grandeza que é o *Numen*. Por sua vez, esse primeiro sentimento se refrata no prisma de inúmeros sentimentos concomitantes, em que domina a polaridade entre o *tremendum* e o *fascinans*.” (SARTORE, 1992, p. 1086-1087). Nas palavras do próprio Otto, o elemento *Sagrado*, vivo em todas as religiões, se constitui “em seu mais íntimo cerne, sem o qual nem seriam religião. Presença marcante ele tem nas religiões semitas, e de forma privilegiada na religião bíblica” (OTTO, 2017, p. 38). O autor aponta que o *numinoso* “não é ensinável em sentido estrito, mas apenas estimulável, despertável – como tudo aquilo que provém ‘do espírito’” (*Ibidem*, 2017, p. 39).

reduzir-se a conceitos filosóficos. Tal como Kiko Arguello apresenta em uma fala sua sobre o tema da evangelização para os dias de hoje, na qual se expressou da seguinte maneira:

O que é a fé? Diz São Paulo: O Espírito de Cristo dá testemunho a nosso espírito [...] Há uma zona de nosso profundo, nosso eu, o mais profundo do nosso eu. Aí desce o Espírito Santo e toca. Um toque de substância, podemos dizer. O Espírito de Cristo dá testemunho em nosso espírito de quê? De que Deus existe, primeiro. De que Deus te quer, segundo. Que te ama, terceiro. Quarto: te chama como um pai que te adota como um filho. São as autoridades como testemunho, de testemunho interior. Deus existe, me ama, está dentro de mim. Não te disse a razão, não te dizem as verdades filosóficas, está em ti. É a fé, isso é fé: *Um encontro* com o Senhor, com a pessoa de Jesus Cristo através do Espírito Santo<sup>18</sup> (tradução e grifo nosso).

Estas palavras, de alguma maneira podendo ser encarada como puro anti-intelectualismo, nos levam a traçar um paralelo interessante com a filosofia do judaísmo de Abraham Joshua Heschel, “A meta mais elevada da vida espiritual não é acumular riqueza de informação, mas arrostar momentos sagrados” (HESCHEL, 2014, p. 13). De alguma forma essa perspectiva hescheliana encontra no cristianismo um eco interessante e mesmo um paralelo com a pregação de Paulo aos Coríntios em que ele escreve “Eu mesmo, quando fui ter convosco, irmãos, não me apresentei com o prestígio da palavra ou da sabedoria para vos anunciar o mistério de Deus”<sup>19</sup>.

O itinerário de iniciação cristã neocatecumenal tem sido analisado pela academia de maneira ainda bastante limitada. Esse fato se evidencia através do fato de que as poucas produções científicas sobre o mesmo se restringem às análises do tipo sociológicas, antropológicas e teológicas. Predominantemente, o Caminho Neocatecumenal era analisado do ponto de vista das abordagens teológicas mais diversas, a maioria delas o situando no âmbito dos novos movimentos eclesiais que tomaram lugar na renovação litúrgica e pastoral advinda das diretrizes estabelecidas pelo Concílio Vaticano II (1962-1965) e apontando para as ambiguidades típicas de um movimento, durante muito tempo, à margem do Direito Canônico, com práticas peculiares e espontaneidades que geraram e ainda geram entusiasmo em uns e rejeição em outros. Inserir esse objeto no escopo das Ciências da Religião faz-se cada vez mais necessário, uma vez que as atividades desenvolvidas pelo Caminho Neocatecumenal têm impactado diversas paróquias ao redor do mundo por meio de relevantes transformações estéticas e eclesiológicas. O fenômeno neocatecumenal se insere na dinâmica

---

<sup>18</sup> Conferência de Kiko Argüello na Universidade CEU Cardeal Herrera de Valência. Tema: “Evangelização e Cultura”. Maio de 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5RNlhrqPebM>>. Acesso em: 26/06/2018.

<sup>19</sup> 1 Coríntios 2,1. In: Bíblia de Jerusalém. São Paulo. Paulus, 2003.

de mudanças que nos aponta o cientista da religião João Décio Passos, ao afirmar o ineditismo e a ousadia tanto das reflexões teológicas quanto das práticas eclesiais que tomaram corpo nos anos que se seguiram ao Vaticano II (PASSOS, 2014, p. 51).

No contexto da renovação, poderíamos dizer do retorno às fontes originais da tradição cristã, iniciada com o Vaticano II, o Caminho Neocatecumenal estaria forjando uma possível identidade cristã que remonta à “experiência dos primeiros seguidores de Jesus Cristo testemunhada e transmitida pelos textos bíblicos” (PASSOS, 2014, p. 23-24) buscando no sentido das narrativas a contrapartida a uma sociedade cada vez mais secularizada, pragmática e tecnicista, adotando do judaísmo aspectos da vida litúrgica, ética e comunitária.

Tomando como referência a peculiaridade dos elementos hebraicos presentes no itinerário neocatecumenal, abordaremos as possíveis aproximações discursivas entre as perspectivas cristã e judaica da vida religiosa, com vistas à compreensão da formação de uma identidade cristã na contemporaneidade, através da busca por um “*status* ontológico” próprio dos participantes do Caminho Neocatecumenal, uma vez que “os ritos de iniciação tentam expressar a passagem a uma nova forma de vida, religiosa e social” (CROATTO, 2010, p. 360-361). Com isso tentaremos compreender a maneira como o Caminho Neocatecumenal opera dentro do quadro de renovação da Igreja Católica, ao se utilizar das estéticas inovadoras dos cânticos emprestados do judaísmo, bem como de outros elementos que remontam à tradição hebraica. Na esteira das transformações que a Igreja Católica vem passando nos últimos cinquenta anos, é possível notar, por meio do que se tem produzido no âmbito dos movimentos eclesiais, alguns problemas que o Caminho Neocatecumenal procura sanar, como também uns tantos outros que tem causado. Constitui-se um dos objetivos de nossa pesquisa analisar de que maneira o itinerário neocatecumenal tem contribuído com a experiência religiosa dos fiéis e as possíveis tensões oriundas dos aspectos estéticos e doutrinários desse processo de renovação da Igreja na contemporaneidade.

Especificamente objetivamos:

a) Analisar e compreender a dinâmica de apropriação e adaptação de temas da tradição hebraica na música neocatecumenal, pontuando a função de tais temas na mudança de paradigma em relação Eucaristia (Mistério Pascal), cerne do culto católico, tendo a páscoa hebraica como referencial. Levaremos em consideração as modulações no âmbito eclesial e litúrgico que eclodiram após o Vaticano II nesse aspecto;

b) Avaliar até que ponto se pode caracterizar esse tipo de apropriação como sendo aquilo que a socióloga da religião Danièle Hervieu-Léger chama de exercício do “direito de bricolar”.

c) Analisaremos de que maneira é possível que essa identidade cristã esteja brotando de uma redescoberta intuitiva presente da experiência dos profetas de Israel, a convicção de que se é alvo do *pathos*<sup>20</sup> divino revelado na tradição bíblica do Antigo Testamento e continuada na figura e no movimento de Jesus, na tentativa de compreender a maneira em que o *Sagrado* se revela para esse grupo de indivíduos.

Do ponto de vista do método, nosso trabalho buscará estabelecer uma análise hermenêutica dos vários produtos culturais neocatecumenais, estabelecendo um exame comparativo entre as mensagens subjacentes neles e os documentos oficiais da Igreja, salientando o fato de que o grupo transmite os seus ideários e fixa a sua identidade comunitária por meio destes elementos estéticos. Para tal, lançará mão ainda da análise fenomenológica da religião, tendo como referência a obra *O Sagrado e o Profano* do historiador das religiões Mircea Eliade (1907-1986), no sentido de nos aproximar da maneira com que o *Sagrado* se apresenta para os participantes do processo neocatecumenal de iniciação. Procuraremos ainda estabelecer uma ponte entre o campo discursivo do Caminho Neocatecumenal com a filosofia religiosa expressa no pensamento de Abraham Joshua Heschel, uma vez que este autor judeu questionara que as clássicas “abordagens do conceito de religião dariam conta de descrever o que seriam os efeitos e as consequências do fenômeno religioso, mas não tratavam dele em si” (HAZAN, 2008, p. 12-13). Segundo Heschel a fé não pode ser substituída pela mera profissão de fé, sob o risco de se reduzir a uma herança tradicional que não expressa vida alguma e cujo significado da mensagem se perde, uma vez que a religião é entendida pelo autor como resposta aos problemas dos homens (HESCHEL, 1975, p. 15). Por se tratar da análise de um movimento emergente que busca afirmar suas definições de realidade subjetiva no seio da instituição Católica, nosso trabalho lançará mão da perspectiva teórica da Sociologia do Conhecimento desenvolvida por Peter Berger (1929-2017) e Thomas Luckmann (1927-2016) como ferramenta que nos possibilite interpretar os processos de legitimação do ideário neocatecumenal, sem com isso querer incorrer em um reducionismo com relação ao objeto. Com o intuito de definir como ocorrem e a que necessidade responde as referências feitas ao passado por grupos religiosos do presente nos utilizaremos também da análise sociológica do fenômeno religioso desenvolvida pela pesquisadora francesa Danièle Hervieu-Léger.

---

<sup>20</sup> Abraham Joshua Heschel contrapõe-se à noção do Deus dos filósofos, cujos aspectos de indiferença e sublimidade tornam-no incapaz de partilhar da dor humana. Para Heschel, o Deus dos profetas, por sua vez, encontra-se inteiramente interessado e comprometido com o destino do homem, embora não perca as qualidades que o diferenciam de tudo que existe (HAZAN, 2008, p. 117).

Utilizaremos para o desenvolvimento de nossa pesquisa a leitura e análise dos documentos oficiais da Igreja, sobretudo no que concerne ao Concílio Vaticano II e os seus desdobramentos posteriores, fontes da piedade religiosa judaica, a produção músico-litúrgica do Caminho Neocatecumenal disponível em *sites* e canais do *Youtube* mantidos por participantes, cujos aspectos de transmissão oral de conhecimentos do itinerário se expressam, e a produção impressa acessível, além de entrevistas fornecidas por líderes e participantes que nos revelem particularidades acerca da natureza desse itinerário catequético de educação permanente na fé católica e o seu quadro de abrangência.

## 2. CAPÍTULO I – NATUREZA E DESENVOLVIMENTO DO CAMINHO NEOCATECUMENAL

Neste primeiro capítulo pretendemos esclarecer a natureza do Caminho Neocatecumenal, no sentido de informar o leitor acerca do estado da pesquisa sobre este itinerário, ou seja, de como ele tem sido abordado pela academia, de que maneira ele tem se afirmado e legitimado frente à instituição católico-romana, quais as novidades presentes em sua área de atuação e os papéis desempenhados no âmbito das comunidades.

O Concílio Vaticano II, ao afirmar a necessidade de responder às demandas da sociedade moderna, proporcionou a diversos grupos a busca por suas heranças confessionais, tornando-os distintos no contexto dos mercados religiosos e proporcionando a afirmação de diversos modelos litúrgicos resultantes dessa procura. Ocorre que, dentro da pluralidade que constitui a Igreja Católica nas diversas partes do mundo, surgem visões distintas acerca da tradição “redescoberta”, cada movimento eclesial se definindo de acordo com as suas demandas de grupo e em linha com a interpretação que considera legítima desta tradição. “Está claro que tudo isso cria sérios problemas para os teólogos das diversas instituições religiosas, isto é, cria um problema de legitimação teológica” (BERGER, 2013, p. 160). João Décio Passos reflete que o pós-Concílio impôs um ponto de tensão de cunho político-hermenêutico inerente à busca acerca do que deveria ser renovado e daquilo que permaneceria conservado. “A busca do que renovar e do que conservar demarcou a própria dinâmica conciliar e continua seu curso após a promulgação dos resultados com seus referidos partidários: os renovadores e os conservadores” (PASSOS, 2014, p. 27). O autor aponta a tentativa do papa Paulo VI de mediar as tensões entre essas correntes quando ao mesmo tempo em que recomenda aos agentes pastorais a “predispor o espírito dos fiéis para acolher as novas orientações”, propõe que se refreie “a intemperança dos outros que cedem demasiadamente às iniciativas pessoais”<sup>21</sup>.

No ano de 2002, o doutor em Direito Jesús Bogarín Díaz escreveu um importante artigo, sobre os marcos institucionais do Caminho Neocatecumenal, intitulado *La Institucionalización del Camino Neocatecumenal. Comentario a sus Estatutos*, apontando a necessidade de se proporcionar um estudo do fenômeno neocatecumenal à luz do Direito Canônico. Em seu extenso trabalho, Díaz aponta para a limitação dos estudos canônicos, que

---

<sup>21</sup> Exortação Apostólica *POSTREMA SESSIO*, 1965. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/paul-vi/la/apost\\_exhortations/documents/hf\\_p-vi\\_exh\\_19651104\\_postrema-sessio.html](http://w2.vatican.va/content/paul-vi/la/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19651104_postrema-sessio.html)>. Acesso em: 03/01/2019.



“geralmente o tem englobado no marco dos novos movimentos eclesiais sem estudar os problemas específicos que o Caminho Neocatecumenal apresentava” (DÍAZ, 2002, p. 708, tradução nossa).

Os dois primeiros problemas apresentados pela aprovação do *Estatuto do Caminho Neocatecumenal* são o fato de não situá-lo “nem como associação, nem como movimento ou tipo de agrupamento de pessoas que estabelecem entre elas algum tipo de vínculo formal para alcançar determinados objetivos na Igreja” (DÍAZ, 2002, p. 709, tradução nossa). Embora o *Estatuto* se resuma a apontar o Caminho simplesmente como um “itinerário de formação católica, válida para a sociedade e para os tempos de hoje” (NEOCATECHUMENALE ITER STATUTA Art. 1º §1º, 2009, p. 17), nos parece razoável primeiramente apontar aquilo que afirmam não ser, para só então avançar numa definição que seja adequada a essa realidade eclesial. O padre Andrés Fuentes Vicente define o Caminho Neocatecumenal, por aquilo que ele não é, apontando para um aspecto mais informal na constituição do grupo, tal como se segue:

Não se trata dum grupo espontâneo, nem duma associação, nem dum movimento de espiritualidade, nem dum grupo elitista dentro da paróquia. Trata-se, sim, de pessoas que querem redescobrir e viver plenamente a sua vida cristã e as consequências do seu Baptismo através dum catecumenado[...] (VICENTE, 1998, p. 36).

Sendo apenas uma das modalidades de iniciação cristã à disposição da diocese, qual seria então a especificidade desse itinerário? Segundo sacerdote, liturgista e catequista itinerante Ezequiele Pasotti a grande especificidade do Caminho é a sua capacidade de construção de comunidades cristãs, sendo, portanto, não uma via de iniciação meramente individual, mas “uma iniciação na comunidade cristã”, “para a beleza de se fazer comunidade cristã” (PASOTTI, 2013, p. 91). Partindo do pressuposto de que se busca nesse itinerário “a vivência religiosa na qual os indivíduos passam por uma experiência mística a partir de seus próprios anseios individuais e de suas buscas existenciais mais profundas” e que através dela “os indivíduos não apenas aderem mecanicamente a um corpo normativo, mas encontram respostas às questões espirituais mais íntimas” (SOUSA, 2013, p. 253-254), é possível situar o Caminho Neocatecumenal no âmbito daquilo que o religioso e cientista social Ronaldo José de Sousa definiu como *comunidades de vida no Espírito*, em que as comunidades resultam de uma aproximação entre os indivíduos que não é determinada nem pelo espaço e nem pelos laços de sangue, mas pela espiritualidade em comum (TÖNNIES, 1973 apud SOUSA, 2013, p. 252).

Outro problema levantado é o de que “esta norma de constituição estatutária afirma e assegura a linha mestra para a vida do Caminho” sem esclarecer as implicações canônicas da dada aprovação. (DÍAZ, 2002, p. 709, tradução nossa). A institucionalização do Caminho Neocatecumenal surge especialmente no pontificado de João Paulo II, ao declarar esta realidade eclesial como fruto do Espírito Santo e resultado do Vaticano II. João Paulo II reconheceu “o Caminho Neocatecumenal como um itinerário de formação católica, válido para a sociedade e para os tempos de hoje”<sup>22</sup>, o que será entendido pela equipe responsável como um aval para o entendimento do Caminho Neocatecumenal enquanto caminho de iniciação cristã, sem torná-lo uma ordem, associação ou mesmo movimento (DÍAZ, 2002, p. 726). Díaz aponta a fala de Kiko Arguello como marca da relação entre o papa João Paulo II e o Caminho Neocatecumenal onde se pede para que se promova a elaboração de Estatutos que confirmem reconhecimento jurídico ao itinerário por parte da Igreja (DÍAZ, 2002, p. 731). Seguindo uma perspectiva weberiana, João Décio Passos aponta que com a lógica histórica de tornar o carisma espontâneo em uma série de rotinas, os carismas resultados do Concílio foram sendo institucionalizados, cedendo lugar aos ordenamentos, papéis e funções por meio do “enquadramento doutrinal das novas ideias” operado pelas forças de conservação da instituição católica (PASSOS, 2014, p. 29-30). Em discurso aos membros do Caminho Neocatecumenal, em 1997, o papa João Paulo II explicita esse processo de ajuste.

Para responderdes a estas perguntas num clima de oração e de profunda reflexão, iniciastes no Sinai o processo do estabelecimento de um Estatuto do Caminho. Trata-se dum passo muito importante, que abre caminho para o seu formal reconhecimento jurídico, por parte da Igreja, dando-vos uma ulterior garantia da autenticidade do vosso carisma. Como sabemos, “o juízo acerca da sua autenticidade (dos carismas) e recto uso, pertence àqueles que presidem na Igreja e aos quais compete de modo especial não extinguir o Espírito, mas julgar tudo e conservar o que é bom” (Lumen Gentium, 12). Encorajo-vos a continuar o trabalho iniciado, sob a guia do Pontifício Conselho para os Leigos, e de maneira especial do seu Secretário, D. Stanislaw Rylko, aqui presente convosco (PAPA JOÃO PAULO II AOS MEMBROS DO CAMINHO NEOCATECUMENAL, 1997).

O esforço da instituição católica por enquadrar normativamente as intuições teológicas dos líderes do Caminho Neocatecumenal ocorre, entretanto, desde o pontificado de Paulo VI. Em vários momentos os membros insistiam em uma não sistematização das suas catequeses em forma de cartilhas, afirmando que as apostilas que se utilizavam nada mais eram que transcrições de pregações sem qualquer tipo de tratamento teológico mais acurado. Sendo

---

<sup>22</sup> Carta *Ogniqualvolta* de João Paulo II, 30 de agosto de 1990. Disponível em: <<http://www.cruzgloriosa.org/documentos/>>. Acesso em: 29/07/2018.

assim, temos um caso em que a transmissão se dá de maneira eminentemente escorada em uma tradição oral.

Ao refletir a natureza jurídica do Estatuto do Caminho Neocatecumenal<sup>23</sup>, aponta-se para o fato de que este não corresponde à natureza de um estatuto no sentido estrito, uma vez que não esclarece a maneira por meio da qual o Caminho Neocatecumenal se submeterá às leis canônicas (DÍAZ, 2002, p. 740). Para Jesús Bogarín Díaz, o termo *estatuto* está ligado à necessidade de se determinar a finalidade, constituição, regime e modo de atuar das diversas realidades eclesiais surgidas no pós-Concílio Vaticano II, ou seja, um estatuto no sentido lato (DÍAZ, 2002, p. 741).

O discurso do cardeal Stafford, de 30 de Junho, deixou bem claro que o dicastério<sup>24</sup> não havia se considerado com autoridade para redigir os estatutos, havia apenas se limitado a revisar a conformidade do texto apresentado com a doutrina e disciplina da Igreja. Existe um ente com autoridade regulamentária autônoma para autogerir-se elaborando os estatutos, sujeitos -isso sim- à revisão da autoridade eclesiástica (DÍAZ, 2002, p. 741, tradução nossa).

Nesse caso, o ente com tal autoridade para redigir o texto do Estatuto do Caminho Neocatecumenal é a equipe responsável internacional, na ocasião, Kiko Arguello, Carmen Hernández e Mario Pezzi. Os sujeitos passivos desse itinerário estão obrigados indiretamente a não esperar dos catequistas dessa instituição qualquer modelo catequético diferente do proposto pelo *Estatuto* (DÍAZ, 2002, p. 742-743).

Ao ajuizar sobre a ambiguidade existente entre o carisma e a burocracia no desenvolvimento das *comunidades de vida no Espírito*, Ronaldo José de Sousa ressalta que:

na visão de alguns dos principais líderes dessas comunidades, elas não rotinizam a ação carismática, pelo contrário, funcionam como espaço de manutenção dessa dinâmica espontânea, frente à crise e rotinização do movimento em suas outras expressões. [...] De um lado, algumas comunidades, por força de sua institucionalidade ou vinculação com a hierarquia, põem as manifestações carismáticas em uma estrutura disciplinar que lhes tira o caráter contestador. Em outros contextos, as comunidades representam a única expressão vivaz de carisma (SOUSA, 2013, p. 39).

Deste modo somos levados a considerar como proposital o fato de a redação do estatuto não detalhar a maneira pela qual o Caminho Neocatecumenal se submeteria às leis

---

<sup>23</sup> Convém ressaltar que a análise de Díaz circunscreve-se ao Estatuto em sua condição “ad experimentum” por um período de cinco anos aprovado nessa condição no ano de 2002. O Estatuto Oficial do Caminho Neocatecumenal foi aprovado em definitivo no ano de 2008, sob o então papa Bento XVI (NEOCATECHUMENALE ITER STATUTA, 2009, p. 9-12).

<sup>24</sup> Departamento que compõe a Cúria Romana, organismo central da administração da Igreja Católica.

canônicas, sendo esta uma recusa a se descaracterizar, cedendo lugar às intromissões de outros modelos e propostas catequéticas e teológicas alheias à iniciativa espontânea do grupo.

Conforme a recensão do livro *Sociologia dos Novos Movimentos Eclesiais. Focolares, Carismáticos e Neocatecumenais em Braga*, publicado em 2006, do sociólogo português Joaquim Costa, elaborada pelo antropólogo Ruy Llera Blanes, o Caminho Neocatecumenal se encontra no âmbito da pluralidade não somente dos seguimentos cristãos como um todo, como também

[...] da pluralidade de manifestações cristãs no seio da própria instituição católica: os movimentos de renovação carismática, as teologias da libertação, as migrações, etc., promoveram novas direcções e realidades no seio daquilo a que tradicionalmente se chamaria “catolicismo português” (BLANES, 2007, p. 948).

Blanes aponta o Caminho Neocatecumenal, conforme o capítulo 5 do livro de Joaquim Costa, enquanto “Movimento Neocatecumenal”, este tendo como objetivo “re-missionar” o continente europeu “pós-cristão”, ou seja, secularizado, “invocando a exigência da conversão, baptismo e catequese como o ‘único caminho verdadeiro’” (BLANES, 2007, p. 950). Aquilo que o sociólogo Peter Berger entende como principal característica do protestantismo evangélico, ou seja, a constatação de que “Não se pode nascer cristão, deve-se nascer novamente [...]”. Berger enxerga nesse imperativo aquilo que marca a modernidade, ou seja, o “princípio de atuação individual” (BERGER, 2017a, p. 65). Em consonância com essa visão é que o decreto *Ad Gentes*<sup>25</sup> vem sendo revisitado constantemente, com a ideia de que “as Igrejas de antiga e de nova cristandade são também consideradas como território de missão” (LIMA Luiz, 2015, p. 89).

Uma recensão mais abrangente da obra de Joaquim Costa foi apresentada pela historiadora Rita Mendonça Leite. A autora aponta para o objetivo central na obra de Joaquim Costa, que é mostrar modo como “na actualidade os processos de secularização e de permanência e ‘persistência’ da fé religiosa se coadunam, tomando como objecto de estudo os chamados ‘novos movimentos eclesiais’” (LEITE, 2011, p. 379). O autor, segundo Rita Mendonça Leite, enfatiza a presença na cultura secularizada de um supermercado religioso onde a fé religiosa passa a ser um direito e não mais uma obrigação, realidade essa inserida no contexto de pluralismo. Joaquim Costa destacou ainda a valorização da noção de *Ecclesia* e

---

<sup>25</sup> Decreto que trata da atividade missionária da Igreja Católica no mundo. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decree\\_19651207\\_ad-gentes\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651207_ad-gentes_po.html)>. Acesso em: 02/02/2019.

da vivência comunitária, bem como dos itinerários individuais, dentro dos “novos movimentos eclesiais”, tendo, aqueles que foram objeto de sua análise, um elemento em comum que é a “valorização das Sagradas Escrituras” (LEITE, 2011, p. 380). Os movimentos eclesiais que ganharam notoriedade a partir da década de 1970 são entendidos como respostas à cultura e moral profanas, carregando consigo certo caráter protestante a nível espiritual e anti-institucional, onde os leigos desenvolvem um papel central na formação, consolidação e funcionamento, fortalecidos ainda mais com a presença de membros do clero, o que acaba conferindo legitimidade às ideias e práticas desses movimentos. Ronaldo José de Sousa, ao caracterizar as *comunidades de vida no Espírito*, reconhece que elas trazem consigo a proposta de “implícita de alterar a estrutura da Igreja”. Dentre as propostas nesse sentido o autor aponta “a mudança de polo de iniciativa pastoral de clerical para laical”, uma espécie de ênfase do princípio do sacerdócio universal de todos os crentes. Reconhece, no entanto, que isso não significa necessariamente um desejo de romper com a liderança institucional ou hierárquica, que seja, surgindo a nosso ver, um foco de situações conflituosas, resultante do fato de que as comunidades “simplesmente não cabem na estrutura tradicional na Igreja” (SOUSA, 2013, p. 63). Sendo assim, o Caminho Neocatecumenal passou por um processo de domesticação do carisma, por força da própria rotinização, de modo que “a aproximação à hierarquia católica-romana foi seguida de um reconhecimento efectivo, procedido da institucionalização e romanização e finalmente consolidado com a formalização da aprovação do movimento” (LEITE, 2011, p. 380). Há ainda presente nos focolares, neocatecumenais e carismáticos de Braga uma forte valorização da história do surgimento dos movimentos, bem como a superestima pelos seus iniciadores (LEITE, 2011, p. 380).

Aponta-se como uma constante no Caminho Neocatecumenal o papel de experiência de conversão que tem sua base na necessidade de “refundar a Igreja”, de modo que ela possa desempenhar um papel ativo contra a decadência e a corrupção da cultura secular. Além disso, é possível destacar ainda algumas das especificidades neocatecumenais, como os votos que se refletem na obediência e renúncia, o longo percurso percorrido até a adesão e as modalidades sacramentais próprias (LEITE, 2011, p. 381). Curiosamente, constatou-se que nos discursos oficiais as referências ao Concílio Vaticano II são constantes enquanto que na base dessa linha discursiva sejam bem mais dispersas. Esse fato expressa uma relação dialética entre os textos escritos normativos do Concílio e a experiência comunitária que de alguma forma os atualizam e contextualizam. Não podemos perder de vista o modo rabínico de transmissão oral presente na interpretação conciliar do Caminho Neocatecumenal, onde as

novas diretrizes do Concílio não são necessariamente falsificadas, mas ganham um conteúdo semântico fornecido pela autoridade atual, nesse caso, a equipe responsável pelo itinerário.

Existe um aspecto recorrente no *ethos* que compõe as *comunidades de vida no Espírito*, tais como a Canção Nova, objeto da análise sociorreligiosa de Ronaldo José de Sousa. Trata-se do estímulo à total dependência e confiança na providência divina. O discurso de que “não se pode servir a Deus e ao dinheiro”<sup>26</sup>, como contraponto aos valores materialistas seculares (SOUSA, 2013, p. 133). O mesmo aspecto aparece em discursos dos propagadores do Caminho Neocatecumenal, fazendo inclusive parte dos escrutínios desse modelo de iniciação, afirmando o dinheiro como verdadeiro ídolo dos nossos dias, tal como nos aponta Emiliano Jimenez Hernandez:

Ao longo do Caminho e à medida que a Palavra de Deus vai iluminando o neocatecúmeno, este aprende que *Yahveh* é o único Deus. E, como consequência, que amá-lo com todo coração, com toda a mente e com todas as forças é viver (Cfr. Lucas 10, 25-28) <sup>27</sup>. Cantar o *Shemá* será para as Comunidades recordar e confessar a unicidade de Deus, não só de uma maneira teórica, senão vivencial. Frente ao único Deus, caem os ídolos do hedonismo, *dinheiro*, afetos, poder... (HERNANDEZ, 1985, p. 144, tradução nossa).

Esse aspecto de desprendimento e renúncia dos bens materiais e do dinheiro enquanto símbolo da servidão do homem às coisas não deixaram de trazer consigo alguns eventos problemáticos, tais como os levantados por críticos do neocatecumenato. Com base em diversos questionamentos feitos por ex-participantes do Caminho Neocatecumenal, o padre Enrico Zoffoli (1915-1996) teceu suas críticas aos métodos de controle exercido pelos catequistas durante o processo de iniciação. “Com que direito o ‘catequista’ pode obrigar o marido a vender bens familiares sem o conhecimento e contra a vontade da esposa, que não compartilha suas ideias porque ela é estranha à comunidade neocatecumenal?” (ZOFFOLI, 1991, p. 36, tradução nossa).

Em seu artigo *Movimentos religiosos totalitários católicos: efeitos em termos de produção de subjetividade*, Sílvio José Benelli e Abílio da Costa-Rosa, ambos doutores em Psicologia, procuraram analisar a produção de subjetividade em grupos católicos que

---

<sup>26</sup> Mateus 6, 24. “Ninguém pode servir a dois senhores. Com efeito, ou odiará um e amará o outro, ou se apegará ao primeiro e desprezará o segundo. Não podeis servir a Deus e ao Dinheiro”. In: Bíblia de Jerusalém. São Paulo. Paulus, 2003.

<sup>27</sup> E eis que um legista se levantou e disse para experimentá-lo: “Mestre, que farei para herdar a vida eterna?” Ele disse: “Que está escrito na Lei? Como lês?” Ele, então, respondeu: “Amarás o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, com toda a tua força e de todo o teu entendimento; e a teu próximo como a ti mesmo”. Jesus disse: “Respondeste corretamente; faze isso e viverás”. In: Bíblia de Jerusalém. São Paulo. Paulus, 2003.

promovem a formação de seus membros. Benelli e Costa-Rosa indicam como características operativas de vários movimentos surgidos recentemente na história da Igreja a “subtração e por meio de acréscimo de imaginário” como produtora de subjetividades de teor fanático, onde a individualidade, criatividade e singularidade dos participantes não possuem o devido espaço de manifestação (BENELLI; COSTA-ROSA, 2006, p. 339). Os autores partem do princípio metodológico de que é possível analisar a produção de subjetividade em várias “instituições de formação religiosa com características semelhantes, a partir de um único relato”, levando-se em conta a hipótese de que não se trata de um caso meramente isolado, mas de um caso singular em meio a tantos outros de um mesmo contexto (BENELLI; COSTA-ROSA, 2006, p. 340). É bastante revelador o entendimento dos autores de que nesse tipo de instituição há todo um trabalho de modelagem da subjetividade de modo que tanto podem produzir de modo negativo a “mortificação do eu”, quanto de modo positivo a produção de “subjetividade serializada” (BENELLI; COSTA-ROSA, 2006, p. 341). Nesse sentido os autores afirmam que

[...] a instauração de tais processos subjetivos, que costuma dar-se pela supressão radical dos antigos modos de ser e sua substituição por modos novos, implica em performances do tipo sintomático, isto é, há um retorno da história e da singularidade recalcadas sob a forma de sofrimentos diversos e de modos de ser estereotipados, dos quais a performance fanática é apenas o efeito mais destacado (BENELLI; COSTA-ROSA, 2006, p. 341).

Embora o Caminho Neocatecumenal não seja o alvo da análise específica dos autores, que foi o movimento Focolare, os mesmos afirmam a permanência de características que “são extensíveis a outras instituições de natureza e funções similares, que têm sido designadas como movimentos neofundamentalistas leigos” tais como “Movimento Comunhão e Libertação”, “Opus Dei”, “Movimento Neocatecumenato”; “Legionários de Cristo”, entre outros (BENELLI; COSTA-ROSA, 2006, p. 341).

A antropóloga Maria del Carmen Castilla Vázquez publicou no ano de 1999 uma análise do processo de iniciação cristã neocatecumenal chamado *De neófitos a iniciados: el movimiento neocatecumenal y sus ritos de admisión*, referindo-se ao processo de iniciação ritual como um “conjunto de ritos e ensinamentos que tem como finalidade a modificação da condição religiosa e social do sujeito” (PRAT, 1988 apud VÁZQUEZ, 1999, p. 2, tradução nossa). O Caminho Neocatecumenal é caracterizado por ela enquanto movimento e organização dentro da Igreja Católica.

A organização interna do itinerário se estabelece sobre um tripé formado pelos catequistas já iniciados, os presbíteros, que zelam da doutrina e liturgia, e as famílias em

missão. Com o objetivo de facilitar o ministério tal como peculiarmente se faz no Caminho Neocatecumenal, foram criados os Seminários e Colégios Diocesanos *Redemptoris Mater*, responsáveis pela formação dos novos sacerdotes do movimento (VÁZQUEZ, 1999, p. 2).

O primeiro Seminário *Redemptoris Mater* foi erigido canonicamente em Roma, no ano de 1988, em linha com o que se expressa no *Estatuto do Caminho Neocatecumenal*<sup>28</sup>, tendo como meta “estabelecer um centro de treinamento para o sacerdócio para os irmãos que se tornam disponíveis para a tarefa específica de levar o Evangelho em países que se afastaram de suas antigas raízes cristãs”<sup>29</sup>. Segundo a agência de notícias *Zenit* reportou no ano de 2011, 78 Seminários Diocesanos *Redemptoris Mater* foram abertos, sendo 37 na Europa, 26 na América, 7 na Ásia, 6 na África e 2 na Austrália. Desde 1990, ano das primeiras ordenações, até aquele ano, o número de presbíteros formados já somavam 1.600, sendo que àquela altura cerca de outros 2.000 estavam em vias de receber as ordens sagradas<sup>30</sup>. Já em 2013, a agência *Zenit* anunciou a existência de 100 seminários ligados ao Caminho Neocatecumenal, sendo naquela época os mais recentes aqueles estabelecidos na Filadélfia (EUA), Vancouver (Canadá), Belém (Brasil), Carupano (Venezuela), Kampala (Uganda), Uzhgorod (Ucrânia) e Campobasso (Itália)<sup>31</sup>. No Brasil existem três seminários dessa natureza, o primeiro deles foi inaugurado em Brasília (DF)<sup>32</sup>, no ano de 1990, outro em São Paulo (SP)<sup>33</sup>, em 2011 e por fim, o de Belém (PA)<sup>34</sup>, no ano de 2014. O fato de as inaugurações do segundo e do terceiro guardarem um curto espaço de tempo entre eles denota a ampliação da demanda por sacerdotes e a expansão das atividades missionárias do Caminho Neocatecumenal no país.

Além de desenvolver sistemas de arrecadação próprios, é de característica das *comunidades de vida no Espírito*, a busca por “obter a mesma condição canônica dos institutos religiosos tradicionais, ou seja, o direito de ter padres sob sua custódia. Isso atrai larga suspeita da hierarquia mais conservadora” (SOUSA, 2013, p. 55). A oportunidade de

<sup>28</sup> O Caminho neocatecumenal é também um instrumento que se oferece a serviço dos Bispos para a formação cristã dos candidatos ao presbiterato (NEOCATECHUMENALE ITER STATUTA, 2008, Art. 18 §2º).

<sup>29</sup> Decreto de fundação do Seminário *Redemptoris Mater* de Roma. Disponível em: <<http://www.sanpietroapostolo.org/seminari/roma.htm#1>>. Acesso em: 02/01/2018.

<sup>30</sup> O Caminho Neocatecumenal em missão pelo mundo. Disponível em: <<https://pt.zenit.org/articles/o-caminho-neocatecumenal-em-missao-pelo-mundo/>>. Acesso em: 02/01/2019.

<sup>31</sup> O Caminho Neocatecumenal estabelece 7 novos seminários. Disponível em: <<https://zenit.org/articles/neocatechumenal-way-establishes-7-more-seminaries/>>. Acesso em: 02/01/2019.

<sup>32</sup> Seminário *Redemptoris Mater* em Brasília. Disponível em: <<https://www.rmater.org.br/>>. Acesso em: 05/01/2019.

<sup>33</sup> Seminário *Redemptoris Mater* em São Paulo. Disponível em: <<http://srmsaopaulo.org/>>. Acesso em: 02/01/2019.

<sup>34</sup> Seminário *Redemptoris Mater* em Belém. Disponível em: <<http://rmaterbelem.org.br/>>. Acesso em: 02/01/2019.



formação de um clero próprio ofereceria ao Caminho Neocatecumenal a condição necessária de suprir a demanda por presbíteros que ministrem a eucaristia nas diversas etapas do processo de iniciação, isso levando-se em conta a sua organização em pequenas comunidades dentro das paróquias. Ronaldo José de Sousa comenta que “outorgar às comunidades o direito de ter seu próprio clero implicaria em oferecer também a elas a possibilidade de administrar os sacramentos, o que resultaria em ainda maior autonomia em relação às paróquias” (SOUSA, 2013, p. 56). Podemos dizer que as comunidades neocatecumenais não teriam florescido se não houvesse um clero disposto a colocar em prática as suas modalidades sacramentais, cuja aprovação se deu debaixo de densos debates acerca da sua ortodoxia ao longo de vários anos e que ainda são objeto de muitas controvérsias. Isso ocorre muito por conta do fato de que as “comunidades de vida no Espírito não abrem mão, portanto, de fazer com que sua identidade estruture as demais identidades adquiridas pelos seus membros padres”, levando-se em consideração que mesmo quando fazem uso dos seminários tradicionais, “buscam apenas o conteúdo acadêmico exigido, procurando fazer com que as outras dimensões da formação (espiritual, humana, apostólica) tenham a própria comunidade como fonte” (SOUSA, 2013, p. 57). Toda a questão da criação de seminários direcionados ao ideário das *comunidades de vida no Espírito* se torna ainda mais delicada quando se percebe que a função do sacerdote nesse âmbito não goza de privilégios, ainda que sejam os detentores da ordem, não constituem mais uma casta totalmente distinta dos leigos, uma vez que os padres que participam dessas comunidades “tendem a ser considerados membros no mesmo nível dos consagrados leigos, inclusive dos casados” (SOUSA, 2013, p. 58-59). Obviamente aqui se quer referir a uma horizontalidade no que diz respeito aos serviços administrativos internos das comunidades, mas levanta um dos principais problemas doutrinários inerentes ao próprio Concílio vaticano II, que seria a oposição entre partidários de uma noção de Igreja hierarquizada e aqueles que entendem a Igreja de modo mais democrático, se valendo da noção de Igreja “povo de Deus”. A primeira tendência defende a centralização das ações pastorais na figura hierárquica do padre, se apoiando no magistério do papa Pio X (1835-1914), para quem “somente a hierarquia tem o direito e a autoridade de movimentar e dirigir os associados para determinada finalidade da sociedade<sup>35</sup>” (PIO X, 1906 apud CALDEIRA, 2009, p. 165). Já a segunda tendência, que terminou por se consagrar após

---

<sup>35</sup> A Carta Encíclica *Vehementer Nos* de Pio X afirma entre outros pontos que “Igreja é por essência uma sociedade desigual, isto é, uma sociedade que abrange duas categorias de pessoas, os Pastores e o rebanho, os que ocupam uma posição nos diferentes graus da hierarquia, e a multidão dos fiéis”.

o Concílio, defende uma concepção de Igreja constituída de uma “igualdade fundamental de todos os membros da Igreja na graça do batismo” (CALIMAN, 2011, p. 1050). O doutor em Teologia Cleto Caliman nos alerta, no entanto, que a nova eclesiologia inaugurada no Vaticano II estabeleceu primeiro a noção de povo de Deus para então fazer uma distinção dos seus membros, adotando um princípio que nem pode ser considerado “monárquico”, nem tão pouco “democrático”, como alguns chamavam, ressaltando por sua vez o princípio da “colegialidade” (CALIMAN, 2011, p. 1050). No âmbito do corpo burocrático das *comunidades de vida no Espírito* predomina o que podemos chamar de princípio da corresponsabilidade, portanto é exagerado inferir a partir daí que não há um clero distinto dos leigos, ou que eles se encontram no mesmo nível, mas que as decisões são quase sempre negociadas para maior eficácia das ações, onde os detentores da ordem, Bispos e Presbíteros, têm a última palavra. No caso do Caminho Neocatecumenal a distinção fica clara, ao menos do ponto de vista formal, quando *Estatuto* afirma, por exemplo: “No desempenho do seu trabalho, os catequistas *leigos colaboram* com o Pároco e com os Presbíteros das respectivas comunidades e os *ajudam na missão de governo, de ensino e de santificação, própria deles enquanto ministros ordenados*” (NEOCATECHUMENALE ITER STATUTA, 2009, Art. 28 § 3º, grifos nossos).

Para Maria Vázquez, mais do que uma organização, o Caminho Neocatecumenal se constitui “associações religiosas e voluntárias de leigos (ainda que sempre estejam acompanhados de um sacerdote) em torno de um objetivo comum: converterem-se em ‘verdadeiros cristãos’ através do ‘Caminho Neocatecumenal’” (VÁZQUEZ, 1999, p. 2-3, tradução nossa), onde o ideal comunitário descrito nos Atos dos Apóstolos<sup>36</sup> se converte em paradigma para os dias de hoje.

Vázquez distinguiu três momentos importantes no desenvolvimento da iniciação neocatecumenal, que se constituem de diversas maneiras, mas que possuem uma estrutura básica: *separação*, *transição* e *incorporação*. O que marca o momento da *separação* dos neófitos, física e afetivamente, é o fato das cerimônias se darem em local previamente escolhido e fora das paróquias, muitas vezes em um hotel com espaço reservado para as ações litúrgicas. Cada etapa dessas é finalizada por uma convivência que quase sempre dura um final de semana inteiro. A *transição* ocorre ao passo que o neófito vai adquirindo

---

<sup>36</sup> Atos dos Apóstolos 2, 42. “Eles mostravam-se assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações”. Bíblia de Jerusalém. São Paulo. Paulus, 2003.

conhecimento e redefinindo a sua conduta, o que se reveste de todo um caráter pedagógico, que pontuará a sua entrada na comunidade até a conclusão do itinerário.

A autora ressalta o fato de que esse período de *transição* deve ser mantido em segredo, sendo essa etapa da iniciação crucial, uma vez que o que conta é a experiência pessoal. A fase final, a da *incorporação*, ocorre a partir do momento em que se abandona “todo o vestígio do mundo anterior à entrada na comunidade” (VÁZQUEZ, 1999, p. 5, tradução nossa). Finalizado o processo de iniciação, os novos iniciados passam a se dedicar ao serviço da catequese. Por fim, a autora ressalta a importância dos rituais de iniciação para a transformação dos indivíduos.

Maria del Carmen Castilla Vázquez escreveu um outro artigo, intitulado *Miedo y fe: la figura del “Maligno” entre los neocatecumenales*, no qual aponta para o fato de que há nas pessoas uma necessidade de segurança contra aquilo que se tem temor, seja real ou imaginário, e que essa busca por segurança se encontra na base da afetividade. Para os membros do Caminho Neocatecumenal, a comunidade oferece essa segurança e, portanto, apazigua o medo (VÁZQUEZ, 2013, p. 176). A dimensão comunitária desempenha um papel fundamental para os neocatecúmenos, “necessária como promotora da ordem, de uma vontade de coesão que satisfaça a seus membros. Estes, ao serem portadores do pecado original, contraído, não cometido, teriam que receber o sacramento do batismo para apagar essa falta” (VÁZQUEZ, 2013, p. 177, tradução nossa). Para os neocatecúmenos, o Maligno pode se manifestar das mais variadas formas e maneiras, o Diabo, portanto, é um ser polimorfo. O medo desmensurado do Diabo vem acompanhado do medo do juízo final e do inferno (VÁZQUEZ, 2013, p. 179).

No sentido de se precaver contra a presença constante do Diabo é adotada uma série de medidas como: “abençoar os alimentos antes de comer, abençoar os objetos e lugares que vão utilizar, orar reiteradamente ou realizar exorcismos em suas cerimônias”. Outras características das reações dos membros do Caminho Neocatecumenal com relação ao Diabo é a sua confiança na mediação e “virtude mágica atribuída à água do batismo”, esta possuindo o poder para libertar do pecado e do Diabo (VÁZQUEZ, 2013, p. 181, tradução nossa). Vázquez finaliza afirmando que “esse medo do neocatecúmeno ao Diabo, a seus ataques, poderia ser resultado do medo de não sair desse mundo, onde se encontra o mal e, portanto, a não ter opção de ir a esse outro mundo, onde tudo está bem” (VÁZQUEZ, 2013, p. 184, tradução nossa).

Analizando as complexidades de se estudar o fenômeno religioso, a antropóloga mexicana Renée de la Torre em seu ensaio *Dilemas Epistemológicos: el estudio de la religión*

*desde las experiencias simbólicas*, procurou, através da reflexão epistemológica, apresentar quatro posturas possíveis aos estudiosos da religião: a) O ateísmo cognitivo, que estabelece uma relação entre o conhecimento e a religião baseada na dúvida radical, considerando que cada verdade professada pela religião esconde uma realidade histórica estruturada pela sociedade e sua cultura (TORRE, 2013, p. 23-24); b) Criar uma definição da religião, nem muito exclusivista (substancial) e nem muito inclusiva (funcional), onde o estudioso da religião deve ter o cuidado para não definir a religião de acordo com as definições empregadas de forma exclusivista pelas realidades institucionais da religião dominante, excluindo outras manifestações em torno da produção do sagrado. Por outro lado é necessário pensar a religião enquanto elo entre o *nomos* social e o *cosmos* (realidade supra-empírica) (TORRE, 2013, p. 27-29); c) Conceber a religião como realidade socialmente construída, na qual a sociedade, através da gestão do sistema simbólico, constrói uma realidade onde se torna possível a sacralização dos mundos humanos, passando a conceber o *cosmos* como humanamente significativo (TORRE, 2013, p. 29-30). A autora aponta para a ideia de que é impossível compreender a potencialidade simbólica da religião, sem se atentar para os estados de ânimo que esta gera; d) o agnosticismo experimental do símbolo, que se dá a partir da constatação de que um sistema simbólico é capaz de estabelecer estados de ânimo por meio dos quais as concepções de ordem geral se legitimam como se fossem efetivamente reais (TORRE, 2013, p. 31).

Renée de la Torre, ao refletir essa última postura frente à análise do fenômeno religioso, se vale da experiência vivida em ocasião da sua participação, como convidada, de uma classe de catequese neocatecumenal, nos oferecendo um pouco de como a eficácia simbólica se estabelece na experiência religiosa neocatecumenal. Assim ela descreve suas impressões no diário de campo:

A reunião neocatecumenal me pareceu que não oferecia a emotividade gerada nas reuniões carismáticas da Renovação do Espírito Santo, nem tampouco a ideia de comunidade solidária. Um senhor tomou a palavra e guiou a reunião sem dar lugar à participação dos que estavam presentes. O conteúdo do discurso não me esclareceu quem são e o que buscam os seguidores do neocatecumenato (TORRE, 2013, p. 32, tradução nossa).

A autora conta que, apesar da insipidez da reunião, teve um sonho que mudou completamente a percepção dela acerca da reunião neocatecumenal. Sonhara que estava grávida em estado muito avançado e só então se deu conta de que seu sonho refletira o tópico da catequese, que afirmava que à semelhança da Virgem Maria, todos os presentes teriam sido eleitos a dar a luz a Cristo para o mundo. Deu-se então conta de que

a seção era uma performance simbólica que exercia um forte dispositivo psicológico à conversão: o que fazia as duas mulheres grávidas no banco em destaque, quando não possuíam uma participação ativa na catequese? Por que se utilizar da metáfora da gravidez como sinal da conversão? Por que fazer tanta alusão a questões familiares e de violência sexual ao longo da exposição? Esses significantes, que para mim a simples vista pareciam carentes de sentido da maneira como foi posta em cena, se revelaram no sonho como potentes símbolos que funcionavam como dispositivos psicológicos para construir um ambiente favorável a “fazer crer”. Deste modo, a crença em Deus que nos elege, se vive como real, não porque seja “comprovável”, senão porque gera um dos estados de ânimo mais fortes da existência: o engravidar e dar a luz. A crença no sobre-humano se funda em um signo de vida, uma experiência que ainda que natural, sempre será extraordinária e profunda (TORRE, 2013, p. 34-35, tradução nossa).

A reflexão epistemológica dessa autora nos ajuda a refletir um pouco sobre as investidas psicológicas promovidas pelas chaves simbólicas do processo de formação neocatecumenal.

Analizando o fenômeno neocatecumenal dentro do escopo das Ciências da Religião, os primeiros trabalhos começaram a surgir no sentido de mostrar a dinâmica de transformações doutrinárias em sua tentativa de solucionar determinados problemas enfrentados pela religião na contemporaneidade, como também demonstrar os problemas que essas respostas criativas da religião terminam por gerar (GRESCHAT, 2005, p. 38).

Considerando o Caminho Neocatecumenal do ponto de vista político, Reinaldo Batista Cordova e Cristian Santos, em seu artigo *A Formação de uma Nova Cristandade: projeto político discursivo do Caminho Neocatecumenal*, publicado em 2015, apontam para o resgate do cristianismo primitivo e para a diminuição das distâncias entre o Temporal e o Espiritual nas práticas neocatecumenais, objetivando a formação de uma nova cristandade (CORDOVA; SANTOS, 2015, p. 6). Para os autores “o homem atua politicamente ao mesmo tempo em que age na dimensão religiosa, familiar ou escolar”, isso remete para o fato de que as instituições eclesiais não se resumem às atividades relacionadas ao sagrado. Sendo assim, “o Caminho Neocatecumenal se posiciona e se institucionaliza, age como instituição religiosa e política, sem prejuízo de um ou outro, mas são perspectivas de um mesmo fenômeno” (CORDOVA; SANTOS, 2015, p. 7).

Cordova e Santos tomam como referência o *Estatuto Oficial do Caminho Neocatecumenal*, para demonstrar as estratégias políticas do itinerário, uma vez que

O discurso fundante e presente no Estatuto serve simultaneamente para os prelados que administram a Igreja, como para os leigos e religiosos que integram as comunidades neocatecumenais. A opinião dessas pessoas passa a ser moldada pelo discurso político, elaborado pela Equipe Responsável Internacional. A projeção do ideal neocatecúmeno transformaria tão

profundamente seus integrantes, que sua linguagem social se altera, assim como seu posicionamento político-partidário, ideário socioeconômico, concepção do papel da justiça, poder governamental, e participação cidadã no Estado (CORDOVA; SANTOS, 2015, p. 11).

Por fim, os autores ressaltam que o Caminho Neocatecumenal ainda que não se proponha em seus discursos a ser político no sentido partidário, termina por ser político de outra sorte, uma vez que “assumem caráter político quando interferem no ordenamento civil ou legislativo de um Estado” (CORDOVA; SANTOS, 2015, p. 17).

A atuação política do Caminho Neocatecumenal se evidencia ainda mais através de outro artigo dos mesmos autores, intitulado *Salvando a Igreja no Tálamo: fertilidade e santidade no Caminho Neocatecumenal*, também publicado em 2015. Neste, destaca-se o fato de que “o Caminho Neocatecumenal tomou para si o *status* de entidade preservadora e disseminadora dos valores familiares” (CORDOVA; SANTOS, 2015b, p. 28). Esses autores pontuam nas falas do iniciador do Caminho Neocatecumenal uma reverberação dos discursos de João Paulo II contra o marxismo e as teorias de gênero, conferindo ao itinerário a missão de superar um cristianismo de rotina e afirmar um “cristianismo maduro”, que representa uma vivência cristã que se destina a deter a perda de influência da Igreja na sociedade (CORDOVA; SANTOS, 2015b, p. 30).

Kiko atuará intensamente no fortalecimento da família, recorrendo, para isso, a um requintado arsenal simbólico destinado a educar o corpo. À medida que o neocatecúmeno vai avançando no itinerário, seus catequistas exigirão mostras claras de fidelidade à moral católica, o que se refletirá tanto no campo linguístico, por meio da transmissão de uma linguagem característica aos iniciados, quanto no prático (CORDOVA; SANTOS, 2015b, p. 34).

Esse fortalecimento da família no Caminho Neocatecumenal se sedimenta através da doutrina dos “três altares”, representados pela mesa eucarística, pelo quarto do casal, aberto a gerar muitos filhos, e pela mesa do jantar.

Kiko constrói um instrumental simbólico que, ao mesmo tempo que enaltece o papel da Igreja enquanto detentora exclusiva de um capital salvífico (os sacramentos) e intérprete autêntica das Escrituras e da lei natural, eleva o Caminho Neocatecumenal a condição de entidade plenamente capacitada a restaurar a plausibilidade do magistério junto a sociedade (CORDOVA; SANTOS, 2015b, p. 41).

Esse segundo artigo apresentado por Cordova e Santos, mostra o esforço do Caminho Neocatecumenal em afirmar-se como um autêntico agrupamento católico, que tem contado com o apoio de pontífices inclinados à guerra simbólica contra a sociedade pós-cristã e à afirmação de um modelo familiar como base da ação salvífica da Igreja hoje. Nesse sentido,

seus discursos se orientam pelo ensino desenvolvido por Paulo VI no campo do matrimônio, através da encíclica *Humanae Vitae*, por onde se posiciona contra os métodos de controle da natalidade, que elenca como vias ilícitas para a regulação dos nascimentos os meios que se seguem:

Em conformidade com estes pontos essenciais da visão humana e cristã do matrimônio, devemos, uma vez mais, declarar que é absolutamente de excluir, como via legítima para a regulação dos nascimentos, a interrupção direta do processo generativo já iniciado, e, sobretudo, o aborto querido diretamente e procurado, mesmo por razões terapêuticas.

É de excluir de igual modo, como o Magistério da Igreja repetidamente declarou, a esterilização direta, quer perpétua quer temporária, tanto do homem como da mulher.

É, ainda, de excluir toda a ação que, ou em previsão do ato conjugal, ou durante a sua realização, ou também durante o desenvolvimento das suas consequências naturais, se proponha, como fim ou como meio, tornar impossível a procriação.

Não se podem invocar, como razões válidas, para a justificação dos atos conjugais tornados intencionalmente infecundos, o mal menor, ou o fato de que tais atos constituiriam um todo com os atos fecundos, que foram realizados ou que depois se sucederam, e que, portanto, compartilhariam da única e idêntica bondade moral dos mesmos. Na verdade, se é lícito, algumas vezes, tolerar o mal menor para evitar um mal maior, ou para promover um bem superior, nunca é lícito, nem sequer por razões gravíssimas, fazer o mal, para que daí provenha o bem; isto é, ter como objeto de um ato positivo da vontade aquilo que é intrinsecamente desordenado e, portanto, indigno da pessoa humana, mesmo se for praticado com intenção de salvaguardar ou promover bens individuais, familiares, ou sociais. É um erro, por conseguinte, pensar que um ato conjugal, tornado voluntariamente infecundo, e por isso intrinsecamente desonesto, possa ser coonestado pelo conjunto de uma vida conjugal fecunda (HUMANAE VITAE, 1968, Art. 14).

É dessa encíclica papal que surge quase que a totalidade da inspiração do Caminho Neocatecumenal em favor das famílias “abertas à vida”, ou seja, constituídas por casais com elevado número de filhos. Para Kiko Argüello

A família cristã, aberta à vida, é uma salvação para o mundo... Essas famílias – que já estão em missão em todos os continentes, bem como aquelas que vão partir hoje, que são ‘formadas’ para evangelizar depois de tantos anos de Caminho – são uma salvação para a Igreja, mas especialmente para a sociedade. Porque os seus filhos serão os futuros arquitetos, advogados, médicos... (ZENIT, 2015)<sup>37</sup>.

---

<sup>37</sup> Kiko Argüello: “O Papa demonstrou hoje o seu amor pelo Caminho Neocatecumenal”. Entrevista ao fundador do itinerário neocatecumenal, após a audiência com o Santo Padre na Sala Paulo VI. Disponível em: <<https://pt.zenit.org/articles/kiko-arguello-o-papa-demonstrou-hoje-o-seu-amor-pelo-caminho-neocatecumenal/>>. Acesso em: 02/01/2019.

Alguns problemas podem ocorrer, no entanto, a partir do momento em que as respostas à cultura distintamente ocidental, considerada contrária aos valores familiares, são aplicadas de forma globalizante, como que respondendo a um problema que sequer foi levantado em alguns contextos.

Refletindo os conflitos entre a Conferência Episcopal do Japão e o Caminho Neocatecumenal, Antonio Genivaldo Cordeiro de Oliveira, em sua tese de doutorado *Sementes Inesperadas de um Jardim (Des)Encantado. A Construção Político-ecclesial da Identidade de Igreja Local no Japão: um estudo a partir do conflito com o Caminho Neocatecumenal*, de 2016, aponta para a inadequação da agenda neocatecumenal aplicada a ambientes distantes do contexto europeu de onde o grupo emergiu. Isso decorre do fato de que o processo de secularização no Japão tem uma conotação diferente daquela a que o Caminho Neocatecumenal se propõe a enfrentar. Desta maneira, o autor define o Caminho Neocatecumenal

como um movimento mais característico do integrismo católico<sup>38</sup>, embora suas ações claramente contra a secularização e marcada pela clara resistência ao diálogo com as culturas locais e seus valores possibilitem também uma categorização do mesmo como “neo-fundamentalista” (OLIVEIRA, 2016, p. 277).

O autor corrobora a ideia de que a criação de seminários por parte do Caminho Neocatecumenal obedece à necessidade de se criar sacerdotes para o movimento e não para as dioceses, sacerdotes que conduzam o processo caracterizado como esotérico pelos críticos. Diante das dificuldades ou falta de zelo para com a inculturação, os “bispos pediam o fechamento do seminário em Takamatsu, alegando as diferenças de percepção, as atitudes e a maneira de pensar dos membros do movimento em relação à cultura japonesa e à liturgia da igreja no Japão” (OLIVEIRA, 2016, p. 281).

Os aspectos singulares da música e do canto no itinerário neocatecumenal têm sido apontados como problemáticos em alguns contextos, como foi o caso japonês, onde o a Conferência Episcopal de 18 de junho de 2010, “enviou uma carta ao responsável do Caminho onde comunicava a decisão de suspenderem as atividades do movimento por cinco anos, elencando detalhadamente as motivações” (OLIVEIRA, 2016, p. 284). Esse trabalho de doutorado aponta para as tensões geradas entre o clero japonês em sua tentativa de formular

---

<sup>38</sup> O integrismo é uma tendência teológica nascida no interior da hierarquia romana para defender-se do modernismo, visto como seu grande inimigo. Essa corrente tende a rejeitar outras religiões que não o cristianismo católico, além de ser crítica a costumes e moral divergentes daqueles propostos pelo catolicismo integral (NIERO; FERNANDES, 2017, p. 170).



uma identidade teológica, litúrgica e pastoral próprios e as atividades do Caminho Neocatecumenal em um país de certa maneira desconfiado de grupos religiosos que lhe pareça estranhos. Em seu trabalho Oliveira citou o impacto negativo gerado pela estética exótica do Caminho Neocatecumenal.

Mudar as igrejas, colocar seus ícones particulares, introduzir suas músicas na missa. Em uma igreja que conta com uma maioria de idosos, beijar, abraçar, cantar e dançar de mãos dadas, obviamente gera uma forte oposição. Cantar as músicas acompanhadas pelo violão no meio dos funerais, relutar em não rever isto, tornar difícil fazer da mesma maneira (KS 12/07/2008) (OLIVEIRA, 2016, p. 282-283).

Deste modo, é possível questionar se as chaves hermenêuticas usadas nas etapas da iniciação cristã neocatecumenal, uma vez carregadas de elementos considerados exóticos e respondendo muito mais a uma demanda para o homem ocidental, não estariam na contramão da formação de uma identidade músico-litúrgica autóctone no contexto das Igrejas locais, gerando quadros conflituosos delicados.

Procuramos até aqui fazer um levantamento das principais características do Caminho Neocatecumenal, com base naquilo que já foi pesquisado acerca da natureza dessa realidade eclesial. Com tudo que foi levantado, foi possível situar o movimento neocatecumenal no âmbito daquilo que foi estabelecido como *comunidade de vida no Espírito*, guardando suas próprias características, fruto da intuição dos seus iniciadores. Nesse contexto, a vivência religiosa é dada através da busca existencial dos indivíduos por meio de uma experiência mística que faz com que eles passem de uma adesão mecânica a um corpo de normas às respostas existenciais que rompe com o mero devocionismo ritual, fazendo do culto aquilo que é vivido de forma espiritual (SOUSA, 2013, p. 253-254). Enquanto associação voluntária de leigos, assessorada por um presbítero, em torno do objetivo comum de tornarem-se “crentes maduros” (VÁZQUEZ, 1999), é notória a substituição no âmbito da sociabilidade paroquial de um modelo espacializado por outro mais ligado a uma perspectiva associativa. Uma vivência radical da fé, tendo como referência as comunidades primitivas, cujos elementos como itinerância, desapego e ação apostólica de pouco em pouco abrange todas as esferas da vida dos participantes na forma de um “‘engajamento’ que diz respeito a um pequeno número de fiéis fortemente envolvidos em sua vida religiosa”, na forma de “uma prática militante, que se define pelo testemunho pessoal” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 176).

## 2.1. Das Idas e Vindas do Protagonismo Leigo na Igreja

Enquanto movimento desenvolvido por leigos, originado da própria experiência religiosa pessoal de Kiko Arguello e Carmen Hernández, cabe-nos destacar o caminho de desenvolvimento do protagonismo leigo na história da Igreja. Desta forma, para pensarmos a trajetória de 50 anos do Caminho Neocatecumenal<sup>39</sup>, faz-se necessário antes de tudo apontar a sua origem em íntima relação com alguns aspectos e intuições pré-conciliares, de modo que o seu desenvolvimento ocorre por meio de um longo processo de negociação com a face institucional da Igreja Católica Romana. O primeiro aspecto a ser destacado são os acenos a uma visão que objetivava conferir uma maior participação dos leigos na vida da Igreja, superando a ideia corrente, até os inícios do século XX, de que a Igreja “era uma sociedade desigual, onde alguns estavam destinados a governar e outras a obedecer, sendo estas duas destinações divinas” (KUZMA, 2015, p. 529). Esta iniciativa já estava presente nos juízos emitidos pelo papa Pio XI (1857-1939) acerca da Ação Católica, movimento que congregava em seu seio diversos movimentos laicais em colaboração com a hierarquia, com vistas a defender a fé cristã e a Igreja (KUZMA, 2015, p. 529). Outra grande iniciativa foi desenvolvida pelo Movimento Litúrgico, que na Alemanha aprofundou entre os beneditinos o estudo da liturgia do ponto de vista teológico, bíblico e patrístico (GONZÁLEZ, 2015, p. 111), por vezes buscando no passado uma base para a simplificação das formas rituais no presente.

A história do protagonismo dos leigos é, no entanto, bem mais antiga e pontua vários momentos da história da Igreja, havendo momentos de grande efervescência acompanhados de momentos de retração. Longe de ocuparem-se apenas de questões temporais, os leigos e leigas ao longo da história foram surgindo e ocupando espaço como teólogos, homens e mulheres que dedicaram a vida ao estudo, ensino e pesquisa da teologia, orientadores espirituais, líderes de comunidades cristãs, dentre outras funções na Igreja (BINGEMER, 2006, p. 10). O teólogo Antônio José de Almeida nos aponta que o termo *leigo* não se encontra nos escritos neotestamentários, aparecendo pela primeira vez na literatura cristã na Carta aos Coríntios (96-98 E.C.), de Clemente Romano. Mas tudo indica que o contexto em

---

<sup>39</sup> Em 05 de maio de 2018, o papa Francisco presidiu a Celebração em Ação de Graças pelos 50 anos do início do Caminho Neocatecumenal na diocese de Roma, de onde passou a se difundir pelos demais países da Europa e dos outros quatro continentes. Disponível em: <<http://www.cn.org.br/celebracao50anos>>. Acesso em: 06/07/2018.

que surge é uma forma de defender, utilizando-se de uma analogia do Antigo Testamento, a ordem dentro da Igreja, que tinha centradas nas atividades dos presbíteros-episcopos e diáconos as suas funções rituais. A atividade dos leigos e leigas na conversão de judeus e pagãos fazia de todo cristão um apóstolo (ALMEIDA, 2006, p. 29-31). De fato, até o século II, nos escritos dos padres apostólicos, era comum a menção aos leigos e leigas que colaboravam com eles em suas atividades pastorais. Deste modo, o entendimento geral é o de que a ordenação ou não era menos relevante frente à capacidade de ajudar as comunidades. Somente a partir do século III as atividades leigas serão restringidas paulatinamente, resultantes da tendência em tornar a pregação uma atividade reservada a alguns ministros particulares (ALMEIDA, 2006, p. 34-36). Mais do que isso, o professor de exegese do Novo Testamento da Universidade de Münster, Martin Ebner, traçou algumas das tendências paradigmáticas na evolução dos ministérios. Este autor aponta que Jesus funda a Igreja não por meio de uma determinada constituição, mas enquanto projeto social de senhorio de Deus.

Mais ainda: no projeto social “senhorio de Deus”, a criação de estruturas de governo sempre estará submetida à decisão do Povo de Deus, como verdadeiro soberano. Se “Igreja” se entender e se sentir comprometida nesse sentido, como tentativa sempre nova de concretização do senhorio de Deus, dentro do quadro referencial de Jesus, de sempre voltar a valer-se de maneira nova do palco de ação aberto por Deus, então pode-se dizer com toda a seriedade: ela leva adiante a intenção de Jesus (EBNER, 2012, p. 10).

Martin Ebner assinala que a postura paradoxal de se salvar uma concepção “comunitária e (não) ministerial, deixando-se avalizar canonicamente, e mesmo assim submeter-se a estruturas estabelecidas da Igreja Universal” já era presente nos círculos cristãos joaninos. Apostando em uma imediatez de Jesus, por meio “do Paráclito” (cf. Jo 14, 26; 16, 13-15)<sup>40</sup> que ensina todas as coisas concernentes a fé fundamental, dispensavam intermediários ou uma mão forte que garantisse a ortodoxia do ensino (cf. 1 Jo 2, 27)<sup>41</sup>. Essa tendência se torna o paradigma fundamental de uma comunidade sem ministério, mas cuja presença do Espírito de Cristo se mantém em tudo e para todos (EBNER, 2012, p. 43-44). Essa vivência cristã nos parece ter permanecido como tendência laical que acompanhou todos

---

<sup>40</sup> Evangelho de João 14, 26: “Mas o Paráclito, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará tudo e vos recordará tudo o que eu vos disse”. Evangelho de João 16, 13-15: “Quando vier o Espírito da Verdade, ele vos conduzirá à verdade plena, pois não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas futuras. Ele me glorificará porque receberá do que é meu e vos anunciará. Tudo o que o Pai tem é meu. Por isso vos disse: ele receberá do que é meu e vos anunciará”. In: Bíblia de Jerusalém. São Paulo. Paulus, 2003.

<sup>41</sup> Primeira Epístola de João 2, 27: “Quanto a vós, a unção que recebestes dele permanece em vós, e não tendes necessidade de que alguém vos ensine; mas como sua unção vos ensina tudo, e ela é verdadeira e não mentirosa, assim como ela vos ensinou, permanecei nele”. In: Bíblia de Jerusalém. São Paulo. Paulus, 2003.

os momentos da Igreja, dos quais podemos citar o monaquismo inaugurado por santo Antão nos desertos do Egito, em meados do terceiro século, um movimento fundamentalmente leigo que irá absorver quase que totalmente a dimensão carismática da Igreja, a partir do século IV (ALMEIDA, 2006, p. 49-50). As figuras de João Crisóstomo (350-407), que enfatiza a necessidade de um apostolado laical expresso numa vida exemplar, na evangelização e conforto aos irmãos, e Agostinho (354-430), cuja fidelidade ao Novo Testamento irá enfatizar o sacerdócio de todos os crentes são exemplos de um movimento pendular entre o engessamento dos ministérios ordenados e a espontaneidade de um sacerdócio comum a todos os crentes. Agostinho viveu “as contradições de uma eclesiologia progressivamente hierarcológica<sup>42</sup>”, no entanto procurará “superá-las em uma autêntica eclesiologia de comunhão e serviço” (ALMEIDA, 2006, p. 62-63).

A Idade Média, sobretudo no período que se estende entre os séculos XII e XIV foi um tempo de grandes viradas históricas, culturais e religiosas na Europa. Dentre os vários fatores de transformação se encontram as inovações técnicas, o desenvolvimento agrícola, despertar das cidades e a evolução da cultura e da arte que afeta tanto a economia quanto a religião. Tal ambiente possibilitou a ampliação no número de universidades, o que viabilizava a participação dos leigos nos vários embates do campo jurídico, ideológico e religioso, outrora monopólio de religiosos e clérigos. Embora os concílios da época insistissem na subordinação dos leigos, estes, agora com acesso à instrução religiosa, sobretudo nas classes de nobres e mercadores, são impelidos a buscar “uma espiritualidade de inspiração evangélica” com relativa autonomia em relação aos antigos “quadros monásticos e eclesiásticos” (ALMEIDA, 2006, p. 103-105).

Outro fator interessante e que caracterizou o homem medieval foi o crescimento entre os leigos do movimento de peregrinação aos lugares sagrados da cristandade, que fará de pouco em pouco a figura nova do peregrino, em busca de “libertação do mal e conversão a Deus” concorrer com outra tendência laical que era a figura do monge. Destacam-se tanto os leigos que se inserem nas ordens religiosas ou que formavam comunidades propriamente leigas, como também as ordens mendicantes, cujas bases entendemos como parte de um protesto em favor da vivência radical dos compromissos evangélicos, no âmbito das quais se destacou a figura de Francisco de Assis (1181/1182-1226), ordenado diácono muito para ter

---

<sup>42</sup> Em eclesiologia, o termo “hierarcologia” foi cunhado pelo cardeal Yves Congar para designar o processo pelo qual a ideia de poder eclesiástico veio a se constituir enquanto discurso acerca da hierarquia eclesiástica (CALIMAN, 2011, p. 1050).

maior liberdade de pregar. Nesse interim, torna-se crescente o sentimento de que os leigos poderiam ser tão cristãos quantos os clérigos e religiosos, através da assunção de um estilo de vida apostólico semelhante ou inspirado no vivido na Igreja primitiva. Entre os séculos XII e XIV surgem também vozes, no todo ou em partes, dissonantes em relação ao ensino tradicional da Igreja tais como o catarismo<sup>43</sup> do final do século XII no Languedoque, território ao Sul da França, e os valdenses<sup>44</sup> da cidade de Lião, também no século XII. O empenho caritativo fruto de um sincero compromisso de uma vida coerente com a fé, levou os leigos a organizarem e construir asilos, abrigos e hospitais (ALMEIDA, 2006, p. 105-110).

O entendimento de uma autoridade oriunda do “Povo de Deus” para governar a Igreja, ao passo que remonta ao protagonismo legitimador do leigo no processo de desenvolvimento da Igreja e consequente evolução dos ministérios que se materializou em diferentes etapas com tendências variadas de institucionalização, monopolização, profissionalização, sacerdotalização e hierarquização (EBNER, 2012), reaparece de tempos em tempos na história da Igreja. Exemplo disso foi o amadurecimento de uma espiritualidade laical que propunha a santificação dos indivíduos no mundo. Esse movimento se encontra bem expresso no início do século XIV, através de figuras como Marcílio de Pádua (1275/1280-1342/1343) e Guilherme de Ockham (1295/1300-1350). Marcílio de Pádua elaborou, em 1324, uma doutrina do estado que se coadunava com as teorias da *Política* aristotélica, mas em contraposição ao aristotelismo cristianizado de Tomás de Aquino (1225-1274). Marcílio tinha em vista um Estado cujo poder decisivo de legislar emanava da comunidade, por meio de eleições. As leis, enquanto normas positivas que legavam as *leges Divinae* a mero dever de consciência objetivavam a melhor da vida terrena e não ultraterrena, como ensinava o pensamento corrente na Idade Média cristã. Marcílio de Pádua, em sua polêmica contra o centralismo da cúria romana, fazia uma clara distinção entre hierarquia eclesiástica e a *ecclesia fidelum*, identificando esta última com a sociedade civil, enquanto comunidade dos crentes. Deste modo lega à hierarquia da Igreja a uma função técnica de serviço dos vários Estados,

---

<sup>43</sup> Ensinaamentos de cunho dualista que diferiam radicalmente da doutrina católica oficial. O cerne de seu corpo doutrinário era a existência de dois reinos opostos: o reino de Deus, que seria invisível e luminoso, onde somente o bem existia e o reino do Diabo, material e visível. Disponível em: <<https://maniadehistoria.wordpress.com/historia-dos-cataros/>>. Acesso em: 02/12/2018.

<sup>44</sup> Os valdenses têm por fundador Pedro Valdo, que no fim do século XII começou a pregar o Evangelho na França, juntamente com companheiros chamados “os pobres de Lião”. Apregoavam a pobreza, mas careciam do devido preparo para pregar o Evangelho. Tendo resistido a admoestação do Bispo de Lião, foram excomungados. Tornaram-se aos poucos uma corrente herética, que acabou desligando-se da Igreja Católica. No século XVI aderiram à Reforma calvinista. Hoje em dia são um ramo do protestantismo existente na Itália. Disponível em: <<http://www.veritatis.com.br/os-valdenses-quem-sao/>>. Acesso em: 02/12/2018.

rompendo com a figura do papado enquanto *universalis episcopatus*, mas para evitar a desagregação da cristandade, propôs o modelo de concílio ecumênico, garantidor da universalidade da fé (ALMEIDA, 2006, p. 144-145).

Guilherme de Ockham, por sua vez afirmou não haver necessidade de dois poderes supremos, dando a preferência ao poder imperial posto que anterior ao poder papal. Ockham negou também a origem divina do poder do papa, rejeitando ainda a visão de que Pedro tinha sua primazia baseada em uma instituição do próprio Jesus e que o mesmo nunca fora bispo de Roma. Para ele, Pedro teve primazia dentre os apóstolos concedido pelos próprios apóstolos, o que de toda maneira não lhe concedia nenhum poder especial, haja vista a ideia primária de que todos os cristãos eram sacerdotes investidos do mesmo poder. O que garante a pureza da fé para Guilherme de Ockham é o critério de antiguidade expresso na continuidade histórica (ALMEIDA, 2006, p. 145-147). A segunda metade do século XIV viu o surgimento de um tipo de espiritualidade que visava à santificação no mundo e das próprias atividades seculares cotidianas, por meio de um movimento de retorno às origens evangélicas. A chamada *Devotio moderna* tem na obra *Imitação de Cristo*, atribuída a Tomás de Kempis, o modelo de espiritualidade profundamente individual que guiará várias gerações através do apelo à educação religiosa e reforma da vida cristã. Como exemplo de apostolado dos leigos, temos nesse período os *irmãos da via comum* cuja vida ortodoxa disciplinada se inspira na comunidade primitiva e nos conselhos evangélicos. A *Devotio moderna* acabou inspirando não só a Reforma como também o itinerário espiritual de homens como Erasmo de Roterdã (1466/1467-1536) e Inácio de Loyola (1491-1556). Esse rebuscar na tradição da Igreja antiga a sua pureza originária que motivou os reformadores tem suas origens no ideal de retorno ao passado clássico, o que era de alguma forma uma inquietação típica do humanismo renascentista (ALMEIDA, 2006, p. 168). Em consonância com espírito do Renascimento que se iniciou na Itália e que rápido se irradiou pelo continente europeu, era comum a busca por redescobrir a Antiguidade Clássica latina, bem como grega e hebraica. “A ideia principal dessas novas práticas era facilitar a volta às ‘fontes’, com base no princípio de que a informação, como a água, era tanto mais pura quanto mais perto chegava da nascente”. (BURKE, 2002, p.180). No entanto ressalta-se o fato de que “Nada é puro na humana caminhada histórica, nem se escapa ao risco de se idealizar a própria Igreja primitiva” (ALMEIDA, 2006, p. 168).

Dois momentos, porém, parecem ter se apresentado como refratários à atividade dos leigos na Igreja. O primeiro remonta às polêmicas da contrarreforma, nos séculos XVI e XVII, onde a Igreja Católica Romana, em oposição ao protestantismo, afirmava uma

concepção de Igreja dionisiana<sup>45</sup> “que acentua a superioridade do clero sobre o povo” (ALMEIDA, 2006, p. 190-191).

Os decretos dogmáticos do Concílio de Trento enfatizam a dignidade altíssima e a separação do sacerdote em relação ao mundo e aos leigos. Na verdade, reagem – até certo ponto, compreensivelmente – à teologia niilista da Reforma em relação aos ministérios. O seminário concebido como um *seminarium*, melhor, uma estufa para proteger as plantinhas em seu lento, gradual e seguro desenvolvimento. O “uniforme” eclesiástico, a língua teológica e litúrgica, a cultura enquanto forma de vida e enquanto formação intelectual, tudo separa o padre do povo. A casa canônica – onde nem a mãe do padre, enquanto mulher é bem-vinda -, o espaço reservado ao presbitério, a oração eucarística pronunciada *sottovoce*, a ênfase no papel de juiz exercido pelo padre no “tribunal” da confissão retratam o modelo “sacerdotal” (esta é a palavra!) concebido sobre a pauta das hierarquias angélicas devassadas pelo pseudo-Dionísio. Nesta concepção hierarcológica, cada grau recebe do alto e transmite aos graus inferiores a iluminação divina. O grau sacerdotal é o único a ter acesso à fonte divina e, por isso, é indispensável e infinitamente superior à planície em que se agita o inferior estado laical! (ALMEIDA, 2006, p. 190).

Em oposição à ruptura de Lutero em relação à ideia de um sacramento da Ordem, que se expressava no reformador como afirmação do sacerdócio comum de todos os crentes, o Concílio de Trento afirmava a soberania dos Bispos em relação à vontade popular.

Se alguém disser que os bispos não são superiores aos presbíteros; ou que não têm poder de crismar e ordenar ou que o [poder] que têm lhes é comum com os presbíteros; ou que as ordens que eles conferem sem o consentimento do povo ou do poder secular são nulas; ou [ainda] que aqueles que não são nem ordenados pelo poder eclesiástico e canônico nem por eles enviados, mas vêm de outra parte, são legítimos ministros da palavra de Deus e dos sacramentos — *seja excomungado* (CONCÍLIO DE TRENTO, 1543-1563, sessão XXIII, 967).

Ainda assim foi notório o protagonismo desenvolvido pelos institutos religiosos, em linha com a postura da Reforma católica de abraçar o serviço, levando educação aos pobres, elevando-lhes os costumes e evangelizando as áreas distantes da cidade. A classe mais abastada, por sua vez, foi mobilizada pela Igreja a se empenhar nas obras caritativas, nas quais se destacou a figura de Vicente de Paulo (1581-1660), dentre outros (ALMEIDA, 2006, p. 192-193). A despeito do esforço tridentino em manter uma estrutura estável dentro dos muros da Igreja Católica Apostólica Romana, do lado de fora continuavam a soar cada vez

---

<sup>45</sup> Segundo os escritos do pseudo-Dionísio Areopagita (séc. IV-V), a hierarquia eclesiástica era disposta em três ordens: 1) constituído pelos mistérios: batismo, eucaristia, ordem sagrada; 2) o bispo, o sacerdote, o diácono; 3) catecúmenos, possesores e penitentes, isto é, os que são conduzidos à graça divina pelos administradores dos mistérios. Disponível em: <<https://historiadaigreja-com.webnode.com/a/areopagita-pseudo-dionisio-sec-iv-v/>>. Acesso em: 08/012/2018.

mais forte as vozes iluministas, sempre de prontidão na tarefa de questionar a piedade popular. Mesmo dentro do ambiente católico esse espírito crítico se manifesta, a exemplo de Ludovico Antonio Muratori (1672-1750), cujo opúsculo *Della regolata devozione dei cristiani* combate o número excessivo de feriados religiosos, de procissões, de peregrinações, de indulgências e das imagens nas igrejas, na tentativa de reconduzir o culto, a eclesiologia e a liturgia a um estado mais puro. Nesse sentido, o último reduto de expressividade laical começa a ser alvo de críticas, o que não deixa de suscitar reações violentas de um povo até mesmo cansado de reformas (ALMEIDA, 2006, p. 196-197).

O segundo momento de refração da participação dos leigos na Igreja inaugura-se com a dinâmica histórica da modernidade, fase esta onde, na medida em que ocorrem rupturas proporcionadas pelas revoluções, o sujeito sob o ideário iluminista de manifesto interesse em expurgar da vida social “as trevas do desconhecido” busca cada vez mais confrontar criticamente toda crença. Além disso, se esforça por organizar os instrumentos do conhecimento, sistematizando-o, para a sua própria autocorreção, uma vez que o bom uso dessa razão instrumentalizada viabilizaria a melhoria da vida individual e coletiva, na forma de uma confiança otimista no progresso. Como consequência, o sujeito moderno será cada vez mais configurado como um deísta, circunscrevendo a religião aos limites da razão pura, crítico em relação às religiões reveladas, ao dogmatismo e institucionalismo presentes nelas, bem como se tornará cada vez mais averso à intransigência religiosa em afirmar uma dada verdade absoluta, portanto, um sujeito tolerante (ALMEIDA, 2006, p. 208).

#### Segundo João Décio Passos

O sujeito moderno, filho maduro e rebelde do cristianismo, tornou-se um inimigo que ameaçava não somente a estrutura clerical fortemente institucionalizada sobre uma ordem desigual, mas também a própria compreensão moral do ser humano como filho dependente da Igreja a quem entregava sua consciência e seu destino na dura moral do dever e na esperança da salvação final (PASSOS, 2014, p. 110-111).

Esse sujeito autônomo, leigo, não se opõe mais à figura do clérigo dentro das instâncias de uma instituição religiosa, a oposição passa a ser no interior da própria sociedade, que não é reconhecida mais como uma sociedade religiosa. O laicismo proclama a autossuficiência da razão, manifestada na forma de racionalismo, imanentismo, humanismo absoluto e cujos sentimentos e ressentimentos transpareciam na forma de anticlericalismo. O leigo não mais será visto como uma figura menor, a partir de então será totalmente autônoma em relação ao corpo da Igreja (ALMEIDA, 2006, p. 211).



Somente após a Restauração do Antigo Regime, no início do século XIX, na França, cresce a participação dos leigos na vida da Igreja. A maioria estava empenhada em combater apologeticamente as críticas anticlericais, outros se ocuparam no desenvolvimento de trabalhos pastorais novos, como as visitas domiciliares e as missões populares urbanas (ALMEIDA, 2006, p. 219-221). Nos filões católicos não se pode desprezar certos esforços por estabelecer o diálogo entre a Igreja e o mundo moderno, adequando o discurso religioso a uma linguagem mais aberta e dialogal diante das mudanças culturais.

Para isso contribuíram, dentro do clero, homens como Vicente Pallotti (1795-1850) e outros, e, no laicato, cristãos como Mario Fani e Giovanni Acquaderni, que, em 1867, dão vida à Sociedade da Juventude Católica Italiana, considerada o primeiro núcleo de Ação católica, adotando como programa o tripé “oração, ação e sacrifício”. Trata-se, na verdade, de “uma tomada de consciência das mudadas condições da sociedade, da necessidade de retomar o diálogo entre Igreja e mundo, de usar um estilo mais adequado e uma linguagem mais compreensível nas relações entre ciência e fé, sem esquecer a diminuição do número de clérigos e de religiosos” (ALMEIDA, 2006, p. 224).

Ao logo do século XIX, iniciou-se o processo de gestação da doutrina social da Igreja. De algum modo os problemas suscitados pela nova ordem social instalada após a Revolução Francesa requereu ações no sentido de sanar o problema social. Sendo assim, despontam no seio do catolicismo três correntes: A corrente chamada romântica, que se inspira no passado, procurando nele os fundamentos das estruturas políticas e sociais, adotando posturas que iam do conservadorismo ao tradicionalismo, perfazendo esse grupo quase que a maioria dos pensadores católicos da época; os católicos liberais, que pretenderam estabelecer correlações entre a Revolução Francesa e os elementos e ideários do cristianismo, sobretudo em relação à ideia de liberdade, que buscaram aplicar à vida política, mas que criticavam como abusiva do ponto de vista econômico; por fim, a corrente socialista cristã, que aceitava entusiasticamente o regime republicano e os princípios da Revolução Francesa, propondo a realização social dos imperativos do Evangelho. Essa corrente se notabilizou pela preocupação com a salvação da sociedade e não tanto com a salvação das almas individuais, a que acusava de certa proximidade com o egoísmo (ALMEIDA, 2006, p. 229-233). Desnecessário dizer que modulações dessas correntes em certa medida sobreviveram ao tempo e continuam ativas no multifacetado universo do catolicismo contemporâneo, bastando que se citem as teologias de libertação e os movimentos tradicionalistas contrários às novas propostas oriundas do Vaticano II.

Para ilustrar a situação do leigo no século XIX, Antônio José de Almeida usa as impressões do político francês Marcel Barbu (1907-1984), que via no laicato o “proletariado

da Igreja”, cuja situação, ainda que ativa, era marginal e ainda assim legitimada pelos mesmos. John Henry Newman<sup>46</sup> (1801-1890), porém, reconhecia que esse proletariado leigo tinha sido decisivo para resguardar a fé contra a heresia ariana, no tempo da Igreja antiga e que deveria ser aproveitado no sentido de tornarem-se o elo de “ligação entre o mundo secular e o mundo da fé. Homens como ele enxergam mais fundo no presente, porque veem mais longe no passado” (ALMEIDA, 2006, p. 242-243). Visionário que era, percebeu como ninguém a política deliberada de afastar os leigos da vida participativa na Igreja, o que nas classes que tinham acesso à educação redundava em indiferentismo religioso e nas menos abastadas a superstição. Newman influenciou outros teólogos a valorizar o laicato no sentido de conservar e desenvolver a doutrina cristã, o que vai futuramente influenciar até mesmo o magistério papal.

Newman, em seu pragmatismo anglo-saxônico, faz do Movimento de Oxford um espaço de reflexão e de aprofundamento eclesiológicos únicos, demonstra a importância da participação dos leigos na defesa da divindade de Cristo na Igreja antiga, mostra a coerência com que se dá o desenvolvimento da doutrina, posicionando-se contra a definição da infalibilidade pontifícia pelo Vaticano I (1869-1870). As sementes estão lançadas (ALMEIDA, 2006, p. 249).

João Décio Passos afirma que, no contexto das revoluções modernas, os sujeitos passam a exercer autonomia, ainda que sem o aval da Igreja. As novas formas de trabalho, de vida social e participação política incluíam em suas ofertas, ainda que de modo socialmente diferenciado, crentes e não crentes.

A autonomia produtiva, a possibilidade de exercitar politicamente a autonomia individual no âmbito de uma sociedade culturalmente diferenciada, instaura, agora, um imaginário coletivo que expurga gradativamente as concepções e os mecanismos que neguem a liberdade e a igualdade dos indivíduos (PASSOS, 2015, p. 131).

Alguns passos significativos foram dados pela Ação Católica, cuja simpatia que gozava por parte dos papas Pio XI e Pio XII (1876-1958), fez com que se constituísse em um movimento de renovação que impactou diversos campos, seja da sociedade, cultura ou espiritualidade cristã. A Ação Católica se notabilizou pela sua lealdade à Igreja, empenho intelectual, com o propósito de responder às “hostilidades do mundo moderno”, o seu

---

<sup>46</sup> Cardeal inglês, convertido do Anglicanismo, é considerado uma referência da vida eclesial no século XIX. Foi beatificado por Bento XVI em 2010. No dia 13 de fevereiro de 2019, o papa Francisco aprovou a publicação do decreto que abre caminho à sua canonização. Disponível em: <<https://www.agencia.ecclesia.pt/portal/vaticano-beato-john-henry-newman-vai-ser-canonizado/>>. Acesso em: 13/02/2019.

testemunho de vida cristã e as ações caritativas (ALMEIDA, 2006, p. 257). Dentre os diversos segmentos da Ação Católica nota-se a abertura de “caminhos para o diálogo crítico e criativo dos cristãos com a sociedade moderna. Em sintonia com a práxis e a reflexão modernas, a teologia repensa a relação da Igreja com o mundo” (PASSOS, 2015, p. 136).

O leigo vai com isso superando, no intermédio entre o Vaticano I e o Vaticano II, as características de elemento acessório, passando a se compreender enquanto constituinte da organicidade da própria Igreja.

O sacerdócio comum dos fiéis e o sacerdócio ministerial ou hierárquico, embora se diferenciem essencialmente e não apenas em grau, ordenam-se mutuamente um ao outro; pois um e outro participam, a seu modo, do único sacerdócio de Cristo (16). Com efeito, o sacerdote ministerial, pelo seu poder sagrado, forma e conduz o povo sacerdotal, realiza o sacrifício eucarístico fazendo as vezes de Cristo e oferece-o a Deus em nome de todo o povo; os fiéis, por sua parte, concorrem para a oblação da Eucaristia em virtude do seu sacerdócio real (17), que eles exercem na recepção dos sacramentos, na oração e acção de graças, no testemunho da santidade de vida, na abnegação e na caridade operosa (LUMEN GENTIUM, 1964, Art.10).

A participação do laicato na Igreja muda substancialmente após o Vaticano II, uma vez que se adota a prática e a concepção de Igreja “povo de Deus”, em que se buscam nos depósitos da tradição os elementos que apontem para “a centralidade do ser humano no mundo” (PASSOS, 2015, p. 138-139).

A tradição judaico-cristã foi uma fonte importante dessa construção e interpretação, de onde se arranca um longo processo de racionalização que conduz o ser humano para uma crescente autonomia e domínio do mundo e de si mesmo. O Vaticano II pode ser entendido como o resultado tardio desse processo, quando a Igreja assimila a tarefa social e política no mundo moderno (mediante a ação consciente dos cristãos), bem como assimila em seu próprio corpo um sujeito coletivo fundamental (o povo de Deus) e afirma a legítima autonomia e a necessária ação de cada cristão na missão da Igreja no mundo moderno (PASSOS, 2015, p. 139-140).

Na busca por sentido existencial, os sujeitos no contexto atual já não se contentam com apenas assistirem o desenrolar da história, mas buscam dirigir o curso dela. A própria formulação teológica da “noção de povo de Deus” nos documentos conciliares sinaliza para esse fato, uma vez que “sintetiza o projeto de sujeito livre” que, ao trazer a sua própria bagagem bíblica e histórica, encarna a missão de agir no âmbito do mundo e da Igreja (PASSOS, 2015, p. 114).

[...] a práxis do sujeito moderno entrou na Igreja por meio dos leigos; entrou lentamente, por esses sujeitos cristãos que, na verdade, estavam posicionados fora do corpo oficial da Igreja definida como hierarquia. E por meio do laicato, a Igreja pode recolocar-se perante o mundo moderno que

havia rejeitado como equivocado e retirado de sua agenda positiva: como realidade que pudesse ser teologizada. O leigo, considerado o braço da hierarquia no mundo, tornou-se gradativamente membro efetivo da Igreja e, por conseguinte, sujeito de direitos e deveres. Por meio dos leigos, a Igreja se reposicionou perante o mundo do ponto de vista hermenêutico e prático, e refez a compreensão de si mesma como povo de Deus e servidora do mundo (PASSOS, 2015, p. 115).

Compete-nos apontar que o experimento neocatecumenal, por assim dizer, iniciado após a conversão de Kiko Arguello e que brotou da vivência religiosa junto aos pobres é anterior ao encerramento do Concílio Vaticano II e fez coro com outros sujeitos que “prepararam por décadas, em muitos aspectos, os caminhos do diálogo da Igreja com a sociedade moderna” (PASSOS, 2014, p. 143).

## **2.2. Processo Formativo do Caminho Neocatecumenal**

Inserido nessa conjuntura de reação da Igreja aos desafios do mundo moderno e na busca por aprofundar a sua experiência, Kiko se colocou a serviço da catequese, se aproximando da realidade precária da vida marcada pelas disparidades e injustiças sociais. Nesse contexto, iniciou-se uma segunda etapa da experiência religiosa de Kiko Arguello, o momento em que se convenceu de que Cristo estava “presente no sofrimento dos inocentes”, o que o levou a uma virada copernicana de pintor premiado a morador da favela de Palomeras Altas, subúrbio de Madri, em 1964, onde em meio aos ciganos principiou sua síntese catequética, tal como definiu: “Eu acreditava que eles eram Jesus Cristo” (ARGUELLO, 2013, p. 37). Sobre essa “presença que torna possível a justificação última da criação e, assim a reconciliação entre o poder e a bondade do Criador”, Peter Berger comenta que: “A descoberta de Cristo implica a descoberta da presença redentora de Deus dentro da angústia da experiência humana. Deus agora é percebido não só em terrível confrontação com o mundo do homem, mas presente dentro dele como amor sofredor” (BERGER, 2018, p. 14). A sua experiência religiosa se desenrola em um contexto de crise da metafísica, e isso nos oferece algumas pistas de como essa experiência se dará, uma vez que o valor da mesma é sempre um valor para si.

O processo de conversão de Kiko Arguello, podendo ser lido como se originando em um contexto de pós-modernidade<sup>47</sup>, aponta para a crise de plausibilidade enfrentada pela

---

<sup>47</sup> O *slogan* pós-moderno surge com o filósofo francês Jean-Francois Lyotard, a partir de sua obra *La condition postmoderne*. Para ele, a pós-modernidade é perceptível após o processo de transformações que ocorreu nas

religião, como também para a incapacidade das assim chamadas por Peter Berger “soteriologias secularizadas” de oferecer um quadro abrangente de legitimação, sobretudo ao sofrimento do homem moderno (BERGER, 2013, p. 137). Por um lado o iluminismo colocou em dúvida a plausibilidade das legitimações religiosas da realidade, de outro mostrou-se incapaz de cumprir suas promessas de bem-estar.

Desde o último terço do século XX tornou-se lugar comum falar da “crise da modernidade”. Com essa expressão procura-se sinalizar o mal-estar generalizado que experimenta o homem comum (por exemplo, na desorientação e nas incertezas perante os valores) em relação ao sistema econômico e ao espaço político. Estes se tornaram incapazes de solucionar as enormes diferenças entre o chamado primeiro mundo e o restante das nações, entre a grande massa dos excluídos e as pequenas elites que monopolizam o poder político e econômico. Isso tem levado a questionar os “grandes discursos” ou “metarrelatos” sobre os quais se ergueu a modernidade (progresso, primazia da razão, universalismo etc.), assim como seu otimismo emancipatório herdado do Iluminismo (ZEPEDA, 2010, p. 134).

Segundo nos aponta o filósofo alemão Martin Heidegger, ao comentar a sentença nietzschiana “Deus está morto”, indica que com isso ele quis dizer que “o mundo suprasensível está sem força de atuação. Ele não fomenta mais vida alguma”. Deus, ou seja, o plano metafísico da filosofia ocidental, segundo Heidegger, não é mais o fundamento das ideias diante do qual os homens se apoiam (HEIDEGGER, 2003, p. 478-479). Diante disso aos homens é lançado o desafio cognitivo de reavaliar as suas convicções frente à realidade de que na sociedade contemporânea que Deus não é mais a meta para a qual se encaminha o curso da história. Contudo, segundo reflete o filósofo britânico Terry Eagleton, em seu livro *A Morte de Deus na Cultura* (2016), a humanidade não é somente culpada de deicídio como também pela tentativa de ocultar o cadáver através da hipocrisia. Isso se dá em decorrência do fato de que as modernas sociedades seculares descartaram Deus, mas ainda mantêm-no, por conveniência, aparentemente vivo, por meio da moral. Substituindo-o, num ato de má-fé pelo “progresso histórico” (EAGLETON, 2016, p. 146). Nesse mesmo ponto de vista reflete Heidegger.

A meta no além metamorfoseia-se na felicidade terrena dos muitos. Os serviços do culto à religião é dissolvido através do entusiasmo pela criação de uma cultura ou pela extensão da civilização. O elemento criador, outrora o próprio ao Deus bíblico (*sic*), transforma-se em caráter distintivo do agir

humano. Sua atividade criadora é derradeiramente transposta para o seio dos negócios (HEIDEGGER, 2003, p. 482).

Terry Eagleton, em resumo, assinala que o papel de Nietzsche é o de desmascarar a falsa religiosidade do ambiente secular, que presume poder descartar Deus sem acabar com as concepções de verdade, virtude, e o senso de história como algo coerente presentes nos seus substitutos seculares. Pensando no exemplo e contexto espanhol, no qual o pintor espanhol cresceu, é bastante paradigmática a permanência de um ideal de “regeneração nacional” defendido pelo ditador Francisco Franco (1892-1975) com amplo apoio da Igreja, podendo bem ser encarado como encarnação histórica da má-fé, naquilo que as “civilizações fazem e o que alegam fazer”. “Deus é um fator ideológico por demais vital para ser descartado, muito embora seja tornado cada vez menos plausível pelas atividades profanas dessas sociedades” (EAGLETON, 2016, p. 146). Isso fica bastante evidenciado, no contexto da Espanha franquista, pelo papel desempenhado até mesmo pelas canções da Falange Espanhola, que se voltava à necessidade de “ser a válvula de escape para pregar uma fé, uma ilusão e uma esperança; fé em Deus, na Espanha e em nós mesmos, ilusão na tarefa de servir a Deus, a Pátria e a Justiça; esperança em um futuro mais digno e mais justo para o povo espanhol” (CELAYA apud WITTMANN, 2010, p. 80). A nós parece que todos os horrores estabelecidos pelos eventos de Guernica<sup>48</sup> e Auschwitz<sup>49</sup> enquanto crise de plausibilidade criou no jovem Arguello uma demanda por uma revelação. Tais exemplos de sofrimento são utilizados por Kiko Arguello como modelo descritivo da precariedade vivida pela comunidade de Palomeras Altas da seguinte forma:

Encontrei-me com um sofrimento humano assombroso, uma espécie de Auschwitz. Dizem que depois de Auschwitz já não é mais possível acreditar em Deus... Bem, não obstante, encontrei ali uma resposta surpreendente, encontrei-me com o mistério de Cristo crucificado. Compreendi que há uma presença de Cristo nos que sofrem, sobretudo no sofrimento dos inocentes. Há pessoas que são inocentes e estão carregando o pecado dos outros, como o pecado horrível de um alcoólatra, de um outro que bate na mãe, do sofrimento de um filho anormal, do incesto etc (ARGUELLO, 2013, p. 32-33).

---

<sup>48</sup> O Bombardeio de Guernica em 26 de abril de 1937 foi um ataque aéreo por aviões alemães da Legião Condor durante a Guerra Civil Espanhola no País Basco. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/guernica-de-pablo-picasso/>>. Acesso em 20/06/2018.

<sup>49</sup> Auschwitz foi criado próximo a Cracóvia, na Polônia, sendo o maior complexo de campos de prisioneiros estabelecido pelos nazistas durante a 2ª Guerra Mundial. Nele se localizavam um campo de concentração, um de extermínio, e outro de trabalho escravo. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/campo-de-auschwitz/>>. Acesso em: 20/06/2018.

No experimento catequético de Kiko Arguello encontramos um elemento interessante que vai nortear a maneira como o Caminho Neocatecumenal, enquanto via de iniciação, irá se processar. Ao relatar sua vida familiar, ele nos aponta para o fato de que é filho de pais católicos relativamente assíduos nas missas, mas cujo testemunho cristão nesse âmbito não havia sido suficiente, levando-o rapidamente à descrença. A certa altura comenta também que as catequese recebidas no colégio não satisfaziam (ARGUELLO, 2013, p. 20), tal fato na sua biografia aponta para uma grande dificuldade enfrentada pela Igreja, que era a de passar do antigo modelo de catequese que priorizava o conteúdo doutrinal para uma dimensão catequética mais iniciática. Em seu livro *Deus em Busca do Homem*, o rabino Abraham Joshua Heschel<sup>50</sup> parece nos apontar exatamente para tal questão ao afirmar que:

Quando a fé é substituída pela profissão de fé, a adoração pela disciplina, o amor pelo hábito; quando a crise de hoje é ignorada por causa do esplendor do passado, a fé se torna mais propriamente uma herança tradicional do que uma fonte de vida; quando a religião fala mais pela autoridade do que pela voz da compaixão, sua mensagem torna-se sem significado (HESCHEL, 1975, p. 16).

A psicóloga junguiana e mestre em Ciências da Religião, Maria da Glória Hazan, ao elaborar uma excelente exposição da filosofia judaica de Abraham Heschel, sublinha a crítica hescheliana à teologia conceitual que estuda as ideias de fé separada dos momentos de fé, de onde a atitude reverente encaminha o indivíduo em direção da experiência que não pode ser resumida em um conceito. Essa ideia estaria em consonância com o fato de que, para Heschel os gregos aprendiam com a finalidade de compreender. Os hebreus, por sua vez, aprendiam a fim de venerar, ou melhor, reverenciar (HESCHEL, 1975, p. 53). Se a instituição católica, agora entendida como povo de Deus, quiser se fazer ainda relevante no mundo atual não pode tratar do *Sagrado* enquanto mera conceptualização, mas como algo que toca os sujeitos em suas intenções essenciais, que vá ao encontro da situação concreta do homem no mundo. Para tanto, no contexto pós-conciliar, procurou-se reafirmar o modelo mistagógico usado pelos cristãos primitivos como capaz de conduzir “o neófito mais e mais na descoberta de Jesus

---

<sup>50</sup> Durante a segunda metade dos anos de 1960, Heschel realizou uma importante empreitada em relação ao que acreditava ser a ética religiosa. A convite do Comitê Judaico Americano, ele foi a Roma e se envolveu com o Concílio Vaticano II, que tratava, entre outras questões, das relações do Vaticano com as religiões não católicas. Encontrou-se com o papa Paulo VI várias vezes, posicionando-se claramente em momentos em que tinha a impressão de que o Concílio estava enfraquecendo suas declarações no que dizia respeito aos judeus. O papa Paulo VI, em visita feita pelo casal Heschel ao Vaticano, em 1970, elogiou os escritos do autor, dizendo que eram muito espirituais e muito bonitos e que os católicos deveriam lê-los. O papa disse também que sabia do impacto que os livros de Heschel tinha sobre os jovens e que, portanto, era uma bênção que ele continuasse a escrever. A relação contruída com o vaticano desagradava imensamente a grande parte da ortodoxia judaica, mas Heschel insistiu na viabilidade desse diálogo (HAZAN, 2008, p. 15-16).

Cristo, seu Evangelho e sua Igreja”. Penetrar no *mistério*<sup>51</sup> é aprofundar no significado dos sacramentos de forma existencial e não meramente intelectual (LIMA, 2016, p. 261-262). Glória Hazan assevera que “no ato de santificar a vida estabelecemos uma relação também com o Criador, uma relação de alegria. Esta advém como fruto da revelação divina, chave capaz de abrir o coração à compaixão e, por vezes, desígnio e significado derradeiro de toda uma existência” (HAZAN, 2008, p. 29). Essa perspectiva se ilustra bem na seguinte anotação do diário de Kiko Arguello:

Bendito sejas Tu, Senhor, santo e imaculado, compassivo, cheio de doçura e bondade, misericordioso, infinitamente misericordioso, três vezes santo. Pai, Pai nosso celeste, que teu nome seja santificado através de tua Igreja santa. Dá-me que o *zelo* por tua casa me devore, que faça de mim um inocente, um pequeno, um pobre: somente Tu em mim. Que o amor por tua Igreja, o zelo por tua casa, me devorem, que com seu fogo façam arder em mim toda avareza, toda posse, que me façam inocente, que me concedam a *inocência*. Nada de inocente há em mim sem teu Espírito Santo, sem o fogo do teu amor que me devora, que me faz amar a tua Igreja: ela Te dá glória. Teu Espírito me abrasa, me dá o zelo por tua casa, que me faz pequeno, pobre, inocente. Purificando a fonte do meu eu, que, feito pequeno, posso oferecer minha vida como uma liturgia: meus atos serão puros. Sem inocência não há *pureza ritual*. Todos os atos da minha história são uma liturgia de santidade; as sagradas Escrituras são seu ritual. Zelo, inocência, pureza. Que a pureza ritual vá acompanhada da verdadeira temperança, do *domínio de si*, para que minhas libações não sejam feitas na mesa de Afrodite, nem sacrifiquem no altar de tantos ídolos. Dá-me, oh Senhor, força, coragem, zelo, amor à tua Igreja, inocência, pureza de coração, domínio de mim, *santidade* e, sobretudo, *humildade*! Sem a humildade de coração de teu Filho não há nada. Mansidão, humildade de coração, olhos fixos em Jesus crucificado. Só a humildade de Cristo me tem consolado verdadeiramente. Quantas vezes nela encontrei consolo e repouso. Oh santa humildade de Cristo! Reveste-me de Ti. És tu o altar do meu holocausto, do meu sacerdócio, da pequena liturgia que devo officiar cada dia.

*Teu Espírito  
que me dá zelo por tua casa  
que me devora  
e queima a impureza da minha intenção,  
e me faz inocente,  
pequeno, pobre.  
Faz com que meu sacrifício de louvor*

---

<sup>51</sup> Na linguagem profana do helenismo certamente o termo significava antes de mais nada as celebrações rituais de vários cultos que prometiam a salvação através da iniciação ao destino dos seus deuses (míticos). Os cristãos, porém, devido à sua decidida oposição aos usos e costumes pagãos, não o retiraram dali, porém da LXX, do texto grego da Sagrada Escritura, da linguagem da apocalíptica e principalmente do judaísmo contemporâneo. Aí ele significava um “arcano escatológico, a pregação velada dos eventos futuros estabelecidos por Deus”. Voltando a vincular-se a tal sentido e desenvolvendo-o, ‘mysterion’ passa depois a significar no NT “o desígnio (ou plano) oculto de Deus, só manifestado mediante a revelação e destinado a ser realizado no fim... O ‘mysterion de Deus’ é, pois, definitivamente, o próprio Jesus como Messias”, “uma história preparada na esfera de Deus e levada a seu cumprimento” (NEUNHEUSER, 1992, p. 757).



*seja puro  
e me ajuda a ser vigilante,  
a ter domínio de mim mesmo,  
dando-me a humildade,  
a santa humildade,  
onde Tu estás  
e a paz de teu amor  
e o repouso.*

Não há humildade sem *temor*, temor ao pecado, temor de pecar mortalmente, de cair no terrível abismo. Temor, “santo temor”, um dom de teu Espírito, que nos leva a levantar os olhos para Ti, a rezar, que nos leva ao dom da *piedade*, de amar-te, de querer-te, de crescer no *Espírito Santo*, de ser revestidos do dom da *profecia*. O Batismo nos torna profetas. Zelo, inocência, pureza, temperança, humildade, temor, piedade, profecia, ardor, amor, martírio.

Carisma profético! Quão necessário és para a Igreja. Não existe verdadeira catequese que não seja profecia. Evangelizar é profetizar. Formar catequistas é fazê-los percorrer este itinerário (zelo – inocência – pureza ritual – domínio de si – humildade – temor – piedade – Espírito – profecia)<sup>52</sup>, é ajuda-los a serem profetas, é fazê-los descer os degraus do Batismo que nos torna reis, profetas e sacerdotes. Para tua maior glória. Amém. Pieve di Cadore, 30 de julho de 1990 (ARGUELLO, 2017, p. 41-43, grifos do autor).

Após o Vaticano II crescerá o interesse pela restauração do catecumenato dentro de uma perspectiva mistagógica e iniciático-pedagógica (LIMA Luiz, 2015, p. 89).

Assim afirmamos que *mistagogia* ou *catequese mistagógica* está muito unida a tudo aquilo que é litúrgico, celebrativo, orante, contemplativo, e daí alargamos seu sentido também para toda a exposição da fé cristã através dos sinais<sup>53</sup>, dos símbolos<sup>54</sup>, das artes, sobretudo da pintura e da música. [...] e aqui encontraríamos o poder da *arte* para a expressão e transmissão da fé (LIMA, 2016, p. 262-263, grifos do autor).

Temos no processo de iniciação proposto pelo Caminho Neocatecumenal um forte exemplo do apelo pela dimensão da experiência estética como via de despertar do *Sagrado*, dado que o itinerário de formação cristã se expressa por meio de diversos símbolos e sinais litúrgicos, promovendo reformas na maneira de se celebrar os mistérios da fé cristã que não podem ser desconsideradas. No entanto supera a noção comum, meramente expositiva da iniciação ao apontar para aquilo que o historiador das religiões Mircea Eliade entende como “quadro iniciático”, a “morte para a condição profana, seguida do renascimento para o mundo

---

<sup>52</sup> O itinerário proposto por Kiko Arguello para formar um catequista, segundo consta na nota de rodapé de suas *Anotações*, se inspira no texto da *Mishinah Sotah*, IX, 15.

<sup>53</sup> Chama-se *senal* uma realidade sensível que revela em si mesma uma carência e remeta a outra realidade ausente ou não presente de igual modo (SARTORE, 1992, p. 1143).

<sup>54</sup> No campo religioso, o termo *símbolo* aplica-se tanto às formas concretas mediante as quais determinada religião se explicita quanto ao modo de conhecer, de intuir e de representar dados próprios da experiência religiosa (SARTORE, 1992, p. 1143).

sagrado, para o mundo dos deuses” (ELIADE, 2018, p. 160), no caso de Kiko o fazer da vida uma liturgia, experimentando a nova realidade que afirma que “¡EL REINO DE DIOS HA LLEGADO YA!” (RESUCITÓ, 2014, p. 121). A entrada em um novo quadro ontológico, segundo o teólogo Luís Miguel Figueiredo Rodrigues, implica uma série de instruções acerca dos componentes da religião, no que se refere à “sua cosmovisão, os seus valores, a sua origem”. Através da comemoração dos eventos fundantes do passado, o iniciado estabelece uma correlação com a sua própria história de vida, de modo que passa a viver “à luz da tradição que o precede” (RODRIGUES, 2018, p. 102). Ao afirmar a identidade do itinerário neocatecumenal enquanto caminho de formação permanente na fé, os idealizadores pretendem afirmá-lo enquanto processo gradual de destruição da antiga forma de viver e construção de uma nova, numa perspectiva globalizante que “comporta vários aspetos da vida, como é o caso do cognitivo, corporal, temporal, simbólico e relacional, pelo que não se percebe a iniciação como uma realização isolada, mas sim social” (RODRIGUES, 2018, p. 102).

### 2.3. Processo de Legitimação e Institucionalização das Práticas

Na vanguarda das inovações catequéticas, o Caminho Neocatecumenal desenvolveu-se em diferentes etapas de legitimação, num primeiro momento pretendiam seguir simplesmente os moldes das comunidades primitivas cristãs tais como são descritas no livro dos Atos dos Apóstolos, levando adiante esse ideário simbólico de vivência comunitária (VÁZQUEZ, 1999, p. 3). Tal ideário paulatinamente foi se amparando na retomada da noção de Igreja enquanto povo de Deus peregrino, através da constituição *Lumen Gentium*.

[...] Mas, assim como Israel segundo a carne, que peregrinava no deserto, é já chamado Igreja de Deus (cfr. 2 Esdr. 13,1; Num. 20,4; Deut. 23,1 ss.), assim o novo Israel, que ainda caminha no tempo presente e se dirige para a futura e perene cidade (cfr. Hebr. 13-14), se chama também Igreja de Cristo (cfr. Mt. 16,18), pois que Ele a adquiriu com o Seu próprio sangue (cfr. Act. 20,28), encheu-a com o Seu espírito e dotou-a dos meios convenientes para a unidade visível e social. Aos que se voltam com fé para Cristo, autor de salvação e princípio de unidade e de paz, Deus chamou-os e constituiu-os em Igreja, a fim de que ela seja para todos e cada um sacramento visível desta unidade salutar (15). Destinada a estender-se a todas as regiões, ela entra na história dos homens, ao mesmo tempo que transcende os tempos e as fronteiras dos povos. Caminhando por meio de tentações e tribulações, a Igreja é confortada pela força da graça de Deus que lhe foi prometida pelo Senhor para que não se afaste da perfeita fidelidade por causa da fraqueza da carne, mas permaneça digna esposa do seu Senhor, e, sob a acção do Espírito Santo, não cesse de se renovar até, pela cruz, chegar à luz que não conhece ocaso (LUMEN GENTIUM, 1964, Art. 9).

A noção de povo peregrino e, de fato, cosmopolita serve para simbolizar as três marcas que dão característica ao chamado apostólico pessoal dos neocatecúmenos, que é a sua vida itinerante, o testemunho de vida e o despojamento de toda segurança representada pelo dinheiro (BLÁZQUEZ, 1988, p. 49-50), fazendo com que a vivência espiritual dos indivíduos permita a sua integração em um sentido de vida mais amplo, apoiando-se na fé em um Deus pessoal (RODRIGUES, 2018, p. 105), cuja atuação se desenvolve através da História da Salvação encarnada na vida de cada um.

O Mistério Pascoal<sup>55</sup> se configura no símbolo maior da construção de uma comunidade sagrada, cujo paradigma se expressa no Caminho Neocatecumenal através das categorias de origem que remontam à trajetória do povo judeu, cujas tradições se mesclam no desenvolver do itinerário. Encontrando a raiz espiritual que sustenta a tradição cristã e hebraica, “um povo que celebra em exultação, na ‘berakkah’, na ‘eucaristia’, as grandes façanhas de Deus” (HERNANDEZ, 1985, p. 95). É bastante interessante o processo pendular de acesso e incorporação dos depósitos da tradição cristã e hebraica promovido pelo Caminho Neocatecumenal, desempenhando do ponto de vista identitário algo bastante semelhante ao que ocorre com os grupos humanos que orbitam as fronteiras entre países, caracterizados como tendo identidades marcadas pelo hibridismo. Da mesma maneira que os “brasiguaios” do ponto de vista da nacionalidade, “lutam para conviver nesse espaço de contradição entre as duas culturas” (SCHLOSSER; FRASSON, 2012, p. 5), os neocatecúmenos sofrem implicitamente com a dificuldade de integração de uma possível afirmação identitária cristão-judaica, do ponto de vista teológico e litúrgico.

Não podemos perder de vista que as práticas litúrgicas e os *insights* teológicos do Caminho Neocatecumenal procuram, dentro do processo de formalização enquanto seguimento católico, nos documentos oficiais da Igreja encontrar os seus canais de legitimação. Um bom exemplo desses discursos foi o proferido por João Paulo II aos delegados das Conferências Episcopais sobre as relações com o judaísmo, em 1982.

Eis porque vos preocupastes, durante a vossa sessão, com o ensino católico e a catequese em relação aos judeus e ao judaísmo. A este propósito, como doutros ainda, guiastes-vos e animastes-vos graças às “Orientações e sugestões para se aplicar a declaração conciliar *Nostra aetate*” (n. 4), publicadas pela Comissão para as relações religiosas com o Judaísmo (cf. capítulo III). Seria necessário chegar a que este ensino — nos diferentes

---

<sup>55</sup> O termo, retomado no Concílio Vaticano II, remonta à homilia pascal de Militão de Sardes (180 d.C.), na qual se afirma: “novo e antigo, eterno e temporário, perecível e imperecível, mortal e imortal é o *mistério da páscoa*” (SORCI, 1992, p. 772).

níveis de formação religiosa, na catequese dada às crianças e aos adolescentes — apresentasse os judeus e o judaísmo, não só de maneira honesta e objectiva, sem qualquer preconceito e sem ofender a ninguém, mas ainda mais com uma viva consciência da herança que descrevemos a traços largos (DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II AOS DELEGADOS DAS CONFERÊNCIAS EPISCOPAIS, 1982).

Nas comunidades neocatecumenais o aspecto ontológico-estrutural das categorias judaicas se expressa ao passo que “a história da salvação”<sup>56</sup> de Deus com seu povo se reproduz de alguma forma na história singular de Deus com cada pessoa” (BLÁZQUEZ, 1988, p. 33, tradução nossa). Para o teólogo especialista em Ciência Litúrgica, Carmine di Sante:

Reafirmar a importância das origens não significa renegar o presente, tornando-se nostálgicos *laudatores temporis acti* (lamentar o tempo que passou). Se assim fosse, o amor pelas origens seria fuga em vez de operação teológica de purificação e de renovação. Na verdade, o amor pelas origens é amor pelo presente, por um presente pleno de qualidade e de sentido. Sob este ponto de vista as “origens” não são dimensão meramente temporal, mas, mais exatamente, ontológico-estrutural. Elas não são somente acontecimentos que se deram em tempo longínquo, mas se constituem como fundamento que sustém o presente (DI SANTE, 2004, p. 13).

Deste modo se opera no âmbito das comunidades neocatecumenais um processo de legitimação enquanto “manutenção da realidade, tanto ao nível objetivo como ao nível subjetivo” de modo que as “tênuas realidades do mundo social se fundam no sagrado *realissimum*, que por definição está além das contingências dos sentidos humanos e da atividade humana” (BERGER, 2013, p. 45).

A função da legitimação consiste em tornar objetivamente acessível e subjetivamente plausível as objetivações de “primeira ordem”, que foram institucionalizadas. Embora definamos a legitimação por esta função, sem levar em conta os motivos específicos que inspiram qualquer processo particular legitimador, deveríamos acrescentar que a “integração”, de uma forma ou de outra, é também o propósito típico que motiva os legitimadores (BERGER; LUCKMANN, 2014, p. 122-123).

O processo de institucionalização do Caminho Neocatecumenal, por sua vez, se dá a partir do momento em que se estabelece enquanto síntese catequética, uma vez que pressupõe “uma tipificação recíproca de ações habituais por tipos de atores” (BERGER; LUCKMANN,

---

<sup>56</sup> O Catecismo da Igreja Católica, embora não explicita essa expressão, nos apresenta algumas luzes para a entendermos. No parágrafo 1080, por exemplo, lemos que “Desde o começo, Deus abençoa os seres vivos, especialmente o homem e a mulher. A Aliança com Noé e com todos os seres animados renova esta bênção de fecundidade, apesar do pecado do homem, por causa do qual a terra é ‘amaldiçoada’. Mas é a partir de Abraão que a bênção divina penetra a história dos homens, que caminhava para a morte, para fazê-la retornar à vida, à sua fonte: pela fé do ‘pai dos crentes’ que acolhe a bênção, inaugura-se a história da salvação”. Disponível em: <<http://questoesdeferadiocatedral.blogspot.com.br/2009/05/o-que-significa-expressao-historia-da.html>>. Acesso em: 25/06/2018.

2014, p. 77). Devemos ter em mente que a “rotinização do carisma” e a negociação no sentido de enquadrar as práticas neocatecumenais ao corpo burocrático da Igreja é uma forma muito comum que as “forças de conservação” exercem sobre as “forças de renovação” operadas no período pós-Concílio Vaticano II (PASSOS, 2014, p. 29).

Como bem apontou João Décio Passos

A luta pela construção de significados de textos referenciais de um determinado grupo político ou religioso faz parte da vida desses grupos. Não seria diferente com as definições conciliares, cuja reserva de sentido se mostra como resultado previsível pela própria linguagem descritiva e não lógico-jurídica dos textos e, sobretudo, pela diversidade de sujeitos que compõem a Igreja pelo mundo afora (PASSOS, 2014, p. 28).

Por outro lado podemos pensar com base nas anotações de Kiko Arguello que, embora do ponto de vista formal, a síntese catequética (Palavra-Liturgia-Comunidade) se apoie nas constituições dogmáticas<sup>57</sup> promulgadas no Vaticano II, esta perspectiva se baseia numa correlação com a tradição hebraica da *Pirkei Avot* 1.2<sup>58</sup>.

O mundo se apoia sobre três coisas: sobre a Palavra, a Liturgia e a Caridade. Quem ataca um desses pilares põe sua vida em perigo e sairá do mundo. Inveja, luxúria e ódio ao próximo invocam a morte<sup>59</sup>. O Caminho se apoia sobre três coisas: Palavra, Liturgia e *Koinonia* (Comunidade). A *Torá*<sup>60</sup>, o ofício divino e as obras de misericórdia: o mundo se apoia sobre elas, diziam já os Padres de Israel (ARGUELLO, 2017, p. 131).

---

<sup>57</sup> Palavra – *Dei Verbum*; Liturgia - *Sacrosanctum Concilium*; Comunidade - *Lumen Gentium* e *Gaudium et Spes*.

<sup>58</sup> É o nome de um tratado da Mishná composto de máximas éticas dos rabinos do período mishnáico (70-200 EC). “Shimon, o Justo, foi um dos últimos [membros] da Grande Assembléia. Ele costumava dizer: O mundo apoia-se sobre três coisas – o estudo da Torá, o serviço a D’us, e os atos de bondade” *Pirkei Avot* 1.2. Disponível em:

<<http://judaismohumanista.ning.com/group/tmuratheinstitutefortrainingsecularhumanisticrabbi/forum/topics/pirke-avot-etica-dos-pais-completa-em-portugues>>. Acesso em: 29/06/2018.

<sup>59</sup> Rabi Elazar HaCapar disse: A inveja, o desejo apaixonado e a busca de honrarias arrebatam o homem do mundo. *Pirkei Avot* 4. 21. Disponível em:

<<http://judaismohumanista.ning.com/group/tmuratheinstitutefortrainingsecularhumanisticrabbi/forum/topics/pirke-avot-etica-dos-pais-completa-em-portugues>>. Acesso em: 29/06/2018.

<sup>60</sup> O pesquisador português, especialista em semiótica, José Augusto Mourão, ao tratar da relação entre as expressões escrita e oral da tradição bíblica, nos informa que: “O discípulo alimenta a sua vida da palavra e a palavra da sua vida. Para o judaísmo, a Torah tomou-se o Talmud vivo. Para o Cristianismo, a Torah tomou-se o Cristo vivo (Rm 10,4), o fundamento indiviso da Igreja e da Sinagoga. Quer a Torah quer o Evangelho são uma combinação de história e lei, *haggadah* e *halacha*, isto é, *mythos* e *ethos* que informa a conduta” (MOURÃO, 1996, p. 172).

**Figura 1- Palavra, Liturgia e Comunidade como tripé da vida cristã.**



Fonte: <<http://euamoneocatecumenato.blogspot.com/2016/10/uma-liturgia-viva-parte-1-renovacao.html>>.  
Acesso em: 20/12/2018.

A apropriação e adaptação dos paradigmas éticos da *Mishná*<sup>61</sup> por parte dos iniciadores do Caminho se apoiam no processo de legitimação na hermenêutica elaborada por eles da quarta parte da declaração *Nostra Aetate*<sup>62</sup>, sobre as relações da Igreja com as religiões não cristãs, que dá uma ênfase maior no trato com o judaísmo. No ano de 1974, propondo *Orientações e sugestões para aplicação da Declaração Conciliar Sobre as relações da Igreja com as religiões não-cristãs*, o Cardeal João Willebrands afirma uma postura de apreciação em relação à tradição do judaísmo.

De maneira positiva, pois isso importa, em particular, que os cristãos procurem conhecer melhor os componentes fundamentais da tradição religiosa do Judaísmo e alcançar o conhecimento daqueles traços essenciais pelos quais os mesmos judeus se definem a si mesmos na realidade vivida (WILLEBRANDS, 1974, p.15).

Em cinco de janeiro de 1975, a edição portuguesa do *L'Osservatore Romano* trouxe a público um documento da Comissão do Vaticano contendo orientações sobre como aplicar a declaração *Nostra Aetate*, onde põe-se em relevo a importância de se reaproximar a Igreja da Sinagoga.

Após milênios, marcados muito frequentemente por um ignorar-se e não poucas vezes por hostilidades, a Declaração *Nostra Aetate* proporciona a

<sup>61</sup> A Mishná era uma forma primitiva da lei ou tradição oral judaica. Ela foi gradualmente compilada na forma escrita entre o século II aC. e o século II dC. Esta Torá oral tornou-se conhecida como a “cerca” ou a “cobertura” (em hebraico, geder) em torno da lei escrita. Os judeus desenvolveram este complexo sistema de leis orais para salvaguardar a estrita observância à Torá escrita e, portanto, para evitar a punição e o exílio futuro nas mãos de seus inimigos por não guardar os mandamentos de Deus. Os fariseus eram os grandes observadores da tradição oral. Disponível em: <<http://friendsofsion.org/br/index.php/2015/09/08/o-que-e-a-mishna/>>. Acesso em: 22/12/2018.

<sup>62</sup> A Declaração sobre as Relações da Igreja com as Religiões Não-Cristãs foi solenemente votada e aprovada pelos Bispos do Concílio Vaticano II, em 28 de Outubro de 1965. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decl\\_19651028\\_nostra-aetate\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_nostra-aetate_po.html)>. Acesso em: 29/06/ 2018.

ocasião para empreender ou para prosseguir um diálogo, em vista de um melhor conhecimento recíproco. [...] Ter-se-ão presentes os laços que existem entre a liturgia cristã e a liturgia judaica. A comunidade de vida no serviço de Deus e da humanidade por amor ao mesmo Deus, tal como este serviço se realiza na liturgia, caracteriza tanto a liturgia judaica como a cristã. Assim para as relações judeu-cristãs, importa tomar conhecimento dos elementos comuns da vida litúrgica (fórmulas, festas, ritos etc.) onde a Bíblia tem um lugar essencial. [...] Procurar-se-á estimular a investigação dos especialistas sobre estes problemas que dizem respeito ao Judaísmo e às religiões judeu-cristãs, em particular nos campos da exegese, da teologia, da História e da Sociologia (L'OSSERVATORE ROMANO, 1975 apud PORTO, 1984, p. 100-103).

Devemos ter em vista também o fato de que Carmen, antes de se juntar a Kiko peregrinou por Israel, lá permanecendo pelo menos um ano “onde descarta sua intenção de criar uma congregação missionária, uma associação leiga ou um movimento, sentindo-se chamada pela Santíssima Virgem em Ain Karén<sup>63</sup> para renovar a Igreja através do Concílio Vaticano II” (DÍAZ, 2002, p. 711, tradução nossa). O ímpeto reformador de Carmen Hernández poderia ser pensado como resultado do seu desapontamento por não ter sido, em 1962, admitida a professar os votos perpétuos, como também se pode pensá-lo como resultado de sua luta contra a anomia, uma vez que seu mundo junto às Missionárias de Cristo Jesus fora cortado, com ele muito do que a sustentava emocionalmente. Peter Berger afirma que as circunstâncias da ruptura nômica podem assumir um aspecto estritamente biográfico, como perda de outros significativos pela morte, pelo divórcio ou separação física. Sendo assim a ordem pela qual o indivíduo dá sentido à sua vida entra em processo de desintegração (BERGER, 2013, p. 34-35). Parafraseando Berger, peregrinar à Terra Santa foi um esforço por manter uma ordem significativa a sua vida religiosa. Em meio à crise o seu encontro com a tradição do povo hebreu e, posteriormente, as aulas ministradas pelo padre Pedro Farnés gestou em Carmen o impulso por reformar a visão eclesiológica corrente em seu tempo. Deste modo, é plausível que tenha sido Carmen a responsável pela abertura para com os elementos litúrgicos judaicos bem como pelo processo de legitimação dos usos que o Caminho Neocatecumenal fará dos mesmos, de certa forma implementando a nível teórico e prático muito do que fora proposto pelas declarações conciliares acerca da relação entre a Igreja e a religião judaica.

As catequeses elaboradas por Kiko Arguello e Carmen Hernández foram então tornadas o padrão normativo a ser seguido com economia de esforço e a ser apreendido pelos

---

<sup>63</sup> Ain Karén é um bairro ao sul de Jerusalém, onde teria nascido João Batista. Disponível em: <<http://www.paoline.org/site/viagem-palavra-em-maria-ain-karem/?lang=pt-pt>>. Acesso em: 20/01/2019.

catequistas enquanto tal. Todas as religiões ou segmentos delas remontam às experiências de seus fundadores, como se torna impraticável repetir na vida da massa dos crentes essas experiências, cumpre à “instituição religiosa que representa a tradição” a dupla função de “lembrar” e domesticar as “experiências extraordinárias” (BERGER, 2017, p. 79). É próprio do processo de institucionalização o processo de repetição frequente, fazendo do hábito um instrumento que permite “que a ação em questão pode ser novamente executada no futuro da mesma maneira e com o mesmo esforço econômico” (BERGER; LUCKMANN, 2014, p. 75). Sobre esse processo nos dá alguns detalhes Emiliano Jimenez Hernandez.

[...] ao se multiplicar o número das equipes de catequistas que deveriam dar as catequese iniciais do Caminho, se viu a necessidade de lhes oferecer uma ajuda específica. A forma concreta de fazê-lo, que se considerou mais adequada naquele momento, foi a seguinte: reunir todos os catequistas da diocese de Madri e, Kiko e Carmen, deram “a eles” uma a uma cada catequese, convidando-os para receberem “para eles”. Com a experiência da catequese recém-escutada para suas vidas, talvez com alguma anotação feita por algum deles, porém, sobretudo, com os textos da Sagrada Escritura que são peças fundamentais de cada catequese, as diversas equipes de catequistas se reuniram para preparar a catequese e logo aplica-lá em sua paróquia correspondente. Então, diante da evidente impossibilidade de repetir essa experiência, depois disso, se adotou então a solução que se considerou mais adequada para o fim que se pretendia: transcrever as fitas magnetofônicas daquelas catequese dadas – e de uma das convivências de final de catequese que a equipe iniciadora do Caminho Neocatecumenal havia dado no ano anterior, precisamente em Barcelona – para ciclos de escrita e entrega-las “tal qual” a todos os catequistas do Caminho Neocatecumenal como “instrumento orientativo” para a fase de conversão. Dessa maneira se colocou nas mãos dos catequistas um material voluntário e deliberadamente interino, eventual, provisório e precário, porém que, dentro de uma série de imprecisões, inexatidões, omissões, ambiguidades e incorreções, própria do estilo simples e vivo da linguagem oral coloquial e circunstancial, encerra uma síntese kerigmática-catequética-existencial de um valor inestimável, que se mostrou frutuoso em tantas paróquias do mundo inteiro (HERNANDEZ, 1985, p. 1-2, tradução nossa).

Segundo Peter Berger e Thomas Luckmann, as instituições, entendidas dentro de um processo histórico particular estabelecem “padrões previamente definidos de conduta humana” notadamente em oposição a tantas opções possíveis (BERGER; LUCKMANN, 2014, p. 77). Vemos através da citação de Jimenez Hernandez um exemplo de como “os ideais da instituição e do grupo parecem funcionar como fatores decisivos, pois fornecem os contornos de uma identificação do tipo massa-líder” (BENELLI; COSTA-ROSA, 2006, p. 345).



## 2.4. Os Sujeitos Eclesiais no Caminho Neocatecumenal

Todo processo de institucionalização guarda consigo um aspecto comum que diz respeito à tipificação dos papéis desempenhados pelos indivíduos (BERGER; LUCKMANN, 2014 p. 97). No itinerário neocatecumenal os papéis desempenhados costumam ser definidos, na forma de “ministérios e carismas”, ao passo que os neocatecúmenos vão sendo iniciados.

No processo de institucionalização e divisão de papéis no grupo todos os papéis de algum modo representam a ordem institucional, contudo alguns papéis “representam simbolicamente esta ordem em sua totalidade mais do que outros”. Os papéis mais importantes no Caminho Neocatecumenal tem a função estratégica de representar a própria instituição como também integrá-la ao resto das instituições do universo católico em um todo coerente (BERGER; LUCKMANN, 2014, p. 102). Cabe destacar, em se tratando da experiência religiosa comunitária, que não é suficiente para o desempenho dos papéis o mero conhecimento teórico ou mesmo teológico, o papel deve ser desempenhado de forma existencial. Com isso queremos dizer que não é o bastante para o sujeito eclesial no Caminho Neocatecumenal ter um conhecimento intelectual de Cristo, é necessária uma cada vez maior penetração no mistério de Cristo capaz de fazer o indivíduo olhar para os ritos e para si próprio de uma maneira nova, tal como se propõe o processo mistagógico.

Sendo assim, ressalta-se o papel progressivo de formação no itinerário como via para encontrar o seu lugar no corpo da Igreja.

No interior da comunidade vão aparecendo, na medida em que cada cristão deseja se recriar por meio da Palavra de Deus, diversos ministérios e carismas. A Igreja como corpo de Cristo ressuscitado tem muitos membros; e em cada um deles se manifesta o Espírito para comum utilidade. Presbíteros, diáconos, responsáveis, catequistas, cantores, leitores, ostiários, viúvas, virgens, casados, etc (BLÁZQUEZ, 1988, p. 54, tradução nossa).

Tal variedade de carismas reconhecidos decorre da emergência de novos sujeitos eclesiais desempenhando papéis de protagonismo e cada vez mais ganhando conotações explicitamente teológicas no sentido de ser Igreja, por meio do resgate da tradição bíblica do povo de Deus (PASSOS, 2014, p. 136-138) dentro de uma perspectiva nova em que todos com igual dignidade, mas com funções diferentes nas assembleias litúrgicas são chamados à participação frutuosa. Ressalta-se que do processo de formação dos hábitos surgem os papéis como corpos específicos de conhecimentos que se exteriorizam por meio de tipificações de condutas no itinerário.

### a) Equipe Responsável, Catequistas e Presbíteros

Podemos afirmar que a algumas figuras são basilares para o desenvolvimento desse processo de iniciação. A equipe responsável, os catequistas e presbíteros representa um tripé que tem a função digamos mais controladora na instituição.

*Toda* conduta institucionalizada envolve um certo número de papéis. Assim, os papéis participam do caráter controlador da institucionalização. Logo que os atores são tipificados como executantes de papéis, sua conduta é *ipso facto* susceptível de reforço. A concordância e a não concordância com os papéis padrões socialmente definidos deixa de ser ótima, embora evidentemente a severidade das ações possa variar de um caso para outro (BERGER; LUCKMANN, 2014, p. 100).

Acerca do papel controlador da equipe responsável, Blázquez nos dá mais detalhes.

O responsável não é um paralelo do presbítero na presidência da comunidade; sua missão é, em parte, ligar-se aos catequistas da comunidade que custodiam a fidelidade do caminho, e, por outro lado, ocupar-se de todos os elementos organizativos e de funcionamento da comunidade (BLÁZQUEZ, 1988, p. 55, tradução nossa).

É inegável que o papel estruturante da equipe responsável se ancora no fato de que a hierarquia interna ao grupo possui um modelo de iniciativa pastoral partilhado, sendo que os leigos não se encontram somente na condição de consumidores como também produtores de práticas e saberes teológicos (SOUSA, 2013, p. 58).

O serviço dos catequistas é exercido em parceria com um presbítero, são eles, os catequistas, quem dão, com o aval do pároco local, as Catequeses Iniciais que gestam a fé na qual se formam as comunidades, dirigem as diversas passagens do processo de iniciação, além de discernir acerca da idoneidade de cada neocatecúmeno e das respectivas comunidades no que se refere à passagem das etapas desse processo. É ainda atribuição dos catequistas cooperarem com o pároco e presbítero no governo, ensino e santificação do povo (NEOCATECHUMENALE ITER STATUTA, 2009, Art. 28). A comunidade neocatecumenal é sempre presidida por um presbítero nas dioceses que recebem os catequistas, uma vez que “por seu ministério pastoral e por seu específico conhecimento bíblico, magisterial e teológico, garante sempre a ortodoxia doutrinal das catequeses” (HERNANDEZ, 1985, p. 5, tradução nossa). Nas atribuições de supervisor, catequista e presbítero se encontra uma grande necessidade de mostrar conhecimento das “normas, valores e mesmo emoções”, tais funções implicam o “‘conhecimento’ dos valores e atitudes julgados adequados” de modo que são exemplos para o restante do grupo (BERGER; LUCKMANN, 2014, p. 103).

O ano de 1972 foi bastante marcante para o Caminho Neocatecumenal devido ao surgimento das equipes de catequistas itinerantes dispostos a catequizar em outros países, uma vez que essa realidade eclesial se encontrava restrita à Espanha, país de origem, e Itália, onde os seus iniciadores haviam se radicado desde 1968. Foi da atividade dos catequistas itinerantes que as primeiras comunidades se organizaram no Brasil, a partir de 1974.

## **b) Famílias em Missão**

Outro “carisma” suscitado pelo Caminho Neocatecumenal e que possui uma função importante na difusão do ideário do grupo são as famílias em missão. Essas são entendidas como portadoras de uma função redentora para a sociedade. Isso ocorre dentro do processo catequético por meio de uma teia discursiva que, utilizando-se dos textos bíblicos do Antigo Testamento, aponta para a formação de uma comunidade sagrada como encarnação da obra salvadora de Deus sobre a Terra. Nesse sentido faz-se necessário o encontro entre duas gerações nas celebrações domésticas, onde a figura do pai de família é responsável por “transmitir a seus filhos o dom da fé, como o dom mais importante recebido de Deus. E da família curada, aberta aos filhos, nascem as vocações. Por essa razão o Caminho Neocatecumenal tem se mostrado rico em vocações” (PASOTTI, 2013, p. 93, tradução nossa). Famílias abertas à vida, ou seja, com numerosos filhos, tem sido resultado da radical adoção do que está disposto pela encíclica *Humanae Vitae*<sup>64</sup> do papa Paulo VI. “Os casados descobrem a grandeza cristã do amor matrimonial e a dignidade outorgada por Deus de colaborar com a transmissão da vida humana. Sua família está chamada a converter-se em uma ‘pequena Igreja’” (BLÁZQUEZ, 1988, p. 55, tradução nossa). Analisando como a legitimação religiosa se processa nesse caso, Peter Berger assevera que:

As formações contingentes de uma determinada sociedade histórica, as instituições particulares produzidas do polimórfico e maleável material da sexualidade humana, são legitimadas em termos de mandamento divino, “lei natural”, e sacramento. [...] o papel da paternidade tem [...] uma qualidade de suprapersonalidade em virtude de sua relação com o pai celeste que instituiu na terra a ordem a que o papel pertence (BERGER, 2013, p. 52).

A inculcação dos valores morais da religião tem lugar nas celebrações familiares, onde toda a família se reúne em oração e louvor, sendo este um tempo oferecido aos pais para que

---

<sup>64</sup> Em 25 de julho de 1968, o Beato Papa Paulo VI publicou a encíclica *Humanae Vitae* sobre a regulação da natalidade. Disponível em: <<https://www.acidigital.com/noticias/50-anos-da-humanae-vitae-por-que-a-enciclica-de-paulo-vi-e-profetica-e-atual-12157>>. Acesso em: 16/07/2018.

possam transmitir de forma simples, direta e existencial a sua experiência de fé a seus filhos (PASOTTI, 2013, p. 93). O paradigma pedagógico retirado do sexto capítulo do livro de Deuteronômio<sup>65</sup> serve de marco para o que chamam de processo de transmissão da fé dos pais aos filhos. A equipe responsável pelo Caminho Neocatecumenal costuma enviar grupos de família a lugares onde a Igreja não possui um trabalho estabelecido ou áreas onde o secularismo distanciou as pessoas da vivência cristã comunitária. Essas famílias missionárias têm sido o modelo de vivência prática evangélica, sobretudo na Europa pós-cristã.

As famílias em missão faziam parte inicialmente de um ousado projeto que a equipe responsável internacional apresentou ao papa João Paulo II, em 1985. O objetivo era enviar famílias missionárias, acompanhadas por padres, com a missão de reevangelizar o norte da Europa. Em 1986, o papa enviou as três primeiras famílias: uma para o norte da Finlândia, outra para o bairro vermelho de Hamburgo e uma terceira para Estrasburgo.

**Imagem 2- Algumas Famílias em Missão do Caminho Neocatecumenal. Filhos numerosos como ideário familiar.**



Fonte: NEOCATECHUMENALE ITER, s/d.

<sup>65</sup> Deuteronômio 6, 4-9. Ouve, ó Israel: Iahweh nosso Deus é o único Iahweh! Portanto, amarás a Iahweh teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua força. Que estas palavras que hoje te ordeno estejam em teu coração! Tu as inculcarás aos teus filhos, e delas falarás sentado em tua casa e andando em teu caminho, deitado e de pé. Tu as atarás também à tua mão como um sinal, e serão como um frontal entre os teus olhos; tu as escreverás nos umbrais da tua casa, e nas tuas portas. In: Bíblia de Jerusalém. São Paulo. Paulus, 2003.

Em 2011, segundo a agência *Zenit*<sup>66</sup> de notícias, o número de famílias em missão para a nova evangelização era mais de 800, com 3.097 filhos, das quais 389 estavam espalhadas pela Europa, 189 na América, 113 na Ásia, 56 na Austrália, 46 na África e 15 no Oriente Médio. Já no ano de 2012, em entrevista à mesma agência de notícias, por ocasião da aprovação das suas celebrações, pelo papa Bento XVI, e envio de 18 novas *missio ad gentes*<sup>67</sup> na Europa e América, Kiko afirmou a existência de cerca de 1.000 famílias em missão<sup>68</sup>.

### c) Ostiário

Curiosamente, o Caminho Neocatecumenal reconhece enquanto carisma a função do ostiário<sup>69</sup>, outrora considerado uma Ordem Menor, junto com os leitores, exorcistas e acólitos, e geralmente ligado ao candidato às Ordens Maiores, subdiácono, diácono e presbítero. Uma vez que tal função já era desenvolvida por leigos, o texto da *Carta Apostólica em forma de Motu Proprio Ministeria Quaedam*, em 1972, de Paulo VI, suprime a sua função daquilo que veio a se configurar daquele momento em diante como Ministérios e não mais como Ordens Menores, sendo que os ministérios que poderiam ser confiados a leigos se resumem aos de leitores e acólitos. No contexto do grupo, os ostiários são leigos que compõem o grupo que prepara o momento eucarístico, provendo o pão, o vinho, as flores, e cuidando do decoro e da dignidade dos sinais litúrgicos. Sendo assim, têm a função de preparar todos os elementos litúrgicos característicos do Caminho. Acerca do carisma do ostiário, Kiko Arguello costuma definir como modelo os discípulos destacados por Jesus para preparar a última ceia.

Bem, irmãos, espero que estejam muito atentos. Haveis escutado que Jesus fala de uma grande sala com os tapetes já postos... Disse depois aos discípulos, prepara-a para nós; Porém o que significa preparar para os Hebreus? Jesus era hebreu e a Páscoa que iriam preparar tinha que ter todas as características da Páscoa hebreia, como havia sido transmitido de Pais para Filhos segundo os costumes de Israel. O que significa preparar então?

---

<sup>66</sup> O Papa envia as famílias do Caminho Neocatecumenal no mundo. Disponível em: <<https://pt.zenit.org/articles/o-caminho-neocatecumenal-em-missao-pelo-mundo/>>. Acesso em: 20/12/2018.

<sup>67</sup> A missão aos gentios é uma referência aos lugares onde a Igreja Católica não está presente. Por outro lado as missões *ad gentes* não se voltam somente a ambientes teoricamente secularizados, mas também a lugares onde o geral das pessoas é batizada, mas predomina uma religiosidade natural e um grande devocionismo popular, distanciado do ensino considerado ortodoxo (ARGUELLO, 2013, p. 113).

<sup>68</sup> O Caminho Neocatecumenal em missão pelo mundo. Disponível em: <<https://pt.zenit.org/articles/mil-familias-em-missao/>>. Acesso em: 20/12/2018.

<sup>69</sup> De acordo com os historiadores, o Ostiário era o clérigo que havia recebido a primeira das ordens menores e tinha por encargo abrir e fechar a porta da Igreja, assim como guardá-la, chamar a tomar a comunhão os dignos e conservar as coisas sagradas. Era considerado o guardião do Santíssimo Sacramento que se guarda no sacrário. Disponível em: <<http://www.camino-neocatecumenal.org/ostiarios.html>>. Acesso em: 20/07/2018.

Preparar para os hebreus significa ressaltar cuidadosamente os sinais da Páscoa. Para os Hebreus isto é importantíssimo, também nos dias atuais. Por exemplo, nas festas, zelam muito da iluminação, o ambiente deve estar muito iluminado, fora e dentro, escutem: As luzes parecem, de fato, advertir ao hebreu que eles não devem unicamente iluminar a sua casa (como fazem com as velas de Sábado), a Sinagoga e a Yeshiva<sup>70</sup> (que substituem o santuário), senão que é um dever difundir a luz pura ao exterior, seria dizer, em ambiente humano na vida que vivem e trabalham (CAMINO-NEOCATECUMENAL.ORG, tradução nossa)<sup>71</sup>.

Para Kiko é fundamental que o ostiário possua conhecimento saber “o significado do Presbitério, do Ambão, da Cruz, da mesa, dos tapetes, dos ícones, do círio Pascoal, do Batistério... a forma oval ou circular da Assembleia... não foram postos por acaso, antes têm uma explicação teológico-litúrgica” (CAMINO-NEOCATECUMENAL.ORG, tradução nossa)<sup>72</sup>. As chaves hermenêuticas para a correta compreensão dos sinais litúrgicos, ao que tudo indica, é parte fundamental do processo de iniciação. Devemos, portanto, ter em conta que cada instituição religiosa possui a tarefa de guardar os seus depósitos identitários, na dinâmica de purificação, interpretação e atualização. É de sua competência “capacitar e autorizar os agentes oficiais para transmitir e legitimar, ou não, as interpretações que forem sendo realizadas” (RODRIGUES, 2018, p. 107-108). A função mistagógica do ostiário, segundo se espera dele, é definida à medida que:

[...] não é simplesmente adquirir as rotinas que são imediatamente necessárias para o desempenho “exterior”. É preciso que seja também iniciado nas várias camadas cognoscitivas, e mesmo afetivas, do corpo de conhecimento que é diretamente e indiretamente adequado a este papel (BERGER; LUCKMANN, 2014, p. 103).

A atividade do ostiário na comunidade é envolta em toda uma ritualidade, incluindo o fato de existirem orações específicas para cada ação sua, que vai da confecção do pão ázimo à preparação da sala onde a assembleia irá celebrar a Palavra e a Eucaristia. Na oração de preparação do pão eucarístico temos um interessante exemplo de como a liturgia neocatecumenal está enraizada em fontes paleocristãs. Esse resgate das fontes rituais do cristianismo primitivo obedece à lógica de que o rito é tanto mais puro quanto mais próximo

---

<sup>70</sup> Uma instituição única para Judaísmo clássico para o estudo de seus textos tradicionais. Estes compreendem o estudo da Torá e o estudo da literatura rabínica (especialmente o Talmud). Disponível em: <<http://pt.gdict.org/definir.php?palavra=yeshiva>>. Acesso em: 20/07/2018.

<sup>71</sup> Breve catequese de Kiko Arguello sobre o carisma do ostiário. Disponível em: <<http://www.camino-neocatecumenal.org/convivencia.html>>. Acesso em: 20/07/2018.

<sup>72</sup> *Ibidem*.

estiver de sua fonte, no caso o hebreu-cristianismo do século I, cuja fonte extra bíblica mais importante é o *Didaquê*<sup>73</sup>.

Bendito sejas tu Senhor, Nosso Pai  
 Deus Santo, Rei Eterno  
 Que por sua bondade tens feito surgir  
 O trigo sobre a terra  
 Faze Senhor, que como essa farinha estava antes  
 Espalhada por aqui e por ali, sobre as colinas  
 Recolhida, se faça uma só coisa neste pão  
 Que eu, indigno, irei fazer  
 Assim seja recolhida a tua Igreja em teu Reino  
 Desde os confins da terra  
 Porque tua é a glória e o poder  
 Pelos séculos e séculos, Amém (CAMINO-NEOCATECUMENAL.ORG,  
 tradução nossa)<sup>74</sup>.

Segue-se a recitação de um salmo cujo sentido reflete o zelo pela santidade do serviço litúrgico no templo.

Lavo minhas mãos em sinal de inocência, para dar voltas em torno do teu altar proclamando em tua honra minha ação de graças e pregando todas as tuas maravilhas. Senhor, eu amo a tua casa, onde tu resides, o lugar onde tua glória habita. Não unas minha sorte com a dos criminosos, nem me encontre solidário aos assassinos, que tem as mãos carregadas de delitos e sua destra repleta de subornos. Minha conduta, pelo contrário, é íntegra; absolve-me, Senhor, e tem piedade de mim; meu pé está firme no caminho reto, na assembleia bendirei ao Senhor (CAMINO-NEOCATECUMENAL.ORG, tradução nossa)<sup>75</sup>.

A mesma reverência é guardada com relação à arrumação da sala eucarística.

Oh Deus Pai Todo-poderoso e Eterno  
 que te tens fixado em mim para preparar a Sala  
 onde celebraremos a Páscoa  
 como teu Filho o disse a seus discípulos  
 Pedro e João no dia dos Ázimos.  
 Faça com que com a mesma fé e obediência que eles  
 a prepararam para seu Mestre  
 eu, indigno servo teu, possa prepará-la  
 para que possamos todos encontrar contigo  
 e vejamos nela os sinais do teu Amor.  
 Por nosso Senhor Jesus Cristo, teu Filho  
 que vive e reina contigo na unidade do Espírito Santo

---

<sup>73</sup> Essa oração é um fragmento da oração eucarística que aparece no *Didaquê* IX, Cap. 4, uma espécie de Catecismo dos primeiros cristãos: era o principal referencial escrito com que os primeiros seguidores do Cristo contavam além das Escrituras hebraicas (o conjunto organizado de livros que compõem a Bíblia Cristã, tal como a conhecemos hoje, ainda não estava completo nem definido). Disponível em: <<http://www.ofielcatolico.com.br/2001/05/o-didaque-instrucao-dos-apostolos.html>>. Acesso em: 20/07/2018.

<sup>74</sup> Oração para elaborar o pão da Eucaristia. Disponível em: <<http://www.camino-neocatecumenal.org/oracionpan.html>>. Acesso em: 20/07/2018.

<sup>75</sup> Salmo de número 25 na Bíblia Católica e 26 nas versões protestantes.

e é Deus pelos séculos dos séculos. Amém (CAMINO-NEOCATECUMENAL.ORG, tradução nossa)<sup>76</sup>.

Kiko Arguello ressalta, como artista, a capacidade do homem encontrar-se com o *Sagrado* pela via dos sinais litúrgicos, segundo ele, “nós somos homens que através dos sinais chegamos ao conhecimento de Deus” (CAMINO-NEOCATECUMENAL.ORG, tradução nossa)<sup>77</sup>. A função do ostiário assume consigo um caráter mistagógico à medida que prepara os sinais sacramentais que são os grandes mistérios da fé, que contêm e realizam a salvação (LIMA, 2016, p. 261), dos quais ele deve estar consciente e de posse do saber sagrado. É o ostiário que põe em prática as inovações estéticas no interior das paróquias.

### **Imagem 3- Investidura do Ministério de Ostiários na Paróquia Nossa Senhora de Fátima, em Jundiáí.**



Fonte: <<http://www.nsfatimajundi.ai.com.br/2018/02/14/investidura-do-ministerio-de-ostiarios/>>.  
Acesso em: 22/01/2019.

#### **d) Didáscalos**

Uma vez que o Caminho Neocatecumenal é uma maneira particularizada de aplicação prática do *Ritual de Iniciação Cristã de Adultos* (1972), embora enquanto caminho de iniciação seja anterior a ele, os seus destinatários são adultos batizados, como definido no Art. 5º do *Estatuto Oficial* (2008) onde se enquadram aqueles que se afastaram da Igreja; aqueles que não foram suficientemente evangelizados nem catequizados; aqueles que desejam aprofundar e amadurecer a sua fé; aqueles que provêm de confissões cristãs que não estão em

<sup>76</sup> Oração para preparar a Sala para a Eucaristia. Disponível em: <<http://www.camino-neocatecumenal.org/oracionsala.html>>. Acesso em: 20/07/2018.

<sup>77</sup> Breve catequese de Kiko Arguello sobre o carisma do ostiário. Disponível em: <<http://www.camino-neocatecumenal.org/convivencia.html>>. Acesso em: 20/07/2018.



plena comunhão com a Igreja Católica. Sendo assim, um dos grandes desafios com relação à inserção nas paróquias é o de oferecer também um método ou alternativa de catequese às crianças. Para tanto surgiu uma pastoral infantil através do serviço dos *didáscalos* (mestres) de crianças, cujas funções são as de preparar as crianças para a primeira comunhão e confirmação, oferecer catequese e organizar convivências mensais da comunidade. Jesús Bogarín Díaz aponta que é nas convivências da comunidade que as crianças ensaiam a sua participação na Vigília Pascal, onde, inspirados pelo ritual da páscoa judaica, as crianças perguntam por que essa noite vem a ser diferente de todas as outras noites. Embora o *Estatuto Oficial* faça apontamentos sobre a participação das crianças nas celebrações domésticas, em nada informa sobre a pessoa do *didáscalo* ou sobre a participação das crianças durante a Vigília Pascal. Esta experiência da noite de páscoa, embora rica para as crianças, é omitida no *Estatuto Oficial* por razões desconhecidas, mas para o autor não parece ser despropositado (DÍAZ, 2002, p. 812).

Em um *mamotreto*<sup>78</sup> sobre como devem agir os *didáscalos* do Caminho Neocatecumenal, Kiko afirma a sua preocupação com o fato de as crianças serem deixadas vulneráveis ao não acompanharem os pais à Eucaristia.

O mais importante é conscientizar a comunidade de que tudo que nós fazemos para transmitir a fé aos filhos é fundamental, e que receberemos cem vezes mais. E tudo o que seja abandonar as crianças, porque nos cansam, porque nos incomodam etc. Logo pagaremos, pois isso se paga adiante. As crianças não podem ser deixadas sozinhas (CAMINO-NEOCATECUMENAL.ORG, tradução nossa)<sup>79</sup>.

No sentido de promover uma transmissão da fé às crianças, o papel do *didáscalo* deve ser o de amigo, ou figura alternativa à dos pais. Além do mais o *didáscalo*, costuma preparar as crianças para se posicionarem enquanto cristãs no mundo, incluindo o papel de missionários no ambiente escolar e outros âmbitos da vida social das mesmas.

#### e) Cantores-Salmistas

Por sua vez, o itinerário neocatecumenal se expressa artisticamente não apenas pela arquitetura e pintura, mas pela sua rica produção músico-litúrgica. A função de executar o

---

<sup>78</sup> Calhamaço de transcrições de áudios editados pelos catequistas a partir de diálogos e falas da equipe responsável pelo Caminho Neocatecumenal e que se constitui orientações às equipes catequistas (HERNANDEZ, 1985, p. 3).

<sup>79</sup> Reunião com os Didáscalos de Crianças das Comunidades Neocatecumenais, 1985. Disponível em: <<http://www.camino-neocatecumenal.org/didascalos.html>>. Acesso em: 20/07/2018.

canto e a música na liturgia fica sob o encargo dos cantores-salmistas. O papel desempenhado pelos salmistas acentua várias funções nas assembleias. Kiko Arguello, compositor de boa parte das músicas, ressalta que a música executada pelo salmista tem a função de “ajudar aos de fé mais fraca, a música acompanha e serve a este a acompanhar a palavra” (CAMINO-NEOCATECUMENAL.ORG, tradução nossa). Além disso, tem o papel de criar a noção de união comunitária, tão cara para o grupo, uma vez que a própria liturgia proposta pelo movimento de renovação tem um caráter de refeição memorial vivida de forma comunitária.

A Palavra cria a comunhão, a *koinonia*, o amor entre nós. Os amigos quando se sentem bem uns com os outros cantam junto, diferente dos inimigos. De alguma forma a Palavra consegue nos pôr em comunhão. O canto cria a comunhão. Tem a missão de fazer da pluralidade de individualidades sem comunhão interior, a comunidade. O canto expressa o que faz a Palavra em meio à pluralidade (CAMINO-NEOCATECUMENAL.ORG, tradução nossa)<sup>80</sup>.

Portanto, não podemos subestimar o papel do salmista como mero executante da música litúrgica, mas entendê-lo como aquele papel pelo qual o processo de interiorização se processa, uma vez que o catecúmeno deixa de considerar a Igreja como uma organização que fornece serviços religiosos passando a considerá-la enquanto comunidade de irmãos (BLÁZQUEZ, 1988, p. 45), o que vem a constituir a base da compreensão dos semelhantes em primeiro lugar e em seguida a apreensão do mundo como realidade social dotada de sentido (BERGER; LUCKMANN, 2014, p. 168).

O catecúmeno vai descobrindo pouco a pouco as duas perspectivas. Uma das descobertas mais surpreendentes é que passado algum tempo no caminho o cristão começa a compreender-se como “parte de um todo”, como membro de uma comunidade. O outro é um dom de Deus, e não um potencial adversário. Com efeito, experimentará que não há possibilidade de ser cristão sem a Igreja, que ele encontra concretamente na comunidade. [...] A Igreja vai nascendo pouco a pouco em sua alma e assim rompe-se o seu individualismo religioso. Deixa de considerar a Igreja como externa e estranha (BLÁZQUEZ, 1988, p. 44-45, tradução nossa).

Compete destacar no itinerário a função que a música litúrgica exerce no despertar do sentimento do *Sagrado*, pontuando as etapas do itinerário, uma vez que

[...] toda ação litúrgica (religiosa) gera uma ação encarnada. Ela, além de despertar o numinoso, compromete ética e moralmente as pessoas com Deus. Despertar o sentimento numinoso mais profundo é dar voz também ao sentimento religioso beatífico que encontra expressão prática na ética e na moral (EBELING, 2012, p. 343).

---

<sup>80</sup> II convivência de cantores. Madri, março de 1978. Kiko Arguello. Disponível em: <<http://www.camino-neocatecumenal.org/madrid1978.html>>. Acesso em: 20/07/2018.

Do ponto de vista da criação de uma identidade de grupo, o ofício do salmista é de fundamental importância, uma vez que a sua performance se constitui no canal de transmissão das definições comunitárias do grupo na simbiose entre letra e música, tendo como marcos referenciais não somente a tradição litúrgica cristã como também a hebraica.

Aqui música não é entendida apenas a partir de seus elementos estéticos, mas, em primeiro lugar, como uma forma de comunicação que possui, semelhante a qualquer tipo de linguagem, seus próprios códigos. Música é manifestação de crenças, de identidades, é universal quanto à sua existência e importância em qualquer que seja a sociedade. Ao mesmo tempo é singular e de difícil tradução, quando apresentada fora de seu contexto ou de seu meio cultural (PINTO, 2001, p. 223).

Se levarmos em conta que “o sentimento religioso e a busca pelo transcendente são característica de todos os povos e culturas em todos os tempos” (EBELING, 2012, p. 330) chegaremos à conclusão de que a música desempenha nessa busca pelo *Sagrado* um importante papel. A música no Caminho Neocatecumenal possui um papel central na propagação dos conteúdos da fé católica interpretados pelos iniciadores do itinerário, cuja apropriação das categorias de origem judaicas se fazem presentes em diversos temas que exercem influência paradigmática sobre a autocompreensão dos indivíduos.

### 3. CAPÍTULO II – PRINCIPAIS EXPERIMENTAÇÕES ESTÉTICO-LITÚRGICAS NEOCATECUMENAS

O Caminho Neocatecumenal sendo resultado de uma série de transformações que tomaram lugar nas mudanças paradigmáticas adotadas paulatinamente pela Igreja Católica, possui suas origens em pleno período conciliar, constituindo-se de uma experiência comunitária que se desenvolveu da espontaneidade da ação catequética de Kiko Arguello, junto ao impulso missionário e criatividade litúrgica de Carmen Hernández. Segundo Kiko Arguello, “só uma nova estética salvará a Igreja”<sup>81</sup>. Essa nova estética proposta por ele tem como um dos fundamentos a liberdade de criação, tomando como pressuposto o fato de que a Igreja não desenvolveu ao longo de sua história uma estética propriamente sua, estando, portanto, aberta aos novos processos criativos surgidos na contemporaneidade. Uma das justificativas para tais usos é que se vê “a necessidade de buscar novos sinais que ‘toquem’ esse homem moderno e secularizado” (ARGUELLO, 2013, p. 117).

A renovação litúrgica, impulsionada pelo Vaticano II e que o Caminho Neocatecumenal está levando às paróquias, tem dado grande importância à linguagem dos sinais e gestos litúrgicos, uma linguagem a qual é tão sensível o homem atual, quando são realizados com dignidade e arte, com fé e unção autêntica. O homem atual sente o vazio interior, que tem criado nele a civilização técnico-científica, com seu positivismo e pragmatismo materialista, porém é sensível à linguagem simbólica, quando uma catequese adequada lhe introduz existencialmente na participação litúrgica da Igreja. Não lhe cansam as celebrações longas e sim as celebrações sem vida (HERNANDEZ, 1985, p. 20, tradução nossa).

A Eucaristia celebrada pelo Caminho Neocatecumenal em meio aos pobres e fora do ambiente da paróquia, parece ter sido um dos mais antigos e precários experimentos neocatecumenais, em termos de legitimidade, remontando a um período imediatamente posterior ao início do Concílio. Como o próprio Kiko Arguello confessa: “Celebrávamos a Eucaristia no barraco, e isso era proibido naquela época, e já haviam nos denunciado”. Tentando remediar essa situação, o arcebispo de Madri, Casimiro Morcillo deu autorização ao grupo para que celebrasse desta forma na paróquia a Eucaristia, a portas fechadas, porém com

---

<sup>81</sup> Conferência de Kiko Argüello na Universidade CEU Cardeal Herrera de Valência. Tema: “Evangelificação e Cultura”. Maio de 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5RNlhrqPebM>>. Acesso em: 26/06/2018.

uma inovação radical para a época: o uso do pão ázimo<sup>82</sup> e a comunhão sob as duas espécies. “O Concílio acabara de terminar, o arcebispo nos disse para celebrarmos de portas fechadas, porque se alguém entrasse e visse o pão ázimo poderia se escandalizar”, continua a relatar (ARGUELLO, 2013, p. 55-56). Casimiro Morcillo foi aquele que deu “o primeiro discernimento favorável. O arcebispo lhes enviou a levar sua experiência às paróquias, respeitando a centralidade do pároco” (DÍAZ, 2002, p. 712, tradução nossa).

**Imagem 4- Após a Guarda Civil tentar derrubar os barracos de Palomeras, Kiko e Carmen recorreram ao Arcebispo de Madri, Casemiro Morcillo.**



Fonte: NEOCATECHUMENALE ITER, s/d.

Ao longo dos anos, o Caminho Neocatecumenal vem sofrendo intensas críticas sobre a forma com que celebram a Eucaristia. Ao invés das hóstias consagradas, o pão ázimo, devidamente eucaristizado, é distribuído nas mãos dos participantes, que ficam em pé e em seus lugares, bem como o cálice, que é passado de mão em mão entre o povo por meio de ministros. As críticas são dirigidas também pelo fato de que, a juízo dos catequistas, essas celebrações nem sempre são abertas à totalidade dos paroquianos, o que fomenta acusações de heresia, elitismo e abuso litúrgico.

---

<sup>82</sup> O pão ázimo é o pão sem fermento, feito de trigo e água. A palavra vem do grego: ἄζυμη = sem fermento. Biblicamente, a importância do pão ázimo está intimamente ligada à celebração da festa da páscoa para os judeus. Eles celebram essa festa recordando a fuga do povo, escravo, do Egito para a terra prometida: é o Pesach, que, como lemos em Números 28,16, se celebra “no primeiro mês, no décimo quarto dia do mês”. No versículo seguinte diz: “durante sete dias se comerão ázimos”. Disponível em: <<https://abiblia.org/ver.php?id=9610>>. Acesso em: 28/06/2018.

**Imagem 5- O Cálice passando de mão em mão entre os fiéis.**



Fonte: <<https://fratresinunum.com/tag/caminho-neocatecumenal/page/2/>>.  
Acesso em: 22/01/2019.

Em diversos momentos os papas manifestaram o desejo de enquadrar as práticas do grupo à totalidade da vida das paróquias. No ano de 1981, a respeito da celebração da Vigília pascal, o papa João Paulo II se expressou da seguinte maneira:

[...] desejo-vos que vos prepareis bem para este grande mistério, ponto central da nossa fé, e que está também no centro da história do homem e do cosmos. Já vos encontrei mais vezes em diversas paróquias romanas, e *espero que nessas paróquias colaboreis com os sacerdotes*, e também com os Bispos nos sectores da diocese de Roma, com o Cardeal Vigário, pois é assim que confirmais igualmente o vosso entusiasmo pascal. A Páscoa é o dia da Igreja. *Na Igreja, no seu conjunto, na sua vida, devemos procurar espaço, um espaço autêntico para o nosso entusiasmo religioso e para o nosso apostolado* (PAPA JOÃO PAULO II AOS SALMISTAS DAS COMUNIDADES NEOCATECUMENAS ITALIANAS, 1981, grifos nossos).

No ano seguinte João Paulo II exortou de modo suave aos catequistas que prestem efetivamente “um contributo pessoal para a obra fundamental da catequese, fazendo de modo a não transmitir a vossa doutrina ou a de outro mestre, mas ‘os ensinamentos de Jesus Cristo, a Verdade que Ele comunica, ou, mais precisamente, a Verdade que Ele é’” (PAPA JOÃO PAULO II AOS CATEQUISTAS DE COMUNIDADES NEOCATECUMENAS, 1982). Em 1983, os problemas envolvendo o modo particularizado de celebrar a Vigília Pascal continuavam a preocupar o sumo pontífice, que recomendou que celebrassem “a Eucaristia e, sobretudo, a Páscoa, com verdadeira piedade, com grande dignidade, com amor pelos ritos litúrgicos da Igreja, com exacta observância das normas estabelecidas pela competente Autoridade com desejo de comunhão com todos os irmãos” e que evitassem a tentação de se fechar em si mesmos, evitando isolarem-se da totalidade da paróquia e diocese em que

desenvolviam trabalho (PAPA JOÃO PAULO II ÀS COMUNIDADES NEOCATECUMENAS VINDAS DE TODAS AS PARTES DO MUNDO, 1983).

Mais recentemente, o papa Bento XVI considerou as celebrações presentes no diretório Catequético do Caminho Neocatecumenal como não “estritamente litúrgicas”, mas como parte integrante “do itinerário de crescimento na fé”, o que levantou questões sobre a própria validade dessas celebrações (PAPA BENTO XVI À COMUNIDADE DO CAMINHO NEOCATECUMENAL, 2012). Isso soou como um alívio para a ala tradicionalista da Igreja, ficando patente nos comentários que circularam na *internet* entre os críticos das celebrações eucarísticas realizadas pelo Caminho Neocatecumenal. A nota publicada pela Associação Cultural Monfort exalta a rigidez ortodoxa do papa Bento XVI em comparação com seu predecessor João Paulo II.

Diferentemente de Wojtyła, cuja tendência “carismática” era, para muitos, bem próxima à do Caminho, Ratzinger, ligado, pelo contrário, a uma visão rigidamente ortodoxa e tradicionalista da fé, sempre mal tolerou as inovações que Kiko e seus sequazes introduziram no seu próprio modo de celebrar a missa. Primeiramente as comunidades (grupo de 30 pessoas, aproximadamente) do Caminho Neocatecumenal celebram a eucaristia no sábado à noite e não no domingo. Cada comunidade celebra outras por conta própria, naquelas paróquias em que o movimento se encontra muito difundido, chegando aos sábados a celebrar dezenas de missas; os membros do neocatecumenato comungam sentados ao redor de uma mesa eucarística, não consagram hóstias, mas um grande pão redondo que é dividido entre os comensais (sem o menor cuidado com os fragmentos eucarísticos que caem da mesa, os quais, no rito tradicional, pelo contrário, são recolhidos com escrupulosa atenção porque, conforme os católicos, Cristo está realmente presente na eucaristia e também nos menores fragmentos do pão consagrado); fazem sempre a comunhão nas duas espécies (pão e vinho), fazendo passar o cálice de mão em mão (substituído, às vezes, por vasos) se bem que a Igreja restringe este tipo de comunhão somente a casos particulares; durante a liturgia da palavra, as leituras são introduzidas por longas advertências feitas por catequistas da comunidade, na realidade, em geral, verdadeiras homilias que substituem a dos sacerdotes; ao final das leituras os presentes, através do que denominam de “ressonâncias”, compartilham com a comunidade aquilo que a Palavra lhes inspirou; a saudação da paz (momento de notável valor atribuído pela comunidade) acontece antes do ofertório, conforme o rito ambrosiano; nas missas do Neocatecumenato, que salientam a forma de celebrar das primeiras comunidades cristãs, não é recitado nem o Glória e nem o Credo (MONFORT ASSOCIAÇÃO CULTURAL, 2006)<sup>83</sup>.

O papa João Paulo II em algumas ocasiões chegou a celebrar a Eucaristia segundo o Caminho Neocatecumenal costuma celebrar. Em uma celebração, com jovens do itinerário, o

---

<sup>83</sup> Bento XVI ordena: basta à fantasia litúrgica do Neocatecumenato. Disponível em: <<http://www.montfort.org.br/bra/imprensa/igreja/20060109/>>. Acesso em: 28/06/2018.

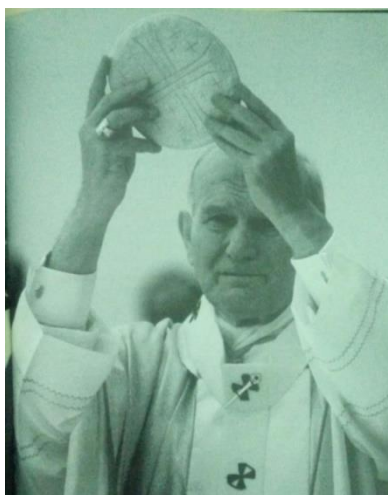
papa inclusive teceu elogios à liturgia usando os seguintes termos: “Participamos de uma liturgia muito bela, cheia de vida, cheia de oração, cheia de coração. Agradeço-vos por esta oportunidade” (NEOCATECHUMENALE ITER, s/d).

**Imagem 6- O papa João Paulo II celebrando a Eucaristia, em 1983, com jovens do Caminho Neocatecumenal que se preparavam para ingressar no seminário.**



Fonte: NEOCATECHUMENALE ITER, s/d.

**Imagem 7- O papa João Paulo II consagrando o grande pão ázimo tipicamente usado nas celebrações do Caminho Neocatecumenal.**



Fonte: NEOCATECHUMENALE ITER, s/d.

No ano de 2014, o papa Francisco, de modo sutil procurou orientar os membros do Caminho Neocatecumenal a evitar quaisquer formas de exclusivismo.

O Caminho Neocatecumenal, enquanto itinerário de descoberta do próprio Baptismo, é um caminho exigente, ao longo do qual um irmão ou uma irmã



pode encontrar dificuldades imprevistas. Nestes casos a prática da paciência e da misericórdia por parte da comunidade é sinal de maturidade na fé. *A liberdade de cada um não deve ser forçada, e deve-se respeitar também a eventual escolha de quem decidir procurar, fora do Caminho, outras formas de vida cristã que o ajudem a crescer na resposta à chamada do Senhor* (PAPA FRANCISCO AOS REPRESENTANTES DO CAMINHO NEOCATECUMENAL, 2014, grifo nosso).

Ainda preocupado com a tendência sectária do grupo, o papa Francisco ressalta que “os carismas são uma graça de Deus para aumentar a comunhão. Mas o carisma pode deteriorar-se quando nos fechamos ou nos orgulhamos, quando queremos distinguir-nos dos outros” (PAPA FRANCISCO AOS MEMBROS DO MOVIMENTO NEOCATECUMENAL, 2016). Por outro lado, o pontificado de Francisco parece mais favorável às inovações litúrgicas do Caminho. Em 2014, o Secretário de Estado do Vaticano, Angelo Becciu escreveu uma carta<sup>84</sup> a Kiko Arguello confirmando a normatividade dos artigos 12 e 13 do *Estatuto Oficial*, que definem como são celebradas a Vigília Pascal e a eucaristia no itinerário.

Em termos de mercado de bens simbólicos, dentro de um quadro de pluralismo religioso, tais modulações nos ritos costumam gerar uma série de desconfortos, uma vez esta situação introduz novas demandas como, por exemplo, a participação ativa dos leigos nos atos litúrgicos através da proclamação da Palavra e das ressonâncias, onde os participantes podem compartilhar com a assembleia aquilo que a Palavra lhes inspirou. Ao oferecer essa oportunidade de protagonismo leigo, o Caminho Neocatecumenal, dentro da pluralidade litúrgica católica<sup>85</sup>, estaria pondo em prática, de forma particular, ou seja, com sua própria hermenêutica, a orientação da constituição *Sacrosanctum Concilium* que versa:

Para assegurar esta eficácia plena, é necessário, porém, que os fiéis celebrem a Liturgia com rectidão de espírito, unam a sua mente às palavras que pronunciam, cooperem com a graça de Deus, não aconteça de a receberem em vão. Por conseguinte, devem os pastores de almas vigiar por que não só se observem, na acção litúrgica, as leis que regulam a celebração válida e lícita, mas também que os fiéis participem nela consciente, activa e frutuosa (SACROSANCTUM CONCILIUM, 1963, Art.11).

---

<sup>84</sup> Carta do Arcebispo Angelo Becciu a Kiko Arguello. Disponível em: <<https://pt.zenit.org/articles/carta-do-arcebispo-angelo-becciu-a-kiko-arguello/>>. Acesso em: 22/01/2019.

<sup>85</sup> Juntamente com a Igreja de rito latino, os orientais católicos, formam 24 Igrejas *sui iuris*, cada uma conservando as legítimas diferenças, mas todas enraizadas na mesma fé; portanto, todas são católicas. A catolicidade e a identidade católica não consistem e não subsistem num dos 24 Ritos (o latino e 23 orientais), mas na unidade em Cristo e na fidelidade ao Papa (KOUBETCH, 2015, p. 6).

Trata-se também de uma consequência própria do pluralismo a “contaminação cognitiva”<sup>86</sup>, que se dá na conversação entre duas tradições religiosas vivas que se configura enquanto “elemento dinâmico na situação, um princípio de mutabilidade se não de mudança, inimigo visceral do tradicionalismo religioso”, uma vez que “ainda há uma forte ‘lealdade ao produto’ entre certos grupos de ‘velhos fregueses’”, acostumados com os modos tradicionais de expressão dos conteúdos religiosos (BERGER, 2013, p. 156). Um exemplo da maneira inovadora de expressar o conteúdo da fé é o esforço de Kiko em ambientar o cristianismo à sua origem hebraica, notada inclusive na produção da arte sacra que o pintor espanhol desenvolve. Abaixo o ícone clássico da Sagrada Família é descrito como uma típica família judia, em que José e o menino Jesus aparecem portando seus tradicionais *talits*<sup>87</sup> e *tefilins*<sup>88</sup>, elementos peculiares aos serviços religiosos dos judeus piedosos até os dias de hoje. Nota-se também que o menino Jesus abraça um rolo do que seria uma *Torá*. De certa maneira a reaproximação da cultura judaica operada no Caminho Neocatecumenal é um desdobramento do diálogo judeu-católico anterior ao Concílio Vaticano II. Dois nomes poderiam ser citados aqui: do lado judeu, o do historiador Jules Isaac (1877-1963), que gozava da amizade do papa João XXIII, e, do lado católico, o cardeal alemão Agostinho Bea (1881-1968), designado por João XXIII para a difícil missão de eliminar do ensino católico todo o conteúdo negativo acerca dos judeus e estabelecer diálogo com as igrejas cristãs que não estão em plena comunhão com Roma. Jules Isaac, em seu livro *Jesus e Israel* lançado em 1959, ao demonstrar a incongruência existente na sua época, demonstrou com certa facilidade, lançando mão de importantes pensadores cristãos modernos, que não é possível sustentar uma fé cristã e ao mesmo tempo ser antissemita. Citando Jacques Maritain: “Não é pouca coisa para um cristão odiar ou menosprezar ou querer tratar de modo aviltante a raça donde saíram

---

<sup>86</sup> Peter Berger tratou o termo “contaminação cognitiva” como se referindo ao processo em que as pessoas estabelecem conversações e se influenciam mutuamente. Aprofundando o termo, propõe que é algo “que acontece quando as pessoas se veem diante de supostos fatos que contradizem aquilo em que elas anteriormente acreditavam”, não esquecendo que há um esforço nesses casos de evitar tudo aquilo que soe dissonante. Uma estratégia comum nesses casos é a da negociação, em que não se nega nem a verdade sobre sua crença e nem se anula por completo a do outro, ou seja, uma barganha cognitiva (BERGER, 2017a, p. 20-22).

<sup>87</sup> Trata-se de um manto ou xale judaico de oração ou rezas. O talit é usado sobre as roupas exteriores durante as orações da manhã (*Shacharit*) e usado durante todas as orações em Yom Kippur, o Dia do Perdão. O Talit é um manto de um tecido, normalmente sem emendas e com grandes franjas conhecidas como tzitzit que estão anexados aos quatro cantos. Disponível em: <<https://www.cafetorah.com/talit-o-que-e-e-qual-o-seu-significado/>>. Acesso em: 22/12/2018.

<sup>88</sup> Consiste em duas pequenas caixas quadradas de couro de um animal *casher*, permitidos para consumo. Devem formar um quadrado perfeito e as tiras de couro devem ser pintadas de preto, sem qualquer falha. Dentro de cada caixa encontram-se escritos em pergaminho (que também é feito de um animal *casher*), quatro parágrafos da Torá. A Torá apenas nos diz que devemos “amarrá-los sobre a mão e devem ser como lembrança entre os olhos”. Disponível em: <[https://pt.chabad.org/library/article\\_cdo/aid/666735/jewish/O-Tefilin.htm](https://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/666735/jewish/O-Tefilin.htm)>. Acesso em: 22/12/2018.

seu Deus e a Mãe imaculada de seu Deus” (MARITAIN apud ISAAC, 1986, p. 18). Agostinho Bea, por sua vez, na condição de homem de confiança de João XXIII, foi responsável pela composição de documentos importantes que mudaram a relação da Igreja em relação aos judeus, tais como o Decreto *Unitatis Redintegratio* e a Declaração *Nostra Aetate*, a despeito do movimento de pressão criado por países árabes na época (ZAMAGNA, 2015, p. 54).

**Figura 2- Ícone da Sagrada Família de Nazaré, inspirado no esboço original de Kiko Arguello, de 1994.**



Fonte: <<https://www.pinterest.com.mx/pin/37436240637666239/>>.  
Acesso em: 22/12/2018.

Analisando a hermenêutica da continuidade, termo adotado por Joseph Ratzinger ao referir-se às transformações litúrgicas promovidas pelo Concílio Vaticano II, não como uma ruptura, mas como uma continuação de um movimento orgânico, especialista em música litúrgica católica Fernando Lacerda Simões Duarte aponta que uma das principais inovações pós-conciliares foi o “fato de o caráter sacrificial, ou seja, a oferenda do sacerdote pela expiação dos pecados do povo que se percebia até então na Oração Eucarística se perderia em detrimento do caráter de refeição memorial”, o que para o grupo oposto ao Concílio Vaticano II, liderado pelo Monsenhor Lefebvre<sup>89</sup> justamente representava um sinal da protestantização

---

<sup>89</sup> Uma minoria que não aceitava inovações alguma, organizou-se em torno de um movimento que defendia a tradição, surgia a Fraternidade Sacerdotal São Pio X. Um grupo de bispos e padres liderados por Mons. Marcel-François Lefebvre (1905-1991) quis permanecer fiel ao rito de São Pio V e assim se manteve, não celebrando a

do ritual católico (DUARTE, 2013, p. 54). Este autor ressalta que, em sentido prático, a continuidade litúrgica preconizada Ratzinger não se mostra tão real quanto o senso de ruptura advindo das inovações desenvolvidas após o Concílio Vaticano II.

O modo como se dão as celebrações eucarísticas no itinerário é devedor dos esforços do movimento litúrgico coroado no Concílio Vaticano II.

E não se trata, em primeiro lugar, de nos determos em considerar as que poderíamos definir como reformas espetaculares, como a comunhão sob as duas espécies, a concelebração e a adoção da língua vernácula para o uso litúrgico. Trata-se, sobretudo, de uma visão mais profunda e de uma ideia mais completa do que a liturgia é e de como ela, em conformidade com este melhor conhecimento que dela temos, deve encontrar a forma que melhor se adapta ao nosso mundo de hoje (NEUNHEUSER, 1992, p. 797).

O Caminho se notabiliza justamente por estar na vanguarda do resgate do caráter comunitário da celebração eucarística, como também da redescoberta do Mistério Pascal em seu enraizamento na tradição hebraica. Carmine di Sante avalia que retomar as categorias hebraicas se torna imprescindível, ainda que no contexto contemporâneo, cuja hermenêutica parece se voltar contra a narrativa mitológica, sobretudo após o desenvolvimento do método histórico-crítico<sup>90</sup>, do qual Bultmann<sup>91</sup> é um dos grandes expoentes. Isso porque as narrativas mitológicas e a profundidade dos símbolos “uma vez acolhidos e ouvidos têm o poder de enriquecer e de alegrar a existência humana, inspirando e vivificando os modelos expressivos

Missa no novo ritual confeccionado após o Vaticano II. Mas, com o passar do tempo, o peso da idade recaiu sobre o referido bispo, e sem ter um sucessor no grau do episcopado para comandar a Fraternidade São Pio X (1969), pretendeu ordenar novos bispos. [...] A reação de Roma foi manter a autoridade da Sé Petrina, e com uma carta apostólica intitulada *Ecclesia Dei*, Igreja de Deus, sob a autoridade de João Paulo II, excomungou, em dois de julho de 1988, os bispos sagrantes e os ordenados em dezessete de junho do mesmo ano: Mons. Lefebvre, Bernard Fellay, Bernard Tissim de Mallerais, Richard Williamson e Alfonso de Galarreta (DIAS, 2010, p. 7).

<sup>90</sup> O movimento de investigação histórico-crítico tem suas raízes na expansão do humanismo renascentista, mesmo que ainda não adquiria fisionomia própria até a época da Ilustração. De certo modo, pode ser considerado produto do liberalismo teológico; porém, como método hermenêutico, logo adquiriu identidade própria e uma vitalidade que o tem feito perdurar até nossos dias. Muitos setores da ciência bíblica veem nele um instrumento indispensável; outros, o método por excelência. Sua finalidade é descobrir o sentido dos textos bíblicos dentro do contexto da história de Israel, no caso do Antigo Testamento, ou da primeira tradição cristã no Novo Testamento. De qualquer maneira, trata de fazer a interpretação aplicando cientificamente a razão. No entanto, nos inícios do Iluminismo, muitos concebiam a leitura histórica como uma forma de libertar a Palavra de Deus de seus condicionamentos históricos (AQUINO JUNIOR, 2015, p. 602).

<sup>91</sup> Um dos teólogos mais influentes do século XX, Rudolf Bultmann (1884-1976) se destacou com seus escritos históricos e interpretativos sobre o Novo Testamento. Ele foi, durante muitos anos, catedrático da Universidade de Marburg, na Alemanha. Segundo Bultmann, a tarefa da teologia é a de descobrir um “conceptualismo”, cujos termos pudessem aproximar a mensagem do Novo Testamento a cosmovisão moderna. Apoiando-se num esquema interpretativo existencialista, bastante influenciado por Martin Heidegger, seu colega na Universidade de Marburg, Bultmann passou sua vida lendo o Novo Testamento, como se fosse um documento heideggeriano, e se valendo de métodos histórico-críticos para eliminar do texto os elementos resistentes ao sistema filosófico existencialista. Disponível em: <[http://www.monergismo.com/textos/teologia/teologia\\_rudolf.htm](http://www.monergismo.com/textos/teologia/teologia_rudolf.htm)>. Acesso em: 29/06/2018.

e interpretativos” (DI SANTE, 2004, p. 12-13). O conceito de Mistério Pascal é aquele que se estabelece como conteúdo semântico mais aprofundado no Caminho Neocatecumenal e cujas figuras do Antigo Testamento presentes na história da salvação continuam a inspirar as pessoas de diversas maneiras. O autor afirma que embora seja um terreno comum encontrar as origens dos sacramentos cristãos na liturgia hebraica, esse contexto ou lugar de origem, no entanto, parece ser interpretado muitas das vezes apenas como um “fundo provisório polêmico e secundário, e não como *húmus* positivo, vital e substancial” (DI SANTE, 2004, p. 16).

A liturgia especificamente neocatecumenal nasce em Barcelona por meio do encontro entre Carmen Hernández e o padre Pedro Farnés. Kiko Arguello a ele se refere da seguinte maneira, em sua biografia: “Por meio do Padre Farnés, um grande liturgista que Carmen havia conhecido em Barcelona, entrei em contato com a renovação do Concílio Vaticano II. [...], trazendo até nós a descoberta do Concílio sobre o Mistério Pascal” (ARGUELLO, 2013, p. 52). Apesar de não fazer efetivamente parte do Caminho Neocatecumenal, a influência de Pedro Farnés foi fundamental para o itinerário, uma vez que direcionou não só a celebração da Eucaristia, como também a maneira com que o espaço sagrado é organizado. Foi também de inspiração dos escritos do padre Farnés que as comunidades neocatecumenais se organizassem em pequenos grupos para celebrar não somente a Palavra como também a Eucaristia. Em alguns casos as paróquias passam a contar com salas que acomodam essas pequenas comunidades, ao conjunto dessas salas se denomina, segundo a doutora em História da Arte, da Universidade de Salamanca, Maria Diéguez Melo, *catecumenium* (MELO, 2010, p. 1099). Por meio das aulas ministradas pelo padre Farnés as práticas neocatecumenais foram se definindo a luz dos documentos conciliares.

Os movimentos de renovação da liturgia, dos estudos bíblicos e patrísticos, o movimento ecumênico e a própria ação do laicato se fizeram cada vez mais ativos na Igreja, desde o início do século passado. Eram forças renovadoras que penetravam nas formulações e nas práticas eclesiais produzindo anseios de mudanças, sempre em nome da fé, porém devedores das exigências advindas dos estudos e das práticas modernas (PASSOS, 2014, p. 42).

Podemos destacar na teologia do Caminho Neocatecumenal uma síntese dos documentos conciliares, revelando um pouco sobre como as suas interpretações são postas no âmbito do itinerário. Isso se dá por meio do tripé Palavra-Liturgia-Comunidade, como nos informa Emiliano Jimenez Hernandez.

Em sua formação, desenvolvimento e meta, o Caminho é baseado no tripé: Palavra-Liturgia-Comunidade. É a Palavra anunciada, acolhida e celebrada quem convoca, alimenta e sustenta a comunidade. É a Liturgia que faz viva e

efetiva a Palavra, levando os irmãos da divisão à Comunhão, fazendo dos irmãos um Corpo, que tem Cristo como sua cabeça. É a comunidade quem anuncia e celebra a Palavra cumprida nela. Em todas suas etapas está presente este Tripé (HERNANDEZ, 1985, p. 14, tradução nossa).

Cada parte do tripé procura se legitimar com base em uma das constituições dogmáticas produzidas ao fim do Concílio Vaticano II, mas como ideologia subjacente, é inegável influência da *mishná* judaica. Peter Berger e Thomas Luckmann, ao analisarem o processo de legitimação enquanto explicação e justificação, afirmam que “A legitimação ‘explica’ a ordem institucional dando dignidade normativa a seus imperativos práticos” (BERGER; LUCKMANN, 2014, p. 124).

A Constituição *Dei Verbum* põe em destaque a primazia da Palavra na reflexão teológica, litúrgica e pastoral de um modo geral. No Caminho Neocatecumenal os vários princípios interpretativos da Bíblia são levados em consideração, atentando para o conteúdo de toda a Escritura tomando como princípio a unidade entre o Velho e o Novo Testamento, onde a revelação desemboca no seu ápice que é Cristo. Considera-se ainda a maneira com que a comunidade de fé interpretou a Escritura, considerando a Tradição viva da Igreja desde a Patrística até aos dias atuais (LIMA Maria, 2015, p. 252).

A Palavra é sempre preparada por alguns irmãos da comunidade, que se servem do Vocabulário de Teologia Bíblica, de León Dufour e das notas e introduções da Bíblia<sup>92</sup> e da exegese dos melhores escrituristas da Igreja. O presbítero que preside a celebração garante a comunhão eclesial na interpretação da Escritura. Nas sucessivas etapas se percorre de novo toda a Escritura, vendo nela a história da salvação em seus momentos fundamentais ou aprofundando em aspectos particulares, como as figuras ou personagens bíblicos, os salmos, as bem-aventuranças. Pode-se dizer que no neocatecumenado a Escritura é a alma da vida e da formação dos membros da comunidade (HERNANDEZ, 1985, p. 16-17, tradução nossa).

É necessário destacar o papel exercido pelos *sites* oficiais e de membros do Caminho Neocatecumenal no sentido de fornecer material formativo básico para a linha de catecumenato proposto pelo itinerário. Ressaltamos a presença de um número considerável de textos relacionados ao judaísmo nesses ambientes virtuais, o que evidencia a relevância que os temas hebraicos possuem nas práticas do grupo. Existem inclusive campos exclusivos destinados ao conhecimento básico da tradição judia por parte dos envolvidos nesse itinerário de iniciação. Os itens tratam de fornecer informações sobre as relações entre a Igreja e o Judaísmo, dando relevo aos seus aspectos comunitários, rituais, literários, místicos e festivos.

---

<sup>92</sup> É comumente utilizada uma versão da Bíblia de Jerusalém, por parte dos catequistas. Disponível em: <<http://euvenhoreunir.blogspot.com/2012/07/biblia-de-jerusalem.html>>. Acesso em: 19/07/2018.

Dedicar todo um espaço à exposição básica do judaísmo mostra o quanto que este se configura como elemento de fundo que confere certas peculiaridades à maneira de viver a fé cristã no âmbito das atividades do grupo.

**Figura 3- Página oficial espanhola dedica ao Judaísmo um campo exclusivo.**



Fonte: <<https://www.camino-neocatecumenal.org/judaismo.html>>.  
Acesso em: 22/12/2018.

Carmine Di Sante irá salientar a importância desse reencontro ao afirmar que:

As categorias de origem, que são fundamento e sustentáculo do cristianismo, são as categorias judaicas de *fé*, da *eleição*, da *vocação* do povo, da *escravidão*, do *Antigo Testamento*, da *Aliança*, da *raiz*, da *paz* e da reconciliação. Estas categorias são como fontes que, nos centros em que se desenvolve a história cristã do lugarejo, matam a sede dos seus habitantes e os alegram. Afastar-se destas categorias é arriscar-se a passar sede (DI SANTE, 2004, p. 14, grifos do autor).

Na celebração da Palavra esses termos são reafirmados no próprio método de leitura definido pelo *Estatuto Oficial* no Capítulo III, Art. 11 (2009), que afirma que “Cada Comunidade Neocatecumenal tem semanalmente uma celebração da palavra de Deus, normalmente com quatro leituras, segundo os temas indicados pela *Orientação às Equipes de Catequistas* para cada etapa”. A nota de rodapé desse parágrafo propõe como modelo de leitura da Bíblia um padrão análogo ao que tradicionalmente se faz nas sinagogas: “Geralmente a 1ª leitura é tirada da *Torá* ou dos livros históricos do AT; a 2ª, dos profetas ou dos livros sapienciais; a 3ª, dos escritos apostólicos e a 4ª, dos Evangelhos”. Referimo-nos ao modelo sinagoga, obviamente, às duas primeiras leituras em que a primeira parte remonta à leitura “de trechos chamados *parashot* (plural de *parashah*) que significa “parte”, “seção”

(etimologicamente: “quantidade”, “massa”)) (DI SANTE, 2004, p. 135), aludindo-se ao trecho da *Torá*, ou seja, os cinco primeiros livros da Bíblia, atribuídos a Moisés. A segunda leitura, retirada dos profetas ou dos livros sapienciais correspondem precisamente a uma segunda porção de leitura,

[...] à *haftarah*, servindo-se de alguns versículos bíblicos tirados dos Hagiógrafos e dos Salmos e chamados *petihtot* (do radical *pth*, abrir), porque “abria”, isto é revelava o sentido dos trechos lidos. Deste modo, o orador realizava concretamente a união da *Torá*, dos profetas e dos Hagiógrafos (as três coleções da Bíblia hebraica), utilizando toda a Escritura (DI SANTE, 2004, p. 137).

É dentro desse quadro de referência que as catequeses neocatecumenais resgatam o contexto original hebraico da vida cristã, de maneira que ele interfira radicalmente na maneira em que os participantes leem a Igreja, com seus símbolos e sacramentais.

A celebração da Palavra costuma ser acompanhada por músicas que, no contexto de uma Liturgia, tem a função de ajudar os neocatecúmenos a “vivenciar o mistério e ser transformado por ele” desempenhando um papel mistagógico, uma vez que a eficácia sacramental se expressa na adesão ao mistério de Cristo vivenciado de forma existencial que leva ao compromisso (BUYST; FONSECA, 2008, p. 12-13). Para tanto um grupo já iniciado escolhe as leituras e cantos, tal como se ressalta em uma nota de rodapé, “usa-se um hinário de cantos tirados da palavra de Deus e da tradição litúrgica cristã e hebraica, que vão sublinhando os conteúdos das diversas etapas e passagens” (NEOCATECHUMENALE ITER STATUTA, 2009, Art. 21).

Dentro do ideário do movimento litúrgico presente no Caminho se encontra aquilo que Maria Diéguez Melo destacará como a mais relevante inovação do Concílio, que é a ênfase em se criar um nexo entre a linguagem verbo-sacramental e o figurativo.

Trata-se de criar uma linguagem figurativa partindo dos ritos formalizados (linguagem figurativa dos símbolos e dos sacramentos), dos comportamentos (linguagem figurativa do corpo e das interações do grupo) e das arquiteturas (linguagem figurativa dos espaços e, dos sinais e da iconografia) para assim articular um projeto moderno de espaço litúrgico (MELO, 2010, p. 1097, tradução nossa).

Assim sendo, o Caminho Neocatecumenal trabalha a globalidade da renovação litúrgica da Igreja, afetando radicalmente a maneira com que o espaço arquitetônico das paróquias onde o itinerário atua por mais tempo se apresenta, adaptando-as a um projeto moderno que visa oferecer um ambiente propício às atividades e definições teológicas próprias do movimento.



**Imagem 8- Detalhe da Chanukiá na mesa da Eucaristia.**



Fonte: NEOCATECHUMENALE ITER, s/d.

**Imagem 9- Cerimônia de envio em missões de 400 membros do Caminho Neocatecumenal, em Brasília, julho de 2017.**



Fonte: <<http://www.cnbbrco.com/dioces/es/arquidiocese-de-brasilia/item/838-em-brasilia-igreja-envia-em-missao-400-membros-do-caminho-neocatecumenal#.XHFPqaJKjIU>>.

Acesso em: 22/01/2019.

Do ponto de vista dos ritos formalizados, o Caminho Neocatecumenal, embora não constitua um rito próprio, opera inovações interessantes, tais como a maneira centralizada em que o altar ou mesa é posicionado em relação à assembleia. Nela se destaca geralmente um candelabro de nove braços, bastante semelhante aos usados no período festivo de *Chanucá*<sup>93</sup>,

---

<sup>93</sup> Chanucá é a “festa das luzes”, festa judaica de oito dias, celebrada com um acendimento noturno da Chanukiá, preces e alimentos fritos. Comemora a rededicação do Templo de Jerusalém, no segundo século Antes da Era

em alguns casos a *Menorá*<sup>94</sup>. Em algumas assembleias litúrgicas é surpreendente a quantidade de cálices e de pães ázimos dispostos sobre a mesa eucarística, destinados a servir o sacramento sob as duas espécies, pão e vinho, aos participantes.

Outra característica do Caminho Neocatecumenal é o batismo administrado por imersão em uma piscina batismal em forma de cruz grega, que de alguma maneira nos remete às *mikvós*<sup>95</sup> judaicas. O tanque batismal no contexto neocatecumenal possui sete degraus, que representam os sete pecados capitais, por onde os candidatos ao batismo descem para serem imersos. A imersão ou batismo foi oferecido nos inícios do cristianismo pelos seguidores de Jesus aos “tementes a Deus” sem a necessidade da circuncisão, como via de inserção de gentios “como membros plenos do Povo de Deus” o que não deixava de apresentar também um componente político importante, uma vez que dentre os gentios não eram poucos os oriundos da classe mais bem instruída e funcionários das instituições das cidades (EBNER, 2012, p. 19).

Ao lado do aspecto teológico e antropológico, também tem papel importante um componente político-religioso: com a atividade missionária dos discípulos de Jesus entre os tementes a Deus, teve início uma disputa pela mesma clientela, que, em virtude de sua função lobista, era especialmente significativa nas cidades. Os discípulos de Jesus ofereciam (plena participação) por menos preço (sem circuncisão). As sinagogas judaicas defenderam-se contra essa “admissão competitiva”. Consequências legais: o sucesso dos discípulos de Jesus deveu-se graças às bases que as comunidades sinagogais judaicas (involuntariamente) colocavam à disposição de suas atividades. (EBNER, 2012, p. 20).

O catacumenato veio a ser o processo adotado pelos cristãos pré-constantinianos como forma de inserção ritual por meio do batismo, superando quaisquer barreiras étnicas na adesão ao povo de Deus.

Comum, por ocasião da vitória de Judas Macabeu sobre os selêucidas (sírios-gregos), que objetivavam aculturar os judeus. Após a expulsão do inimigo e rededicação do Templo ao serviço religioso judaico notou-se a escassez de azeite para acender as luzes, mas milagrosamente o azeite usado, que só serviria para um dia, durou oito dias. Os judeus celebram essa data, em dezembro, acendendo progressivamente um castiçal de oito braços (Chanukiá), se utilizando do braço central (Shamash – “Atendente”) para acender cada uma das lamparinas. Disponível em: <[https://pt.chabad.org/library/article\\_cdo/aid/3522880/jewish/O-que-Chanuc.htm](https://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/3522880/jewish/O-que-Chanuc.htm)>. Acesso em: 20/01/2019.

<sup>94</sup> A Menorá ou Menorah é um candelabro de sete braços, este é um dos principais e mais difundidos símbolos do Judaísmo e talvez o mais importante e continuamente reconhecido ao longo da história. Disponível em: <<https://www.cafetorah.com/a-menorah-candelabro-judaico-de-sete-bracos/>>. Acesso em: 20/01/2019.

<sup>95</sup> Banho ritual destinado para efeitos de imersão ritual do judaísmo. A palavra “mikveh”, tal como utilizado no Bíblia Hebraica, significa literalmente uma “coletânea” - em geral, um lugar para coleta de águas. Esses banhos se destinavam à purificação das mulheres após a menstruação ou parto, como parte do processo de purificação ritual de candidatos à conversão ao judaísmo e lavagem de utensílios destinados á alimentação. Disponível em: <<https://www.cafetorah.com/mikveh/>>. Acesso em: 20/01.2019.

### Imagem 10- Batismo por imersão no Caminho Neocatecumenal.



Fonte: <<http://comunidadeum.blogspot.com/2015/04/convite.html>>.  
Acesso em: 22/02/2019.

A gestualidade também é um elemento forte presente nas celebrações neocatecumenais. Este aspecto se torna marcante no rito da paz, cuja antecipação para antes da oração eucarística permite tanto a socialização entre os membros como a concentração plena no ritual eucarístico. Essa prática se legitima no rito ambrosiano, uma das variantes do rito latino.

Nas celebrações neocatecumenais a noção de comunidade que supera a invisibilidade no seio das paróquias é uma constante nesse momento. Outro hábito interessante das celebrações é o costume de dançarem em volta da mesa ao final das celebrações um tipo de dança ritmada e marcada por palmas que muito lembra as danças israelitas praticadas durante a festa de *Shavuot*<sup>96</sup>.

---

<sup>96</sup> Festa que marca a entrega dos Dez Mandamentos (Torá) por D'us a Moisés e ao povo de Israel ainda no deserto do Sinai, após a saída da escravidão no Egito. De acordo com a tradição judaica, a outorga das leis sagradas aconteceu no ano de 2448 no calendário hebraico, ou por volta do ano 1300 A.E.C. (antes da Era Comum). Em hebraico, Shavuot significa “semanas” e remete à contagem das sete semanas que separam o Êxodo do Egito da entrega dos Dez Mandamentos. Em Pessach (Páscoa), os judeus saíram da escravidão e em Shavuot receberam seu código de leis. A festa de Shavuot também é conhecida por outros dois nomes: Hag Habikurim (Festa dos Primeiros Frutos) e Hag Hakatzir (Festa da Colheita). Esses nomes remontam ao período em que o Templo de Jerusalém ainda existia. Na época de Shavuot, os agricultores levavam ao Templo Sagrado uma oferenda do primeiro trigo, cevada, uvas, figos, romãs, azeitonas e tâmaras que cresciam no campo, como forma de agradecimento a D'us. Era também nessa época do ano que o trigo, o último dos grãos a ficar pronto para ser cortado, era colhido. Por isso, juntamente com Pessach e Sucot, a festa de Shavuot era um dos três grandes períodos de peregrinação ao Templo de Jerusalém (Shloshet ha Regalim). Disponível em: <<http://www.conib.org.br/glossario/shavuot/>>. Acesso em: 22/02/2019.

**Imagem 11- Membros do Caminho Neocatecumenal dançando em volta do altar ao final da celebração.**



Fonte: <<http://comunidadeum.blogspot.com/2012/12/pe-luis-crisntian-primeira-missa.html>>.  
Acesso em: 22/02/2019.

Na Antropologia litúrgica, descobrimos que a celebração é um ritual que envolve a pessoa, em sua espiritualidade, e as relações com os irmãos envolvidos no culto. Os fiéis participam das atividades litúrgicas porque se sentem tocados pelos sinais e pelas palavras vividos, ao mesmo tempo que encontra afetividade na sua comunidade (BOGAZ; HANSEN, 2015, p. 556).

Ressalta-se o fato de que no contexto das celebrações neocatecumenais a hierarquia tem uma dimensão muito mais servidora da comunidade, de algum modo simbolizando Cristo que se dirige até o povo, este, por sua vez, é levado a celebrar em unidade com toda a assembleia os acontecimentos litúrgicos.

Destacam-se as atividades do itinerário no sentido de criar espaços arquitetônicos novos com o claro objetivo de comportar as atividades “de uma comunidade paroquial composta por pequenas comunidades que se reúnem de maneira independente ao longo da semana, porém também era necessário um grande templo onde todas elas pudessem celebrar juntas a liturgia dominical” (MELO, 2010, p. 1098-1099, tradução nossa), como também o empenho por meio dos quais se busca e a recuperação da iconografia na arte ocidental. A proposta do Caminho é organizar a assembleia de fiéis de modo que o foco litúrgico esteja ao centro para facilitar a sua atenção (MELO, 2010, p. 1099).

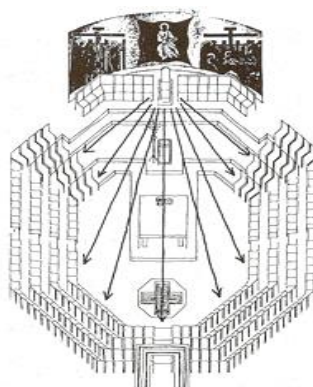
**Imagem 12- Ordem do espaço litúrgico em uma celebração neocatecumenal.**



Fonte: Orientaciones Teológicas y Pastorales Sobre el Espacio Litúrgico (RECODER et Al, 2008, p. 38).  
Acesso em: 22/02/2019.

No ideário neocatecumenal de renovação das paróquias, não se fala tanto em trono ou cadeira episcopal, o que se tem é a ideia de um lugar centralizado para o presbitério como presidindo e ao mesmo tempo como parte da totalidade da assembleia litúrgica. Esse papel se reveste de uma natureza simbólica e sacramental, à medida que representa Cristo, que é o *Cabeça e Pastor* da Igreja. O lugar do presbitério é bastante simples ao mesmo tempo em que expressa dignidade, de modo que se evita a ideia de autoridade como poder e se implementa a ideia de autoridade como serviço (BERGAMO; PRETE, 2008, p. 15). Do alto da Sede presidencial o episcopado pode ver e ser observado por toda a assembleia.

**Figura 4- Visão da assembleia litúrgica a partir da Sede.**



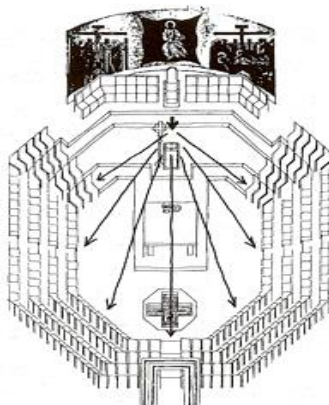
Fonte: Orientaciones Teológicas y Pastorales Sobre el Espacio Litúrgico (RECODER et Al, 2008, p. 17).

O Ambão, por sua vez, se constitui altar da Palavra, sobre ele se sobressai o livro das Sagradas Escrituras. A proclamação da Palavra pode ser feita pelo Presbítero ou diácono, por



um leitor ou mesmo pelo salmista. Simbolicamente o Ambão tem o mesmo peso de valor que o Altar da Eucaristia, representando por sua vez Cristo, o Profeta (BERGAMO; PRETE, 2008, p. 24).

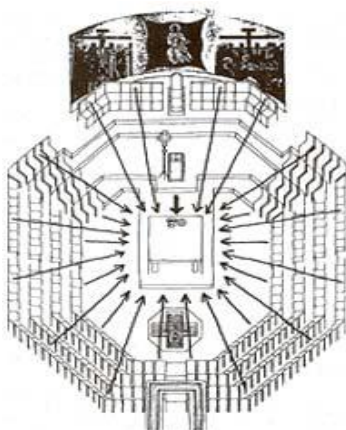
**Figura 5- Vista da assembleia a partir do Ambão.**



Fonte: Orientaciones Teológicas y Pastorales Sobre el Espacio Litúrgico (RECODER et Al, 2008, p. 25).

Todas essas transformações na maneira com que os espaços celebrativos são dispostos é resultado do longo esforço de Carmen Hernández junto com o liturgista padre Pedro Farnés por recuperar a forma com que a Eucaristia era celebrada nas comunidades cristãs primitivas de maneira a aplicá-la nas paróquias. Tendo o Mistério Pascoal, ou seja, a Eucaristia, como elemento central é notório o impacto que a ressignificação do espaço sagrado exerce, sobre a adoção de novas categorias globalizantes da ação litúrgica, como “assembleia litúrgica” faz de cada indivíduo um participante ativo do ritual.

**Figura 6- Foco da totalidade da assembleia para o Altar da Eucaristia.**



Fonte: Orientaciones Teológicas y Pastorales Sobre el Espacio Litúrgico (RECODER et Al, 2008, p. 35).

Ao nosso ver, o simbolismo das celebrações neocatecumenais, assim como é característico do símbolo, une não só o visível ao invisível, como os indivíduos entre si, em uma realidade que engloba a obra de arte em si, a realidade a qual o símbolo representado se refere e o modo com que cada indivíduo irá interpretar e conceptualizar (RODRIGUES, 2018, p. 111).

### **3.1. A Música Litúrgica Pós-Vaticano II e a Sua Instrumentalização no Neocatecumenato**

Parte do ideário neocatecumenal é transmitida ao longo do processo de iniciação através de conteúdos cuidadosamente adequados às diferentes etapas e passos por meio das músicas, estas compondo uma parte deveras importante do patrimônio cultural do grupo.

A música litúrgica católica passou por algumas modulações na primeira metade do século XX, servindo de precedente às disposições aprovadas sobre na Constituição *Sacrosantum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia. A primeira grande mudança se deu com o movimento de restauração da música litúrgica promovido após a publicação do *Motu Proprio Tra Le Sollecitudini*<sup>97</sup> Sobre a Música Sacra (1903), de Pio X. Esse documento foi importante “não por se propor a trazer de volta o passado, mas por sua proposta de restaurar a música litúrgica a uma situação de dignidade que ela deixara de ter graças à assimilação de características da ópera”. O repertório restaurista que se inspirou no *Motu Proprio* normatizava o uso do canto de inspiração gregoriana cantado em latim, relegando o canto religioso popular e o uso do vernáculo às procissões (DUARTE, 2016, p. 340). Ao refletir o desenvolvimento de uma música religiosa popular na Espanha dos inícios do século XX, Maria Antonia Virgili Blanquet faz a ressalva de que as condições para realizar uma liturgia solene em uma catedral ou grande centro religioso não eram as mesmas da liturgia celebrada em uma pequena paróquia que não dispunha dos meios para prover os grupos de cantores especializados (BLANQUET, 2010, p. 176). Essa era a grande limitação que até então se antepunha às mudanças estéticas de Pio X. Tentando remediar a situação, o papa Pio XI, em 1928, “determinou em sua Constituição Apostólica *Divini Cultus* que o povo procurasse participar ativamente dos ritos litúrgicos por meio do canto gregoriano, mesmo que em língua

---

<sup>97</sup> Documento papal elaborado por Pio X que buscava restaurar o caráter sacro da música litúrgica católica, à época bastante influenciada pelo virtuosismo operístico, publicado em 22 de novembro de 1903 e desde então um dos principais marcos referenciais sobre o tema. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/pius-x/pt/motu\\_proprio/documents/hf\\_p-x\\_motu-proprio\\_19031122\\_sollecitudini.html](http://w2.vatican.va/content/pius-x/pt/motu_proprio/documents/hf_p-x_motu-proprio_19031122_sollecitudini.html)>. Acesso em: 28/07/2018.

latina” (DUARTE, 2016, p. 347). Na Espanha, por sua vez, as tendências à maior participação do povo na liturgia já dava mostras claras das convergências que tomaram parte no Concílio Vaticano II. Maria Antonia Virgili Blanquet refere-se a uma conferência no *Congresso Litúrgico de Montserrat*, em 1915, intitulada *El Cant del poble en les Festes de l'Esglesia* que não deixa margem para se duvidar que naquele país já fosse notável a participação do canto popular nos atos litúrgicos.

O canto é à luz da palavra; é a expressão dos afetos sinceros e profundos; é a necessária exteriorização da plenitude da alma. Não cantar o povo na liturgia é quase como afirmar a sua distração, incompreensão, dissociação de sentimentos, ou ao menos, falta do calor amoroso que enseja a expressão clamorosa dos sentimentos profundos. Na antiga liturgia, a classe humilde cantava espontaneamente; o sentimento vivo, a fé sincera, reclamava o canto; em nossa época de crise religiosa, se há de fomentar o canto popular na igreja para que a função desenvolva o órgão; há de se orientar o sentimento popular por meio da participação direta nas funções litúrgicas (MILLET, 1915, p. 4 apud BLANQUET, 2010, p. 181, tradução nossa).

Tentava-se na época normatizar o uso do órgão como instrumento musical apropriado para os ofícios da Igreja. Essa realidade começou a mudar sob o pontificado de Pio XII<sup>98</sup>, quando a inculturação de elementos musicais típicos de cada povo começaram a tomar corpo enquanto “reconhecimento do valor das manifestações culturais diversas das europeias” (DUARTE, 2016, p. 352).

Na sua atividade missionária, a Igreja vem afirmando repetidamente que tal norma é a estrela polar do seu apostolado universal. Inúmeras pesquisas e investigações de pioneiros, realizadas com sacrifício, amor e dedicação pelos missionários de todos os tempos, propunham-se facilitar a compreensão interior e o respeito das diversas formas de civilização, e tornar fecundos os valores espirituais por meio da pregação viva e vital do evangelho de Cristo. Tudo o que em tais usos e costumes não seja indissolivelmente ligado a erros religiosos, será sempre benevolmente examinado, e quando possível, promovido e tutelado (SUMMI PONTIFICATUS, 1939, Art. 34)<sup>99</sup>.

A forma compreensiva em relação à produção cultural dos diversos povos adotada por Pio XII reverbera em várias partes do mundo a partir do Vaticano II, quando se define que a Igreja “nem mesmo na liturgia” deseja estabelecer uma forma rígida ou única, mas “desenvolver as qualidades e dotes de espírito das várias raças e povos” (SACROSANCTUM CONCILIUM, 1963, Art. 37) e é claro que abriu espaço para inclusão de repertórios

---

<sup>98</sup> Seu pontificado se deu entre os anos de 1939 a 1958. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/pius-xii/it/biography/documents/hf\\_p-xii\\_bio\\_20070302\\_biography.html](https://w2.vatican.va/content/pius-xii/it/biography/documents/hf_p-xii_bio_20070302_biography.html)>. Acesso em: 28/07/2018.

<sup>99</sup> Encíclica *Summi Pontificatus*. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-xii\\_enc\\_20101939\\_summi-pontificatus.html](http://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_20101939_summi-pontificatus.html)>. Acesso em: 28/07/2018.



autóctones, ainda que se a música está ou não em sintonia com as normas definidas no pré-Concílio seja objeto de muita discussão. O liturgista Anscar Chupungco afirma que a paulatina substituição do canto gregoriano se deu na atualização da missa pós-Vaticano II debaixo de muita polêmica.

É bem sabido que a passagem do canto gregoriano para a música contemporânea não foi nada fácil e que, depois do concílio, o uso dos instrumentos musicais nativos nas celebrações litúrgicas foi até contestado. [...] Houve problemas também com relação aos textos a serem cantados. Poderia ser cantado qualquer texto religioso ou, talvez, algum texto escriturístico ou uma paráfrase dele, ou só deveria ser usado o texto designado pelos livros litúrgicos? Hoje, já percebemos cada vez melhor a prioridade e a maior adequação de textos estritamente litúrgicos, sobretudo na celebração da missa (CHUPUNGCO, 1992, p. 23-24).

É certo que, “o embate entre o plural e o unitário resgata ainda a busca pela identidade do catolicismo romano” (DUARTE, 2013, p. 64). Em resumo o grande esforço da Igreja hoje é equilibrar as forças que buscam se afirmar uma em relação à outra enquanto padrão hegemônico no contexto da renovação litúrgica pós-conciliar. Um grande exemplo de adaptação de textos dos livros litúrgicos à índole dos povos, incluindo o uso de instrumentos musicais tradicionais, é a chamada *missa crioula*, cujo maior dos expoentes musicais foi o compositor argentino Ariel Ramírez<sup>100</sup> (1921-2010).

Quando se trata da estética musical do Caminho Neocatecumenal, temos que levar em consideração que nas performances encontram-se as marcas do canto de cunho pastoralista, que se contrapõe à outra grande tendência na música sacra católica, a dos esteticistas, que influenciados pelo *Motu Proprio* de Pio X, buscavam normatizar o canto de inspiração gregoriana e em latim nas igrejas, legando às procissões o espaço dedicado aos cantos populares em vernáculo (FONSECA; WEBER, 2015, p. 40-41). O canto de característica pastoralista no Caminho Neocatecumenal não encerra os pontos que devemos levar em conta ao tentar situá-los no contexto das produções musicais posteriores ao Concílio Vaticano II. Segue-se que, a música no neocatecumenato obedece à lógica na qual o Concílio insistiu: aproximar as pessoas da participação na liturgia através de suas próprias contribuições, no âmbito das produções músico-litúrgicas autóctones (DUARTE, 2016, p. 341), de maneira que, por meio de um repertório adequado, o povo “sinta-se integrado na comunidade que expressa a sua adesão ao acontecimento litúrgico” (FONSECA; WEBER, 2015, p. 35) e isso se dá por meio de um complexo processo de inculturação e criatividade litúrgica.

---

<sup>100</sup> Sua grande obra foi *Misa Criolla* (Phillips, 1964), desenvolvida no período imediato ao Concílio Vaticano II. Disponível em: <<http://razafolklorica.com/vida-y-obra-de-ariel-ramirez/>>. Acesso em: 28/07/2018.

Tomando como marco teórico a distinção bastante útil elaborada por Anscar Chupungco entre o processo de inculturação<sup>101</sup> e o de criatividade litúrgica<sup>102</sup> haveremos de compreender que o Caminho Neocatecumenal produz uma música que se move pendularmente entre esses dois polos. Em termos instrumentais, boa parte das composições remonta às coplas de estilo *villancico*<sup>103</sup>. Nada mais apropriado, uma vez que se trata de um gênero musical popular em toda a península ibérica, “considerado não só como uma obra de arte em si, com maiores ou menores pretensões estéticas, mas também como veículo para refletir e disseminar o conjunto de crenças e preocupações que, em nível ideológico e espiritual, animaram a vida das pessoas” (JOSA; LAMBEA, 2011, p. 3, tradução nossa), servindo no itinerário na tarefa de iniciar os participantes no despertar do *Sagrado*, em seu trabalho de amadurecimento para o significado dos ritos católicos tal como se propõe. O uso do tipo de musicalidade folclórica presente em toda a península ibérica se fez instrumento bastante importante uma vez que esse tipo de inculturação “permite às pessoas de um povo experimentarem em celebrações litúrgicas um ‘evento cultural’ cuja linguagem e cujas formas rituais elas são capazes de identificar como elementos de sua cultura” (CHUPUNGCO, 1992, p. 38). Na música neocatecumenal isso se dá através da inserção do uso de instrumentos como as violas (guitarra acústica), charangos<sup>104</sup>, derbak<sup>105</sup>, pandeiros, bongô, flautas de variados tipos, contrabaixo acústico, de modo que são instrumentos que unificam tradições musicais desenvolvidas entre os povos ibéricos, incluindo a influência árabe e judia *sefardí*<sup>106</sup>. Nos conjuntos musicais violas aparecem como elemento de destaque que dá sustentação ao canto e

---

<sup>101</sup> A inculturação pode ser descrita como o processo pelo qual os textos de ritos usados no culto pela igreja local estão de tal modo inseridos na estrutura da cultura, que absorvem seu pensamento, sua linguagem e seus modelos rituais (CHUPUNGCO, 1992, p. 38).

<sup>102</sup> Por criatividade litúrgica entendemos que os novos textos litúrgicos são compostos independentemente da estrutura tradicional do eucolégio romano (CHUPUNGCO, 1992, p. 44).

<sup>103</sup> Canto de origem pastoril. O termo sofreu diversas variantes em sua nomenclatura, podendo denominar romance, letra, cantata, cuja evolução reflete influências de gêneros musicais e literários tradicionais na península ibérica. A sua temática deriva da realidade circundante e costuma contemplar todas as realidades da vida, tais como: o amor divino, manifestações religiosas de índole variadas, costumes piedosos, paráfrases bíblica, amor humano, sucesso da vida cotidiana, interesses ideológicos, etc (JOSA; LAMBEA, 2011, p. 3).

<sup>104</sup> Instrumento musical de 10 cordas, ele parece uma guitarra pequena, com um tamanho aproximado de 60 centímetros. As origens do charango remontam à colonização espanhola da América. Neste período muitos instrumentos musicais europeus vieram para a América. Disponível em: <<http://www.todosinstrumentosmusicais.com.br/conheca-o-instrumento-charango.html>>. Acesso em: 29/07/2018.

<sup>105</sup> Instrumento de percussão originário dos países árabes, no Oriente Médio. O instrumento recebe diversos nomes e variações em sua estrutura, dependendo da região ou país de utilização. Disponível em: <<https://grupokaliladv.wordpress.com/para-estudo/o-derbake/>>. Acesso em: 29/07/2018.

<sup>106</sup> Os sefardís são os descendentes dos judeus que viveram na Espanha, estando ligados ao país por meio de traços linguísticos e da tradição popular. Disponível em: <<http://www.musicaantigua.com/la-musica-sefardi/>>. Acesso em: 29/08/2018.

que, por vezes, ensejam as palmas e danças. Essa prática musical, em cujos refrãos a assembleia costuma participar em uníssono, procura se justificar através do documento conciliar que indica como via de participação do povo em língua vernácula a promoção das “aclamações dos fiéis, as respostas, a salmodia, as antífonas, os cânticos, bem como as ações, gestos e atitudes corporais” (SACROSANCTUM CONCILIUM, 1963, Art.30).

### 3.2. A Produção Músico-Litúrgica Neocatecumenal

A relação entre música e o Caminho Neocatecumenal é antiga e remonta à experiência de Kiko Arguello nos barracos de Palomeras Altas, onde o violão e a bíblia eram as suas companhias. Em sua biografia ele relata o costume de aos domingos rezar as *Laudes* com violão em companhia dos ciganos, ocasião em que abria a Escritura e pregava o Evangelho (ARGUELLO, 2013, p. 48). Tais celebrações foram agrupando adeptos, o que desenvolveu o costume de celebrar mensalmente a palavra e ocasionalmente a Eucaristia (ARGUELLO, 2013, p. 52). Kiko relata que o Arcebispo Casemiro Morcillo, ao ouvir os ciganos cantar os Salmos, ficou bastante emocionado, prometendo-lhe ajudar no que fosse preciso com o seu trabalho catequético junto àqueles pobres. Já no final dos anos 1960, em Roma, Kiko se deparou com toda uma influência da contracultura *hippie* e ideologicamente de esquerda dentro de algumas paróquias. Convidado a assistir uma dita “missa *beat*”, afirmou que a Igreja não se renovaria com guitarras, mas através da descoberta do Mistério Pascal e da dimensão *Kerigmática*, do anúncio do Evangelho e chamado à vida cristã. Sua postura intransigente nesses pontos tinha como objetivo superar a tendência de se mudar a forma sem transformar o conteúdo da Igreja. Seu propósito era o de trabalhar uma iniciação cristã que abrangesse toda a paróquia começando pelas famílias (ARGUELLO, 2013, p. 60-61). Com isso queremos dizer que, embora tenha um aspecto estético moderno, a música neocatecumenal obedece a uma função específica, que é a de ajudar na iniciação cristã.

As primeiras obras gravadas por Kiko Arguello datam do início da década de 1970, quando o Caminho Neocatecumenal começava a tomar proporções internacionais e hoje são verdadeiras raridades. Enquanto música sacra, levamos em consideração o fato de que nenhuma música é sacra por portar conteúdos religiosos, mas o é quando “participa sacramentalmente da liturgia, enquanto serve à liturgia: à Palavra cantada, aos ritos e à comunidade celebrante. Ela se torna litúrgica na medida em que preenche esses requisitos intrínsecos à natureza da liturgia” (FONSECA; WEBER, 2015, p. 36). Em se tratando propriamente da criatividade litúrgica presente na música neocatecumenal é necessário

ressaltar que esta se faz marcante na relação letra-música dos cânticos, todos eles desenvolvendo elementos textuais que obedecem à lógica própria do itinerário, seja ela catequética ou litúrgica. Ressaltando o que o liturgista Anscar Chupungco (1992, p. 44) já definia como criatividade litúrgica, ou seja, o uso de um eucolégio<sup>107</sup> oriundo das conclusões teológicas contemporâneas.

O primeiro trabalho foi *Cantos de Kiko Arguello*, 1972, lançado em formato K7 pela gravadora PAX. Neste trabalho se encontram elementos musicais que por vezes tendem a apresentar uma síntese entre a tendência pastoralista do *Universa Laus*, que se constituía de um grupo “de liturgistas e musicólogos de diversos países e Igrejas cristãs” e que fora fundado pelo padre Joseph Gelineau e a tendência esteticista ligada à *Consociatio Iternationalis Musicae Sacrae*, cujas definições de música sacra operava em torno de definições pré-conciliares (FONSECA; WEBER, p. 40-41). No entanto sobressaem-se os elementos pastoralistas na maioria das músicas, com destaque para os temas sustentados pelo violão (*Si no Tengo Amor; Babilônia Criminal; El Lagarero; El Siervo de Yahve*) ainda que outros temas remetam ao modelo sintético das duas correntes, sendo sustentados por um órgão e canto coral de inspiração gregoriana, mas cantado em vernáculo tal como o restante dos temas (*Hacia Ti Morada Santa; Aleluya; Amen, Amen, Amen*), outros de tom *villancico* (*He Aquí Presto Vengo; Himno de Pascua*). Podemos entender que esses variados estilos são por natureza voltados a diferentes contextos da celebração da Igreja, sendo os cantos pastoralistas voltados à catequese, os cantos de inspiração gregoriana mais adequados ao uso nas missas e os *villancicos* voltados às celebrações festivas.

---

<sup>107</sup> Conjunto de textos usados em uma tradição litúrgica (AUGÉ, 1992, p. 415).





Em 2010, Kiko Arguello juntou-se a alguns membros do Caminho Neocatecumenal para gravar um álbum somente com cantos dedicados à Virgem Maria, a pedido do cardeal Antonio María Rouco Varela, Arcebispo de Madri. A riqueza musical desse disco, composto de 11 faixas, de algum modo expressa o grande trunfo de Kiko Arguello em sua produção musical, que aparentemente fora composta de modo simples, mas escritas tendo em vista as potencialidades dos instrumentos usados para arranjar os cantos, em cada contexto e país. A inspiração dos cantos marianos de Kiko vem do Novo Testamento e dos Pais da Igreja. Um dos cantos mais executados ao redor do mundo, *Una Gran Señal*, se junta a outros temas que apontam para o conflito permanente entre bem e mal, assim como o aspecto escatológico, tem a função de apresentar a Igreja como aquela que sofre perseguição por parte das forças do mal. A concepção católico-romana de comunhão dos santos, um dos itens do Credo Apostólico, coloca Maria como figura que intercede pela Igreja peregrina e em alguns momentos parece tender a concepção de Maria enquanto corredentora<sup>109</sup>. Maria no Caminho Neocatecumenal representa um paradigma de fé em comparação permanente com a fé de Abraão, sendo “a primeira crente, modelo de todo cristão, figura da Igreja, comunidade dos crentes” (HERNANDEZ, 1985, p. 114)<sup>110</sup>.

O papel da mariologia neocatecumenal é também o de confrontar o que se considera uma moral sexual degradada da sociedade contemporânea, cuja sexualidade se encontra desvinculada da fecundidade, bem como o modelo de fidelidade conjugal a ser expressa nas catequese, cujo tom moralista é uma das marcas do itinerário.

Esse material fonográfico, embora represente um material básico que foi sendo desenvolvido ao longo dos anos, representa hoje uma parte ínfima da produção e adaptação de temas musicais usados no âmbito do itinerário, recebendo contribuições e intuições valiosas de outros cantores salmistas. Dentre os cantores salmistas que muito contribuíram para a produção de cantos que refletem a aproximação da Igreja com o a tradição hebraica se destaca a figura emblemática de Giorgio Filippucci, catequista da região da Úmbria, na Itália. Filippucci foi responsável por apresentar os cantos do Caminho Neocatecumenal na emissora de televisão italiana RAI, no final dos anos 1980, sendo ele o compositor do *Shemá Israel*,

---

<sup>109</sup> Em uma catequese apresentada no Encontro Vocacional promovido no ano de 2012, em Brasília, o catequista, antes de executar *Um Grande Sinal*, apresenta Maria como corredentora. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dw05KNMiP9k>>. Acesso em: 20/01/2019.

<sup>110</sup> Todos os aspectos da mariologia no Caminho Neocatecumenal se encontram no capítulo 5 do livro de Emiliano Jimenez Hernandez. *Lineas Teologicas Fundamentales del Camino Neocatecumenal* (1985, p. 108-121).

canto de grande relevância nas celebrações do movimento, e um dos primeiros a traduzir os cantos de Kiko Arguello para outra língua, no caso o italiano. Em seu livro *Anotações (1988-2014)* aparece uma das poucas notas sobre Giorgio Filippucci a que tivemos acesso, por ocasião de sua morte, portanto não sabemos a data exata de sua morte, mas é indubitável que desempenhou um papel espiritual de extrema relevância para o desenvolvimento teológico do Caminho Neocatecumenal, tendo participado, muito possivelmente da elaboração do *Estatuto Oficial*, no que toca aos cantos usados no itinerário.

Morreu Giorgio Filippucci, casado, com 10 filhos, e esperava o 11º. Catequista itinerante, responsável do Caminho na Úmbria, Itália. Cantou o *Shemá*, canção que ele compôs, no cimo do Monte Sinai. Ao Rezar as Laudes com sua equipe, depois do tempo de oração silenciosa, ao ir dar a paz ao padre, sua veia aorta rompeu e morreu instantaneamente. Durante vinte anos foi itinerante com toda a sua família. Era engenheiro nuclear. Um dos mais jovens dos que subimos ao monte. Senhor, que ele esteja contigo. Filippucci, reza por mim (ARGUELLO, 2017, p. 115).

Na ocasião de sua apresentação televisiva, Filippucci apresentou diversos temas cuja inspiração musical é tomada de empréstimo, ou seja, adaptações de canções tradicionais judaicas desenvolvidas pelo Rabino Shlomo Carlebach (1925-1994)<sup>111</sup>. Carlebach é considerado o compositor mais influente da música religiosa judaica do século XX, tendo gravado 27 álbuns. Seu objetivo era atrair os jovens desencantados com o judaísmo após o Holocausto. De origem alemã, foi um dos grandes divulgadores do judaísmo hassídico na América. Sua música, em meados da década de 1960, atraiu uma grande quantidade de hippies, o que o motivou a fundar a *House of Love and Prayer*, a primeira comuna judaica da contracultura.

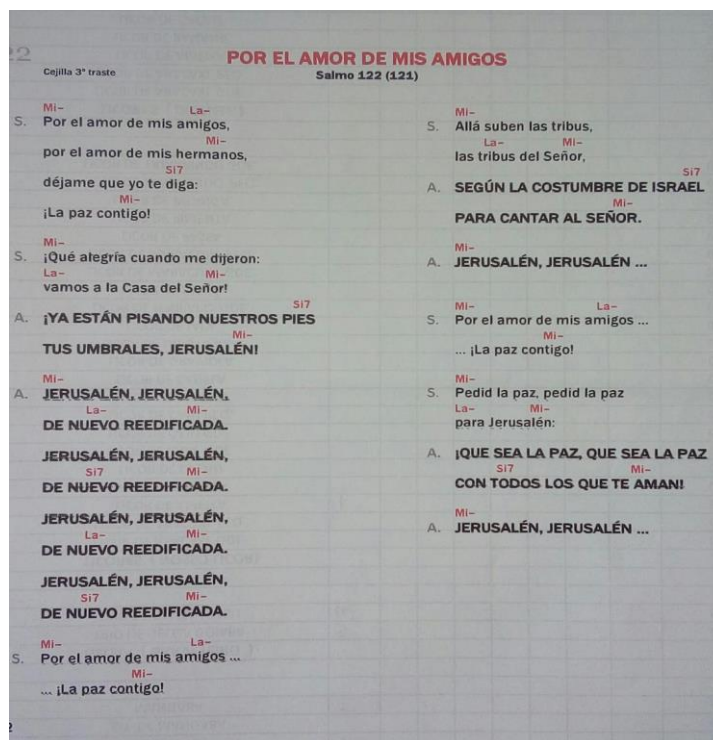
Dentre os temas adaptados por Giorgio Filippucci das canções de Shlomo Carlebach está *Per Amore dei Miei Fratelli*, uma clara versão de *Lema'an Achai*, do rabino cantor.

---

<sup>111</sup> Biografia do Rabino Shlomo Carlebach. Disponível em: <<http://shlomocarlebachfoundation.org/about-reb-shlomo/>>. Acesso em: 20/01/2019.



### Imagem 16- Por El Amor de Mis Amigos.



Fonte: RESUCITÓ, 2014, p. 122.

No contexto da iniciação cristã, o texto dessa canção revela um retorno ao simbolismo polissêmico da cidade sagrada de Jerusalém, uma vez que lá se encontrava o Templo, considerada a casa de Deus, era local de peregrinação durante as três grandes festas de Israel: Páscoa, Pentecostes e Tabernáculos. Do ponto de vista teológico, a cidade é considerada como “sede da presença divina” (PORTO, 1977, p. 51). O cristianismo nascente afirmava que a comunidade cristã era o verdadeiro Templo de Deus entre os homens. O pioneiro no diálogo entre cristianismo e judaísmo no Brasil, o padre Humberto Porto, asseverou que desde sempre fora ideia corrente no meio cristão que “o privilégio de inviolável santidade que antes cabia ao templo de Jerusalém, pertence agora à comunidade animada pelo Espírito, cuja presença é uma realidade mais santa e santificadora que a glória do santuário jerosolomitano” (PORTO, 1977, p. 53). Fazia parte inclusive da pluralidade judaica dos tempos de Jesus o fato de que não havia consenso acerca do valor atribuído ao Templo entre os judeus, o que levava o cristianismo enquanto seita saída do judaísmo a adotar, desde muito cedo, uma fórmula cultural espiritualizada, semelhante à perspectiva de Filo de Alexandria. No fichário *Resucitó: Cantos para las Comunidades Neocatecumenales*, 2014, o nome do canto é *Por el Amor de mis Amigos* e expressa uma dupla função, que seja a de identificar Jerusalém com a assembleia que se reúne nas paróquias, “casa do Senhor”, ou Jerusalém vindoura, para onde

os povos subirão na era messiânica, segundo a tradição judaico-cristã. Acreditamos que se refere prioritariamente ao primeiro caso.

Jerusalém enquanto símbolo aparece, não só nesse canto como em outros, como sendo reedifica, podendo inclusive representar ideologicamente a restauração ou renovação da própria Igreja, tal como definiam os iniciadores do movimento. De um modo ou de outro, Jerusalém se configura como uma capital espiritual arquetípica retirada das Escrituras e que tem um lugar todo especial na piedade judaica e cristã, sinônimo de esperança pelo mundo vindouro e da presença de Deus. O tema da Jerusalém reedificada, estando presente em outros cantos do Caminho Neocatecumenal, leva-nos a crer que representa também a restauração das vidas individuais dos próprios participantes do processo de iniciação, uma vez que consta como canto apropriado para a fase do pré-catecumenato, primeira etapa da iniciação cristã proposta.

A influência de temas da música religiosa judaica se faz presente de uma forma notável e extrai da mesma as melodias e o tom extático do hassidismo<sup>112</sup> e a dimensão do canto comunitário de origem sinagagal. Há ainda outras versões de músicas religiosas judaicas adaptadas para os fins do itinerário, tais como *Barchenu Avinu*, de Carlebach, que no itinerário é conhecida como *El Padre Está en el Cielo*; *Eretz Zavot Chalav U'Dvash*, interpretada pela cantora israelense Rika Zarai, leva o título de *Gracias a Yahveh*; o poema popular hebraico *Erev Shel Shoshanim* recebe o título de *Canta a Yahveh Jerusalén*; a tradicional *Hinei Ma Tov* traz no Caminho Neocatecumenal a especificidade de ser fiel ao sentido original da letra, um chamado à fraternidade, vindo a se chamar *Cómo es Maravilloso*.

O antropólogo cultural e etnomusicólogo, Alan Merriam, estabeleceu algumas categorias acerca das funcionalidades desempenhadas pela música, algumas delas são bem úteis para compreensão do modo com que os cânticos se constituem “‘música ritual’, cujo sentido primordial se evidencia na medida em que acompanha ou constitui um rito” (FONSECA; WEBER, p. 25). Demonstraremos através dos seguintes usos e funções:

---

<sup>112</sup> É uma corrente religiosa judaica ortodoxa fundada em 1740, na Polônia, por Israel Ben Eliezer, conhecido como Baal Shem Tov (O Dono do Bom Nome). Surgiu em meio a uma época difícil para os judeus da Europa Central, afligidos pela pobreza e pelas perseguições. Baal Shem Tov ganhou o respeito e admiração dos judeus pobres e oprimidos, por insistir que não era preciso ser um grande sábio e estudar a fundo as fontes judaicas para se aproximar de D'us. Segundo ele, era possível chegar a esse objetivo com a prática simples e sincera da devoção na reza, associada a alegres canções, danças e histórias. Com isso, o chassidismo abandonou o formalismo ritual e despertou maior importância ao sentimento religioso do que à prática. O mentor do movimento dizia que se a oração fosse feita com devoção e alegria especiais, permitiria aos fieis entrar em ligação direta com o Divino. Essa prática permitiu unir pobres e ricos, sábios e os pouco letrados em uma corrente de reza e devoção. Disponível em: <<http://www.conib.org.br/glossario/chassidismo/>>. Acesso em: 20/01/2019.

*expressão emocional, comunicação, impor conformidade a normas sociais e validação das instituições sociais e dos ritos religiosos.*

Levando em consideração que os Salmos representam a maior parte dos cantos é natural que a função de expressão emocional esteja implicada. A maioria dos Salmos do Caminho Neocatecumenal expressa contrição, gratidão, louvor, arrependimento e indignação, sendo que boa parte deles é justamente utilizada na fase de pré-catecumenato, momento em que a humildade é o aspecto mais relevante a ser trabalhado, onde o participante do processo é chamado à conversão. O Salmo 32 (31), *Te he Manifestado mi Pecado*, reflete a dinâmica que envolve o ato do arrependimento, da confissão e do perdão do pecado, sem a qual é impossível progredir no processo de adesão à Cristo, finalidade da iniciação. A expressão de sentimentos percorre todo o processo neocatecumenal.

### Imagem 17- Te He Manifestado Mi Pecado.

148

**TE HE MANIFESTADO MI PECADO**  
Salmo 32 (31)

<p>A. <b>TE HE MANIFESTADO MI PECADO,</b>  <b>NO HE TENIDO ESCONDIDOS MIS ERRORES;</b>  <b>HE DICHO: «CONFESARÉ AL SEÑOR MI CULPA.»</b>  <b>Y TÚ HAS PERDONADO</b>  <b>LA MALICIA DE MI PECADO.</b></p> <p>S. ¡Dichoso el hombre  al que le son perdonadas sus culpas,  y que le fueron cubiertos sus pecados!</p> <p>Sol Dichoso el hombre  al que el Señor no imputa ningún mal,  y en cuyo espíritu no hay engaño.</p> <p>A. <b>TE HE MANIFESTADO MI PECADO ...</b></p> <p>S. Callaba y se consumían mis huesos  gimiendo todo el día,  porque día y noche  pesaba tu mano sobre mí;  como estío de verano  estaba árido mi corazón.</p>	<p>S. Mas te he manifestado mi pecado,  no he tenido escondidos mis errores;  he dicho: «confesaré al Señor mi culpa.»  Y tú has perdonado la malicia de mi pecado.</p> <p>A. <b>TE HE MANIFESTADO MI PECADO ...</b></p> <p>S. Por eso te suplican tus fieles  en el día de la angustia,  cuando las aguas caudalosas se desbordan,  mas a él no le alcanzarán.</p> <p>Sol Tú eres mi refugio,  tú me preservas del peligro,  me rodeas de cantos de salvación.</p> <p>Sol Me dices: «te haré sabio,  te indicaré el camino de la vida.»</p> <p>A. <b>TE HE MANIFESTADO MI PECADO ...</b></p>
---	---

148

Fonte: RESUCITÓ, 2014, p. 148.

Uma vez que na música ritual existe uma primazia do texto sobre a música, os cantos neocatecumenais têm a função de comunicar, mas Merriam atenta para o tipo de comunicação musical e não verbal, reconhecendo que aquilo que a música comunica, o faz dentro dos

limites da cultura que a produz. De todo modo, a música por si só comunica algo cuja compreensão é limitada, mas nunca se sabe o quanto ela pode afetar pessoas ao redor do mundo (MERRIAM, 1964, p. 223). No contexto japonês, levantado por Oliveira (2016) parece que a mensagem não foi bem recebida, pois a linguagem não foi compreendida pelos nativos japoneses.

Um exemplo de canção que adverte diretamente o neocatecúmeno de que ele não deve buscar a segurança dos bens materiais e, portanto, estabelece indiretamente um comportamento adequado que procura conformar os participantes ao ideal de desapego radical do grupo é *Ninguno Puede Servir a Dos Señores* (MERRIAM, 1964, p. 224).

### Imagem 18- Ninguno Puede Servir a Dos Señores.

218

**NINGUNO PUEDE SERVIR A DOS SEÑORES**  
Mateo 6,24-33

S. MI- Re Do  
Ninguno puede servir a dos señores;  
Re Do MI-  
porque amando a uno desprecia al otro.  
La- Re7 Do SI7  
No podéis servir a Dios y al dinero.

MI-  
Por eso os digo:  
Re Do  
No os angustíéis por vuestra vida,  
Re Do  
qué comeréis, qué beberéis,  
MI-  
con qué os vestiréis.  
La- Do  
¿Acaso, la vida  
SI7  
no vale más que el alimento?

Sol SI-  
A. MIRAD LAS AVES DEL CIELO;  
SI7 Do7 Do  
NO SIEMBRAN, NI COSECHAN;  
SI7  
VUESTRO PADRE CELESTIAL  
LAS ALIMENTA.

MI- Re  
S. Por lo demás, ¿quién de vosotros  
Do  
por más que se preocupe,  
Re Do  
puede añadir una hora sola  
MI-  
a la medida de su vida?  
La- Do SI7  
Y del vestido, ¿por qué preocuparos?

Sol SI-  
A. MIRAD LOS LIRIOS DEL CAMPO;  
SI7 Do7 Do  
NO SE FATIGAN, NI HILAN.  
SI7  
SALOMÓN NO VESTÍA COMO ELLOS.

Sol SI-  
S. Buscad primero el Reino de Dios,  
SI7 Do7 Do  
y todo os será dado.  
SI7  
No podéis servir a Dios y al dinero.

Sol SI-  
A. BUSCAD EL REINO DE DIOS,  
SI7 Do7 Do  
Y TODO OS SERÁ DADO.  
SI7  
NO PODÉIS SERVIR A DOS SEÑORES.

MI- Re Do  
S. Ninguno puede servir a dos señores ...

Sol SI-  
A. MIRAD LAS AVES DEL CIELO ...

Sol SI-  
A. MIRAD LOS LIRIOS DEL CAMPO ...

Sol SI-  
A. BUSCAD EL REINO DE DIOS ...

218

Fonte: RESUCITÓ, 2014, p. 218.

Por sua vez, a função de validar as instituições e dos ritos religiosos no âmbito do Caminho Neocatecumenal pode ser expressa através de versos cantados que expressam “frustração de longo prazo ou conflito nas necessidades pessoais [...]” cuja solução é a expressão de versos estabilizadores que, ao fazer o indivíduo desabafar, “tendem a validar o sistema social”, no nosso caso, todo o percurso da iniciação cristã (FREEMAN, 1957, p. 220).

apud MERRIAM, 1964, p. 224). Um exemplo de canto neocatecumenal que expressa essa funcionalidade da música é *Adónde te Escondiste Amado*, adaptação do cântico Espiritual de São João da Cruz e executado justo na etapa da Eleição, que marca o final do processo de iniciação.


### Imagem 19- Adónde Te Escondiste Amado.

28

**ADÓNDE TE ESCONDISTE AMADO**  
Cântico Espiritual de san Juan de la Cruz - "Canciones entre el alma y el esposo"

<p><b>S.</b> <b>MI</b> ¿Adónde te escondiste, amado, y me dejaste con gemido? Como el ciervo huiste, hablándome herido; <b>La-</b> <b>Fa</b> salí tras ti, clamando, <b>MI</b> <b>Fa7+5dim MI</b> y eras ido.</p> <p><b>MI</b> Pastores, los que fuerdes allá, por las majadas, al otero, si por ventura vierdes aquel que yo más quiero, <b>La-</b> <b>Fa</b> decidle que adolezco, <b>MI</b> <b>Fa7+5dim MI</b> peno y muero.</p> <p><b>MI</b> Buscando mis amores, iré por esos montes y riberas; ni cogeré las flores, ni temeré las fieras, <b>La-</b> <b>Fa</b> <b>MI</b> <b>Fa7+5dim MI</b> y pasaré los fuertes y fronteras.</p>	<p><b>MI</b> ¡Oh bosques y espesuras, plantadas por la mano del amado! ¡Oh prado de verduras, de flores esmaltado, <b>La-</b> <b>Fa</b> <b>MI</b> <b>Fa7+5dim MI</b> decid si por vosotros ha pasado!</p> <p><b>La-</b> <b>A.</b> <b>MIL GRACIAS DERRAMANDO,</b> <b>Sol</b> <b>PASÓ POR ESTOS SOTOS CON PRESURA,</b> <b>Fa</b> <b>Y YÉNDOLOS MIRANDO,</b> <b>CON SOLA SU FIGURA</b> <b>MI</b> <b>VESTIDOS LOS DEJÓ DE SU HERMOSURA.</b></p> <p><b>MI</b> <b>S.</b> ¡Ay, quién podrá sanarme! <b>La-</b> Acaba de entregarte ya de vero; <b>Sol</b> no quieras enviarme de hoy más mensajero, <b>Fa</b> <b>MI</b> que no saben decirme lo que quiero. <b>Fa7+5dim MI</b> <b>Fa7+5dim MI</b> ¡Ay! ¡Ay!</p> <p><b>La-</b> <b>A.</b> <b>MIL GRACIAS DERRAMANDO ...</b></p>
--	--

8



Fonte: RESUCITÓ, 2014, p. 228.

Os usos e funções da música definidos por Merriam nos ajudam a demonstrar de que forma os cânticos obedecem a um modo apropriado para cada fase do processo de iniciação, a começar pelo chamado à conversão, o que traz consigo todo um teor emocional, passando pelo chamado à simplicidade, através do desapego material e por fim o chamado à confiança incondicional em Deus, que elegeu o neocatecúmeno. O próximo passo que daremos será no sentido de mostrar o quanto que as categorias hebraicas aprofundam o trabalho catequético do Caminho Neocatecumenal, moldando a identidade de grupo dos participantes do itinerário.



### 3.3. Caminho Neocatecumenal: Um Itinerário Cantado

A origem da catequese na Igreja se encontra relacionado com o conceito de *kerigma*. O *kerigma* era o anúncio ou proclamação da ação salvadora de Deus através de seu Filho, cujo conteúdo central era a morte de Cristo pelos pecados dos homens e a sua ressurreição para a completa justificação dos mesmos. Após o primeiro anúncio e a consequente conversão de alguns, seguia-se então o processo de educação na fé, a catequese propriamente dita, cujo sentido significa algo como “fazer ressoar aos ouvidos”. A *Didaqué* possuía os elementos do que se constituía uma catequese na Igreja primitiva, inclusive estabelecendo um ensino preparatório para aqueles que aspiravam ao Batismo, através do ensino sobre os dois caminhos, o da vida e o da morte (LIMA, 2016, p. 24-26).

Por volta do século II, a catequese que era transmitida de pessoa a pessoa passou a se institucionalizar em face do aumento dos casos de heresia e de apostasia frente às perseguições. O catecumenato tinha um caráter sério em que a comunidade tinha a função do anúncio, enquanto que a instrução dos catecúmenos era ofertada de pouco em pouco de forma monopolizada pelo clero. A catequese obedecia à demanda de um aprofundamento existencial das pessoas, sobretudo as oriundas de um ambiente pagão, acerca do mistério de Cristo (LIMA, 2016, p. 26-28).

O teólogo José Severino Croatto assevera que é pelos ritos que o ser humano procura ter contato com o *Sagrado* e experimentar a sua força hierofânica, que permanece inatingível, dado que é um Mistério. Devido a sua condição profana, o ser humano necessita operar gestos introdutórios que o possibilite uma participação “da atmosfera do Mistério e ser irradiado por ele”. Esse processo é chamado iniciático devido à capacidade de transfigurar a existência, impondo novas formas de conduta, ou seja, a iniciação cristã não só operava interiormente como suscitava mudanças comportamentais, cuja nova vida os discípulos designavam *caminho* (CROATTO, 2010, p. 65-66). O catecumenato primitivo era constituído por isso de uma via progressiva permeada por celebrações litúrgicas, leituras bíblicas e ritos como “os *escrutínios*, os *exorcismos*, as *entregas*, as *orações*” (LIMA, 2016, p. 29) são, por assim dizer atualizações dos atos divinos mimetizados como atos litúrgicos (CROATTO, 2010, p. 332).

O processo catecumenal entrou em declínio no século IV, com a autorização do culto cristão por parte do imperador Constantino, através do Édito de Milão, em 313 e a posterior transformação do cristianismo em religião estatal, sob Teodósio, em 380. A proibição dos cultos pagãos deu ainda mais prestígio ao cristianismo. As conversões aumentaram, mas sob o desserviço de não serem tão sinceras quanto antigamente. Aos poucos o método catecumenal

passou a se resumir ao período quaresmal e diluiu-se até o seu desaparecimento, uma vez que no seio da cristandade oficial teoricamente as pessoas já nasciam numa sociedade cristã (LIMA, 2016, p. 30-31).

Esse processo catecumenal-catequético compreendia o ensino, liturgia e exercício de transformação de vida (conversão, penitência). Era pela penetração progressiva da palavra de Deus em sua vida que o catecúmeno caminhava para os sacramentos da noite pascal: *Batismo*, *Confirmação* e *Eucaristia*. O mergulho nas águas batismais era o sinal-sacramento de seu mergulho na Morte e Ressurreição de Cristo; do *Batismo*, o catecúmeno saía uma nova criatura; participava do *Banquete Eucarístico* e era ungido com o óleo do santo *Crisma*. Foram ritos místéricos da iniciação, inspirados também em antigas tradições religiosas, que depois foram purificados, adaptados e inovados pela Igreja (LIMA, 2016, p. 29, grifos do autor).

O especialista em catequese Luiz Alves de Lima aponta um declínio do catecumenato que perdurou, salvo alguns recortes históricos, até o final da Idade Média e passagem para Idade Moderna. Após a invenção da tipografia por Johannes Gutenberg (1400-1468) aumentou a divulgação da Bíblia e das reflexões de cunho moral religioso. Os catecismos impressos tiveram certo espaço nesse primeiro momento, quando humanistas tentaram implantar uma catequese de cunho cristão humanístico. Com a reforma protestante paulatinamente foram surgindo as Bíblias em vernáculo e os catecismos, com destaque para o *Catecismo Menor* de Lutero. A reação do Concílio de Trento foi a publicação do *Catechismus ad Parochos*, em 1566. No entanto, a sustentação do latim como língua litúrgica se apresentou como um ponto de dissociação entre catequese e liturgia, refletindo o distanciamento entre o povo e o altar, tratados no primeiro capítulo do nosso trabalho. Esse problema só veio ser levantado de forma incisiva nas vésperas do Concílio Vaticano II (LIMA, 2016, p. 39).

Tanto o rito quanto a narrativa sagrada são complementares na ação litúrgica, “o rito, sem mais nada, ou acompanhado de palavras incompreensíveis, degenera em magia, ou perde o seu valor simbólico” (CROATTO, 2010, p. 334). Ao preconizar que os fiéis participem da liturgia de forma consciente, ativa e frutuosa, a Constituição *Sacrosanctum Concilium* tem em vista a eficácia simbólica do ritual. Para tanto os sacerdotes e todos os outros que participam do ritual devem se esforçar por adquirir uma melhor instrução bíblica e litúrgica. Essa é justamente a função do catecumenato cuja restauração fora proposta na mesma Constituição dogmática. Esse documento propõe que a instrução bíblica e litúrgica leve em consideração as características individuais de cada pessoa, o que se relaciona com o pensamento de Abraham Joshua Heschel, que considera como ensino desprovido de sentido aquele que não considera os aspectos existenciais do aluno (HAZAN, 2008, p. 64), o mesmo ocorrendo de forma

aproximativa com a catequese que Kiko Arguello desenvolveu, onde, segundo ele “a Bíblia conta fatos; fatos nos quais Deus intervém”. O desafio catequético de Kiko é que as pessoas relatem fatos de suas histórias em que Deus interveio. Nesse sentido a perspectiva de Heschel e Arguello em relação à história sagrada difere um pouco da proposta de Eliade, que a considera enquanto *mito*, ou seja, um modelo exemplar (ELIADE, 2018, p. 84-85). “Heschel considera a história sagrada como um *evento* que sempre nos fascina e que pode ser descrito como um tentativa de superar a linha divisória entre o passado e o presente” (HAZAN, 2008, p. 42). Arguello parece chamar *evento* de *fato*, no sentido de manifestação hierofânica de Deus na biografia individual das pessoas (ARGUELLO, 2013, p. 43). Uma catequese que propõe a história sagrada enquanto narrativa de um modelo exemplar é bem menos produtiva que uma catequese do tipo existencial, cujos *eventos* aconteceram e se atualizam no ritual e encarnam na existência.

[...] nós hoje nos esforçamos por viver, expressar e celebrar esta Palavra de Deus a partir da cultura, de nossos problemas concretos, dos desafios existenciais. Um método, já antigo, mas que foi inculturado entre nós e se vai consagrando cada vez mais, é o da “lectio divina” ou, como chamamos “a leitura orante” das Sagradas Escrituras. Por ele, segundo Carlos Mesters, um de seus grandes impulsionadores, procuramos “levar a Bíblia para a vida e trazer a vida para dentro da Bíblia”, numa interação fecunda e integral (LIMA, 2005).

Ao seu modo, o Caminho Neocatecumenal vai pondo em curso uma iniciação cristã de adultos semelhante ao que veio a se consagrar no *Ritual da Iniciação Cristã de Adultos - RICA* (1972), com suas etapas e passos que envolvem uma série de catequese, celebrações e exorcismos abarcando não somente a iniciação cristã, como também educação permanente na fé. Liuz Alves de Lima, afirma que o processo catecumenal é responsável por dar uma dinâmica diferenciada à catequese não havendo um modelo único, daquilo que o *RICA* orienta como iniciação cristã de adultos. Esse autor exemplifica quatro modelos distintos, mas que guardam semelhança entre si. O primeiro que gostaríamos de expor é o modelo diocesano cujo trabalho é reformador, a ideologia personalista e a liderança liberal. Nesse modelo, a teologia é estritamente eclesial, centrada nas normas oficiais da Igreja, procurando reformar este mesmo modelo tanto quanto possível. A liturgia diocesana é de cunho eucarístico social e a ação se expressa de forma evangelizadora não-institucional. A hermenêutica feita do processo catecumenal é de característica antropológica e social. O segundo modelo é o carismático, que tem por base o trabalho de cunho emocional, cuja ideologia é mística e a liderança autocrática. Sua teologia tem como elemento central a ação do Espírito Santo, possuindo um tom parcialmente próprio. O objetivo do catecumenato carismático é levar as pessoas a



experienciar a manifestação visível dos dons do Espírito Santo e a sua hermenêutica é fortemente doxológica, ou seja, centrada no aspecto da ação de graças. Um terceiro modelo seria o catecumenato de grupos populares, tais como as *Comunidades Eclesiais de Base*. Sua característica de trabalho é a ação social, com nuances socialistas e liderança de base popular. A teologia da libertação é a sua matriz teológica principal, que afirma a causa de Jesus como alternativa global. Os aspectos políticos se refletem na liturgia e tem como objetivo a transformação da Igreja e da sociedade, fazendo uma hermenêutica sócio-política da iniciação cristã. Por fim, é referenciado um quarto modelo, o neocatecumenal, descrito como constituindo um trabalho é reprodutor, a ideologia é grupista e a liderança é diretiva. No neocatecumenato a teologia é estritamente *Kerigmática*, centrado nas Sagradas Escrituras e com modelo totalmente próprio. Na liturgia o aspecto bíblico é central e seu modelo de ação assume um caráter anti-institucional, com ênfase na conversão pessoal. A hermenêutica do processo catecumenal nesse modelo tem como foco a narrativa bíblica (LIMA, 2005).

O *RICA* se estrutura em quatro etapas fundamentais: Pré-Catecumenato, Catecumenato, Iluminação e Mistagogia. O Pré-Catecumenato é o tempo exige do catecúmeno uma busca pela conversão e geralmente é a fase da evangelização por parte da Igreja. O tempo do Pré-Catecumenato é concluído com a admissão do catecúmeno na “odem dos catecúmenos”, iniciando-se a 1ª Etapa com o tempo do Catecumenato. Esse tempo de Catecumenato é mais longo, com catequeses, encontros e exorcismos menores, onde o catecúmeno toma conhecimento sobre a História da Salvação e aprofunda o entendimento do Pai Nosso e do Credo Apostólico. A 2ª Etapa começa com a Eleição e a Inscrição do Nome, onde os catecúmenos se preparam para participar dos sacramentos na Vigília Pascal. Esse tempo é considerado o tempo da Iluminação, que ocorre no período da Quaresma e procura amadurecer a adesão a Cristo através de um profundo exame de consciência. A 3ª Etapa do catecumenato ocorre durante a Vigília Pascal, onde são ministrados os sacramentos do Batismo, Crisma e Eucaristia, sendo o ápice da iniciação cristã. Após a Vigília Pascal, ocorre o tempo da Mistagogia, onde se aprofunda nos mistérios presentes nos sacramentos recebidos (OLIVEIRA, 2010, p. 177-178).

O Caminho Neocatecumenal se apresenta como via de redescobrimto do sacramento do batismo desenvolvida através de equipes de catequistas itinerantes. Seus encontros ocorrem às quartas, dia dedicado “à meditação e ao ecoar da Palavra de Deus de acordo com uma série progressiva e preestabelecida de temas bíblicos”, e aos sábados, tempo proposto para a preparação e celebração da Eucaristia pela noite. No itinerário estão presentes também “convivências mensais, liturgias penitenciais e outras celebrações”. Voltado a adultos, em sua

maioria já batizados, o Caminho Neocatecumenal procura promover a experiência da conversão pessoal nos participantes, fazendo uso de uma leitura espiritualizada do Êxodo, bem como através do caminho paradigmático de sofrimento do servo de Javé, prefiguração de Cristo (ALMEIDA, 2006, p. 308).

**Figura 7- Etapas da iniciação cristã no Caminho Neocatecumenal.**



Fonte: <<https://stpatricksga.org/etapascamino/>>.

Acesso em: 22/12/2018.

A iniciação cristã neocatecumenal se mostra como um itinerário bem mais demorado que a maioria dos rituais de iniciação cristã que se inspiraram no *RICA*. O processo de iniciação tem início com o *Kerigma*, ainda que não se constitua exatamente uma fase ou etapa do processo em si, é um momento prévio de grande importância, pois leva em consideração a situação concreta dos indivíduos intruzindo-os a temas que se relacionam com a própria existência e trajetória de vida individual.

[...] anuncia-se, abertamente e com decisão, o Deus vivo e Jesus Cristo, enviado por Ele para salvar todos os homens. Não se pode iniciar um catecumenado sem que este momento evangelizador esteja presente de uma forma directa, clara, existencial, onde Cristo apareça como resposta dada por Deus às interrogações mais profundas e transcendentais do homem, esse Cristo que a Igreja torna presente no mundo e é a única razão de existir (VICENTE, 1998, p. 50).

A primeira fase do itinerário é denominada *Pré-Catecumenato*, onde a ênfase se encontra no processo de *Kenosis*, termo que designa um rebaixamento ou redução a nada, “é o sair de si sem deixar de ser o ‘si’ mesmo. É um auto-esvaziamento. É se esvaziar para se encontrar no outro, sem perder a própria identidade” (SANTOS; XAVIER, 2008, p.114). Nessa fase do itinerário neocatecumenal a ênfase está em se trabalhar a humildade, segundo o

modelo descrito na Carta aos Filipenses 2, 6-11<sup>113</sup>. O fichário de cantos do Caminho Neocatecumenal, que aponta quais os cantos que são mais adequados para cada fase, traz para esta uma adaptação musical desse capítulo da epístola paulina por nome *Himno a la Kenosis*, apropriada para as etapas iniciais.

O padre espanhol Andrés Fuentes Vicente descreve da seguinte maneira essa etapa:

O pré-catecúmeno dá-se conta de que tem de humilhar-se, de que tem de morrer para tudo aquilo que não é vontade de Deus, de que tem de descer até ao conhecimento profundo de si mesmo, da sua própria realidade, sem fantasias, sem mentiras. Precisa entra no âmago da verdade, que é a humildade, para esvaziar-se de tudo o que obscurece e escraviza o coração. Tem que reconhecer que Deus ainda não é o único que conta para ele, que são muitos os apegos que o dominam e que a cruz não faz ainda parte dos seus planos (VICENTE, 1998, p. 63).

O final da fase de *Pré-Catecumenato* tem lugar o *primeiro escrutínio*, onde questionários são entregues para avaliar o nível de fé, com o intuito de desvelar os ídolos e por fim revelar a dimensão da cruz. Ao final do *primeiro escrutínio* a figura do servo de Javé é apontada como o modelo a ser seguido pelo aspirante ao catecumenato. Segue-se ao *primeiro escrutínio* a *Passagem ao Catecumenato*. Nessa fase as celebrações semanais dão ênfase a diversas partes da *História da Salvação*. É nesse ponto que surgem as principais correlações entre o relato bíblico e a experiência dos participantes. Vicente aponta que “essa história é a nossa própria história. Somos não só espectadores, mas, de alguma maneira, actores e destinatários dela” (VICENTE, 1998, p. 63). No intercurso da *Passagem ao Catecumenato* ocorre uma *convivência* denominada de *Shemá*, nela se procura confrontar existencialmente os participantes, apelando para a conversão e levando os participantes a indagar se realmente Deus é o único nas suas vidas, sobretudo se são capazes de abandonar tudo. Curiosamente a canção *Shemá Israel* só aparece como sendo recomendada na fase seguinte, como uma forma de trazer à memória essa convivência de importância basilar pra experiência dos participantes. Essa experiência faz menção ao *primeiro escrutínio* no qual uma das catequeses insiste no chamado radical a se desfazer de toda a segurança. “É um momento único, forte e directo, que apela à conversão, que coloca a pessoa na sua experiência actual a ver se Deus, o único, é realmente para ele o único, se por fidelidade e amor a Deus

---

<sup>113</sup> Ele tinha a condição divina, e não considerou o ser igual a Deus como algo a que se apegar ciosamente. Mas esvaziou-se a si mesmo, e assumiu a condição de servo, tomando a semelhança humana. E, achado em figura de homem, humilhou-se e foi obediente até a morte, e morte de cruz! Por isso Deus o sobreexaltou grandemente e o agraciou com o Nome que é sobre todo o nome, para que, ao nome de Jesus, se dobre todo joelho dos seres celestes, dos terrestres e dos que vivem sob a terra, e, para glória de Deus, o Pai, toda língua confesse: Jesus é o Senhor. In: Bíblia de Jerusalém. São Paulo. Paulus, 2003.

está disposto a abandonar tudo, a ter um coração livre”. O chamado radical da convivência do *Shemá* ecoa o protesto dos antigos profetas de Israel. O Rabino Abraham Joshua Heschel afirma em um de seus livros, *Los Profetas: Concepciones Históricas e Teológicas*, que os profetas repudiavam a ideia de que a obra e poder humanos se considerassem objeto de adoração, de acordo com uma leitura de Isaías, Heschel ressaltava que os profetas censuram a altivez arrogante e o orgulho vão (HESCHEL, 1973, p. 9). Após o *Shemá*, os participantes passam por uma *convivência* de três dias, onde cada um pergunta a si se realmente está disposto a deixar tudo e seguir a Cristo, pois só através da adesão radical a Jesus é que se chegará a ser de fato um Cristão (VICENTE, 1998, p. 65). As narrativas bíblicas que permeiam essa fase do catecumenato em questão apontam para uma transformação do tipo que Eliade afirmava sobre os ritos de passagem, onde a humanidade natural era de certo modo abolida para ceder lugar, através de processos de mortificação, digamos assim, *fazer-se* segundo a imagem ideal exposta na narrativa bíblica (ELIADE, 2018, p. 152-153). Uma música que representa essa passagem ao catecumenato é *Jacob*, geralmente cantada na etapa seguinte e que narra a luta de Jacó com o Anjo do Senhor, que narra a mudança do nome de Jacó para Israel, se configurando em um paradigma da transformação total da identidade individual.

Este escrutínio é tão fundamental para a passagem ao catecumenato, que não basta o discernimento que cada um faz de si mesmo. É preciso que os catequistas e a comunidade o confirmem. Depois do convívio, durante o tempo em que for necessário, a comunidade e os catequistas, como abonadores da mesma, vão perscrutando um a um todos os candidatos, fazendo-os entrar na sua realidade, ajudando-os a iluminar a sua situação, se ainda não estiver clara, e exortando-os à fidelidade (VICENTE, 1998, p. 67).

Na segunda fase da iniciação cristã neocatecumenal, denominada propriamente de *Catecumenato*, é a que o sujeito é reconhecido como cristão de fato, após ter renunciado aos ídolos e experienciado Deus como seu único Senhor. Nessa etapa a fé vai sendo vivida na sua precariedade e a vida vai sendo iluminada pelos exemplos de personagens bíblicos. Estes personagens, segundo Vicente, “falam de nós, iluminando a nossa história pessoal a partir da fé iniciada” (VICENTE, 1998, p. 70). Este autor, membro do Caminho Neocatecumenal, explica que não é meramente fazer exegese científica, mas descobrir a atualidade de cada personagem encarnada na própria biografia individual. “O catecúmeno há de ver-se reflectido em cada um deles: com as suas luzes e as suas sombras, com o seu próprio pecado e com a acção gratuita de Deus” (VICENTE, 1998, p. 71).

De maneira geral o indivíduo passou a uma nova forma de vida religiosa e social, adentrou em um novo quadro de referência ontológico (CROATTO, 2010, p. 360-361). A

oração é um tópico central a ser desenvolvido, nesse sentido toma lugar a liturgia doméstica, onde o *Livro da Liturgia das Horas*<sup>114</sup> e a Bíblia têm grande importância, os pais vão rezando com os filhos de maneira que vão catequizando-os, gerando aos poucos nas crianças o sentimento de pertencimento à comunidade de fé. A entrega do *Livro da Liturgia das Horas* é feita em uma convivência de três dias, com sete catequeses bíblicas sobre oração. A ideia é fazer da oração uma arma de combate. O aspecto de batalha espiritual é revelado na canção *Debora*, na qual estrofes como “¡DESPIERTA DÉBORA, DESPIERTA DÉBORA! ¡ARRIBA BARAC!” e “DESDE LOS CIELOS LUCHARON LAS ESTRELLAS, desde los cielos lucharon contra Sísara”, são alegorias do combate espiritual com o qual o neocatecúmeno tem que travar, orando e cantando.

Outra etapa dentro da fase do *Catecumenato* é a *Entrega do Símbolo da Fé*. Com a entrega do *Credo*, o catecúmeno examina até que ponto aprendeu a ver a ação de Deus em todas as coisas. “Situados num processo avançado de fé, é necessário tomar o pulso a esta mesma fé: examinar até que ponto o catecúmeno aprendeu, pela iluminação e pela experiência da Palavra a ver a presença e a ação de Deus em todas as coisas, na própria vida, na própria história” (VICENTE, 1998, p. 76). Segue-se então outra etapa, a *Devolução do Símbolo (Redditio)*. A *Devolução do Símbolo* acontece numa cerimônia paroquial que pode ser numa missa dominical ou pela tarde, durante os dias da Quaresma. Nessa celebração o celebrante pronuncia sobre o catecúmeno a palavra *Effetá*, para que ele possa proclamar com autoridade a própria fé (VICENTE, 1998, p. 78). A última etapa da fase do catecumenato é a *Entrega do Pai Nosso*. Nessa etapa o catecúmeno é levado a travar um combate consigo mesmo para se amoldar à condição de filho, fazendo as obras de Jesus, amar a cruz, amar os inimigos e amar a própria história como obra do amor de Deus. Da reflexão sobre a paternidade de Deus surge no neocatecumenato a reflexão sobre a maternidade de Maria. Isso inclui peregrinações a santuários marianos e a recitação do terço.

A terceira e última etapa é a da *Eleição*, nela o indivíduo se encontra autorizado ao Batismo ou à renovação de seus votos batismais. Essa etapa é marcada por uma profunda meditação nos temas da *História da Salvação*, com sua culminância na figura de Cristo. O indivíduo é convidado à prática das *bem-aventuranças* e do *Sermão da Montanha*. É comum a essa etapa que aqueles que não se encontrem dando provas suficientes da conversão retardem por um tempo o momento de sua *Eleição*. “A perseverança no caminho, a fidelidade à

---

<sup>114</sup> Corpo de orações destinadas a santificar as horas do dia e da noite, ou seja, todo o tempo (RAFFA, 1992, p. 652).

Palavra, a vivência da comunhão e partilha podem ser sinais desta eleição” (VICENTE, 1998, p. 92). É o Bispo que encerra a fase da *Eleição* com a etapa da *Renovação das Promessas Batismais* “a imposição de mãos e a invocação do Espírito Santo simbolizam a entrega dos dons do céu para que comecem a caminhar como cristãos” (VICENTE, 1998, p. 93).

As construções históricas da atividade humana são olhadas de um ponto privilegiado que, na sua própria autodefinição, transcende a história e o homem. Pode-se proceder isso de diversas maneiras. Provavelmente a mais antiga forma dessa legitimação consista em conceber a ordem institucional como refletindo diretamente ou manifestando a estrutura divina do cosmos [...] (BERGER, 2013, p. 46).

Esse *cristão eleito*, ou *maduro*, como os participantes do itinerário costumam chamar, deve a partir de então apresentar uma vivência radical do cristianismo, sob o prisma do ensinamento católico traduzido por Kiko Arguello.

Do ponto de vista do observador, esses ritos podem ter uma finalidade simples, marcando uma linha divisória que distingue diferentes *status* sociais (grupo e estranhos) e ao se cruzar a linha divisória estará mudando de *status*. Por outro lado, a partir do ponto de vista do participante, são ritos que incluem conhecimentos secretos, conhecimentos essenciais para o grupo e que outras pessoas não conhecem. Levantam, pois a barreira entre as pessoas que sabem e as pessoas que não sabem, evitando a comunicação entre uns e outros (VÁZQUEZ, 1999, p. 5-6, tradução nossa).

As “normas de identificação” e “normas de tratamento” são bastante comuns ao processo de iniciação neocatecumenal. Os neocatecúmenos recebem uma nova identidade e são tratados de acordo com a fase que se encontram no processo de iniciação cristã, uma vez que se espera dos neófitos um determinado tipo de comportamento, daí a existência de diversos escrutínios presentes em cada uma das etapas do longo processo que pode durar até dois anos. Os participantes do itinerário recebem uma nova identidade a cada convivência e de fato identificam-se de acordo com a etapa pela qual esta passando. Nem todos, concluem o processo, não são raras as queixas de pessoas que se sentem frustradas por não progredirem no caminho. O filósofo e especialista em estudos culturais Kwame Anthony Appiah ressalta que “As normas (como os critérios de pertencimento) geralmente não são aceitas por todos, e muitas vezes há curiosas disputas a respeito delas” (APPIAH, 2016, p. 19). Nesse sentido, é comum que apareçam críticas severas a uma alegada tendência totalitarista, elitista e mesmo herética, dirigidas ao grupo por ex-participantes.

A fase da *Mistagogia* prevista no *RICA* como aprofundamento comunitário do Mistério Pascal da Eucaristia ocorre na Vigília Pascal. No contexto neocatecumenal a vigília de páscoa ganha características particularizadas, já apontadas desde as catequeses iniciais, ao

mesclar ao ritual da Eucaristia partes da *Hagadá de Páscoa*. Um exemplo é a adaptação do tradicional narrativa *Ma Nishtaná*, onde os filhos indagam aos pais acerca da peculiaridade da noite de Páscoa. No Caminho as crianças participam ativamente da vigília cantando a canção *Por Qué Esta Noche es Diferente*.

**Imagem 20- Por Qué Esta Noche Es Diferente.**

**POR QUÉ ESTA NOCHE ES DIFERENTE**  
Canto de los niños para la Noche de Pascua - de la Hagadá de Pésaj hebreo

12

<p>La- N. ¿Por qué esta noche es diferente Re- La- de todas las otras noches? Re- La- A. <b>DE TODAS LAS OTRAS NOCHES.</b> La- N. Que todas las otras noches nos vamos a la cama pronto Re- La- y no nos quedamos levantados. Re- La- A. <b>Y NO NOS QUEDAMOS LEVANTADOS.</b> Re- La- N. Mas esta noche, esta noche Mi La- estamos levantados. Re- La- A. <b>MAS ESTA NOCHE, ESTA NOCHE</b> Mi La- <b>ESTAMOS LEVANTADOS.</b> La- N. ¿Por qué esta noche es diferente Re- La- de todas las otras noches? Re- La- A. <b>DE TODAS LAS OTRAS NOCHES.</b> La- N. Que todas las otras noches nos vamos a la cama pronto Re- La- después de haber cenado. Re- La- A. <b>DESPUÉS DE HABER CENADO.</b> Re- La- Mi La- N. Mas esta noche, esta noche hemos ayunado. Re- La- A. <b>MAS ESTA NOCHE, ESTA NOCHE</b> Mi La- <b>HEMOS AYUNADO.</b></p>	<p>La- N. ¿Por qué esta noche es diferente Re- La- de todas las otras noches? Re- La- A. <b>DE TODAS LAS OTRAS NOCHES.</b> La- N. Que todas las otras noches nos vamos a la cama pronto Re- La- y no esperamos nada. Re- La- A. <b>Y NO ESPERAMOS NADA.</b> Re- La- N. Mas esta noche, esta noche Mi La- estamos esperando. Re- La- A. <b>MAS ESTA NOCHE, ESTA NOCHE</b> Mi La- <b>ESTAMOS ESPERANDO.</b> La- A. <b>¿POR QUÉ ESTA NOCHE ES DIFERENTE</b> Re- La- <b>DE TODAS LAS OTRAS NOCHES,</b> Re- La- <b>DE TODAS LAS OTRAS NOCHES?</b> Re- N. Para estar levantados, La- para haber ayunado, Mi La- para estar todos esperando. Re- A. <b>PARA ESTAR LEVANTADOS,</b> La- <b>PARA HABER AYUNADO,</b> Mi La- <b>PARA ESTAR TODOS ESPERANDO.</b></p>
--	---

Fonte: RESUCITÓ, 2014, p. 123.

Outro tema tradicionalíssimo da *Hagadá de Páscoa* adaptado e utilizado em fases diferentes do neocatecumenato é o *Dayenú*, que o Caminho Neocatecumenal estende, criando a sua versão própria que vai buscar no passado mais longínquo os seus fundamentos teológicos e identitários enquanto uma espécie de continuidade espiritual de Israel.

### Imagem 21- Dayenú.

58

**DAYENÚ**  
De la Hagadá de Pésaj hebreo

S. Mi- La- Mi- Cuántos bienes nos ha dado el Señor.	Mi- La- Si7 Si hubiera abierto el mar para nosotros
A. <b>CUÁNTOS BIENES</b> <b>NOS HA DADO EL SEÑOR.</b>	Mi- y no hubiera hundido a nuestros opresores: <b>ESO NOS HABRÍA BASTADO ...</b>
S. Re Do Mi- Cuántos bienes nos ha dado el Señor.	Mi- Re Do Si hubiera hundido a nuestros opresores
A. <b>CUÁNTOS BIENES</b> <b>NOS HA DADO EL SEÑOR.</b>	Si7 Mi- y no nos hubiera abierto un camino en el desierto: <b>ESO NOS HABRÍA BASTADO ...</b>
S. La- Si7 Si Cristo nos hubiera hecho salir de Egipto	Mi- La- Si7 Si nos hubiera abierto un camino en el desierto
y no hubiera hecho justicia del Faraón:	Mi- y no nos hubiera nutrido con el pan de la vida: <b>ESO NOS HABRÍA BASTADO ...</b>
A. <b>ESO NOS HABRÍA BASTADO,</b> <b>NOS HABRÍA BASTADO.</b>	Mi- Re Do Si nos hubiera nutrido con el pan de la vida
<b>DAYENÚ, DAYENÚ, DAYENÚ.</b>	Si7 Mi- y no nos hubiera dado el día del Señor: <b>ESO NOS HABRÍA BASTADO ...</b>
S. Re Do Si hubiera hecho justicia del Faraón	Mi- La- Si7 Si nos hubiera dado el día del Señor
A. <b>ESO NOS HABRÍA BASTADO ...</b>	Mi- y no nos hubiera sellado una nueva alianza: <b>ESO NOS HABRÍA BASTADO ...</b>
S. Mi- La- Si7 Si nos hubiera librado de todos los ídolos	Mi- Re Do Si hubiera hecho con nosotros una nueva alianza
y no nos hubiera dado todas sus riquezas:	Si7 Mi- y no nos hubiera entrado en su Iglesia: <b>ESO NOS HABRÍA BASTADO ...</b>
A. <b>ESO NOS HABRÍA BASTADO ...</b>	Mi- La- Si7 Si nos hubiera hecho entrar en su Iglesia
S. Mi- Re Do Si nos hubiera dado todas sus riquezas	Si7 Mi- y no hubiera construido en nosotros su templo: <b>ESO NOS HABRÍA BASTADO ...</b>
A. <b>ESO NOS HABRÍA BASTADO ...</b>	

58

Fonte: RESUCITÓ, 2014, p. 58.

As crianças na Vigília Pascal cantam também o tema da *Aqedah*, que rememora o a prova feita pro Deus a Abraão para que ele sacrificasse seu filho Isaac, cuja recepção cristã tratou desde muito cedo a identificar como símbolo de Cristo. A *Amarração-Aqedah de Isaac* é lida nas sinagogas como parte da liturgia de *Hosh-Hashanah*, Ano Novo judaico. Existe inclusive uma oração judaica sobre esse tema:

Fazê-nos lembrar, *Adonai* nosso Deus, a aliança, o amor e o juramento que tu juraste a Avraham nosso pai sobre o monte Moriá. Que a amarração (*Akedah*) com a qual Avraham nosso pai amarrou seu filho Yitz'chak sobre o altar apareça diante de ti, como ele venceu sua compaixão de modo a fazer a Tua vontade de todo coração (STERN, 2008, p. 772).

O erudito judeu-cristão David Stern ressalta a correlação que o povo judeu costuma fazer entre o sacrifício de Isaac e os ritos sacrificiais de perdão dos pecados.

É exatamente apropriado que a '*Akeda* seja lembrada durante este tempo, quando o povo judeu se preocupa com o pecado e a punição, a morte, conforme simbolizada pelos sacrifícios [...]. De fato, Rashi comenta sobre Gênesis 22:14 (sobre "este dia"): "O Senhor verá essa '*akedah* para perdoar Israel todos os anos e resgatá-los de problemas; de maneira que se dirá 'Neste dia' em todas as gerações futuras: 'na montanha do Senhor se vê' as cinzas de Yitzchak elevadas e servindo de expiação" (STERN, 2008, p. 772).



## Imagem 22- Aquedah.

**AQUEDAH**  
Del Targum Neofiti sobre el sacrificio de Isaac (Gn 22,1-19)

<p>S. <sup>La-</sup> Era todavía de noche cuando Abraham <sup>Re- 9</sup>  <sup>La-</sup> se disponía a sacrificar a su hijo;  <sup>Re- 9</sup> los dos se miraban fijamente  <sup>Mi</sup> cuando le dijo su hijo Isaac:</p>	<p>S. <sup>La-</sup> Venid y ved la fe sobre la tierra,  <sup>Re-</sup> venid y ved la fe sobre la tierra,  <sup>Re- 9</sup> el Padre que sacrifica a su hijo,  <sup>Mi7</sup> y el hijo querido  <sup>Mi7</sup> que le ofrece su cuello.</p>
<p>A. <sup>La-</sup> <b>AQUEDAH, AQUEDAH,</b> <sup>Re- 9</sup>  <sup>La-</sup> <b>AQUEDAH, AQUEDAH.</b></p>	<p>A. <sup>La-</sup> <b>AQUEDAH, AQUEDAH ...</b> <sup>Re- 9</sup></p>
BIS	
<p>S. <sup>La-</sup> «Átame, átame fuerte, Padre mío,  <sup>La-</sup> no sea que por el miedo me resista  <sup>Re- 9</sup> y no sea válido tu sacrificio  <sup>Mi</sup> y los dos seamos rechazados.»</p>	
<p>A. <sup>La-</sup> <b>AQUEDAH, AQUEDAH ...</b> <sup>Re- 9</sup></p>	
<p>S. <sup>La-</sup> «<b>ÁTAME, ÁTAME FUERTE,</b>  <sup>Re- 9</sup> <b>PADRE MÍO,</b>  <sup>La-</sup> <b>QUE YO NO ME RESISTA.</b>»</p>	<p>BIS Asamblea</p>

Fonte: RESUCITÓ, 2014, p. 38.

Ainda dentro do contexto de enraizamento do Mistério Pascal na tradição judaica, o Caminho Neocatecumenal adaptou à melodia do hino de Israel (*Hatkivah*) um texto do *Targum Palestinense do Êxodo*, que faz referência a quatro noites da salvação escrita diante de Deus, a primeira se referindo à criação do mundo, a segunda à revelação de Deus a Abraão, a terceira quando Deus se revelou no Egito matando os primogênitos dos egípcios e preservando os primogênitos de Israel e a quarta apontando para a libertação do povo de Israel no fim dos tempos com a destruição de todos os perversos. Nesse *Targum*, paráfrase do texto bíblico, Moisés aparece vindo do meio do deserto, enquanto o Messias é descrito como vindo do meio de Roma (THE TARGUNS OF ONKELOS AND JONATHAN BEM UZZIEL, 1862, p. 479-481).

### Imagem 23- Canto De Las Cuatro Noches<sup>115</sup>.

**CANTO DE LAS CUATRO NOCHES**

Cejilla 3er Traste

La- Do Re- La-	La- Do Re- La-
En la primera noche, solo era el Señor	En esta noche santa de Pascua cantamos
Re- La- Mi La-	Re- La- Mi La-
El amo la vida por eso la creó	Cristo a resucitado y vive en nosotros
Fa Sol Do	Fa Sol Do
Ha creado a Adán y el mundo le donó	Una noche el mundo él creó
Fa Sol Do	Fa Sol Do
le dió una esposa y luego se alegró	Una noche el nos dió la Fe
Sol La- Re- La-	Sol La- Re- La-
Ha creado el mundo y Cristo era con él	Una noche santa Israel liberó
Re- La- Mi La-	Re- La- Mi La-
Ha creado el mundo y Cristo era con él	Una noche santa Cristo resucitó
La- Do Re- La-	Fa Sol Do
A nuestro padre Abraham le dio una alianza	Esta noche por nosotros resucitó
Re- La- Mi La-	Fa Sol Do
y en su hijo Isaac cumplió la promesa	De la muerte a todos liberó
Fa Sol Do	Sol La- Re- La-
Aquella noche vino el ángel del Señor	Cristo ha resucitado y vive en nosotros
Fa Sol Do	Re- La- Mi La-
Y la mano de Abraham se deluvo	Cristo ha resucitado y vive en nosotros
Sol La- Re- La-	
Isaac fue salvado y Cristo era con él	Fa Sol Do
Re- La- Mi La-	Aleluya, aleluya
Isaac fue salvado y Cristo era con él	Fa Sol Do
	Aleluya, aleluya
La- Do Re- La-	Sol La- Re- La-
Cuando éramos esclavos bajo el faraón	Cristo ha resucitado, está vivo en nosotros
Re- La- Mi La-	Re- La- Mi La-
Dios creó la Pascua y nos liberó	Cristo ha resucitado y vive en nosotros
Fa Sol Do	
Aquella noche vino el ángel del Señor	
Fa Sol Do	
y en el Mar Rojo al enemigo extermino	
Sol La- Re- La-	
Moisés liberador y Cristo era con él	
Re- La- Mi La-	
Moisés liberador y Cristo era con él	

Bis

Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=uwN2BPjoHxg>>. Acesso em: 22/02/2019.

A renovação dos votos batismais por parte dos iniciados tem a função sacramental de fazer com que todos esses elementos, incluindo a própria assembleia, sejam experienciados hierofanicamente. Segundo Mircea Eliade, a “nova existência, santificada” faz com que o neófito tenha acesso aos mistérios da fé. “O iniciado não é apenas um ‘recém-nascido’ ou um ‘ressuscitado’: é um homem que sabe, que conhece os mistérios, que teve revelações de ordem metafísica”. O Caminho Neocatecumenal propõe justamente gerar ou como costumam dizer gestar cristãos maduros na fé, é, portanto, iniciático ao passo que tal “iniciação equivale ao amadurecimento espiritual, e em toda a história religiosa da humanidade reencontramos sempre este tema: o iniciado, aquele que conheceu os mistérios, é aquele que sabe” (ELIADE, 2018, p. 153-154).

<sup>115</sup> Esse canto não consta na edição do livro de cantos a que tivemos acesso, o que nos leva a crer que é recente e por isso ainda não havia sido incluso na edição de 2014.

#### **4. CAPÍTULO III – UMA AVALIAÇÃO DO CAMINHO NEOCATECUMENAL A PARTIR DAS CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

Diante do quadro de secularização, o Caminho Neocatecumenal pretende, através do aprofundamento do significado do batismo cristão, que os cristãos se posicionem de modo relevante e coerente com a sua fé em uma sociedade marcada pelo indiferentismo perante a religião. Avaliando a figura do convertido dentro do cenário religioso francês Danièle Hervieu-Léger se deparou com as comunidades neocatecumenais como a mais forte tendência de retomada do processo catecumenal enquanto resgate da “identidade de uma comunidade que se percebe, ela mesma, como uma minoria” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 134).

Nesse contexto de fragilidade identitária, onde o aumento da demanda de conversão dos “sem religião” caminha no sentido inverso ao da tendência pesada de diminuição do número de batismos e de inscrições das crianças ao catecismo, a figura do convertido não permite absolutamente prever o triunfo último da verdade católica sobre a indiferença e o erro. Mas permite construir uma representação renovada de uma Igreja aberta, que se apresenta como “comunidade catecumenal ampliada”, não somente para o número – modesto – daqueles que pedem para ser contados entre os fiéis, mas sobretudo para seu público “natural”, muito mais numeroso, que não assume sua pertença formal como uma identidade escolhida pessoalmente (HERVIEU-LÉGER, 20015, p. 134).

O atual debate acerca da secularização, tal como analisado por Gustavo Gilson Oliveira e Aurenéia Maria de Oliveira, doutores em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco, aponta para a existência de ao menos cinco modos de interpretar o fenômeno religioso na atualidade em sua relação ao processo de secularização. O primeiro assume o discurso de que a secularização “estaria historicamente esgotada enquanto teoria e/ou enquanto processo social” e que os vários “fenômenos religiosos contemporâneos” seriam “indício empírico incontestável de que o impulso da secularização estaria se esvaindo [...]” (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2012, p. 26). Dentro dessa perspectiva se insere ainda a crítica a “uma visão excessivamente determinista da sociedade e da história”, por parte de alguns teóricos da secularização, que subestimou a capacidade criativa e a competência das organizações em suprir a demanda religiosa. Há ainda aqueles que acenando para uma perspectiva quase panfletária de uma visão de pós-modernidade, apostam na capacidade da religião e da espiritualidade em protagonizar um processo de “reconstrução de valores naturais, humanos e/ou morais esquecidos”, em contraposição à “arrogância materialista da sociedade moderna” (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2012, p. 26).

O segundo modo de interpretar o atual fenômeno religioso no contexto de secularização é o oposto do primeiro e entende que a “desprivatização das religiões” e a ascensão dos movimentos fundamentalistas<sup>116</sup> ameaçam “o projeto moderno de uma sociedade autônoma, racionalizada e secularista”, representante de um importante progresso de nossa civilização ocidental (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2012, p. 27). A crise de modernidade pressuposta por essa tendência entende a “nova onda de misticismo, o retorno do sagrado ao espaço público e a aparição de dezenas de grupos fundamentalistas étnicos e religiosos” é vista como “reação de indivíduos e grupos tradicionais diante do que eles perceberam como uma ameaça do mundo moderno à integridade de suas identidades” (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2012, p. 27). Dentro de uma concepção aproximada da tradição durkheimiana, alguns veem o surgimento do fundamentalismo como resultado da “‘crise de legitimidade’ das instituições sociais e políticas contemporâneas”, gerada pela sua “burocratização, elitização e isolamento em relação ao corpo social. A fragilidade da ordem civil e a carência de significância e organicidade fariam com que alguns grupos, instituições e líderes [...] buscassem afirmar sua legitimidade através do recurso às reservas simbólicas e afetivas das religiões”. Essa postura é analisada como representando uma grande ameaça “para a laicidade moderna”, o que só seria sanado através da restrição da “presença de atores e valores religiosos na esfera pública, garantindo, todavia, o pluralismo e a liberdade de crenças na esfera privada” (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2012, p. 29).

O terceiro modo de analisar o processo de secularização frente ao surgimento dos *novos movimentos religiosos*<sup>117</sup>. É o grupo daqueles analistas sociais que não veem a ascensão desses movimentos como uma desaceleração do processo de racionalização e modernização, mas sim como efeito do próprio processo de secularização. O aparente crescimento do fenômeno religioso seja numericamente ou em grau de importância seria “o resultado do ingresso de grupos sociais e regiões com características pré-modernas nos sistemas sociais modernos e, portanto, um efeito da ampliação do processo de secularização e não de seu

---

<sup>116</sup> Segundo o Cientista da Religião Ivo Pedro Oro, pode-se afirmar que um movimento é ‘fundamentalista’ quando satisfaz ou preenche algumas condições, tais como: ser de religião de Livro Sagrado; produzir certa ‘calcificação’ de verdades do passado; originar-se em contexto de profundas transformações sociais; ter como estrutura, na relação líder-fielis, uma gestão autoritária do aspecto sagrado e religioso; produzir um reforço das identidades, uma reintegração da vida a partir da fé e orientação ética numa linha individualista e moralista; e caracterizar-se pelo antagonismo ao diferente, o que leva à demonização do outro (ORO, 2013, p. 71).

<sup>117</sup> O termo surge enquanto alternativa à noção pública de seita ou culto e a suas marcas pejorativas, no campo dos estudos da religião, englobando movimentos religiosos surgidos nos anos 60 e 70 e que congregam um conjunto de tendências vinculadas ao que alguns autores chamam de “crise de sentido” (MACHADO, 2010, p. 146).

enfraquecimento” (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2012, p. 29). Sobre isso o Sociólogo brasileiro Antônio Flávio Pierucci costumava polemizar o alegado mau uso e entendimento conceitual do termo secularização por parte dos defensores do “retorno do sagrado” ou “revanche de Deus”:

É importante nesta hora perseguirmos um consenso categorial mínimo. Aqueles, pois, dentre os críticos da teoria da secularização que sinceramente gostariam de acreditar do fundo de seus corações que o “retorno do sagrado” representa efetivamente um desmentido empírico da teoria da secularização, ou então uma reversão real de sua trajetória dada como irreversível, fariam bem em prestar mais atenção ao sentido original do termo e atentar para o quão imprescindível continua sendo, para o nosso bem viver em sociedades multiculturais e religiosamente plurais, a secularização assim entendida: como secularização do Estado, da lei, da normatividade jurídica geral (PIERUCCI, 1998, p. 66).

Uma quarta linha de análise procura “(re) conciliar elementos das teorias da ‘secularização’ e da ‘dessecularização’ apostando em um caminho analítico que possa abranger a amplitude e a complexidade do fenômeno religioso na contemporaneidade” (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2012, p. 30). Peter Berger, que outrora, em seu clássico *O Dossel Sagrado* afirmou que o processo de secularização tratava-se do declínio da influência política e cultural das igrejas cristãs das áreas outrora sob sua influência, isso significando consequentemente “que o Ocidente moderno tem produzido um número crescente de indivíduos que encaram o mundo e suas próprias vidas sem o recurso às interpretações religiosas” (BERGER, 2013, p. 119-120), passou a rever alguns pontos de seu caminho teórico.

Ainda que a expressão “teoria da secularização<sup>118</sup>” se refira a trabalhos dos anos 1950 e 60, a idéia central da teoria pode ser encontrada no Iluminismo. A idéia é simples: *a modernização leva necessariamente a um declínio da religião, tanto na sociedade como na mentalidade das pessoas*. E é justamente essa idéia central que se mostrou estar errada (BERGER, 2000, p. 10, grifo nosso).

Berger reconhece que, embora algumas instituições religiosas tenham declinado em termos de influência, as “crenças e práticas religiosas antigas e novas permaneceram na vida das pessoas, às vezes assumindo novas formas institucionais e às vezes levando a grandes

---

<sup>118</sup> A teoria geral da secularização tem sido questionada e revista frente aos fenômenos relacionados ao crescimento dos evangélicos neopentecostais na América Latina, Ásia e África, a própria inversão do fluxo missionário dos países periféricos para os países centrais, o surgimento da espiritualidade da Nova Era e dos novos movimentos religiosos, assim como os movimentos de renovação e restauração no seio da Igreja Católica, como ponto de inflexão dos discursos que propalavam seja o fim da religião, como nas utopias seculares do “socialismo real”, seja o seu declínio, substituída pelo humanismo liberal e o cientificismo (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2012, p. 25).

explosões de fervor religioso” (BERGER, 2000, p. 10). Para o sociólogo americano, um dos motivos da permanência da religião, a nível de consciência individual, se justifica no fato de que a modernidade, ao solapar antigas certezas, termina por gerar o que para muitos é o intolerável desconforto da ausência de qualquer certeza, fazendo com que religiões que fornecem esse item, certezas, tornem-se atraentes (BERGER, 2000, p. 17). Reconhece, portanto que a secularização não é um fenômeno mundial e que embora a modernidade tenha provocado efeitos secularizantes, paradoxalmente “provocou o surgimento de poderosos movimentos de contra-secularização” (BERGER, 2000, p. 10).

A socióloga francesa Danièle Hervieu-Léger, por sua vez, afirma em contraposição à noção consagrada de secularização como declínio da religião, o fato de que é próprio da modernidade mudar a maneira com que se organizam e se estruturam as religiões. Deste modo, para a autora, o grande desafio da sociologia da religião é compreender como ao mesmo tempo a modernidade mina a credibilidade das religiões faz surgir novas formas de crença, levando em consideração as formas diversas e desiguais com que se dá a secularização e o “reordenamento das tradições, crenças e instituições religiosas” em cada região ou país específico (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2012, p. 30-31).

Para responder a esse problema, é necessário ter entendido que a secularização não é, acima de tudo, a perda da religião no mundo moderno. É o conjunto dos processos de reconfiguração das crenças que se produzem em uma sociedade onde o motor é a não satisfação das expectativas que ela suscita, e onde a condição cotidiana é a incerteza ligada à busca interminável de meios de satisfazê-las (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 41).

A quinta vertente interpretativa, denominada pós-secularista<sup>119</sup>, procura levantar um questionamento acerca dos próprios fundamentos “da oposição binária entre religião e modernidade”. Essa vertente questiona “a percepção de ‘modernidade’ e de ‘religião’ como realidades independentes” a partir das “críticas pós-metafísicas<sup>120</sup> e/ou pós-estruturalistas<sup>121</sup> aos modelos ‘essencialistas’ de conhecimento e objetividade, que pressupõem uma

---

<sup>119</sup> Autores como Habermas descrevem o pós-secularismo como uma mudança importante na autocompreensão do Estado secular e da sociedade atual no que diz respeito à incidência de forças emanadas da religião no espaço público (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2012, p. 32).

<sup>120</sup> Pós-metafísica seria a passagem da filosofia da consciência para a filosofia da linguagem. Dentro da perspectiva habermasiana de pós-metafísica ressalta-se uma filosofia ligada ao mundo da vida, que opera na comunicação entre os sujeitos, onde a religião continua tendo o seu lugar enquanto “a linguagem religiosa trouxe consigo conteúdos semânticos inspiradores” (HABERMAS, 1990, p. 61).

<sup>121</sup> Enquanto o estruturalismo enfatiza a ideia de estruturas estáveis, o pós-estruturalismo trabalha a ideia de instabilidades estruturais e relativizações do processo de significação da realidade (MENDES, 2015, p. 46).

exterioridade dicotômica entre a linguagem e o ser” (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2012, P. 32-33). Admite-se, portanto, que muito embora a modernidade tenha se configurado

em oposição a um modelo de sociedade ordenado a partir da religião [...] esse lugar simbólico é instável e contingente, e as relações entre modernidade e religião podem assumir configurações bastante diversas de acordo com os desdobramentos que ocorrem no contexto social e simbólico (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2012, p. 34).

Nessa linha de análise, independentemente se houve uma interrupção, reversão ou compensação no processo de secularização, a própria “‘noção’ de (des)secularização” perde o sentido, uma vez que supera-se a dicotomia que classicamente definia a modernidade “como o tempo de uma sociedade autônoma e puramente racionalizada” e a religião como mera “partilha de uma ética ou cosmovisão íntima e particular” (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2012, p. 32-33). Tal como avaliam Oliveira e Oliveira (2012, p. 35), a análise pós-secularista destaca-se por apontar para o fato de que na modernidade os discursos encontram-se “atravessados por valores, categorias e lógicas enunciadas a partir do religioso”, inferindo que a modernidade estaria guardando aspectos onto-teológicos que não se pode negligenciar (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2012, p. 35-36).

A perspectiva pós-secularista, na medida em que desconstrói - explicitamente ou não - as teorias da (des)secularização, possibilita uma abordagem mais rica e coerente de interpretação dos fenômenos religiosos contemporâneos. Busca romper com o paradigma determinista e normativo da tradição positivista, com viés reducionista e essencialista de interpretação da religião na modernidade e abre espaço para uma investigação mais atenta e contextualizada dos fenômenos observados (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2012, p. 40).

Por ainda apresentar uma série de desafios teóricos e metodológicos a serem enfrentados (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2012, p. 40), optamos por situar o escopo geral de nosso trabalho dentro da perspectiva de conciliar as teorias da secularização e dessecularização, ou seja, a quarta via de análise referenciada por Oliveira e Oliveira (2012), pontuando a existência de elementos que podem ser referenciados como pós-modernos<sup>122</sup> em nosso objeto, contudo, não significando uma ruptura para com a modernidade. Limitamo-nos a ir ao sentido de “compreender a (des/re)constituição de identidades religiosas” nos limites

---

<sup>122</sup> De acordo com Zygmunt Bauman, pós-modernidade não significa necessariamente o fim, o descrédito ou a rejeição da modernidade. Não é mais (nem menos) que a mente humana a examinar-se longa, atenta e sobriamente, a examinar sua condição e suas obras passadas, sem gostar muito do que vê e percebendo a necessidade de mudança. Desta forma, a pós-modernidade é a modernidade que atinge a maioridade, a modernidade olhando-se a distância e não de dentro, chegando a um acordo com a sua própria impossibilidade (BAUMAN, 1999, p. 288).

de sua “adesão formal e/ou explícita a uma igreja ou instituição” e situar na esfera de uma “subscrição consciente e racional” ao “conjunto de crenças ou cosmovisão específica” o nosso objeto de análise (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2012, p. 40). Em se tratando de um método de iniciação atual, entendemos o Caminho Neocatecumenal como uma dentre as variadas reações da Igreja à secularização, no sentido de acomodar-se e/ou responder criativamente aos desafios da realidade plural da religião na modernidade. No caso do Caminho Neocatecumenal é inegável que o seu aspecto neofundamentalista esteja apostando em um retorno do *Sagrado* que procura contrapor-se ao processo que o teólogo e filósofo judeu Abraham Joshua Heschel (1907-1972) chamou de “capitulação incondicional do homem ao espaço, sua escravidão às coisas” (HESCHEL, 2014, p. 13).

#### 4.1. O Caminho Pluralista do Destino à Escolha da Adesão Religiosa

Dentro do escopo da modernidade, o pluralismo se constitui de uma situação social em que as pessoas com diferentes padrões étnicos, morais e de mundivisão estão em constante conversação. Nesse sentido, tanto mais se prolonga o diálogo entre indivíduos culturalmente diferentes, mais fortes serão as contaminações cognitivas e, conseqüente, as relativizações de antigas certezas (BERGER, 2017a, p. 20-21). Como assegura o sociólogo Peter Berger (2017), o pluralismo não é, contudo, uma exclusividade das sociedades modernas, mas se apresentou em diferentes momentos e formas ao longo da história, tais como

[...] os países ao longo da Rota da Seda demonstraram um pluralismo religioso exuberante, com cristãos, maniqueus, zoroastrianos, hindus, budistas e intelectuais confucianos interagindo uns com os outros, frequentemente no contexto dos Estados helenistas deixados para trás como um legado das conquistas orientais de Alexandre o Grande (BERGER, 2017a, p. 24).

O termo *convivencia*, cunhado na Espanha sob o controle dos muçulmanos, chegou a designar a coexistência entre cristãos, muçulmanos e judeus (BERGER, 2017a, p. 25). O contexto espanhol, anterior à Reconquista, é bastante ilustrativo de como se operou a contaminação cognitiva no diálogo entre cristãos e muçulmanos, podendo ser citadas a atitude do Bispo Elipano, que em 783, por ocasião de sua posse na sede metropolitana de Toledo, procurou adotar a doutrina adocionista<sup>123</sup> para explicar o mistério de Cristo, soando bem aos

---

<sup>123</sup> O adocionismo, embora não fosse intenção dos seus defensores (Elipando, arcebispo de Toledo e Felix, bispo de Urgel) retomar as teses dogmáticas já condenadas pelos concílios ecumênicos - arianismo, o monofismo e o



ouvidos muçulmanos, acostumados ao monoteísmo estrito do Alcorão, como também pareceu bem aos cristãos que viviam sob o domínio muçulmano (PARMEGIANI, 2014a, p. 28). Em segundo lugar temos a modulação do Rito Latino da Igreja na tradição moçárabe<sup>124</sup>, cujas idiossincrasias foram para além da utilização do árabe como língua cotidiana e do vestuário, como também se refletiram, em alguns casos, na prática da circuncisão e interdição do consumo de carne suína (VEREZA, 2010, p. 37).

Devemos ter em mente que o pluralismo cresceu no âmbito da modernidade ao passo que as possibilidades de escolha aumentaram, sobretudo após a Revolução Industrial, inserindo dentro do quadro geral das escolhas possíveis não somente as inovações tecnológicas, mas também os objetos de culto e a própria identidade individual, em face do estreitamento das distâncias entre as várias civilizações dentro do processo de evolução dos sistemas de transporte e de comunicação. “Toda a vida se torna um interminável processo de redefinir quem o indivíduo é no contexto das possibilidades aparentemente infinitas apresentadas pela modernidade” (BERGER, 2017a, p. 27). A grande característica da situação pluralista é que os ex-monopólios religiosos já não podem contar com a submissão das populações, que por ser facultativa torna-se insegura em si mesma, situação bem diferente se experimentava no período pré-moderno, onde não havia competição e tampouco havia pressões no sentido de gerar resultados missionários como na atualidade, em que a Igreja é uma dentre tantas possibilidades no vasto território do mercado religioso. A Igreja Católica é levada a avaliar a sua estrutura social, de modo a obter resultados no mercado competitivo da religião (BERGER, 2013, p. 150). Berger fez referência ainda à coincidência entre a emergência da situação pluralista e a retomada da ênfase no laicato nas instituições religiosas (BERGER, 2013, p. 158), mas tomando os leigos apenas enquanto consumidores, subestimando a capacidade desses de produzir sistemas de crença dentro da estrutura institucional católica.

O pluralismo tem a capacidade de gestar reações aparentemente opostas, podendo redundar em fundamentalismo ou relativismo. O fundamentalismo se expressa através do

nestorianismo -, trazia uma interpretação em relação à divindade de Cristo que, em larga medida, se opunha ao que ficara decidido em Niceia no ano de 325. Segundo essa doutrina, Jesus era, enquanto homem, filho adotivo de Deus, o que correspondia, em muitos aspectos, à presença muçulmana na Península e ao rígido monoteísmo do Corão que rapidamente chocou-se com os princípios básicos de Encarnação e Trindade cristãs. (PARMEGIANI, 2014b, p. 163).

<sup>124</sup> Por “rito moçárabico” se entende uma forma litúrgica usada por cristãos da Península Ibérica até o fim do século XI. Esse rito também é conhecido por outros nomes, mas “rito de Toledo” ou “moçárabico” permanecem as denominações mais aceitas até hoje. Disponível em: <<https://apologetica.net.br/2011/12/30/rito-mocarabe/>>. Acesso em: 16/03/2019.

esforço por restaurar a certeza ameaçada por fatos que aparentemente contradizem as antigas certezas, podendo se desenvolver no sentido de voltar “a uma certeza do passado (real ou imaginário) ou em olhar com uma postura de segurança para o futuro” (BERGER, 2017a, p. 34). Exemplos da perspectiva reacionária antimoderna são os agrupamentos de católicos integrais, que possuem uma perspectiva extremamente intransigente na luta por manter uma ortodoxia baseada na evolução dos dogmas e fidelidade incondicional ao papa e que se posicionam contra qualquer tipo de mudança paradigmática na Igreja. Contra a liberdade de crítica à autoridade eclesiástica, os católicos integrais se unem aos ultramontanos tradicionalistas em um intento unificado de “lutar contra os princípios modernos, no âmbito político ou intelectual, e de empreender o retorno à ordem anterior aos acontecimentos que levaram a Igreja à situação de tamanha crise” (CALDEIRA, 2009, p. 43-44), ou seja, retornar à sua posição de hegemonia cultural pré-moderna em uma configuração aristotélico-tomista de realidade. Três bons exemplos dessa tendência são a *Associação Cultural Monfort*, os *Arautos do Evangelho* e a *Fraternidade São Pio X*. Na perspectiva de um fundamentalismo progressista se encontra o Caminho Neocatecumenal, com um discurso que, ao se fundamentar na tradição bíblica e no magistério da Igreja, desenvolve um engenhoso projeto de resgate da influência cultural, moral e política da instituição católica no mundo moderno através da “defesa intransigente da moral familiar” (CORDOVA; SANTOS, 2015b, p. 31).

Apesar da busca por uma relação com o princípio da Igreja, o Caminho Neocatecumenal está contextualizado no século XX, por isso, ao longo de todo o documento estatutário, busca-se determinar que é uma realidade para as pessoas da contemporaneidade, que desconhecem o evangelho ou se afastaram dele (NEOCATECUMENATO, Art. 5º § 1) (CORDOVA; SANTOS, 2015, p. 10).

Ao contrário do fundamentalismo reacionário anteriormente citado, o Caminho Neocatecumenal opera na contemporaneidade, não condenando a modernidade em bloco, mas nutrindo um profundo desprezo pela sociedade secular, marcada pelo indiferentismo e pela corrupção moral, porém, não tendo a intenção de retornar aos áureos tempos de domínio cultural da Igreja, inclusive criticando a tentação ao clericalismo, mas permitindo-se enquadrar até certo ponto à instituição, com vistas a obter mais vantagens para o estabelecimento de seu ideário. Seguindo a linha de Léon Bloy, ao mesmo tempo em que denuncia a não correspondência entre fé e prática de boa parte dos cristãos nominais de uma sociedade burguesa, procura ser fiel às exigências radicais do Evangelho e ferrenhamente crítico dos tempos modernos. O fundamentalismo se apresenta aqui numa clara oposição à sociedade descristianizada e no sentido da crença de que existe um projeto de perseguição

sistemática à Igreja. Esse sentido é amplamente trabalhado através do canto *Una Gran Señal*, que apresenta o capítulo 12 do livro de Apocalipse como arquétipo de uma Igreja peregrina e perseguida pelas forças do mal. Essa identificação com os círculos joaninos pode vir a gerar estranhamentos internos nas paróquias, uma oposição entre uma perspectiva hierárquica de Igreja e outra, como no caso do Caminho Neocatecumenal, pneumática. Um exemplo disso se encontra testemunhado pelo sacerdote Marcello Stanzione que afirma:

O catequista neocatecumenal que abriu o caminho em minha paróquia, quando veio me ver pela última vez, disse-me com raiva que não poderia haver diálogo entre eles e eu porque eu - não esquecerei suas palavras textuais - representava a *Igreja de Pedro*, enquanto eles representavam a *Igreja de João* (MILIZIADISANMICHELEARCANGELO.ORG, tradução e grifos nossos)<sup>125</sup>.

Já a reação relativista, por sua vez, se define diante da pluralidade das escolhas como a visão de que “não há nenhuma verdade cognitiva ou normativa absoluta” (BERGER, 2017a, p. 37), se refletindo na “arte da suspeita”, que postula geralmente que por traz daquilo que se costuma entender como verdadeiro ou virtuoso existe outra razão subjacente, quais sejam desejos de poder, cobiça, luxúria, originando movimentos culturais e políticos caros à concepção de mundo pós-moderna. É bastante corrente, no entanto, que o relativismo se expresse na forma de uma “tolerância abrangente”, não desprezando o fato de que o grande problema teórico de quem postula o relativismo radical é como eles conseguem sustentar o fato de que somente eles conseguem enxergar a realidade tal como ela realmente é enquanto as outras pessoas estariam simplesmente envolvidas nas sombras da ilusão (BERGER, 2017a, p. 37-38). Não é difícil entender que a consequência do pluralismo é a multiplicação das estruturas de plausibilidade, o que leva os indivíduos a duvidarem de seus postulados, sobretudo no que concerne a certezas exclusivistas construídas no seio de tradições religiosas que se colocam como detentoras de verdades dogmáticas absolutas. A situação moderna põe o homem diante de uma infinidade de opções de ação e modos possíveis de pensar o mundo, incluindo-se “a decisão de seguir essa ‘preferência religiosa’ particular”, pluralizando “tanto instituições quanto estruturas de plausibilidade” (BERGER, 2017b, p. 33). Dentro deste enquadramento, as mentes dos indivíduos passam a apresentar diferentes graus de certeza, sendo o grau mais baixo aquilo que os indivíduos tomam por evidentemente certo; o segundo agrega as “definições cognitivas e normativas da realidade que são amplamente aceitas”; e um

---

<sup>125</sup> Neocatecumenali, Gnosi e uso del denaro per accrescere il consenso. Disponível em: <<http://www.miliziadisanimichelearcangelo.org/content/view/997/135/lang,it/>>. Acesso em: 17/03/2019.

último é o grau das preferências e opiniões mantidas até que “um bom argumento ou uma nova experiência” faça o indivíduo mudar de ideia. A grande questão é que no contexto de pluralidade religiosa do mundo moderno, as religiões deixam de se situar no nível de certezas indiscutíveis passando ao nível das opiniões (BERGER, 2017a, p. 69). Levando-se em consideração que

[...] em nenhum lugar numa sociedade moderna, ou até mesmo numa sociedade que está começando a se modernizar, o indivíduo está imune aos efeitos corrosivos da relativização. Assim, o gerenciamento da dúvida se torna um problema para toda tradição religiosa. [...] O fundamentalismo pode ser descrito como um projeto de eliminação total da dúvida. Pode também ser descrito como uma tentativa de restaurar, nas condições modernas, a certeza do dado-como-certo de uma sociedade pré-moderna (BERGER, 2017a, p. 73-74).

Em sentido mais amplo, o pluralismo iniciou ao mesmo tempo o “ecumenismo” entendido como sendo a “colaboração amigável entre os diferentes grupos envolvidos no mercado religioso”, como também a redescoberta das heranças confessionais (BERGER, 2013, p. 153). O primeiro movimento está, a nosso ver, bastante relacionado com uma variante do relativismo, enquanto que o segundo é mais aproximado da uma perspectiva do fundamentalismo que de alguma forma trata-se de se diferenciar na linha de uma tradição, frente a outros grupos diferentes em um quadro que tende à padronização (BERGER, 2013, p. 160). Essas diferentes tendências reagem ao pluralismo de modo diferente, podendo se configurar de dois modos distintos:

Elas podem ou acomodar-se à situação, fazer o jugo (*sic*) pluralista da livre empresa religiosa e resolver da melhor forma possível o problema da plausibilidade modificando seu produto de acordo com a demanda do consumidor; ou recusar-se a se acomodar, entrenchando-se atrás de quaisquer estruturas socioreligiosas que possam manter ou construir e continuar a professar as velhas objetividades tanto quanto possível, como se nada tivesse acontecido (BERGER, 2013, p. 163-164).

Nos polos extremos desse movimento temos ainda as diferentes formas de ler o Concílio Vaticano II. Uma corrente que requer mudanças rápidas “que aponta para a superação dos modelos de compreensão da História” e outra que “afirma a longa duração, a mudança lenta e a conservação dos padrões do passado” (PASSOS, 2014, p. 25). A nosso ver, o Caminho Neocatecumenal se enquadraria na via média entre essas correntes de interpretação, uma vez que se apresenta como conservadora do ponto de vista dos costumes, mas progressista em relação à atualização da liturgia, apostando em uma prática que mescla o método indutivo e dedutivo de experienciamento do *Sagrado*. Acreditamos que isso seja resultado de um processo de negociação institucional segundo a lógica apontada por João

Décio Passos, de acordo com o qual “os resultados conciliares foram perdendo seu frescor e cedendo lugar para os processos de institucionalização de seus resultados, onde tem lugar e função previamente preparados a força de conservação que garante os ordenamentos, os papéis e as funções” (PASSOS, 2014, p. 29). A chamada “rotinização dos carismas” é um resultado do processo em que

As instituições burocráticas *selecionam e formam* os tipos de pessoal de que elas necessitam para operar. Isso significa que tipos semelhantes de liderança emergem nas diversas instituições religiosas, independente dos padrões tradicionais nessa questão. As exigências da burocracia anulam as diferenciações tradicionais das lideranças religiosas entre “profeta” e “sacerdote”, “estudioso” e “santo” e assim por diante (BERGER, 2013, p. 152, grifos do autor).

Ao sistema burocrático da administração central da Igreja, à qual Berger (2013) atribui certa resistência à modernidade, é demandado um enquadramento e controle das diversas tendências que surgem em seu bojo, no entanto, tal como assevera Hervieu-Léger, embora a Igreja disponha de meios para controlar as redes comunitárias, “a realização desse controle institucional é uma fonte de conflitos internos geralmente intensos” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 177-178), como nos casos das práticas litúrgicas do Caminho Neocatecumenal, que ao longo dos anos fomentam acirradas discussões. Um exemplo de como ocorrem estas disputas internas dentro do organismo administrativo da Igreja Católica foi o pedido feito pela Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos de adequação do Caminho Neocatecumenal ao ordinário da missa, tal como consta nos livros litúrgicos oficiais, refletindo as queixas de Bispos por uma maior integração das comunidades neocatecumenais à realidade total das paróquias<sup>126</sup>. Outro caso bastante ilustrativo dessas divergências internas encontra-se na entrevista concedida pelo Bispo Athanasius Schneider, que considera o Caminho Neocatecumenal como um movimento radicalmente heterodoxo.

O Caminho Neocatecumenal é uma comunidade protestante judaica dentro da Igreja, com apenas uma decoração católica. O aspecto mais perigoso é com respeito à Eucaristia, porque a Eucaristia é o coração da Igreja. Quando o coração está em mau estado, todo o corpo está em mau estado. Para os neocatecúmenos, a Eucaristia é antes de tudo um banquete fraterno. Isso é

---

<sup>126</sup> Santa Sé pede ao Caminho Neocatecumenal que faça adequações. Disponível em: <<https://noticias.cancaonova.com/mundo/santa-se-pede-ao-caminho-neocatecumenal-que-siga-as-adequacoes-da/>>. Acesso em: 17/03/2019.

protestante, uma atitude tipicamente luterana (ADELANTELAFE.COM, tradução nossa)<sup>127</sup>.

Embora se posicione em nome de uma pretensa ortodoxia ou como dizem alguns, em favor da liturgia bimilenar, não se pode perder de vista que somente a situação pluralista permite esse tipo de confrontação, posto que para os tradicionalistas na modernidade a tradição não é transmitida pelo tecido social, mas assumida enquanto escolha voluntária. De modo contrário ao período pré-moderno em que no máximo haveria certa crítica aos indivíduos desajustados, mas, o próprio enraizamento na tradição os permitiria certa margem de tolerância. Peter Berger afirma que os fundamentalistas<sup>128</sup> costumam ser agressivos na mesma medida em que são vulneráveis, uma vez que na situação pluralista “a tradição não é simplesmente dada, eles a *escolheram* – e não podem esquecer isto” (BERGER, 2017a, p. 35).

#### 4.2. A Crise da Religiosidade Herdada e a Construção do Ideário Neocatecumenal

Peter Berger via a “interação de forças secularizantes e contra-secularizantes” como “um dos temas mais importantes para uma sociologia da religião contemporânea” (BERGER, 2000, p. 14), no entanto a sua linha de análise se limita, a nosso ver, a oferecer ferramentas de análise sem se atentar para os processos que levam à construção de novas formas de crença. Para ele, definindo em categorias quase que gerais, “os surtos religiosos têm uma feição fortemente popular” e que “além das motivações puramente religiosas, são movimentos de protesto e de resistência *contra* uma elite secular” (BERGER, 2000, p. 17), ligando a questão a fatores como desenvolvimento econômico. Acreditamos que uma maneira mais precisa de se analisar o fenômeno religioso atual passa pela observação das ações de indivíduos e instituições no sentido de oferecer respostas “à necessidade de recompor, a partir do indivíduo e de seus problemas”, algo que devolva ao mesmo uma “unidade de vida pessoal” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 56). Portanto, usaremos a abordagem da socióloga francesa Danièle Hervieu-Léger sobre o processo de reconstituição da memória coletiva, por entender que melhor se adequa à análise e compreensão da intencionalidade presente nas ações do

---

<sup>127</sup> Entrevista completa do Bispo Athanasius a Dániel Fülep do Centro de Educação Superior John Henry Newman na Hungria. Disponível em: <<https://adelantelafe.com/exclusiva-entrevista-obispo-athanasius-schneider/>>. Acesso em: 17/03/2019.

<sup>128</sup> A definição dada por Peter Berger para fundamentalista é, segundo ele, uma combinação de várias características, como forte paixão religiosa, um desafio ao que foi tido como o *Zeitgeist*, e uma volta às fontes tradicionais de autoridade religiosa (BERGER, 2000, p. 13).

itinerário neocatecumenal. Tentaremos passar de uma abordagem geral para uma mais específica, no intuito de captar melhor os processos de construção do ideário neocatecumenal.

Danièle Hervieu-Léger afirma que a transmissão das normas e costumes por parte dos mais velhos foi na antiguidade objeto de atenção sempre minuciosa, ainda que não conseguisse evitar crises de transmissão. Mesmo sob a égide da tradição, nunca se estabeleceu uma situação onde a transmissão fosse ótima, dada as próprias transformações culturais. No entanto, esse processo de crise de transmissão se intensificou, mudando a sua natureza. A atual crise de transmissão se apresenta na forma de lacunas entre o universo cultural das diferentes gerações, que não se resumem a inovações e adaptações necessárias à vida social, mas se constituem em um “remanejamento global das referências”, “rupturas da memória” e “reorganização de valores que questionam os próprios fundamentos dos laços sociais” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 57-58). O próprio processo de transmissão, em que se tem um transmissor ativo e um receptor passivo ou semipassivo, apresenta dificuldades diante de um ambiente em que a proposição religiosa é confrontada por uma gama de ofertas simbólicas (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 59-60).

A modernidade recente tem sido marcada pela ampliação das possibilidades que os indivíduos têm de construir os seus próprios sistemas de crença em face da redução da capacidade regulatória das instituições religiosas (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 42), uma vez que estas não se encontram de posse de um poder coercitivo amplo, como nos tempos do Antigo Regime.

Os indivíduos fazem valer sua liberdade de escolha, [...]. O significado atribuído a essas crenças e a essas práticas pelos interessados se afasta, geralmente, de sua definição doutrinal. Elas são tiradas, remanejadas e, geralmente, livremente combinadas a temas emprestados de outras religiões ou de correntes de pensamento de caráter místico ou esotérico (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 43).

No entanto, em muitos aspectos, as teorias que afirmam a “Revanche de Deus” tendem cada vez mais a se defrontar com a realidade de que o desenvolvimento das crenças em nossos dias, que leva em conta a necessidade de recompor, a partir das necessidades do indivíduo e de seus problemas, elementos dos universos de sentido perdidos (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 56), para pensadores como o sociólogo brasileiro Antônio Flávio Pierucci se configuraria em apenas mais um item dentro do amplo mercado de consumo capitalista, ou seja, a religião estaria desmoralizada, posto que a serviço do consumidor (OLIVEIRA, 2005, p.7). Muito embora se afirme que a opção religiosa se dirija em cinco direções, que sejam as Religiões de Humanidade, que enfocam o desenvolvimento de uma ética de humanidade e a

aplicação de uma racionalidade crítica acerca das certezas legadas pelas antigas crenças; as Espiritualidades de Vida que trabalham a sacralização do eu; Religiões Individualizadas que trabalham a livre escolha dos indivíduos na construção de seus sistemas de crença; o Consumismo e Instrumentalização da Religião cuja lógica é regida pelo capitalismo; e a Universalização da Religião, aglutinando aquilo que as religiões têm em comum (OLIVEIRA, 2005, p. 9). É necessário entender essas direções como tipos ideais cujos elementos podem se intercambiar de acordo com as articulações dos indivíduos. O fenômeno comunitário apresentado pelo Caminho Neocatecumenal carrega consigo características de uma retraditionalização, operada pelos iniciadores enquanto processo de manutenção da tradição no âmbito da modernidade (OLIVEIRA, 2005, p. 10), mas não deixemos de notar que se trata, sobretudo, de uma vivência religiosa experiencial, “na qual os indivíduos passam por uma experiência mística a partir de seus próprios anseios e de suas buscas existenciais mais profundas” (SOUSA, 2013, p. 253-254). Procura, portanto, fazer frente à desagregação moderna, uma vez que, diante da polifonia da sociedade contemporânea, os indivíduos “passaram a ter dificuldades de se definir identitariamente, dada a multiplicidades dos valores propostos e a ausência de critérios de discernimento quanto à plausibilidade desses valores, critérios esses que seriam fornecidos pela comunidade” (SOUSA, 2013, p. 229). Alguns testemunhos de membros do Caminho Neocatecumenal ilustram bem esse processo, como o caso do casal Miguel e Violeta Torres, que ao apontar sobre como é ter uma família numerosa de dez filhos afirma:

Finalmente, toda esta ordem de vida que Deus nosso Senhor permitiu em minha vida deve-se precisamente a isso: a um encontro pessoal em que minha esposa e eu conhecemos o amor de Deus manifestado em seu filho Jesus Cristo, através do qual *passamos de um modo bagunçado de vida, cheio de pecados, para outro tipo de vida* (MSCPERU.ORG, tradução e grifos nossos)<sup>129</sup>.

Fazer parte de um projeto que transcende o próprio indivíduo objetiva fornecer aos indivíduos aquelas referências éticas e sistemas de plausibilidade que “só podem ser construídas com base em identidades coletivas”, como saída para a “instabilidade psicológica e existencial” frente à ausência de sentido e o descompromisso social oriundos da indiferença frente “à necessidade de pensar e ao dever moral de escolher”, fatores consequentes da reação relativista ao pluralismo moderno (SOUSA, 2013, p. 230-231). Tal abordagem parece

---

<sup>129</sup>



constante nas catequeses neocatecumenais, tomando como base testemunhos de participantes do itinerário, tal como o do ex-militante da esquerda radical, hoje Bispo José Luis del Palacio.

Eu tinha lido os existencialistas, Camus, Sartre... Eles não tinham respostas para o absurdo pessoal e o sofrimento social. [...] Quando Kiko falou sobre a falta de significado e a necessidade de ser resgatado por Cristo, isso ressoou de maneira especial na geração dos anos 70 (MSCPERU.ORG, tradução nossa)<sup>130</sup>.

Afirmar uma identidade religiosa de cristãos maduros estaria alinhado à reação ao contexto moderno em que o

[...] processo de libertação produziu a desestruturação e o aniquilamento da memória coletiva, a ponto de as sociedades modernas aparecerem cada vez mais incapazes de pensar sua própria continuidade e, assim, consequentemente, de representar seu porvir (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 62).

Hervieu-Léger aponta ainda que a reação da afirmação da identidade religiosa se faz valer de processos de bricolagem em que os indivíduos criam pequenos sistemas de crença a partir de elementos religiosos selecionados que emprestam sentido a suas experiências e expectativas pessoais e uma vez dando sentido a sua própria existência, chega a reivindicar sua inserção em uma linhagem de crença.

No âmbito da religião, como nos demais, a capacidade do indivíduo para elaborar seu próprio universo de normas e de valores a partir de sua experiência singular, tende a impor-se, [...] vencendo os esforços reguladores das instituições. Os crentes modernos reivindicam seu “direito de bricolar”, e, ao mesmo tempo, o de “escolher suas crenças”. Mesmo os mais convictos e os mais integrados a uma determinada confissão fazem valer seus direitos à busca pessoal pela verdade. Todos são conduzidos a produzir por si mesmos a relação com a linhagem de crença na qual eles se reconhecem (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 63-64).

O aporte feito pelos iniciadores do Caminho Neocatecumental da tradição judaica da *Mishná*, sob o tripé Palavra-Liturgia-Comunidade é o grande exemplo de como paradigmas desse processo, onde uma tradição diferente, embora próxima, se constitui em ideário de uma comunidade que procura afirmar uma identidade cristã em linha com a tradição antiga, remontando à Igreja dos primeiros séculos do cristianismo. De algum modo a composição da *Mishná* carrega traços parecidos com a reação da tradição frente à desagregação comunitária da modernidade ocidental. Um dos líderes do judaísmo ortodoxo nos Estados Unidos, o rabino Irving Bunim (1901-1980) em seu célebre *A Ética do Sinai* desenvolve um extenso

---

<sup>130</sup> De encargado de discoteca y antisistema de mayo del 68 a obispo con los pobres de Perú. Disponível em: <[http://mscperu.org/neos/ntestimonio/Jose\\_Luis\\_del\\_Palacio.htm](http://mscperu.org/neos/ntestimonio/Jose_Luis_del_Palacio.htm)>. Acesso em: 19/03/2019.

comentário sobre o *Pirkê Avót*, interpretando as palavras de Shimon, o Justo, *O mundo se mantém sobre três coisas: a Torá, o serviço Divino e a beneficência* como chave para ampla compreensão do Judaísmo que possibilitasse ao povo a observância da tradição, tendo em vista que “os judeus estavam sendo dispersos” e “muitos judeus estariam pela primeira vez saindo de ‘seu mundo’ e iriam precisar conhecer os limites exteriores e a configuração geral do judaísmo dentro das novas fronteiras em que iriam viver”. Deste modo o que manteria o judaísmo vivo seriam os três pilares: *Torá*, em sentido de estudo e prática da Palavra de Deus, *avodá*, servir a Deus através das orações e serviços litúrgicos e *guemilut chassadim*, a bondade expressa na forma de beneficência aos seus semelhantes (BUNIM, 2015, p. 21). Os iniciadores do Caminho Neocatecumenal irão se apropriar dos conceitos *mishnáicos* com vista a criar comunidades de cristãos praticantes que aderem à Igreja de maneira integral, uma vez que, como nos aponta Irving Bunim, existem frequentemente dois grupos, o dos que alardeiam as boas obras ignorando o estudo e a prática da *Torá* e o daqueles que pensam que contato que se vá à sinagoga fiel e diariamente não precisa exercer caridade. Ou seja, “O que Shimon, o Justo, nos faz recordar é que cada um de nós tem a obrigação de ser um judeu na íntegra, comprometendo-se totalmente com a *Torá*, a *avodá* e a *guemilut chassadim*”. O Caminho Neocatecumenal desenvolverá uma síntese entre o magistério da Igreja pós-Vaticano II e os ensinamentos rabínicos como meio de superação de um dos grandes problemas para a Igreja na modernidade, que são os católicos não praticantes ou, poderíamos chamar, relapsos. O papa Paulo VI, por sinal, publicou no ano de 1975, a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, tendo como um dos seus pontos de preocupação esse fenômeno.

Ateus e incrédulos por um lado, e não praticantes pelo outro, opõem, assim, resistências à evangelização que não são para menosprezar. Os primeiros, a resistência de uma certa recusa, a incapacidade para aceitar a nova ordem das coisas, o sentido novo do mundo, da vida, da história, que não é possível se não se parte do Absoluto de Deus. Os segundos, a resistência da inércia, a atitude um tanto hostil da parte de alguns que se sentem de casa, que afirmam já saber tudo, já haver experimentado tudo e já não acreditarem em nada (EVANGELII NUNTIANDI, 1975).

Cabe ressaltar que, quando seguem o conselho do papa, exposto também no documento supracitado, de rebuscar nas origens da Igreja a colaboração leiga no pastoreado da Igreja de hoje, e beber nestas “fontes sempre inspiradoras”, capturando os seus valores, mas amoldando-os “às exigências e às necessidades atuais” (EVANGELII NUNTIANDI, 1975), os iniciadores do Caminho Neocatecumenal não se restringem às fontes neotestamentárias e patrísticas, mas recorrem às fontes rabínicas com o intuito de conferir

nova vitalidade à comunidade eclesial. Essa identificação paradigmática com a tradição rabínica da *Mishná* se faz devedora de recursos simbólicos disponíveis entre católicos desde que o movimento bíblico litúrgico e teológico passou a ressaltar a herança partilhada entre a liturgia judaica e cristã dentro do escopo da tradição hebraica. Representante desse movimento, Carmine di Sante defende que o ideário desse movimento teve suas solicitações acolhidas nas três grandes constituições, ou seja, da *Liturgia*, da *Igreja* e a da *Revelação*, de modo que para o futuro em diante passou a influenciar a Igreja em seus componentes teológicos fundamentais e, em sentido lato, sua relação com o mundo. Di Sante chega à radical afirmação de que

[...] *nenhuma renovação pode acontecer senão através da descoberta das raízes, daquele húmus histórico, espiritual e cultural*, no qual ele se destacou pela lógica da diferenciação e da individualização. Isto é válido também para a Igreja que, nascida do judaísmo e vivenciada durante vários decênios dentro do judaísmo – embora em posição dialética e às vezes enfrentando grandes conflitos – *ela pode reencontrar sua identidade vital somente à luz do hebraísmo* (DI SANTE, 2004, p. 11, grifos nossos).

A renovação da Igreja preconizada pelo Caminho Neocatecumenal se apoia, portanto, em elementos da própria sociabilidade judaica. Podendo ser citado o recurso à religiosidade doméstica como forma de resgatar o modelo de família protagonista do processo de transmissão sociorreligiosa. Na teologia de fundo do Caminho Neocatecumenal a família cristã se constitui em uma *pequena igreja*, definida nos seguintes termos e objetivos:

A família cristã constitui uma revelação e uma atuação específicas da comunhão eclesial; por isso deve-se dizer *igreja doméstica*. É uma comunidade de fé, esperança e amor, possui na Igreja uma importância singular, tal como aparece no Novo Testamento. [...] *A oração cotidiana e a leitura da Palavra de Deus fortalecem no amor*. [...] A fecundidade do amor conjugal não se reduz somente à procriação de filhos. Pela graça do sacramento do matrimônio, os pais recebem a responsabilidade de evangelizar seus filhos. Desde *a primeira idade deverão iniciá-los nos mistérios da fé* da qual eles são para seus filhos os “primeiros arautos da fé” (HERNANDEZ, 1985, p. 43, tradução e grifos nossos).

Recordando a teologia dos três altares no ideário neocatecumenal, explanadas por Reginaldo Cordova e Cristian Santos (2015b), cabe destacar a mesa da casa familiar como um altar de transmissão dos conteúdos da fé entre as gerações.

Reveste-se a mesa com uma toalha branca, ornada com flores e velas, tendo ao centro o crucifixo. [...] Um elemento caracterizador desta liturgia doméstica é o protagonismo do genitor na condução de todo o rito. É atribuído a ele presidir a celebração, exceto em condições particulares, como o de uma viúva obrigada a assumir este papel. *O pai não exercerá, simplesmente, a missão de condutor do rito. Deverá fazer com que seus interlocutores deem mostras claras da eficácia do mesmo. Com essa*

*pretensão, no curso das laudes, é lido um trecho da Bíblia, seguido da interrogação dirigida aos filhos: O que esta palavra disse para você concretamente? Não se admite divagações na construção desse discurso; espera-se, de fato, que cada filho se reconheça na narrativa, seja encontrando em si marcas de docilidade ao apregoado no texto ou se autodiagnosticando como um pecador (CORDOVA; SANTOS, 2015b, p. 39, grifos nossos).*

Todo esse instrumental tem como objetivo a superação do problema da transmissão da tradição religiosa acentuada com a crise moderna das religiosidades herdadas, onde “a crença pessoal, vivida como afazer de cada um” não se encontra necessariamente ligada “à fervorosa obrigação de transmitir”. Sob o argumento de escolha individual, os pais justificam “a rejeição, explícita ou implícita, dos pais em transmitir, eles mesmos, uma fé religiosa” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 60). O aporte judaico se faz presente nesse caso quando estabelecemos a relação entre a mesa familiar no Caminho Neocatecumenal e a Liturgia Familiar Judaica. Sobre ela detalha Carmine di Sante:

O primeiro lugar sagrado da liturgia hebraica é a casa, tida como um santuário: Não se trata de exagero poético. Para o judeu a casa era realmente um templo. A mesa da família era considerada um altar; as refeições como um rito sagrado; e os pais como sacerdotes celebrantes. O culto familiar acompanhava muitas ocupações cotidianas e transformava as relações biológicas e sociais do grupo familiar em uma realza espiritual (DI SANTE, 2004, p. 158).

A origem paradigmática do aporte judaico no Caminho Neocatecumenal encontra-se na teologia predominantemente narrativa, experiencial e histórica. “Se trata de uma teologia não especulativa, senão narrativa, histórica, de onde a Palavra se faz história de salvação; se trata de uma teologia celebrativa, expressada em uma linguagem simbólica mais que conceitual; e é uma teologia eclesial, fruto da comunhão em Espírito [...]” (HERNANDEZ, 1985, p. 14, tradução nossa).

À semelhança de um método indutivo a sua teologia se caracteriza por ser contramoderna, afirmando “a concepção de Deus que emergiu na experiência religiosa do antigo Israel e que está à nossa disposição na literatura do antigo Testamento”. Essa concepção de Deus a quem os neocatecúmenos são convidados a experienciar desde as catequeses de início de curso é “um Deus que era totalmente outro”, se constituindo de uma grande novidade no contexto religioso do Antigo Oriente Médio. O Deus que Israel acabara de descobrir subsiste fora da “realidade ‘natural’ da experiência humana”, não estando “nem dentro do homem (como nas religiões orgíacas das culturas vizinhas) nem dentro do mundo (como em qualquer concepção de uma conexão necessária entre uma divindade e um povo particular)” (BERGER, 2018, p. 136).

Ele estava fora do homem e fora do mundo e, no entanto, era também criador do homem e do mundo. Sua soberana transcendência e sua alteridade não implicavam, contudo, indiferença ou inacessibilidade à realidade da experiência humana. Ao contrário, este Deus é encontrado como um Deus que fala ao homem e cujas manifestações devem ser procuradas sobretudo nos acontecimentos históricos da experiência humana. E o falar de Deus ao homem assume, primeira e principalmente, a forma de uma exigência ética de poder dominante (BERGER, 2018, p. 136-137).

Emiliano Jimenez Hernandez salienta que “o cristianismo é um acontecimento e não um conjunto de ideias ou exigências morais” e que no Antigo Testamento “Palavra – Davar Yahveh – é ação e palavra, é acontecimento e não manifestação de verdades abstratas. Deus, mais do que falar de si mesmo, nos foi revelado agindo e se comunicando” (HERNANDEZ, 1985, p. 14, tradução nossa). Carmen Hernández, segundo o *mamotreto de início de curso*, insiste no ponto de que “possuir fé é entrar na história da salvação e ver que a história da salvação se cumpre na vida” (MAMOTRETO CATEQUESIS INICIALES, s/d, tradução nossa). Analisando a filosofia judaica de Abraham Joshua Heschel, rabino bastante influente no diálogo entre o Vaticano e a religião judaica, salientou a diferença entre o pensamento grego, que encara o ser humano como “parte do universo” e o pensamento judaico, que vê o homem, em linha com a percepção dos profetas de Israel, como sendo um “parceiro de Deus” (HAZAN, 2008, p. 38). Distinguindo-se da filosofia, que tende a buscar “fora, na essência das coisas, o princípio do ser: a especulação é conceitual”, a religião judaica aponta para outro sentido a sua finalidade. Segundo a concepção hescheliana “Deus está em atividade, é ‘Criador e Redentor, Mestre e Legislador’, e a vida da religião é dada em *eventos* e em *insights*, algo que acontece no tempo, com a preocupação de purificar e de santificar”. Nesse sentido, a razão, enquanto instrumento, deve se circunscrever à busca pelo significado “daquilo que é compatível com o sentido do inefável”, ou seja, a razão é resgatada em sua capacidade reflexiva na conceituação e descrição das experiências religiosas ao passo que “deve se abrir para os *insights* da fé, que servem como discernimento que promove a consciência religiosa” (HAZAN, 2008, p. 41).

[...] Heschel define a filosofia do judaísmo como uma filosofia das ideias e de eventos, pois considera o conjunto das narrativas como expressão do evento do drama humano. O drama bíblico é também regido por princípios num conjunto de ideias que se expressa na realidade fundamental, formulada pela orientação da doutrina (HAZAN, 2008, p. 45).

A conexão entre o drama humano, sobretudo a sua condição miserável, e o conjunto das narrativas das Escrituras fica evidente no teor profético do *Evangelio de los Miserables*, manuscrito arguelliano datado de 1967, em que ele traça paralelos entre a figura do *Servo de*

*Yahveh* e a figura de seu amigo Richard, um ex-ladrão, que na época já estava há nove meses sem delinquir, mas que carregava em si todos os estigmas de quem vive à margem da sociedade.

Ao passar por uma janela, um charlatão vestido de preto dizia: “Não há na aparência, não há beleza para nós, sem aparência... Desprezado, abandonado dos homens, homem de dores e familiarizado com o sofrimento...”. Eu estava me dizendo, esse é você Richard, e uma alegria íntima e secreta, porém tumultuosa, começou a invadir-me (ARGUELLO, 1967, p. 35-36, tradução nossa).

Não por acaso a figura do *Servo Sofredor* irá pontuar a trajetória do Caminho Neocatecumenal como aquela que melhor se adequa à realidade histórica da humanidade, nos dizeres do filósofo e escritor francês Ernest Renan (1823-1892) “o sofrimento em comum une mais que a ventura” e alinhando, ao menos em suas origens, esse itinerário com a tradição profética assinalada por Abraham Heschel.

O drama está localizado no tempo e abrange a extensa arena de assuntos humanos. Há uma batalha furiosa: o homem, em sua presunção, tente modelar a história sem consideração e desafiando a Deus. Os profetas são testemunhas da miséria que o homem suporta, bem como a perversidade humana suportada e até mesmo tolerado por Deus (HESCHEL, 1973, p. 61).

Em linha com a sistematização histórica dos modelos catequéticos apresentados pelo catequeta francês Denis Villepelet, o graduado em Filosofia Alex Cristiano dos Santos e a doutora em Teologia Catequética Solange Maria do Carmo apresentam além das formas consagradas da catequese católica um terceiro paradigma, que a nosso ver tem uma relação íntima com aquela proposta pelo nosso objeto na linha paradigmática que norteia os seus modelos de pensar e agir. O primeiro paradigma é o *paradigma da cristandade*, resultado da afirmação da identidade católica romana frente às objeções da Reforma Protestante; o segundo é o *paradigma da renovação catequética* que, em linha com a modernidade, cujo centro é o indivíduo livre, levava em consideração o contexto sociológico do catequizando com vistas à transformação de sua realidade; o terceiro paradigma, tratado pelos autores como *paradigma pós-moderno*, ainda está se desenhando na história, mas é um resultado da crise provocada pelo desgaste dos modelos anteriores ao se deparar com a transformação epocal (SANTOS; CARMO, 2016, p. 174).

A catequese da cristandade, iniciada após a crise do catecumenato apenas no Concílio de Trento (1545-1563) como resposta ao protestantismo tinha como objetivo principal a transmissão do conteúdo doutrinal que fornecesse ao fiel “as ferramentas necessárias para viver sua fé na sua comunidade de pertença” (SANTOS; CARMO, 2016, p. 175). Esse

modelo era basicamente fundamentado em uma teologia que, “entendendo que tudo provém de Deus”, oferecia respostas prontas em dois sentidos: de forma objetiva acerca do desígnio de Deus revelado pela Igreja ou como mistério que deveria ser crido, não necessariamente entendido. Requeria-se que o catequizando soubesse tão somente dar respostas a partir do conteúdo que lhe fora transmitido, ou seja, aquilo “que foi ensinado deve ser escutado, assimilado, apreendido, guardado de cor, obedecido” (SANTOS; CARMO, 2016, p. 176).

Com o advento da modernidade a catequese tradicional entrou em crise, pois fora moldada para um regime de cristandade em que seus conteúdos eram tradicionalmente confirmados pelo ambiente sociocultural circundante (SANTOS; CARMO, 2016, p. 177).

O passado com suas tradições perde campo para o futuro promissor que se abre com tantas descobertas do progresso e da ciência, traduzidas em novidades tecnológicas. O eixo que faz rodar o mundo não se assenta mais sobre a transcendência, mas sobre as luzes da razão e suas possibilidades. Deus foi destronado e a razão coroada como rainha-mãe. Fez-se urgente um novo paradigma catequético harmonizado com a nova sociedade que se instalou, com a visão do homem e de Deus que se impôs, com o novo jeito de ser Igreja que despontou no horizonte eclesiológico, com as promissoras descobertas pedagógicas que avançaram no mundo educacional (CARMO, 2016, p. 79-80).

Em resposta à modernidade, a Igreja elaborou um caminho catequético que levasse em conta as novas demandas de um contexto em acreditava-se que a sociedade, de posse de uma racionalidade criativa e criadora, tinha em mãos as ferramentas necessárias para a construção de um futuro melhor (SANTOS; CARMO, 2016, p. 178-179). Dentro dessa perspectiva, a própria autocompreensão da Igreja dá sinais de mudanças, dali em diante pensada enquanto uma comunidade que se adapta aos tempos e que ao mesmo tempo, dada a concepção de indivíduos livres, demanda o envolvimento de todos os atores (CARMO, 2016, p. 93).

O cristão não é mais entendido como sujeito passivo, mas como ator engajado na missão evangelizadora de toda a Igreja. O cristão moderno passa a ser protagonista do próprio futuro, renunciando, sacrificando, doando a própria vida em prol da construção de algo maior. Ser cristão é ser “revolucionário”, “militante”, lutando por melhores condições de vida para si e para a comunidade (SANTOS; CARMO, 2016, p. 179).

No contexto do paradigma catequético moderno, tudo aquilo que se refere à realidade existencial na qual se insere o homem passa a integrar o conteúdo da catequese, de modo que a salvação não se expressa enquanto verdades dogmáticas acabadas, mas enquanto mensagem a ser interpretada à luz da condição social dos indivíduos destinatários da mensagem. O conteúdo da catequese visa basicamente formar cristãos aptos a “viver como agentes transformadores das realidades humanas” (SANTOS; CARMO, 2016, p. 179).

O terceiro paradigma catequético surge na pós-modernidade enquanto tentativa de responder aos desafios de um mundo descristianizado, em que a pluralidade étnica e religiosa se torna refratária a modelos religiosos que remontem ao tradicionalismo, que se resume à imposição de preceitos, e ao racionalismo, que fomenta a ação em desfavor dos sentimentos e das subjetividades. Temos na pós-modernidade indivíduos inseridos em uma sociedade complexa em que a catequese só corresponde aos seus anseios à medida que são reconhecidos em sua totalidade, abrangendo a “sua materialidade, sentimentos e possibilidade de transcendência”. O modelo catequético pós-moderno procura responder à crise de transmissão da fé herdada, legadas através dos conteúdos doutrinários ou das várias formas de devoções populares (SANTOS; CARMO, 2016, p. 180-182). Nesse novo contexto, exige-se do homem que pense a si mesmo enquanto individualidade e se esforce na construção de sua identidade pessoal (HERVIEU-LÉGER, 2015, 60-61).

A descristianização ou *exculturação* da fé obriga a catequese a retornar aos seus caminhos primeiros, a voltar às suas raízes, e redescobrir a pedagogia original da fé, aquele caminho catequético que se sustenta sobre as bases da iniciação e que leva ao encontro pessoal com Jesus Cristo. Esse ato catequético proporciona experimentar a fé cristã como preciosidade que dá sentido à existência de quem acolhe o Ressuscitado (SANTOS; CARMO, 2016, p. 182).

A experiência com o Deus que é totalmente outro e que, no entanto, é “acessível na experiência humana”, tal qual aconteceu na história religiosa de Israel, é onde o homem pós-moderno encontraria “o fundamento da ordem, justiça e compaixão no mundo”, “transcendência da qual certos gestos humanos no mundo são sinais” (BERGER, 2018, p. 138). É dentro desta perspectiva que se encontra o ponto de partida da pedagogia iniciática do Caminho Neocatecumenal, como via de descoberta do seguimento de Jesus, onde se valoriza, “antes que o conhecimento, a experiência pessoal do mistério de Deus na concretude da vida cotidiana” (SANTOS; CARMO, 2016, p. 189).

O Caminho Neocatecumenal atua, segundo o nosso entendimento, dentro da pluralidade religiosa do mundo atual, na busca pela constante reelaboração da memória coletiva, onde “o passado inaugurado pelo acontecimento histórico possa ser identificado a todo momento como uma totalidade significativa”. Isso ocorre quando se interpreta as experiências do presente como estando inseridas no acontecimento fundador, que “se constitui simbolicamente como uma referência imutável”. É claro que suscitar e manter “a crença na continuidade da linhagem de fé” exige todo “um trabalho de memorização que também é uma reinterpretação permanente da tradição em função das questões do presente” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 61). Dentro do ideário neocatecumenal é constantemente



referida a revelação de Deus não circunscrita a uma dada espacialidade, mas à temporalidade do *Sagrado* que se revela na concretude histórico-biográfica de cada indivíduo.

Um catecúmeno é aquele que mantém um diálogo constante com Deus através da história. Que história? A sua, concreta: você que machucou o pé, sua esposa que está com raiva de você, seu filho que foi suspenso, etc. Nesta realidade histórica concreta, Deus acontece e você deve responder dentro da mesma história. É onde Deus está, não em um lugar especial onde você tem que ir e procurar por ele. É por isso que o cristianismo não é escapar da realidade, mas é exatamente o oposto: é encontrar o Cristo ressuscitado na própria história. Tudo coopera para o bem daqueles que amam a Deus. O cristão está atento a tudo o que acontece porque fala de Deus (MAMOTRETO CATEQUESIS INICIALES, s/d, tradução nossa).

Esse paradigma nos remete à concepção hescheliana de *evento*, que é entendido “como uma brecha que se abre à consciência para o significado do atemporal e do eterno momento em que se dá o encontro com o divino” (HAZAN, 2008, p. 42-43).

A resposta esperada do catecúmeno às falas de Deus na sua história se encontra circunscrita ao tripé Palavra-Liturgia-Comunidade, remontando às três vias que levam à contemplação de Deus segundo a filosofia do judaísmo de Abraham Heschel. O caminho da *Comunidade* se encontra inserido no “sentimento de presença de Deus no mundo, nas coisas”, o caminho da *Palavra* decorre do sentimento da presença de Deus na Bíblia, que “desperta nossa consciência ao compromisso emergente de se agir segundo Seus mandamentos” e o caminho da *Liturgia* se dá a partir da percepção “de Deus pelos rituais, compartilhando de sua presença” (HAZAN, 2008, p. 52). Ronaldo José de Sousa nos afirma ainda que a religião experiencial, tal como entendemos se expressar no ideário neocatecumenal, “tende a colocar os sentidos a serviço de uma formulação *racional* da identidade pessoal”, nos remetendo à busca por encontrar significados que traduzam o sentido do inefável. Desta forma “as sensações experimentadas funcionam como ‘argumentos’ em favor da adesão religiosa, de maneira que esta é compreendida como uma decisão pessoal do sujeito e não como algo que a ele se impôs” (SOUSA, 2013, p. 254).

#### **4.3. Iniciação Neocatecumenal como Resgate de uma Linhagem Crente**

Levando-se em consideração que os sistemas religiosos que outrora se apresentavam como portadores de códigos globais de sentido, onde a experiência individual e coletiva ganhava coerência já não dispõe de uma ampla credibilidade (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 56), como pensar a iniciação neocatecumenal como uma representação coletiva da continuidade da crença dentro da dinâmica entre a experiência individual e as instituições de

socialização que desenvolvem e adaptam as estratégias de transmissão? Tomaremos para tanto o caminho metodológico desenvolvido por Danièle Hervieu-Légér, que propõe a inter-relação de quatro *dimensões de identificação*.

A primeira delas é a dimensão comunitária. Esta se constitui do “conjunto das marcas sociais e simbólicas que definem as fronteiras do grupo religioso e permite distinguir ‘aqueles que são do grupo’ daqueles que não são” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 66). A dimensão comunitária foi alvo da análise da antropóloga Maria del Carmen Castilla Vázquez, que apontou o Caminho Neocatecumenal como constituído de ritos de passagem que compõem um rito de iniciação, tendo em vista a gradualidade do itinerário, cuja superação das fases e etapas é fundamental para a continuidade dos membros na comunidade. Vázquez afirma ainda que o ritual de iniciação se constitui de um ato social onde há uma cooperação entre diferentes atores, por um lado os neófitos e por outro os iniciados, ou seja, aqueles que são “conhecedores do saber tradicional”. Ressalta-se que “os membros destas comunidades estão convencidos do valor daqueles para converterem-se em portadores da ‘verdadeira mensagem de Cristo’”, ou seja, aqueles que *eleitos* se dispõem a participar em todas as atividades da comunidade (VÁZQUEZ, 1999, p. 3). Canções como *Balaam* e *Escuchad Islas Lejanas*, costumam ressaltar esse aspecto. Do ponto de vista prático, a canção *Balaam* possui a função de recurso simbólico que visa caracterizar o grupo de várias maneiras. Estrofes como “*Ven y maldice a Jacob; ven y profetiza contra Israel; ¿Cómo maldeciré, si Dios no quiere?*” teriam a função de colocar por terra a opinião dos críticos do itinerário, identificados pela figura de Balac o rei de Moab, inferindo o fato de que ninguém pode amaldiçoar o movimento. Observemos que ao cantar essa canção, geralmente após a comunhão eucarística, aponta-se para a formação de uma comunidade sagrada distinta na paróquia, em que as tendas de Israel são simbolização das comunidades neocatecumenais reunidas das quais se afirma o canto serem “um povo distinto dentre todas as nações”.

### Imagem 24- Balaam.

42

**BALAAM**  
Números 23,7-24

<p>S. <span style="color: red;">Mi-</span> <span style="color: red;">Re</span> «De Aram me ha hecho venir <span style="color: red;">Mi-</span> <span style="color: red;">Re</span> Balaq, el rey de Moab <span style="color: red;">Mi-</span> desde los montes de Oriente:</p> <p><span style="color: red;">Re</span> <span style="color: red;">Mi-</span> «Ven y maldice a Jacob; <span style="color: red;">Re</span> <span style="color: red;">Mi-</span> ven y profetiza contra Israel».</p> <p><span style="color: red;">Sol</span> <span style="color: red;">Re</span> <span style="color: red;">Sol Si-</span> <span style="color: red;">Mi-</span> ¿Cómo maldeciré, si Dios no quiere? <span style="color: red;">Sol</span> <span style="color: red;">Re</span> <span style="color: red;">Sol Si-</span> <span style="color: red;">Mi-</span> ¿Cómo profetizaré, si Dios no me deja?</p> <p><span style="color: red;">Re</span> <span style="color: red;">Mi-</span> De lo alto de esta cima yo diviso, <span style="color: red;">Re</span> <span style="color: red;">Mi-</span> desde lo alto de esta roca yo contemplo: <span style="color: red;">Re</span> éste es un pueblo distinto <span style="color: red;">Mi-</span> a todas las naciones.</p> <p><span style="color: red;">Mi-</span> <span style="color: red;">Re</span> A. <b>¡QUÉ BELLAS SON TUS TIENDAS,</b> <span style="color: red;">Mi-</span> <span style="color: red;">Re</span> <b>QUÉ BELLAS SON, ISRAELI</b> <span style="color: red;">Re</span> <span style="color: red;">Mi-</span> <b>¡QUÉ BELLAS SON TUS TIENDAS,</b> <span style="color: red;">Mi-</span> <span style="color: red;">Re</span> <b>QUÉ BELLAS SON, ISRAELI</b></p> <p><span style="color: red;">Sol</span> <span style="color: red;">Re</span> <span style="color: red;">Sol Si-</span> <span style="color: red;">Mi-</span> S. ¿Quién contará, contará tu multitud? <span style="color: red;">Re</span> <span style="color: red;">Mi-</span> <span style="color: red;">Re</span> <span style="color: red;">Mi-</span> A. <b>JACOB, JACOB, JACOB, JACOB.</b></p>	<p><span style="color: red;">Sol</span> <span style="color: red;">Re</span> S. Sea, sea mi muerte <span style="color: red;">Sol Si-</span> <span style="color: red;">Mi-</span> como la muerte de su Justo. <span style="color: red;">Re</span> <span style="color: red;">Mi-</span> Vaya mi vida donde él, <span style="color: red;">Re</span> <span style="color: red;">Mi-</span> A. <b>VAYA MI VIDA DONDE ÉL.</b></p> <p><span style="color: red;">Mi-</span> <span style="color: red;">Re</span> A. <b>¡QUÉ BELLAS SON TUS TIENDAS ...</b></p> <p><span style="color: red;">Mi-</span> <span style="color: red;">Re</span> S. «¿Pero qué es lo que estás haciendo? <span style="color: red;">Mi-</span> ¡Tú lo estás bendiciendo! <span style="color: red;">Re</span> Ven, quizá desde otra parte <span style="color: red;">Mi-</span> Dios lo quiera maldecir.»</p> <p><span style="color: red;">Sol</span> <span style="color: red;">Re</span> <span style="color: red;">Sol Si-</span> <span style="color: red;">Mi-</span> «Escucha, hijo de Sippor, pon el oído rey Balaq. <span style="color: red;">Re</span> Que Dios no es un hombre <span style="color: red;">Mi-</span> que dice y se arrepiente. <span style="color: red;">Re</span> <span style="color: red;">Mi-</span> Una estrella surge de Jacob, <span style="color: red;">Re</span> <span style="color: red;">Mi-</span> se oyen aclamaciones por su Rey. <span style="color: red;">Re</span> <span style="color: red;">Mi-</span> Dios es su Padre. <span style="color: red;">Re</span> <span style="color: red;">Mi-</span> Se acuesta como león, <span style="color: red;">Re</span> <span style="color: red;">Mi-</span> <span style="color: red;">Re</span> <span style="color: red;">Mi-</span> se echa como leona, nadie lo hará levantar.»</p> <p><span style="color: red;">Mi-</span> <span style="color: red;">Re</span> A. <b>¡QUÉ BELLAS SON TUS TIENDAS ...</b></p>
--	---

42

Fonte: RESUCITÓ, 2014, p. 42.

No contexto da dimensão comunitária se encontra inserida a dimensão do rito de iniciação, cujo objetivo é preparar o membro do grupo para que esse possa experimentar na liturgia a Palavra cumprida em si mesmo na unidade com os irmãos. Nos dizeres de Emiliano Jimenez Hernandez: “É a Liturgia que faz a Palavra viva e eficaz, levando os irmãos da divisão à Comunhão, fazendo dos irmãos um Corpo, que tem Cristo como cabeça. É a comunidade que anuncia e celebra com gratidão a Palavra cumprida nela” (HERNANDEZ, 1985, p. 14, tradução nossa). Nestes termos, celebrar a Eucaristia entre os membros do Caminho Neocatecumenal não se resume ao mero mimetismo, como postula o teólogo José Severino Croatto, para quem o rito nada mais é que a repetição da ação divina mimetizada. Ou seja, Croatto trata o rito como uma dramatização, termo muito usado pelo autor, daquilo que o mito diz ser uma ação dos Deuses (CROATTO, 2010, p. 332-333). Para Croatto, os “mitos são consolidados e penetram na consciência por efeito de sua manifestação social (tanto na recitação como na dramatização litúrgica)” (CROATTO, 2010, p. 343-344). Aqui

cabe ressaltar que a experiência do Mistério Pascal ganha contornos diferentes para o participante do Caminho Neocatecumenal, cujas catequeses iniciais o convidam a distinguir *fé* de *religião natural*. A religião natural para Kiko Arguello tem a ver com o aspecto cíclico da mesma, portanto entenda-se a religião no seu aspecto pagão ligado aos ciclos da natureza, nela se destacando a regularidade dos atos sacros. Enquanto Croatto aponta para o rito enquanto “uma prática periódica, de caráter social, submetida a regras precisas” (CROATTO, 2010, p. 330), Kiko Arguello tem em vista que cumprir deveres religiosos para com Deus com a mera função operativa, como destaca Croatto, de “uma ação que tenta produzir um efeito especial (a saúde, a graça, a benção, a consagração de uma colheita etc.)” (CROATTO, 2010, p. 351), passa a não produzir efeito à medida que o medo de não se obter tais resultados passa e estando o homem confortável, se acalma e retorna aos velhos hábitos (MAMOTRETO CATEQUESIS INICIALES, s/d). A perspectiva neocatecumenal de religião é preconizada pela *fé*, a quem Kiko Arguello chama de um encontro com “Cristo, vivo e atuante”.

A Igreja Católica realizou um concílio que colocou as bases de uma verdadeira renovação diante do terceiro milênio. *Diante da secularização, a Igreja pode despojar-se, digamos assim, da veste da religião cíclica, natural, e anunciar o Evangelho a partir de novas coordenadas: Vida eterna em nós!* Podemos amar além da morte, ser um no outro. As nossas ataduras e escravidões ao vício e às concupiscências, à honra, ao egoísmo, ao dinheiro... foram rompidas... Nossas dívidas foram pagas. Deus nos dá sua natureza (ARGUELLO, 2017, p. 91-92, grifos nossos).

Com isso queremos afirmar que o que define o indivíduo iniciado do não iniciado, no contexto da iniciação neocatecumenal, é justamente a sua capacidade de santificar o tempo. Nesse sentido o pensamento de Kiko Arguello nutre-se da concepção de religiosidade judaica presente na perspectiva de Abraham Joshua Heschel, que afirma que “o fato mais importante na história da religião foi a transformação de festividades agrícolas em comemorações de eventos históricos”.

Para Israel, os acontecimentos singulares do tempo histórico foram espiritualmente mais significativos do que os processos repetitivos no ciclo da natureza, muito embora o sustento físico dependesse desta última. Enquanto as divindades de outros povos estavam associadas aos lugares ou coisas, o Deus de Israel era o Deus dos acontecimentos: o Redentor da escravidão, o Revelador da *Torá*, manifestando-se a Si Mesmo em acontecimentos da história, mais do que em coisas ou lugares (HESCHEL, 2014, p. 14-15).

Sendo Yahveh o Deus dos acontecimentos, a iniciação neocatecumenal tem em vista reconhecer a ação de Deus na biografia individual de cada iniciado, tendo o texto bíblico

como a ratificação. Nas próprias palavras de Kiko Arguello essa perspectiva de um Deus manifestando-se na história é expressa nos seguintes termos piedosos:

Senhor, Tu és em minha história. “Eu sou o que sou” (o que serei, o que estarei...). Tu és o que está. Quantos prodígios, quanto amor, quantas provas nas quais Tu aparece salvando. A perfeição da história... A profecia da Palavra cumprida: tal qual está escrito, assim acontece. *Tua Palavra faz a história, salva-a, e nela nós somos de Ti.*

*Toda Palavra que li na Escritura eu a vi se cumprir. Por isso ela é fonte de fé e de esperança.*

*Escutar as Escrituras é saber de teu amor e de minha história.*

*No teu livro está escrito sobre mim, que eu faça, Senhor, tua vontade. Eis-me aqui (ARGUELLO, 2017, p. 15, grifos nossos).*

Retomando as dimensões de identificação, a segunda delas, a dimensão ética, aponta para a adesão aos valores relacionados “à mensagem religiosa trazida pela tradição particular”, no caso do nosso objeto, valores comunitários e éticos que remontam ao vínculo imediato da Igreja com as dimensões ética e litúrgica do judaísmo. Poderíamos destacar o *Shemá* como concentrando essa dimensão da mensagem neocatecumenal para o homem dos dias de hoje. O *Shemá* é o limiar que autoriza o neófito a, de fato, entrar no catecumenato.

Ao longo do Caminho e à medida que a Palavra de Deus vai iluminando ao neocatecúmeno este aprende que Yahveh é o único Deus. E, como consequência, que amá-lo com todo o coração, com toda a mente e com todas as forças é viver (Cf. Lucas 10:25-28). Cantar o *Shemá* será para as Comunidades recordar e confessar a unicidade de deus, não só de uma maneira teórica, senão vivencial. [...] A conversão ao único Deus se realiza no centro da vida, desde as realidades que dominam o coração, a mente e as forças do homem. A fé em Deus questiona a vida em sua totalidade (HERNANEZ, 1985, p. 144, tradução nossa).

Danièle Hervieu-Léger aponta para uma interessante tensão que surge entre a universalidade da mensagem voltada para todas as pessoas e que ao mesmo tempo serve de fator distintivo comunitário. Assim é que “o horizonte escatológico [do judaísmo] que verá a realização universal da Torá” esbarra no “fato de que, no tempo histórico, a Torá é dirigida exclusivamente ao povo mediador que é o povo judeu” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 69). Essa mesma tensão ocorre também com a mensagem do Caminho Neocatecumenal em diversos momentos. O canto *Shemá Israel* é um bom exemplo, onde a mensagem, fixada nos princípios éticos, dispensa a mediação institucional como via de salvação quando afirma: “Este é o primeiro mandamento da vida; o segundo é igual a este: *Ama a teu próximo como a ti mesmo e terás, terás a vida Eterna*”.

### Imagem 25- Shemá Israel.

**SHEMÁ ISRAEL**  
Deuteronomio 6,4-9

Cejilla 4° traste

**S.** La- Sol  
Shemá Israeli, Shemá Israel.  
Fa La-  
Adonai Elohenu, Adonai Ejad.

**A.** La- Sol  
**SHEMÁ ISRAEL, SHEMÁ ISRAEL.**  
Fa La-  
**ADONAI ELOHENU, ADONAI EJAD.**

La- Sol  
**ESCUCHA ISRAEL\*, ESCUCHA ISRAEL.**  
Fa  
**EL SEÑOR ES NUESTRO DIOS,**  
La-  
**EL SEÑOR ES UNO.**

**S.** La-  
Amarás al Señor tu Dios  
Fa La-  
con todo tu corazón,  
Fa La-  
con toda tu alma,  
Fa Mi  
con todas tus fuerzas.

La- Re-  
Graba estas palabras  
Sol La-  
como señal en las palmas de tus manos;  
Re-  
como memorial entre tus ojos;  
Sol Mi  
en las jambas de tu casa y en las puertas.

**A.** **SHEMÁ ISRAEL ...**  
**ESCUCHA ISRAEL ...**

**S.** La-  
Ensénalo a tus hijos, Israel,  
Fa La-  
háblales en casa,  
Fa La-  
cuando camines por la calle,  
Fa Mi  
cuando te acuestes y te levantes.

La-  
Éste es el primer  
Re-  
mandamiento de la vida;  
Sol La-  
el segundo es igual a éste:

Re-  
Ama a tu prójimo como a ti mismo  
Sol Mi  
y tendrás, tendrás la Vida Eterna.

**A.** **SHEMÁ ISRAEL ...**  
**ESCUCHA ISRAEL ...**

La-  
**S.** Shemá Israel, (melisma)  
Sol  
**A.** **SHEMÁ ISRAEL,**  
Fa  
**ADONAI ELOHENU,**  
La-  
**ADONAI EJAD.**

\* Se canta a dos voces intercalando el estribillo en hebreo  
"Shemá Israel" en un tono más alto.

Fonte: RESUCITÓ, 2014, p. 227.

Entendemos que essa tensão entre as dimensões comunitária e ética faz parte de uma dialética típica da própria dinâmica da pós-modernidade e cuja dissociação delas pode levar à atitude corrente de se crer sem necessariamente aderir a uma tradição religiosa de modo formal (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 67). No ano de 1990, por ocasião do aniversário de 25 anos do Decreto conciliar *Ad Gentis*, o papa João Paulo II escreveu uma Carta Encíclica que tratava de garantir um possível “equilíbrio entre as lógicas contraditórias que colocam essas dimensões em tensão entre si”, nos dizeres de Hervieu-Léger (2015, p. 68).

É necessário manter unidas, estas duas verdades: a real possibilidade de salvação em Cristo para todos os homens, e a necessidade da Igreja para essa salvação. Ambas facilitam a compreensão do único mistério salvífico, permitindo experimentar a misericórdia de Deus e a nossa responsabilidade. A salvação, que é sempre um dom do Espírito, exige a colaboração do homem, para se salvar tanto a si próprio como aos outros. Assim o quis Deus, e por isso estabeleceu e comprometeu a Igreja no plano da salvação.

“Este povo messiânico — diz o Concílio — estabelecido por Cristo como uma comunhão de vida, amor e verdade, serve também, nas mãos d'Ele, de instrumento da redenção universal, sendo enviado a todo o mundo, como luz desse mundo e sal da terra” (REDEMPTORIS MISSIO, 1990).

A contradição entre as duas primeiras dimensões de identificação, para os iniciadores do Caminho Neocatecumenal, se resolve ao passo que se entende a Igreja como composta por comunidades que se fazem sinal e sacramento sob o signo do amor e da unidade. Ou seja, diante da crise de fé criam-se signos da fé dentro das paróquias para chamar o povo à fé (MAMOTRETO CATEQUESIS INICIALES, s/d). A perspectiva é a da criação de comunidades que possam atrair pelo testemunho. Esse fato fica patente inclusive em relação ao povo judeu com o qual o grupo mantém convivências que por vezes reúnem no centro neocatecumenal em Israel, no local conhecido como Monte das Bem-Aventuranças, judeus e cristãos. A *Domus Galilaeae*<sup>131</sup> reúne em um mesmo contexto celebrativo bispos, presbíteros, seminaristas, rabinos e estudiosos judeus, tendo a busca pelo enraizamento na cultura bíblica a sua fundamentação. Em termos de produção musical, essa postura se evidencia ainda mais na peça sinfônico-catequética composta por Kiko Arguello em homenagem aos judeus mortos no Holocausto, a sinfonia *El Sufrimiento de los Inocentes*.

Arraigada na tradição e inspirada nas lamentações bíblicas, esta sinfonia recorda as vítimas da Shoah. Trata-se de uma advertência constante a todos nós por um compromisso com a reconciliação, a compreensão recíproca e o amor pelos “irmãos mais velhos”, os judeus e, ao mesmo tempo, com uma vida dedicada a quem sofre, aos necessitados e a todos aqueles que anseiam profundamente a salvação (VATICANNEWS, 2018)<sup>132</sup>.

Após a turnê pelos Estados Unidos, onde apresentaram a sinfonia para um bom número de judeus, Kiko Arguello confessou admirado em seu caderno de anotações: “Colocaste em nosso coração um grande amor a teu povo Israel. Não sei o que queres de nós. Ai, se levantasses o véu...! Ajuda-me a ser humilde, que *possam ver-te a Ti em mim e se aproximar...*” (ARGUELLO, 2017, p. 204, grifo nosso).

---

<sup>131</sup> O sentido da “Domus Galilaeae” foi muitas vezes ressaltado por Kiko e Carmen. Ler o Evangelho a luz da Tradição e das liturgias hebraicas - dizia Carmen Hernández - é ajudar a compreender “o mistério deste povo, que nos demonstra a existência de Deus, senão que, como testemunha vivente, proclama a sua presença com o passar de toda a história”. Por isso mergulhar na oração e no estudo nesse ambiente será para tantos futuros presbíteros, e para todos aqueles que farão, uma verdadeira fonte de renovação pessoal e teológica. Disponível em: <<http://www.domusgalilaeae.org/index.php/pt-br/missão>>. Acesso em: 26/03/2019.

<sup>132</sup> Papa: nunca esquecer a dor indescritível da Shoah. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2018-06/papa-nunca-esquecer-dor-indescritivel-shoah.html>>. Acesso em: 26/03/2019.

A terceira dimensão de identificação, a dimensão cultural, se evidencia por meio do *Estatuto Oficial*, que define os objetivos e as práticas do grupo reconhecidas institucionalmente. Além do mais se apresenta através das experimentações estético-litúrgicas e das idiossincrasias, tais como as expressas pelas *famílias em missão*, a *teologia dos três altares*, todas essas características cognitivas, simbólicas e práticas que constituem o seu patrimônio, enquanto itinerário de iniciação cristã, várias delas apresentadas ao longo do nosso trabalho e que distinguem o Caminho Neocatecumenal dentro do quadro de “combinações possíveis das dimensões da identidade religiosa, combinações que traçam, no próprio seio de cada tradição, uma constelação de identidades religiosas possíveis” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 74).

A quarta dimensão de identificação diz respeito ao “sentimento de ‘fusão das consciências’ ou ‘emoção das profundezas’” que são “usadas como recurso básico e fundador da experiência religiosa” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 67-68). Para além das inovações arquitetônicas e das liturgias dispostas de modo peculiar pelos responsáveis do Caminho Neocatecumenal, a função da música se reveste de uma importância ímpar no sentido de gerar *insights* religiosos que geram reações emocionais nos participantes. A figura do salmista se reveste da responsabilidade de criar a comunidade litúrgica. Esse aspecto é encontrado em um texto atribuído ao Rabino Abraham Joshua Heschel, disponibilizado em seu *site* oficial, referente ao carisma do salmista, cujas reflexões servem de base para entender como a música cantoral tem o objetivo de trabalhar o aspecto emocional do ritual religioso.

Para alcançar certo grau de segurança espiritual, você não pode se basear em seus próprios recursos. Há a necessidade de uma atmosfera onde o potencial para o espírito é compartilhado por uma comunidade. Precisamos de alunos e eruditos, professores e especialistas. Mas *precisamos da companhia de testemunhos, de seres humanos dedicados a adorar, quem por um momento sente a verdade de que a vida não tem sentido sem estar unida a Deus*. É a missão do cantor *criar a comunidade litúrgica, converter uma pluralidade de indivíduos que rezam em uma unidade de culto, de adoração* (CAMINO-NEOCATECUMENAL.ORG, tradução e grifos nossos)<sup>133</sup>.

O pensamento hescheliano se faz presente na catequese proferida por Kiko Arguello em uma convivência de cantores no ano de 1980, cujo objetivo era apontar, dentre outros aspectos a necessidade de se possuir mais que apenas técnica no momento de cantar nas assembleias litúrgicas. Em se tratando de uma música que serve ao ritual, faz-se necessária a

---

<sup>133</sup> La Vocación del Cantor por Abraham Joshua (sic) Heschel. Disponível em: <<http://www.camino-neocatecumenal.org/lavocacion.html>>. Acesso em: 27/03/2019.



expressão genuína da conversão, uma vez que se espera que o cantor testemunhe a presença de três elementos unidos em harmonia: a Palavra, a música e o espírito da fé daquele que canta, tendo em vista a criação da comunhão.

Cantar é muito importante na comunidade cristã. Em muitos dos antigos ritos cristãos - o mesmo acontece nos hebreus - toda a liturgia é cantada. A canção exprime a verdadeira natureza da Igreja: povo orante e exultante, reunido pela palavra de Deus em Amor: o fruto da Palavra, caindo como orvalho e tomando posse da assembleia, produziu - amor, comunhão fraterna - retorna a Deus subindo ao topo como perfume suave na forma de uma canção com uma só voz, “com um coração e uma alma” (CAMINO-NEOCATECUMENAL.ORG, tradução nossa)<sup>134</sup>.

O aspecto emocional despertado pela música é importante, uma vez que se tem como característica das *comunidades de vida no Espírito* que os sentimentos e emoções servem como critério de validade da experiência religiosa. A dimensão emocional se integra desta forma à dimensão de identificação cultural, uma vez que os cantos, “tirados da Palavra de Deus e da tradição litúrgica cristã e hebraica, que vão sublinhando os conteúdos das diversas etapas e passagens” obedecem a uma lógica racionalizada pelos responsáveis pelo itinerário (NEOCATECHUMENALE ITER STATUTA, 2008, Art. 11 §3º). Nesse sentido, a intenção é a de que a dimensão emocional, ou seja, a experiência sensível e afetiva, despertada por cantos como *Como es Maravilloso* e *Mirad que Estupendo*, se relacione à “continuidade legitimadora de uma memória autorizada” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 70).

A função do rito religioso é ligar a emoção coletiva que provoca a congregação comunitária à evocação controlada da cadeia da memória que justifica a própria existência da comunidade. A dissociação dos dois pólos, emocional e cultural, entre os quais se estabelece esta tensão, abole a especificidade propriamente religiosa da associação entre o sentimento afetivo do *nós* (o que em termos durkheimianos, se poderia descrever como a “experiência do sagrada”) e a inserção em uma memória coletiva que transforma esta experiência “ardente” em *anamnese* do tempo fundador da linhagem (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 70-71).

Correlacionando essas dimensões de identificação, acreditamos que há uma tentativa de elaboração de um novo sentido de ser Igreja, em que os elementos da dimensão cultural, expressos nas inovações estético-litúrgicas e, de um modo particular, transmitidos através das músicas, utilizando-se como chaves hermenêuticas as categorias tomadas de empréstimo da tradição judaica, com o intuito de reapresentar a mensagem cristã dentro do que seria a sua perspectiva original, é possível reconstituir uma cadeia de memória que une os indivíduos em

---

<sup>134</sup> El Carisma del Salmista-Cantor. Disponível em: <<http://www.camino-neocatecumenal.org/roma1980.html>>. Acesso em: 27/03/2019.

uma linhagem de crença. À medida que a mensagem ganha contornos éticos de valor universal, faz-se necessário o direcionamento das experiências pessoais de cunho emocional para dentro da tradição particular do grupo, instrumental representado pelo itinerário de iniciação, responsável por gestar a vivência comunitária. Dentro de um movimento pendular, a nosso ver, fruto das tensões entre as dimensões de identificação supramencionadas, as *comunidades de vida no Espírito* “ora contribuem para a manutenção da inspiração original do carisma, ora rotinizam suas práticas a ponto de se burocratizarem” (SOUSA, 2013, p. 28).

Os indivíduos ao final desse processo sentem-se inseridos em um novo modo de vida dotado de sentido, encarnando um estilo de vida evangélico em que teoricamente se distinguem dos outros cristãos pela radicalidade “de uma adesão mais intensa às palavras de Jesus transmitidas pela Bíblia” (SOUSA, 2013, p. 41), sendo o imperativo do *vai, vende tudo que tens, dá aos pobres e segue-me* a expressão maior da adesão a um novo *status* ontológico. Como nos aponta Severino Croatto, “os ritos de iniciação tentam expressar a passagem a uma nova forma de vida, religiosa e *social*” (CROATTO, 2010, p. 360), de modo que receber o nome de *cristão eleito* ou *maduro* é expressão simbólica dessa transição. Avaliando a figura do convertido como aquele que adere a uma identidade religiosa de forma integral, “associada mais estreitamente do que nunca à ideia de uma intensidade de engajamento religioso que confirma a autenticidade da escolha pessoal do indivíduo”, não podemos deixar de notar o paralelo entre o ritual de iniciação cristã neocatecumenal e o processo de conversão ao judaísmo, uma vez que ambos possuem um aspecto idêntico, que é o “longo caminho que marca claramente que o candidato a entrar no povo eleito deve carregar plenamente a responsabilidade de uma integração que ele pede por sua própria conta” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 131).

## CONCLUSÕES

No início de nossa pesquisa, procuramos compreender como se legitimavam institucionalmente os usos e adaptações de variados termos e simbologias que remontam à tradição judaica por parte de um movimento inserido no seio do catolicismo romano e que se propõe à formação cristã adequada aos dias atuais. Para tanto, lançamos mão da análise de uma série de produtos culturais desenvolvidos pelo grupo, de modo que foi possível captar um *ethos* próprio ao mesmo, dentro do quadro diversificado de busca e afirmação identitária católica inaugurado pelo Concílio Vaticano II.

Entendemos que o Caminho Neocatecumenal se insere dentro de um cenário bastante tenso de disputas sobre o que deveria ser mantido e daquilo que necessitava ser renovado ou mesmo retirado na Igreja após o Concílio Vaticano II. Longe de representar uma ruptura total em relação à instituição católica, o Caminho Neocatecumenal, enquanto itinerário de iniciação cristã de adultos, obedece a uma lógica de enquadramento institucional das iniciativas e percepções teológicas surgidas no período imediato ao Concílio, sendo a criação do *Estatuto Oficial* um bom exemplo desse processo. Por outro lado, o nosso objeto guarda características que extrapolam a territorialidade das paróquias e apresenta uma importante agenda de transformação da estrutura eclesial que se expressa direta e indiretamente, apostando na alteração do polo de iniciativa pastoral de clerical para laical.

O Caminho Neocatecumenal, enquanto movimento leigo de viés pneumático não se constitui necessariamente, nesse aspecto, uma novidade na história da Igreja, uma vez que a tendência de se viver a fé cristã sob uma perspectiva comunitária através da direção do Espírito em face da concepção hieracológica foi uma predisposição que sempre acompanhou a história da Igreja e suscitou lideranças que prometiam o retorno àquele frescor apostólico do passado da Igreja cristã. Exemplos disso são variados, podendo ser citados os movimentos monásticos, a *Devotio moderna*, algumas tendências da contrarreforma e, mais recentemente, os novos movimentos eclesiais, cujos iniciadores assumem o papel de legítimos intérpretes da tradição.

Ressaltamos que a grande novidade do Concílio Vaticano II, bem como o seu permanente desafio, foi a sua capacidade de assimilar e traduzir as múltiplas subjetividades apresentadas nas experiências religiosas dos leigos, sendo esta uma face da mudança paradigmática da Igreja frente à modernidade, onde o seu papal se limita ao de mãe e mestra, buscando acomodar as suas variadas tendências, em um mundo onde a fé já não pode ser

concebida enquanto mera confissão de fé, assim como o *Sagrado* não pode ser resumido em conceitos despidos de sentido existencial. Esse processo foi responsável, tal como tentamos apontar, pelas mudanças expressas na catequese pós-Vaticano II, no âmbito da qual o Caminho Neocatecumenal despontou como vanguarda de um método de iniciação que, se valendo do modelo mistagógico desenvolvido pelos cristãos primitivos, propõe uma compreensão existencial e não somente intelectual dos sacramentos da Igreja, enriquecido pelas intuições teológicas que brotam dos estudos da tradição bíblica e patrística.

Os líderes do Caminho Neocatecumenal encontraram nas disposições conciliares fundamentação para, ao seu próprio modo, levarem adiante um projeto de ressignificação dos sacramentos da Igreja, lidos pelo grupo sob a ótica semântica das categorias de origem judaicas, tais como *eleição*, *paz*, *salvação* e *Aliança*. Desta forma traçam interessantes correlações entre a Eucaristia cristã e a Berakah judaica, sintetizadas pelo grupo, enquanto resgate de uma herança esquecida do Mistério Pascal. Tal ênfase nas categorias de origem se traduz no itinerário neocatecumenal, de acordo com a lógica apontada por Carmine di Sante, em que as origens judaicas do cristianismo se apresentam enquanto dimensão ontológico-estrutural que constitui o fundamento de sua ação no presente. Esse aspecto mostrar-se de modo marcante naquilo que compõe a síntese catequética do itinerário, o tripé Palavra-Liturgia-Comunidade, que embora tente se legitimar nas Constituições Dogmáticas *Dei Verbum*, *Sacrosanctum Concilium* e *Lumen Gentium*, encontra a sua origem na *Pirkei Avot*. Ao buscar estabelecer significados nos textos conciliares, o grupo demonstra na verdade estar buscando legitimar suas ideias e práticas junto ao corpo burocrático da Igreja Católica.

No processo de institucionalização do Caminho Neocatecumenal se encontra inserida a tipificação de papéis, cuja diversidade reflete o sentido de ser *Igreja povo de Deus* e em cujo itinerário os indivíduos-sujeitos, de acordo com a sua vocação, encontram o seu lugar na Igreja. É bastante curioso o fato de que dentro do tripé formado pela Equipe Responsável, os Catequistas e os Presbíteros, os presbíteros, ainda que investidos do sacramento da Ordem, não são detentores da totalidade das iniciativas pastorais do movimento. Tal como no judaísmo, no Caminho Neocatecumenal a figura do catequista, enquanto pai de família que de forma disciplinada pratica e ordena toda uma liturgia de cunho familiar, serve de reforço aos conteúdos comumente oferecidos nas paróquias no que diz respeito ao conteúdo bíblico.

Do ponto de vista da vida eclesial, o Caminho Neocatecumenal, portanto, não se limita a operar mudanças na maneira de aplicar a catequese, mas propõe uma série de inovações estéticas e litúrgicas, cuja função seria a de despertar o sentido do *Sagrado* no homem moderno secularizado. No que toca a liturgia, não foram poucas as ocasiões em que, diante

das denúncias de abusos, os papas tentaram enquadrar as práticas do grupo e integrá-los à totalidade das paróquias, resguardando-os do estigma de serem classificados como um grupo elitista e sectário apoiado pelos papas. De fato o diálogo com o judaísmo no ideário neocatecumenal instaura no rito católico princípios de mudanças que se chocam frontalmente com o tradicionalismo católico. Baseados no ideário do movimento litúrgico que tomou lugar nas disposições do Concílio Vaticano II, o Caminho Neocatecumenal resgatou o caráter comunitário da Eucaristia, seguindo uma perspectiva judaica, que é entendida pelos críticos como um processo de protestantização do ritual, onde o caráter sacrificial é substituído pelo de refeição memorial. O reforço ao caráter memorial tem como objetivo ressaltar uma ligação com um passado longínquo como via de despertar do ser religioso em uma sociedade considerada amnésica, integrando os indivíduos em uma cadeia de memória autorizada.

Em se tratando de inovações estéticas, estas buscam cumprir a função simbólica de unir o visível ao invisível, assim como os indivíduos entre si, de modo que a mediação simbólica do rito abarque a realidade a que o símbolo se refere, bem como o modo de interpretar e conceptualizar de cada indivíduo. Deste modo não é arbitrário o modo com que são dispostos os elementos constituintes da missa dentro do ideário, mas uma maneira de comunitariamente experimentarem o momento sagrado em toda a sua profundidade.

O Caminho Neocatecumenal se notabiliza pela vasta produção musical, na qual se destacam diversas canções tradicionais judaicas, cujos conteúdos foram adaptados de modo que sirvam de acordo com a fase do processo de iniciação, marcado por variados ritos de passagem. Sua catequese de cunho *Kerigmático*, centra-se nas Sagradas Escrituras, cujas narrativas da *História da Salvação* são apresentadas como correlatas da história individual dos participantes, auxiliada pela música, ajudam o neófito a ter acesso aos mistérios da fé experimentados em suas próprias histórias de vida e fixadas na memória. A figura do êxodo é fundamental no grupo, pois fornece o tipo ideal de uma comunidade peregrina, que se encontra em linha com a tendência desterritorializada em relação à paróquia.

No decorrer de nossa pesquisa foi possível notar que o Caminho Neocatecumenal absorve a noção de um Deus totalmente outro, descoberto na trajetória histórica de Israel, adotando uma teologia estritamente narrativa, experiencial e histórica, cuja manifestação de Deus deve ser procurada nos acontecimentos históricos da experiência humana. Situado no escopo de uma religiosidade experiencial, as sensações experimentadas nos acontecimentos e o despertar de *insights* religiosos servem de argumento para a adesão religiosa. O ponto de partida da pedagogia catequética do Caminho Neocatecumenal é, portanto, a experiência de Deus na vida cotidiana, na trajetória biográfica de cada participante.

Entendemos o Caminho Neocatecumenal como um fenômeno que guarda uma série de relações com a modernidade. A primeira delas diz respeito à situação pluralista, cuja característica principal é a infinidade de possibilidades de o indivíduo se definir, uma vez que não há mais um monopólio religioso, cujas definições de realidade gozem de uma ampla aceitação. Neste interim, a Igreja Católica se vê na obrigação de avaliar a figura do leigo não somente enquanto consumidor de bens simbólicos, mas também como produtor de sistemas de crença, com o objetivo de alcançar resultados missionários e adeptos mais comprometidos com a missão da Igreja, dentro de um cenário em que a mesma representa uma dentre tantas opções religiosas.

O fenômeno pluralista, como referimos, é responsável por gerar reações que vão do fundamentalismo ao relativismo, estando o Caminho Neocatecumenal situado na ala mais progressista do fundamentalismo católico, uma vez que busca resgatar uma influência da Igreja na sociedade atual, sem guardar a ilusão de um retorno ao período em que a Igreja representava uma dimensão onibarcante, como é do costume dos católicos integrais, mas buscando na fundamentação bíblica o sentido primitivo de ser uma Igreja peregrina e perseguida que assume um papel profético expresso na sua aversão à sociedade secular, marcada pelo relativismo moral e pelo materialismo.

A administração católica, nesse contexto, se resume a tentar controlar os impulsos das correntes que se estabeleceram no decorrer do pós-Concílio. Aquelas que apostam, quando muito, em transformações lentas e na conservação de modelos do passado, sobretudo com ênfase no clericalismo e aquelas que propõem mudanças rápidas dentro de uma hermenêutica conciliar de ruptura para com o passado. cremos que dentro dessas tendências, que podem ser tomadas como tipos ideais, o Caminho Neocatecumenal se apresenta como um fenômeno ambíguo, uma vez que se mostra extremamente intransigente no que se refere à moral, mas do ponto de vista teológico se utiliza de um modelo de experientiação do *Sagrado* devedor do método indutivo da teologia liberal.

A ampliação das possibilidades de os próprios indivíduos produzirem seus sistemas de crença é, a nosso ver, responsável pela bricolagem de elementos da tradição judaica de onde o Caminho Neocatecumenal descobre noções capazes de produzir uma vivência cristã totalmente engajada, de modo que os neocatecúmenos passam por um processo de adesão integral à Igreja. Embora, diversos pontífices já houvessem expressado o desejo de que os cristãos católicos buscassem nas fontes antigas respostas criativas para os desafios do mundo atual, o Caminho Neocatecumenal vai um pouco mais adiante, buscando no próprio judaísmo as bases para a sua maneira de viver de forma radical o ideário cristão, buscando na doutrina

rabínica novas luzes que possam devolver ao cristianismo uma suposta vitalidade abafada pelo tempo.

O Caminho Neocatecumenal não escapa das tensões inerentes ao conflito entre a experiência individual e o seu lado institucional. Uma primeira tensão se apresenta no fato de algumas canções apontarem para o grupo enquanto um povo distinto, o que seria sua dimensão comunitária, enquanto outras apresentam uma proposta de vivência ética que teoricamente dispensaria a mediação comunitária. A saída encontrada para esse conflito é a adesão a um modelo de Igreja que não se faz necessariamente proselitista *ad extra*, focando as suas ações no sentido de despertar *ad intra* os próprios católicos a assumirem conscientemente a sua identidade religiosa. O ideal é formar comunidades que possam se constituir em exemplo para uma sociedade marcada pelo indiferentismo, ou seja, uma comunidade que alcança pelo exemplo e que possibilita o resgate de sentido dentro de uma linhagem dos que creem.

Outra tensão se encontra entre a dimensão cultural, que traça as características do grupo e a dimensão emocional, marcada pela experiência individual. Cumpre nesse caso, ao próprio ritual de iniciação ir integrando as emoções dos indivíduos à cadeia de memória autorizada da tradição, conforme interpretam os iniciadores do itinerário, cujas chaves interpretativas são as categorias judaicas.

Assim sendo, acreditamos que o Caminho Neocatecumenal desponta como um processo de formação cristã que consegue por meio da correlação entre as dimensões de identificação apontadas por Danièle Hervieu-Léger, resgatar uma memória coletiva dentro de um projeto que transporta os indivíduos para uma nova condição de vida religiosa e social que seria a expressão original do cristianismo primitivo avivado pelo substrato judaico, onde o compromisso comunitário se constitui em elemento central.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Antônio José de. **Leigos em Quê?:** uma abordagem histórica. São Paulo. Paulinas, 2006.

\_\_\_\_\_. AGGIORNAMENTO. In: **Dicionário do Vaticano II**. João Décio Passos e Wagner Lopes Sanches (Coord.). São Paulo. Paulus/Paulinas, 2015.

APPIAH, Kwame Anthony. A questão da identidade. In: **Identidades**. Brasília Sallum Júnior et al. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

AQUINO JUNIOR, Francisco. MÉTODO HISTÓRICO-CRÍTICO. In: **Dicionário do Vaticano II**. João Décio Passos e Wagner Lopes Sanches (Coord.). São Paulo. Paulus/Paulinas, 2015.

ARGUELLO, Kiko. **O Kerigma nas Favelas com os Pobres**. Petrópolis. Vozes, 2013.

\_\_\_\_\_. **Anotações (1988-2014)**. Petrópolis. Vozes, 2017.

\_\_\_\_\_. **Conferência de Kiko Argüello na Universidade CEU Cardeal Herrera de Valência**. Tema: “Evangelização e Cultura”. Maio de 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5RNlhrqPebM>>. Acesso em: 26/06/2018.

\_\_\_\_\_. **Evangelio de los Miserables**. Madri. 1967. Disponível em: <<http://thoughtfulcatholic.com/wp-content/uploads/2015/11/215553650-Evangel-Iode-Los-Miserables-1.pdf>>. Acesso em: 22/03/2019.

AUGÉ, Matias. EUCOLOGIA. In: **Dicionário de Liturgia**. Domenico Sartore e Achille M. Triacca (Org.). Isabel Fontes Leal Ferreira (Trad.). São Paulo. Paulinas, 1992.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro. Zahar, 1999.

BENELLI, Sílvio José; COSTA-ROSA, Abílio da. Movimentos religiosos totalitários católicos: efeitos em termos de produção de subjetividade. **Estudos de Psicologia**. v. 4, n. 23, p. 339-358. Campinas, 2006.

BERGAMO, Maurizio; PRETE, Mattia del. Espacios Celebrativos. In: **Orientaciones Teológicas y Pastorales Sobre el Espacio Litúrgico**. Jacob Bellido Recoder et Al. Barcelona. 6ª Comunidad Neocatecumenal de Santa Joaquina de Vedruna, 2008.

BERGER, Peter. A Dessecularização do Mundo: uma visão global. Tradução de Henry Decoster. **Religião e Sociedade**. v. 1, n. 21, p. 9-24. Rio de Janeiro, 2000.

\_\_\_\_\_. **O Dossel Sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo. Paulus, 2013.

\_\_\_\_\_. **Os Múltiplos Altares da Modernidade**: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista. Petrópolis. Vozes, 2017a.



\_\_\_\_\_. **O Imperativo Herético**: possibilidades contemporâneas da afirmação religiosa. Petrópolis. Vozes, 2017b.

\_\_\_\_\_. **Rumor de Anjos**: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural. Petrópolis. Vozes, 2018.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis. Vozes, 2014.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. Leigos em Quê? Um Prefácio?. Prefácio. In: ALMEIDA, Antônio José de. **Leigos em Quê?**: uma abordagem histórica. São Paulo. Paulinas, 2006.

BLANES, Ruy Llera. Sociologia dos Novos Movimentos Eclesiais: Focolares, Carismáticos e Neocatecumenais em Braga. Joaquim Costa. Porto: Edições Afrontamento, 2006. 231 p. **Análise Social**. n. 184, p. 948-951. Lisboa, 2007.

BLÁZQUEZ, Ricardo. **Las Comunidades Neocatecumenales**: discernimento teológico. Bilbao. Desclée de Brouwer, 1988.

BLANQUET, Maria Antonia Virgili. El Canto Popular Religioso y la Reforma Litúrgica en España (1850-1915). **Aisthesis**. n. 47, p. 175-186. Pontificia Universidad de Chile, 2010.

BOGAZ, Antônio Sagrado; HANSEN, João Henrique. LITURGIA. In: **Dicionário do Vaticano II**. João Décio Passos e Wagner Lopes Sanches (Coord.). São Paulo. Paulus/Paulinas, 2015.

BRANDÃO, Sebastião Hugo. Religião na Pós-modernidade. **Ciências da Religião: história e sociedade**. v. 14, n. 1, p. 56-72. São Paulo, 2016.

BUNIM, Irving. **A Ética do Sinai**: ensinamentos dos sábios do Talmud. São Paulo. Editora e Livraria Sêfer, 2015.

BURKE, Peter. Problemas Causados por Gutenberg: a explosão da informação nos primórdios da Europa moderna. **Estudos Avançados**. v. 16, n. 44, p. 171-185. São Paulo, 2002.

BUYST, Ione; FONSECA, Joaquim. **Música Ritual e Mistagogia**. São Paulo. Paulus, 2008.

CALDEIRA, Rodrigo Coppe. **Os Baluartes da Tradição: a antimodernidade católica brasileira no Concílio Vaticano II**. 331f. Tese (Doutorado em Ciência da Religião). Universidade de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2009.

CALIMAN, Cleto. Igreja, Povo de Deus, Sujeito da Comunhão Eclesial. **Horizonte**. v. 9, n. 24, p. 1047-1071. Belo Horizonte, 2011.

CARMO, Solange Maria do. **Catequese no Mundo Atual**: crise, desafios e um novo paradigma. São Paulo: Paulus, 2016.

CHUPUNGCO, Anscar. **Liturgias do Futuro**: processos e métodos de inculturação. São Paulo. Paulinas, 1992.

CORDOVA, Reinaldo Batista; SANTOS, Cristian. A formação de uma nova cristandade: projeto político discursivo do Caminho Neocatecumenal. In: **Anais do I Congresso Lusófono de Ciência das Religiões. Catolicismo, Tradição, Modernidade**. v. 6, p. 6-18. Lisboa, 2015.

\_\_\_\_\_. Salvando a igreja no tálamo: fertilidade e santidade no Caminho Neocatecumenal. In: **Anais do I Congresso Lusófono de Ciência das Religiões. Religiões e Espiritualidades – Culturas e Identidades**. v. 5, p. 28-44. Lisboa, 2015b.

CROATTO, José Severino. **As Linguagens da Experiência Religiosa**: uma introdução à fenomenologia da religião. São Paulo. Paulinas, 2010.

DIAS, Juliano Alves. Non Praevalebunt: a ambiguidade do Vaticano II e a crise identitária do catolicismo. In: **Anais do XX Encontro Regional de História: História e Liberdade**. Franca. ANPUH/SP – UNESP, 2010.

DÍAZ, Jesús Bogarín. La institucionalización del camino neocatecumenal. Comentario a sus estatutos. **Revista Española de Derecho Canónico**. v. 59, n. 153. Universidad Pontificia de Salamanca, 2002.

DI SANTE, Carmine. **Liturgia Judaica**: fontes, estrutura, orações e festas. São Paulo. Paulus, 2004.

DUARTE, Fernando Lacerda Simões. Reinterpretando o Concílio Vaticano II: impactos da hermenêutica da continuidade na música litúrgica católica do presente. **Revista Música Hodie**. v. 13, n. 2, p. 52-66, 2013.

\_\_\_\_\_. Rupturas e continuidades na música litúrgica católica do presente no Brasil: restauração, esquecimento e recriação da memória musical. **Opus**. v. 22, n. 1, p. 339-362. 2016.

EAGLETON, Terry. **A Morte de Deus na Cultura**. Tradução de Clovis Marques. Rio de Janeiro. Record, 2016.

EBELING, Marcos Jair. A compreensão das características do sagrado em Rudolf Otto na hinologia do “Hinos do povo de Deus”. In: **Anais do Congresso Internacional da Faculdade EST**. v. 1, p. 330-344. São Leopoldo, 2012.

EBNER, Martin. A Igreja na Era Pré-Constantiniana. In: KAUFMANN, Thomas. **História Ecumênica da Igreja**: dos primórdios até a idade média. Thomas Kaufmann et al. Vol. 1. São Paulo. Loyola; Paulus. São Leopoldo. Editora Sinodal, 2012.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**: a essência das religiões. WMF Martins Fontes. São Paulo, 2018.

FONSECA, Joaquim; WEBER, José. **A Música Litúrgica no Brasil 50 anos Depois do Concílio Vaticano II**. São Paulo. Paulus, 2015.

GONZÁLEZ, Jaime Cristóbal Abril. El Espíritu de la Reforma Litúrgica. **Cuestiones Teológicas**, v. 42, n. 97. Medellín, 2015.

GRESCHAT, Hans-Jürgen. **O que é Ciência da Religião?**. São Paulo. Paulinas, 2005.

HABERMAS, Jürgen. **Pensamento Pós-metafísico**: estudos filosóficos. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro, 1990.

HAZAN, Glória. **Filosofia do Judaísmo em Abraham Joshua Heschel**: consciência religiosa, condição humana e Deus. São Paulo. Perspectiva, 2008.

HEIDEGGER, Martin. A Sentença Nietzscheana “Deus está Morto” (1943). Tradução de Marco Casanova. **Natureza Humana**. v. 5, . 2, p. 471-526. Pontifícia Universidade Católica/SP, 2003. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-24302003000200008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302003000200008)>. Acesso em: 29/12/2017.

HERNANDEZ, Emiliano Jimenez. **Líneas Teológicas Fundamentales del Camino Neocatecumenal**. 1985. Disponível em: <<http://www.cruzgloriosa.org>>. Acesso em: 20/06/2018.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O Peregrino e o Convertido**: a religião em movimento. Petrópolis. Vozes, 2015.

HESCHEL, Abraham Joshua. **Deus em Busca do Homem**. São Paulo. Paulinas, 1975.

\_\_\_\_\_. **O Shabat**: seu significado para o homem moderno. São Paulo. Perspectiva, 2014.

\_\_\_\_\_. **Los Profetas**: concepciones históricas y teológicas. Buenos Aires. Editorial Paidós, 1973.

ISAAC, Jules. **Jesus e Israel**. São Paulo. Perspectiva, 1986.

JOSA, Lola; LAMBEA, Mariano. **Mil Años ha que Cantamos**: villancico al santísimo sacramento. Universidade de Barcelona, 2011. Disponível em: <<http://digital.csic.es/bitstream/10261/36640/1/Mil%20a%C3%B1os%20ha%20que%20cantamos.%20Antonio%20Teodoro%20Ortells.pdf>>. Acesso em: 29/07/2018.

KOUBETCH, Basilio. **Uma Só Igreja Católica com Muitos Ritos**: visão eclesiológica dos diferentes ritos. Disponível em: <<https://metropolia.org.br/wp-content/uploads/2015/03/3.5.1-Igreja-e-Rito-1.pdf>>. Acesso em: 22/12/2018.

KUZMA, Cesar. LEIGOS. In. **Dicionário do Vaticano II**. João Décio Passos e Wagner Lopes Sanches (Coord.). São Paulo. Paulus/Paulinas, 2015.

LEITE, Rita Mendonça. Sociologia dos Novos Movimentos Eclesiais: Focolares, Carismáticos e Neocatecumenais em Braga. Joaquim Costa. Porto: Edições Afrontamento, 2006. 231 p. Recensão publicada em: **Lusitania Sacra. Revista do Centro de Estudos de História Religiosa**. Tomo. 24, p. 379-382. Universidade Católica Portuguesa, 2011.

LIMA, Luiz Alves de. **A Catequese do Vaticano II aos Nossos Dias**: a caminhada de uma catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã. São Paulo. Paulus, 2016.

\_\_\_\_\_. CATEQUESE. In. **Dicionário do Vaticano II**. João Décio Passos e Wagner Lopes Sanches (Coord.). São Paulo. Paulus/Paulinas, 2015.

\_\_\_\_\_. **Metodologia**: considerações sobre o itinerário catecumenal. Montevideu. 2005. Disponível em: <<http://www.clerus.org/clerus/dati/2007-11/24-13/Metodologia.html>>. Acesso em: 30/01/2019.

LIMA, Maria de Lourdes Corrêa. DEI VERBUM. In. **Dicionário do Vaticano II**. João Décio Passos e Wagner Lopes Sanches (Coord.). São Paulo. Paulus/Paulinas, 2015.

MACHADO, Carly. Novos Movimentos Religiosos, Indivíduo e Comunidade: sobre família, mídia e outras mediações. **Religião e Sociedade**. v. 2, n. 30, p. 145-163. Rio de Janeiro, 2010.

MELO, Maria Diéguez. La Expresion Artística como Transfondo de la Fé. La “nueva estética” del caminho neocatecumenal. In. **Mirando a Clio. El Arte Español Espejo de su Historia**. p. 1096-1103. Actas del XVIII Congresso CEHA. Universidade de Santiago de Compostela, 2010.

MENDES, Cristiano. Pós-estruturalismo e a Crítica como Repetição. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v. 30, n. 88, p. 45-60. 2015.

MERRIAM, Alan. **The Anthropology of Music**. Northwestern University Press. Evanston, 1964.

MOURÃO, José Augusto. Tradição Oral e Literatura Bíblica. **Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas**. n. 9, p. 163-175. Lisboa. Edições Colibri, 1996.

NEUNHEUSER, Burkhard. MISTÉRIO. In. **Dicionário de Liturgia**. Domenico Sartore e Achille M. Triacca (Org.). Isabel Fontes Leal Ferreira (Trad.). São Paulo. Paulinas, 1992.

\_\_\_\_\_. MOVIMENTO LITÚRGICO. In. **Dicionário de Liturgia**. Domenico Sartore e Achille M. Triacca (Org.). Isabel Fontes Leal Ferreira (Trad.). São Paulo. Paulinas, 1992.

NIERO, Stela; FERNANDES, Silvia. Produção Intelectual Católica: divergências entre progressistas e integristas durante a ditadura militar brasileira (1964-1985). **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**. n. 26, p. 167-184. Porto Alegre, 2017.

OLIVEIRA, Antônio Almir Magalhães de. Iniciação à Vida Cristã. **Kairós – Revista Acadêmica da Prainha**. Ano VII. p. 173-187. 2010.

OLIVEIRA, Antonio Genivaldo Cordeiro de. **Sementes Inesperadas de Um Jardim (des)Encantado. A Construção Político-eclesial da Identidade de Igreja Local no Japão: Um Estudo a Partir do Conflito com o Caminho Neocatecumenal**. 354f. Tese (Doutorado em Ciência da Religião). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2016.

OLIVEIRA, Fabiana Luci de. O Campo da Sociologia das Religiões: secularização versus a “revanche de Deus”. **Revista Internacional Interdisciplinar Interthesis**. v. 2, n. 2, p. 1-14. 2005.

OLIVEIRA, Gustavo Gilson; OLIVEIRA, Aurenéa Maria de. Modernidade, (Des) secularização e Pós-Secularismo nos Debates Atuais da Sociologia da Religião. **Revista de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP/PE**. v. 1, n. 1, p. 24-45. 2012.

ORO, Ivo Pedro. **O Fenômeno Religioso**: como entender. São Paulo. Paulinas, 2013.

OTTO, Rudolf. **O Sagrado**. São Leopoldo. Sinodal/EST; Petrópolis. Vozes, 2017.

PARMEGIANI, Raquel de Fátima. **Leituras e Leitores do Apocalipse na Alta Idade Média** – Maceió. Edufal, 2014a.

\_\_\_\_\_. Acerca da Igreja e da Sinagoga: disputas dogmáticas na obra apologeticos de beato de Liébana

. **Veredas da História**. Ano VII, Ed. 1, p. 160-180, ISSN 1982-4238. 2014b. Disponível em: <<http://www.seer.veredasdahistoria.com.br/ojs-2.4.8/index.php/veredasdahistoria/article/viewFile/139/143>>. Acesso em: 15/03/2019.

PASOTTI, Ezequiele. La Experiencia de la Propagación de la Fe en El Camino Neocatecumenal. **Ecclesia**. v. 27, n. 1-4, p. 87-96. 2013.

PASSOS, João Décio. **Concílio Vaticano II**: Reflexão sobre um carisma em curso. São Paulo. Paulus, 2014.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Secularização em Max Weber: da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v. 13, n. 37, p. 43-73. 1998.

PINTO, Tiago de Oliveira. Som e Música: questões de uma antropologia sonora. **Revista de Antropologia**. v. 44, n. 1, p. 221-286. São Paulo. USP, 2001.

PORTO, Humberto. **Liturgia Judaica e Liturgia Cristã**. São Paulo. Paulinas, 1977.

\_\_\_\_\_. **Os Protocolos do Concílio Vaticano II**: Sobre os judeus. São Paulo. Edições Diálogo, 1984.

PRAT, Josep. INICIACIÓN. In: **Diccionario Temático de Antropología**. Ángel Aguirre (coord.). Barcelona. PPU, 1988.

RAFFA, Vincenzo. LITURGIA DAS HORAS. In. **Dicionário de Liturgia**. Domenico Sartore e Achille M. Triacca (Org.). Isabel Fontes Leal Ferreira (Trad.). São Paulo. Paulinas, 1992.

RENAN, Ernest. O que é uma nação?: conferência realizada na Sorbonne, em 11 de março de 1882. Tradução de Glaydson José da Silva. **Revista Aula**. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/~aulas/VOLUME01/ernest.pdf>>. Acesso em: 22/03/2019.

RODRIGUES, Luís Miguel Figueiredo. As Igrejas e a Mediação Estética nos Contextos de Iniciação Religiosa. **Rever**. Ano 18, n. 1, p. 99-114. Pontifícia Universidade Católica/SP, 2018.

SANTOS, Alex Cristiano Dos; CARMO, Solange Maria do. Conhecendo os Paradigmas Catequéticos. **Interações: cultura e comunidade**, v.11. n. 20, p. 173-193. Belo Horizonte, 2016.

SANTOS, Eduardo dos; XAVIER Donizete José. A Descida do Deus Trindade: A kénosis da Trindade. **Revista de Cultura Teológica**. v. 16, n. 62, p. 111-123. São Paulo. Pontifícia Universidade Católica, 2008.

SARTORE, Domenico. SINAL/SÍMBOLO. In. **Dicionário de Liturgia**. Domenico Sartore e Achille M. Triacca (Org.). Isabel Fontes Leal Ferreira (Trad.). São Paulo. Paulinas, 1992.

\_\_\_\_\_. SAGRADO/SACRO. In. **Dicionário de Liturgia**. Domenico Sartore e Achille M. Triacca (Org.). Isabel Fontes Leal Ferreira (Trad.). São Paulo. Paulinas, 1992.

SCHLOSSER, Marli Terezinha Szumilo; FRASSON, Margarete. Alunos “Brasiguaios” em Movimento na Tríplice Fronteira: novas possibilidades e novos limites na integração do aluno “brasiguai”. **Revista Formação**. v. 2. n. 19, p. 3-33. Unesp, 2012.

SORCI, Pietro. MISTÉRIO PASCAL. In. **Dicionário de Liturgia**. Domenico Sartore e Achille M. Triacca (Org.). Isabel Fontes Leal Ferreira (Trad.). São Paulo. Paulinas, 1992.

SOUSA, Ronaldo José de. **Comunidades de Vida**: panorama de um fenômeno religioso moderno. Aparecida. Editora Santuário, 2013.

STERN, David. **Comentário Judaico do Novo Testamento**. São Paulo. Didática Paulista; Belo Horizonte. Editora Atos, 2008.

TORRE, Renée de la. Conocimiento y religión: antigua y vigente oposición y complementariedad. **Intersticios Sociales**. n. 5, p. 21-36. El Colegio de Jalisco, 2013.

VÁZQUEZ, María del Carmen Castilla. De Neófitos a Iniciados. El movimiento neocatecumenal y sus ritos de admisión. **Gazeta de Antropología**. n. 15. Universidad de Sevilla, 1999.

\_\_\_\_\_. Miedo y Fe: la figura del “Maligno” entre los neocatecumenales. **Revista de Humanidades**. n. 20, p. 173-186. Universidad de Granada, 2013.

VEREZA, Renata Rodrigues. Assimilação do Grupo Moçárabe após a Conquista de Toledo no Século XI: questões a discutir. **Cadernos de História**. v.11, n. 14. Belo Horizonte, 2010.

VICENTE, Andrés Fuentes. **O Caminho Neocatecumenal**: uma iniciação cristã. Porto. Perpétuo Socorro, 1998.

WILLEBRANDS, João. Orientações e Sugestões para Aplicação da Declaração Conciliar “Sobre as Relações da Igreja com as Religiões Não-Cristãs” (Nostra Aetate, Nº 4). In. **Diálogo da Igreja Católica com o Judaísmo**: documentação básica. Congregação das Religiosas de N. Senhora de Sion. Comissão do ecumenismo e Diálogo Inter-religioso da arquidiocese de São Paulo – CEDRA. São Paulo. Loyola, s/d.

WITTMANN, Marcus Antonio. A Música na Espanha Franquista. In. **Espanha: política e cultura**. Janete Abrão (Org.). p. 79-96. Porto Alegre. Edipucrs, 2010.

ZAMAGNA, Domingos. BEA, AGOSTINHO. In: **Dicionário do Vaticano II**. João Décio Passos e Wagner Lopes Sanches (Coord.). São Paulo. Paulus/Paulinas, 2015.

ZEPEDA, José de Jesús Legorreta. Secularização ou Ressacralização: o debate sociológico contemporâneo sobre a teoria da secularização. Paula Carpenter (Trad.). **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v. 25, n. 73, p. 129-141. 2010.

ZOFFOLI, Enrico. **Eresie del Movimento Neocatecumenale**. Roma. Pro Manuscripto, 1991.

## FONTES DOCUMENTAIS

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo. Paulus, 2003.

CÂNONES DO CONCÍLIO DE TRENTO, 1535-1563. Disponível em: <<http://www.montfort.org.br/bra/documentos/concilios/trento/>>. Acesso em: 10/01/2019.

DEI VERBUM. Sobre a Revelação Divina, 1965. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651118\\_dei-verbum\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html)>. Acesso em: 29/06/2018.

DISCURSO DO PAPA BENTO XVI À COMUNIDADE DO CAMINHO NEOCATECUMENAL, 2012. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2012/january/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20120120\\_cammino-neocatecumenale.html](https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2012/january/documents/hf_ben-xvi_spe_20120120_cammino-neocatecumenale.html)>. Acesso em: 22/01/2019.

DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II AOS CATEQUISTAS DE COMUNIDADES NEOCATECUMENAS, 1982. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1982/january/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19820107\\_catechisti-neocatecumenali.html](https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1982/january/documents/hf_jp-ii_spe_19820107_catechisti-neocatecumenali.html)>. Acesso em: 22/12/2018.

DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II AOS DELEGADOS DAS CONFERÊNCIAS EPISCOPAIS. Sobre as relações com o judaísmo, 1982. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1982/march/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19820306\\_rapporti-ebraismo.html](https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1982/march/documents/hf_jp-ii_spe_19820306_rapporti-ebraismo.html)>. Acesso em: 22/01/2019.

DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II AOS MEMBROS DO CAMINHO NEOCATECUMENAL, 1997. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1997/january/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19970124\\_neocatecumeni.html](https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1997/january/documents/hf_jp-ii_spe_19970124_neocatecumeni.html)>. Acesso em: 22/12/2018.

DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II ÀS COMUNIDADES NEOCATECUMENAS VINDAS DE TODAS AS PARTES DO MUNDO, 1983. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1983/february/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19830210\\_comunita-neocatecumenali.html](https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1983/february/documents/hf_jp-ii_spe_19830210_comunita-neocatecumenali.html)>. Acesso em: 22/12/2018.

DIVINI CULTUS. Sobre Liturgia, Canto Gregoriano e Música Sacra, 1928. In: **Documentos sobre a Música Litúrgica (1903-2003)**. São Paulo. Paulus, 2017.

EVANGELII NUNTIANDI. Exortação Apostólica sobre a Evangelização no Mundo Contemporâneo, 1975. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_p-vi\\_exh\\_19751208\\_evangelii-nuntiandi.html](http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html)>. Acesso em: 19/03/2019.

GAUDIUM ET SPES. Sobre a Igreja no Mundo Atual, 1965. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html)>. Acesso em: 29/06/2018.

HUMANA VITAE. Sobre a Regulação da Natalidade, 1968. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-vi\\_enc\\_25071968\\_humanae-vitae.html](https://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_25071968_humanae-vitae.html)>. Acesso em: 29/06/2018.

LUMEN GENTIUM. Sobre a Igreja, 1964. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19641121\\_lumen-gentium\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html)>. Acesso em: 29/06/2018.

MAMOTRETO CATEQUESIS INICIALES. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/366749125/Mamotreto-I-Inicio>>. Acesso em: 22/03/2019.

MINISTERIA QUAEDAM. Por La que se Reforma en La Iglesia Latina La Disciplina Relativa a La Primera Tonsura, A Las Ordenes Menores y Al Subdiaconado, 1972. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/paul-vi/es/motu\\_proprio/documents/hf\\_p-vi\\_motu-proprio\\_19720815\\_ministeria-quaedam.html](http://w2.vatican.va/content/paul-vi/es/motu_proprio/documents/hf_p-vi_motu-proprio_19720815_ministeria-quaedam.html)>. Acesso em: 22/12/2018.

NEOCATECHUMENALE ITER STATUTA. Estatuto Oficial do Caminho Neocatecumenal. Brasília. Centro Neocatecumenal, 2009.

NEOCATECHUMENALE ITER. 40 Anos de Caminho Neocatecumenal: 1968-2008 memória. [Editora Desconhecida], s/d.

NOSTRA AETATE. Declaração sobre as Relações da Igreja com as Religiões Não-Cristãs, 1965. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decl\\_19651028\\_nostra-aetate\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_nostra-aetate_po.html)>. Acesso em: 29/06/2018.

OGNIQUALVOLTA. Carta de João Paulo II, 1990. Disponível em: <<http://www.cruzgloriosa.org/documentos/>>. Acesso em: 29/07/2018.

ORIENTACIONES TEOLÓGICAS Y PASTORALES SOBRE EL ESPACIO LITÚRGICO. Jacob Bellido Recoder et Al. Barcelona. 6ª Comunidad Neocatecumenal de Santa Joaquina de Vedruna, 2008.

PALAVRAS DO PAPA JOÃO PAULO II AOS SALMISTAS DAS COMUNIDADES NEOCATECUMENAS ITALIANAS, 1981. Disponível em: <[http://c.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1981/april/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19810401\\_catecumenali.html](http://c.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1981/april/documents/hf_jp-ii_spe_19810401_catecumenali.html)>. Acesso em: 12/12/2018.



POSTREMA SESSIO. Exortação Apostólica, 1965. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/paul-vi/la/apost\\_exhortations/documents/hf\\_p-vi\\_exh\\_19651104\\_postrema-sessio.html](http://w2.vatican.va/content/paul-vi/la/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19651104_postrema-sessio.html)>. Acesso em: 03/01/2019.

REDEMPTORIS MISSIO. Carta Encíclica sobre a Validade Permanente do mandato Missionário, 1990. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_07121990\\_redemptoris-missio.html#-28](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html#-28)>. Acesso em: 26/03/2019.

RESUCITÓ. Cantos Para Las Comunidades Neocatecumenales. Centro Neocatecumenal Diocesano. Madri, 2014.

SACROSANCTUM CONCILIUM. Sobre a Sagrada Liturgia, 1963. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19631204\\_sacrosanctum-concilium\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html)>. Acesso em: 29/06/2018.

SUMMI PONTIFICATUS. Sobre o Ofício do Pontificado, 1939. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-xii\\_enc\\_20101939\\_summi-pontificatus.html](http://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_20101939_summi-pontificatus.html)>. Acesso em: 29/06/2018.

THE TARGUNS OF ONKELOS AND JONATHAN BEM UZZIEL. Traduzido por John Wesley Etheridge. Londres. Longman, Green, Longman and Roberts, 1862.

TRA LE SOLLECITUDINI. Sobre a Música Sacra, 1903. In: **Documentos sobre a Música Litúrgica (1903-2003)**. São Paulo. Paulus, 2017.

UBICUMQUE ET SEMPER. Carta Apostólica em Forma de *Motu Proprio* que Institui o Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização, 2010. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost\\_letters/documents/hf\\_ben-xvi\\_apl\\_20100921\\_ubicumque-et-semper.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_letters/documents/hf_ben-xvi_apl_20100921_ubicumque-et-semper.html)>. Acesso em: 01/01/2019.

VEHEMENTER NOS. Carta Encíclica, 1906. Disponível em: <[http://www.montfort.org.br/bra/documentos/enciclicas/vehementer\\_nos/](http://www.montfort.org.br/bra/documentos/enciclicas/vehementer_nos/)>. Acesso em: 20/04/2019.

## SITES CONSULTADOS

ACI DIGITAL. **50 anos da Humanae Vitae**: por que a encíclica de Paulo VI é profética e atual?. Roma, 2018. Disponível em: <<https://www.acidigital.com/noticias/50-anos-da-humanae-vitae-por-que-a-enciclica-de-paulo-vi-e-profetica-e-atual-12157>>. Acesso em: 16/07/2018.

ADELANTE LA FE. **Mons. Schneider**: Los Neocatecumenales son un movimiento judío-protestante, un caballo de troya. Disponível em: <<https://adelantelafe.com/exclusiva-entrevista-obispo-athanasius-schneider/>>. Acesso em: 17/03/2019.

APOLOGÉTICA CATÓLICA. **O Rito Moçárabe**. Disponível em: <<https://apologetica.net.br/2011/12/30/rito-mocarabe/>>. Acesso em: 16/03/2019.

AUGUSTO, Guilherme. Um Grande sinal - Encontro vocacional Brasília - 29/07/12. **Youtube**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dw05KNMiP9k>>. Acesso em: 20/01/2019.

BAR, Jayme Fucs. Pirkê Avot: ética dos pais completa em português. **Judaísmo Humanista**. Disponível em: <<http://judaismohumanista.ning.com/group/tmuratheinstitutefortrainingsecularhumanisticrabbi/forum/topics/pirke-avot-etica-dos-pais-completa-em-portugues>>. Acesso em: 29/06/2018.

BETTENCOURT, Estêvão Tavares. Os Valdenses: quem são?. **Veritatis Splendor**. 2008. Disponível em: <<http://www.veritatis.com.br/os-valdenses-quem-sao/>>. Acesso em: 02/12/2018.

CAFÉTORAH. **A Menorah - Candelabro Judaico de Sete Braços**. 2008. Disponível em: <<https://www.cafetorah.com/a-menorah-candelabro-judaico-de-sete-bracos/>>. Acesso em: 20/01/2019.

\_\_\_\_\_. **Mikveh**. Disponível em: <<https://www.cafetorah.com/mikveh/>>. Acesso em: 20/01/2019.

\_\_\_\_\_. **Talit, o que é e Qual o seu Significado?**. Disponível em: <<https://www.cafetorah.com/talit-o-que-e-e-qual-o-seu-significado/>>. Acesso em: 22/12/2018.

CAMINHO NEOCATECUMENAL NO BRASIL. **O Caminho Neocatecumenal Começou nas Favelas de Palomeras Altas, Periferia de Madri, em 1964**. 2018. Disponível em: <<http://www.cn.org.br/historia>>. Acesso em: 01/01/2019.

\_\_\_\_\_. **Celebração**. Disponível em: <<http://www.cn.org.br/celebracao50anos>>. Acesso em: 06/07/2018.

CAMINO-NEOCATECUMENAL.ORG. **El Cantor**. Disponível em: <<http://www.camino-neocatecumenal.org/madrid1978.html>>. Acesso em: 20/07/2018.

\_\_\_\_\_. **El Carisma del Salmista-Cantor**. Disponível em: <<http://www.camino-neocatecumenal.org/roma1980.html>>. Acesso em: 27/03/2019.

\_\_\_\_\_. **Judaísmo**. Disponível em: <<https://www.camino-neocatecumenal.org/judaismo.html>>. Acesso em: 22/12/2018.

\_\_\_\_\_. **La Vocación del Cantor por Abraham Soshua (sic) Heschel**. Disponível em: <<http://www.camino-neocatecumenal.org/lavocacion.html>>. Acesso em: 27/03/2019.

\_\_\_\_\_. **Mamotreto de los Didáscalos**. Disponível em: <<http://www.camino-neocatecumenal.org/didascalos.html>>. Acesso em: 20/07/2018.

\_\_\_\_\_. **Oración para Elaborar el Pan de la Eucaristía**. Disponível em: <<http://www.camino-neocatecumenal.org/oracionpan.html>>. Acesso em: 20/07/2018.

\_\_\_\_\_. **Oración para Preparar la Sala para la Eucaristía.** Disponível em: <<http://www.camino-neocatecumenal.org/oracionsala.html>>. Acesso em: 20/07/2018.

\_\_\_\_\_. **Ostiairos.** Disponível em: <<http://www.camino-neocatecumenal.org/ostiairos.html>>. Acesso em: 20/07/2018.

CAMMINO NEOCATECUMENALE. **Equipe Internazionale.** 2016. Disponível em: <<http://camminoneocatecumenale.it/it/equipe-internazionale-2/kiko-arguello/>>. Acesso em: 01/01/2019.

CANÇÃO NOVA NOTÍCIAS. **Santa Sé pede ao Caminho Neocatecumenal que Faça Adequações.** Disponível em: <<https://noticias.cancaonova.com/mundo/santa-se-pede-ao-caminho-neocatecumenal-que-siga-as-adequacoes-da/>>. Acesso em: 17/03/2019.

CATÃO, Francisco. O que é a Nova Evangelização?. **Aleteia.** 2013. Disponível em: <<https://pt.aleteia.org/2013/02/01/o-que-e-a-nova-evangelizacao-2/>>. Acesso em: 09/08/2017.

CERNUZIO, Salvatore. Mil famílias em missão. **ZENIT.org.** Vaticano, 2012. Disponível em: <<https://pt.zenit.org/articles/mil-familias-em-missao/>>. Acesso em: 20/12/2018.

\_\_\_\_\_. Entrevista ao fundador do itinerário neocatecumenal, após a audiência com o Santo Padre na Sala Paulo VI. **ZENIT.org.** Roma, 2015. Disponível em: <<https://pt.zenit.org/articles/kiko-arguello-o-papa-demonstrou-hoje-o-seu-amor-pelo-caminho-neocatecumenal/>>. Acesso em: 02/01/2019.

CÉSAR, Evaldo. Vaticano II e CF-2015: A Sacrosanctum Concilium. **A12 Redação.** 2015. Disponível em: <<http://www.a12.com/redacaoa12/igreja/vaticano-e-cf-2105-a-sacrosanctum-concilium>>. Acesso em: 26/06/2018.

CHABAD.ORG. **O que é Chanucá?.** Disponível em: <[https://pt.chabad.org/library/article\\_cdo/aid/3522880/jewish/O-que-Chanuc.htm](https://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/3522880/jewish/O-que-Chanuc.htm)>. Acesso em: 20/01/2019.

\_\_\_\_\_. **O Tefilin.** Disponível em: <[https://pt.chabad.org/library/article\\_cdo/aid/666735/jewish/O-Tefilin.htm](https://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/666735/jewish/O-Tefilin.htm)>. Acesso em: 22/12/2018.

CNBB. **Ritual de Iniciação à Vida Cristã de Adultos (RICA) inspirou a temática da 55ª Assembleia Geral da CNBB.** 2017. Disponível em: <<http://www.cnbb.org.br/ritual-de-iniciacao-a-vida-crista-de-adultos-rica-inspirou-a-tematica-da-55a-assembleia-geral-da-cnbb/>>. Acesso em: 26/06/2018.

CNBB REGIONAL CENTRO-OESTE. **Em Brasília, Igreja Envia em Missão 400 Membros do Caminho Neocatecumenal.** Brasília, 2017. Disponível em: <<http://www.cnbbco.com/dioces/arquidiocese-de-brasilia/item/838-em-brasilia-igreja-envia-em-missao-400-membros-do-caminho-neocatecumenal#.XHFPqaJKjIU>>. Acesso em: 22/01/2019.

COMUNIDADE 1. **Batizado:** vigília páscoa 2017. Disponível em: <<http://comunidadeum.blogspot.com/2015/04/convite.html>>. Acesso em: 22/02/2019.

\_\_\_\_\_. **Pe. Luis Christian - Primeira Missa.** Disponível em: <<http://comunidadeum.blogspot.com/2012/12/pe-luis-crisntian-primeira-missa.html>>. Acesso em: 22/02/2019.

CONIB. **Chassidismo.** Disponível em: <<http://www.conib.org.br/glossario/chassidismo/>>. Acesso em: 20/01/2019.

\_\_\_\_\_. **Shavuot.** Disponível em: <<http://www.conib.org.br/glossario/shavuot/>>. Acesso em: 22/02/2019.

CURSILHO ANÁPOLIS. **O que é o MCC.** Disponível em: <<http://www.cursilhoanapolis.com.br>>. Acesso em: 01/01/2019.

DIANA, Daniela. Guernica de Pablo Picasso. **Toda Matéria.** Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/guernica-de-pablo-picasso/>>. Acesso em 20/06/2018.

DIOCESE DE LEOPOLDINA. **Os Quatro Olhares Sobre o Concílio Vaticano II – Dei Verbum.** 2018. Disponível em: <<http://dioceseleopoldina.com/formacoes/os-quatro-olhares-sobre-o-concilio-vaticano-ii-dei-verbum/>>. Acesso em: 26/06/2018.

\_\_\_\_\_. **Os Quatro Olhares Sobre o Concílio Vaticano II – Lumen Gentium.** 2018. Disponível em: <<http://dioceseleopoldina.com/formacoes/os-quatro-olhares-sobre-o-concilio-vaticano-ii-lumen-gentium/>>. Acesso em: 26/06/2018.

DOMUS GALILAEAE INTERNATIONAL CENTER. **A Missão da Domus Galilaeae.** Disponível em: <<http://www.domusgalilaeae.org/index.php/pt-br/missão>>. Acesso em: 26/03/2019.

ECCLESIA. **Vaticano: Beato John Henry Newman vai ser canonizado.** 2019. Disponível em: <<https://www.agencia.ecclesia.pt/portal/vaticano-beato-john-henry-newman-vai-ser-canonizado/>>. Acesso em: 13/02/2019.

EU VENHO REUNIR. **Bíblia de Jerusalém.** Disponível em: <<http://euvenhoreunir.blogspot.com/2012/07/biblia-de-jerusalem.html>>. Acesso em: 19/07/2018.

GARCÍA, Camilo López. La Música Sefardí. **MusicaAntigua.** Disponível em: <<http://www.musicaantigua.com/la-musica-sefardi/>>. Acesso em: 29/08/2018.

GASPARI, Antonio. O Caminho Neocatecumenal em missão pelo mundo. **ZENIT.org.** Roma, 2011. Disponível em: <<https://pt.zenit.org/articles/o-caminho-neocatecumenal-em-missao-pelo-mundo/>>. Acesso em: 01/01/2019.

GDICT. **Yeshiva.** 2014. Disponível em: <<http://pt.gdict.org/definir.php?palavra=yeshiva>>. Acesso em: 20/07/2018.

GONÇALVES, Alfredo José. Concílio Vaticano II e GAUDIUM ET SPES. **Paulinas Comunica**. Disponível em: <<http://paulinascomunica.blogspot.com/2012/03/concilio-vaticano-ii-e-gaudium-et-spes.html>>. Acesso em: 26/06/2018.

HISTÓRIA DA IGREJA. **Areopagita, Pseudo-Dionísio (Séc. IV-V)**. Disponível em: <<https://historiadaigreja-com.webnode.com/a/areopagita-pseudo-dionisio-sec-iv-v-/>>. Acesso em: 08/012/2018.

MAGISTER, Sandro. “Placet” ou “Non placet”? A aposta de Carmen e Kiko. **Fratres in Unum.com**. Disponível em: <<https://fratresinunum.com/tag/caminho-neocatecumenal/page/2/>>. Acesso em: 22/01/2019.

MANIA DE HISTÓRIA. **História dos Cátaros**. Disponível em: <<https://maniadehistoria.wordpress.com/historia-dos-cataros/>>. Acesso em: 02/12/2018.

MONERGISMO. **A Teologia de Rudolf Bultmann**. Disponível em: <[http://www.monergismo.com/textos/teologia/teologia\\_rudolf.htm](http://www.monergismo.com/textos/teologia/teologia_rudolf.htm)>. Acesso em: 29/06/2018.

MONFORT ASSOCIAÇÃO CULTURAL. Bento XVI ordena: basta à fantasia litúrgica do Neocatecumenato. Disponível em: <<http://www.montfort.org.br/bra/imprensa/igreja/20060109/>>. Acesso em: 28/06/2018.

MOREIRA, Joel. O que é a Mishná?. **Friends of Zion**. Disponível em: <<http://friendsofsion.org/br/index.php/2015/09/08/o-que-e-a-mishna/>>. Acesso em: 22/12/2018.

MSCPERU.ORG. **De Encargado de Discoteca y Antisistema de Mayo del 68 a Obispo Con los Pobres de Perú**. Disponível em: <[http://mscperu.org/neos/ntestimonio/Jose\\_Luis\\_del\\_Palacio.htm](http://mscperu.org/neos/ntestimonio/Jose_Luis_del_Palacio.htm)>. Acesso em: 19/03/2019.

\_\_\_\_\_. **Familia Numerosa ¿escándalo?**. Disponível em: <[http://www.mscperu.org/consultas/1Familia/famnumer\\_escand.htm](http://www.mscperu.org/consultas/1Familia/famnumer_escand.htm)>. Acesso em: 19/03/2019.

O FIEL CATÓLICO. **A Didaqué: a instrução dos apóstolos**. Disponível em: <<http://www.ofielcatolico.com.br/2001/05/o-didaque-instrucao-dos-apostolos.html>>. Acesso em: 20/07/2018.

OPHIR, Natan. Reb Shlomo Carlebach Biography. **Shlomocarlebachfoundation.Org**. Disponível em: <<http://shlomocarlebachfoundation.org/about-reb-shlomo/>>. Acesso em: 20/01/2019.

PARÓQUIA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA. **Investidura do Ministério de Ostiários**. Disponível em: <<http://www.nsfatimajundiai.com.br/2018/02/14/investidura-do-ministerio-de-ostiarios/>>. Acesso em: 22/01/2019.

PRATILLO, Francesca. Ain Karem: a Palavra que leva além. **Filhas de São Paulo**. Disponível em: <<http://www.paoline.org/site/viagem-palavra-em-maria-ain-karem/?lang=pt-pt>>. Acesso em: 20/01/2019.

RAZA FOLKLORICA. **Vida y Obra del Inolvidable Ariel Ramírez**. Disponível em: <<http://razafolklorica.com/vida-y-obra-de-ariel-ramirez/>>. Acesso em: 28/07/2018.

RECODER, Jacob Bellido. Convivencia. **Camino-Neocatecumenal.org**. Disponível em: <<http://www.camino-neocatecumenal.org/convivencia.html>>. Acesso em: 20/07/2018.

RODRIGUEZ, Noelia. La Sacra Famiglia di Kiko Arguello. **Pinterest.com**. Disponível em: <<https://www.pinterest.com.mx/pin/37436240637666239/>>. Acesso em: 22/12/2018.

ROSA, Luiz da. O que é pão ázimo?. **aBíblia.org**. 2017. Disponível em: <<https://abiblia.org/ver.php?id=9610>>. Acesso em: 28/06/2018.

ROSA, Maristela. O Derbake. **KALILA Dança e Cultura Árabe**. Disponível em: <<https://grupokaliladv.wordpress.com/para-estudo/o-derbake/>>. Acesso em: 29/07/2018.

RUIZ, Xavier. Canto de las Cuatro Noches. **Youtube**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uwN2BPjoHxg>>. Acesso em: 22/02/2019.

SANTOS, Nelson Ricardo Cândido dos. O que significa a expressão “história da salvação”? **Questões de Fé**. Disponível em: <<http://questoesdeferadiocatedral.blogspot.com.br/2009/05/o-que-significa-expressao-historia-da.html>>. Acesso em: 25/06/2018.

SEFARDITAS. **Grupo de Pesquisa Diáspora Atlântica dos Sefarditas**. Disponível em: <<http://sefarditas.net.br/>>. Acesso em: 10/12/2018.

SEMINARI DIOCESANI MISSIONARI “REDEMPTORIS MATER”. **Decreto**. Disponível em: <<http://www.sanpietroapostolo.org/seminari/roma.htm#1>>. Acesso em: 02/01/2018.

SEMINÁRIO REDEMPTORIS MATER EM BELÉM. Disponível em: <<http://rmaterbelem.org.br/>>. Acesso em: 02/01/2019.

SEMINÁRIO REDEMPTORIS MATER EM BRASÍLIA. Disponível em: <<https://www.rmater.org.br/>>. Acesso em: 05/01/2019.

SEMINÁRIO REDEMPTORIS MATER EM SÃO PAULO. Disponível em: <<http://srmsaopaulo.org/>>. Acesso em: 02/01/2019.

ST. PATRICK'S CATHOLIC CHURCH. **Etapascamino**. Disponível em: <<https://stpatricksga.org/etapascamino/>>. Acesso em: 22/12/2018.

STANZIONE, Marcello. Neocatecumenali, Gnosi e Uso del Denaro per Accrescere il Consenso. **MiliziadiSanMicheleArcangelo.Org**. Disponível em: <<http://www.miliziadiSanMicheleArcangelo.org/content/view/997/135/lang,it/>>. Acesso em: 17/03/2019.

THEODESPROJECT. **The First Christian Hymnal**. Disponível em: <<https://theodesproject.com/read-the-odes/>>. Acesso em: 20/01/2019.

TODA MATÉRIA. **Campo de Auschwitz.** Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/campo-de-auschwitz/>>. Acesso em: 20/06/2018.

TODOCOLECCION. **Cantos de Kiko Argüello.** 1972. Disponível em: <<https://www.todocoleccion.net/casetes-antiguos/kiko-arguello-cantos-kiko-arguello-1972-muy-rara~x63494948>>. Acesso em: 20/01/2019.

\_\_\_\_\_. **Cantos para el Catecumenado.** Disponível em: <<https://www.todocoleccion.net/discos-vinilo/kiko-arguello-cantos-para-catecumenado-gatefold-ruído-1-2-cancion-cara-lp~x144876120>>. Acesso em: 20/01/2019.

\_\_\_\_\_. **Salmos del Neocatecumenado.** Disponível em: <<https://www.todocoleccion.net/casetes-antiguos/kiko-arguello-salmos-neocatecumenado-1977-muy-rara~x63494776>>. Acesso em: 20/01/2019.

TODOS INSTRUMENTOS MUSICAIS. **Conheça o Instrumento Charango.** Disponível em: <<http://www.todosinstrumentosmusicais.com.br/conheca-o-instrumento-charango.html>>. Acesso em: 29/07/2018.

VALE, Frei Inácio do. Charles de Foucauld e o eremitismo. **Fraternidade Internacional da Família Espiritual de Charles de Foucauld.** 2018. Disponível em: <<https://fraternidadecharlesdefoucauld.wordpress.com/category/chaes-de-foucauld/>>. Acesso em: 01/01/2019.

VATICANNEWS. **Papa: nunca esquecer a dor indescritível da Shoah.** Vaticano, 2018. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2018-06/papa-nunca-esquecer-dor-indescritivel-shoah.html>>. Acesso em: 26/03/2019.

ZENIT.ORG. **Carta do Arcebispo Angelo Becciu a Kiko Arguello.** Vaticano, 2014. Disponível em: <<https://pt.zenit.org/articles/carta-do-arcebispo-angelo-becciu-a-kiko-arguello/>>. Acesso em: 22/01/2019.